

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

ANA CAROLINE RAMOS ROCHA

**TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA E PRECARIZAÇÃO:
Reflexões a partir de uma Cooperativa de Entrega por Bicicleta em São Paulo**

Recife – PE

2024

ANA CAROLINE RAMOS ROCHA

**TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA E PRECARIZAÇÃO:
Reflexões a partir de uma Cooperativa de Entrega por Bicicleta em São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE), como requisito complementar para obtenção do grau de Mestre em Administração.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Débora Coutinho Paschoal Dourado

Recife – PE

2024

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Rocha, Ana Caroline Ramos.

Trabalho em cooperativas de plataforma e precarização:
reflexões a partir de uma cooperativa de entrega por bicicleta
em São Paulo / Ana Caroline Ramos Rocha. - Recife, 2024.
207f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, ,
Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação
em Administração, 2024.

Orientação: Débora Coutinho Paschoal Dourado.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Trabalho; 2. Cooperativismo de plataforma; 3. Precarização
do trabalho. I. Dourado, Débora Coutinho Paschoal. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

ANA CAROLINE RAMOS ROCHA

**TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA E PRECARIZAÇÃO:
reflexões a partir de uma cooperativa de entrega por bicicleta em São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE), como requisito complementar para obtenção do grau de Mestre em Administração.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Débora Coutinho Paschoal Dourado (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. (Examinador Externo)
Instituição

Prof. Dr. (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer permite refletir sobre a dimensão social do trabalho do pesquisador(a). Falar a todos que direta ou indiretamente colaboraram com a produção deste trabalho, leva a aprender mais sobre a cooperação das pessoas, mesmo com seu pouco conhecimento, na realização da pesquisa.

O trabalho de pesquisa não é realizado somente pelo pesquisador(a), uma boa pesquisa é feita por várias mãos que acreditam que o conhecimento pode mudar a situação de qualquer pessoa, empresa e toda a sociedade.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela bondade e sua presença durante todo o tempo da realização do curso de mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

À professora doutora, Débora Coutinho Paschoal Dourado, por toda a disponibilidade para comigo nas devolutivas de correções, sugestões e orientação. Você, professora, é uma inspiração no caminho de melhoria da escrita acadêmica, de vida profissional, para continuar os estudos e a realização de outras pesquisas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD), pela ministração de aulas virtuais ou presenciais, e até mesmo conversas informais para obter mais informações sobre pesquisa qualitativa. Também, aos técnicos administrativos da secretaria do PROPAD e do Departamento de Ciências Administrativas, pela atenção concedida a mim todas as vezes que estive presente na Coordenação.

Aos discentes do curso de mestrado e do curso de doutorado do PROPAD que colaboraram na apresentação de respostas ou mesmo disponibilidade de conversas e material de estudo.

Aos membros do grupo de pesquisa Observatório da Realidade Organizacional da UFPE, pelos momentos de aprendizagem realizados por meio de cirandas virtuais, cursos de curta duração e o compartilhamento de artigos científicos que ajudaram muito na minha formação como pesquisadora e na participação da pesquisa no grupo.

Aos entregadores por bicicleta da cooperativa escolhida, pela confiança, parceria e pelo consentimento dado e expresso na participação dessa pesquisa.

Ao pessoal da igreja católica, da Paróquia do bairro da Várzea, que nos momentos de mais precisão estiveram presentes com orações feitas pela boa conclusão de toda esta dissertação.

À minha família toda, especialmente a meus pais e a meu irmão, pelo apoio e palavras

de coragem durante todo o tempo no Recife-PE.

RESUMO

Nas últimas décadas o mercado de trabalho mundial foi extremamente alterado pelas influências do processo de digitalização implantado nas empresas a partir do uso das tecnologias digitais nos processos de produção, gestão de pessoas e marketing de produtos e serviços. As empresas passaram a aderir ao modelo de plataformas digitais para adentrar em mercados geográficos antes não alcançados, de modo a aproveitar as facilidades tecnológicas para reduzir os custos de pessoal e custos de produção e, aumentar as chances de geração de lucros. Com isso, o capitalismo de plataforma alcançou avanços através das plataformas digitais. Contudo, não houve benefícios sociais mais amplos, a exemplo do aumento das condições precárias do trabalho flexível e digital que muitos trabalhadores passaram a enfrentar no trabalho, como: longas jornadas, falta de segurança física, aumento dos custos com equipamentos e materiais, diminuição de direitos trabalhistas, vigilância excessiva de comportamentos, diminuição do poder de participação e organização dos trabalhadores. Em contraposição aos efeitos de concentração de propriedade da internet e das consequências da precarização do trabalho surge no ambiente acadêmico da *The New School* em Nova York, Estados Unidos, discussões sobre a necessidade de mudanças na propriedade da internet e no cenário de precarização do trabalho por plataformas, liderado pelo professor Trebor Scholz, criador do termo Cooperativismo de plataforma para referir-se ao novo modelo de propriedade coletiva da internet e de organização democrática do trabalho, concretizado com o modelo das Cooperativas de Plataformas. Essa pesquisa tem o objetivo de compreender as implicações sociais e econômicas recebidas pelos(as) trabalhadores(as) de Cooperativas de Plataforma de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma. O estudo é caracterizado como pesquisa qualitativa básica (Merriam, 1998), de dimensão interpretativa, os métodos de coleta de dados utilizados foram as entrevistas abertas, a observação participante, e os documentos, a análise dos dados qualitativos foi feita através da análise temática do conteúdo (Bardin, 2011). Os sujeitos e o lócus desta pesquisa foram os ciclista entregadores da cooperativa Giro Sustentavel Entregas que realizam entregas exclusivamente por bicicletas na cidade de São Paulo-SP. Os resultados apontam que as implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma são: o fluxo da atividade de entrega é mais padronizado e personalizado ao cliente, diferenciando-se do fluxo caracterizado pela produtividade *just in time* das plataformas digitais, também há uma previsibilidade da quantidade de trabalhos que possibilita a estabilidade do ritmo das atividades de entregas, reduzindo a intensificação do trabalho; as implicações sociais do trabalho são: a inserção local

e social dos entregadores na cooperativa ocorre por meio da decisão pelo estabelecimento de um local de trabalho fixo, também a redução na jornada de trabalho, e a melhoria nas condições de trabalho que favorecem a saúde do trabalhador. Contudo, os entregadores ciclistas enfrentam ainda situações decorrentes da precarização do trabalho, como a violência urbana seja por meio das ameaças ou de perseguições de motoristas de carro, o baixo valor dos salários, e a falta de direitos trabalhistas.

Palavra-chave: trabalho; cooperativismo de plataforma; precarização do trabalho.

ABSTRACT

In recent decades, the global job market has been extremely changed by the influences of the digitalization process implemented in companies through the use of digital technologies in production processes, people management and marketing of products and services. Companies began to adhere to the digital platform model to enter previously unreachable geographic markets, in order to take advantage of technological facilities to reduce personnel costs and production costs and increase the chances of generating profits. With this, platform capitalism has achieved advances through digital platforms. However, there were no broader social benefits, such as the increase in precarious conditions of flexible and digital work that many workers began to face at work, such as: long working hours, lack of physical security, increased costs with equipment and materials, decreased labor rights, excessive surveillance of behavior, decreased power to participate and organize workers. In contrast to the effects of concentration of internet ownership and the consequences of precarious work, discussions arise in the academic environment of The New School in New York, United States about the need for changes in internet ownership and the scenario of precarious work due to platforms, led by professor Trebor Scholz, creator of the term Platform Cooperativism to refer to the new model of collective ownership of the internet and democratic work organization, implemented with the Platform Cooperatives model. This research aims to understand the social and economic implications received by workers from Platform Cooperatives as an alternative to the precarious conditions common to the platform economy. The study is characterized as basic qualitative research (Merriam, 1998), with an interpretative dimension, the data collection methods used were open interviews, participant observation, and documents, the analysis of qualitative data was carried out through thematic analysis of the content (Bardin, 2011). The subjects and locus of this research were cyclists delivering the Giro Sustentavel Entregas cooperative who carry out deliveries exclusively by bicycle in the city of São Paulo-SP. The results indicate that the economic implications of working on a platform cooperative are: the flow of delivery activity is more standardized and personalized to the customer, differentiating itself from the flow characterized by just in time productivity on digital platforms, there is also predictability of quantity of work that enables the stability of the pace of delivery activities, reducing work intensification; The social implications of the work are: the local and social insertion of delivery drivers in the cooperative occurs through the decision to establish a fixed workplace, also the reduction in working hours, and the improvement in

working conditions that favor the health of the worker. worker. However, cyclist delivery drivers still face situations resulting from precarious work, such as urban violence whether through threats or persecution from car drivers, low wages, and the lack of labor rights.

Keywords: work; platform cooperativism; precariousness of work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 – Processo da pesquisa qualitativa básica	54
Figura 2 – Organização do <i>corpus</i> de pesquisa	60
Figura 3 – Mapa de codificação propriedade coletiva.....	94
Figura 4 – Codificação sustentabilidade.....	98
Figura 5 – Fluxo de operação da atividade de entrega na cooperativa.....	103
Figura 6 – Lista dos endereços das entregas da rota azul.....	104
Figura 7 – Localização dos endereços das entregas	105
Figura 8 – Colocação das sacolas	106
Figura 9 – Comunicação com cliente	108
Figura 10 – Codificação renda digna.....	113
Figura 11 – Sala principal.....	117
Figura 12 – Área externa na sede	117
Figura 13 – Viagens diárias por modal na região metropolitana de São Paulo-SP.....	119
Figura 14 – Codificação inserção local e social	121
Figura 15 – Codificação saúde do trabalhador	125
Figura 16 – Índice de mobilidade por modo e o gênero na região metropolitana de São Paulo – 2007	137
Figura 17 – Índice de mobilidade por modo e o gênero na região metropolitana de São Paulo – 2017	137
Figura 18 – Codificação processo decisório democrático	161
Figura 19 – Codificação participação consciente e crítica	163
Figura 20 – Codificação inclusão social.....	167
Figura 21 – Codificação compartilhamento aberto	170
Figura 22 – Codificação transparência de dados.....	171
Figura 23 – Dimensões do trabalho na cooperativa	175

Lista de Quadros

Quadro 1 – Dimensões da precarização do trabalho por plataformas digitais no Brasil	31
--	----

Quadro 2 – Principais traços do cooperativismo de plataforma.....	38
Quadro 3 – Implicações da precarização no Cooperativismo de Plataforma.....	45
Quadro 4 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma	62
Quadro 5 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre sobre Implicações Sociais do Trabalho na Cooperativa de Plataforma	64
Quadro 6 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre sobre implicações políticas do trabalho na cooperativa de plataforma	66
Quadro 7 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre o sobre Implicações Culturais do Trabalho na Cooperativa de Plataforma	67
Quadro 8 – Cooperativas de Plataformas no Brasil	71
Quadro 9 – Informações socioeconômicas dos entrevistados.....	77
Quadro 10 – Relação das implicações percebidas pelos cooperados e as implicações da precarização em cooperativas de plataforma.....	172

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....	13
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	16
1.3 OBJETIVOS	20
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	20
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
1.4 JUSTIFICATIVA	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 O CAPITALISMO DE PLATAFORMA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO	23
2.2 O COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA.....	33
2.2.1 IMPLICAÇÕES SOCIAIS	46
2.2.2 IMPLICAÇÕES ECONÔMICAS	47
2.2.3 IMPLICAÇÕES POLÍTICAS.....	49
2.2.4 IMPLICAÇÕES CULTURAIS.....	50
3 METODOLOGIA.....	52
3.1 A REALIZAÇÃO DA PESQUISA E A COLETA DE DADOS.....	56
3.2 A ANÁLISE DE DADOS	58
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	69
4.1 MAPEAMENTO DE COOPERATIVAS DE PLATAFORMA NO BRASIL E A SELEÇÃO DE UM CASO EMBLEMÁTICO	69
4.2 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO REALIZADO PELOS(AS) TRABALHADORES(AS).....	80
4.3 IMPLICAÇÕES ECONÔMICAS DO TRABALHO NA COOPERATIVA DE PLATAFORMA	92
4.4 IMPLICAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO NA COOPERATIVA DE PLATAFORMA	116
4.5 COMPARAÇÃO ENTRE AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS RECEBIDAS PELOS(AS) TRABALHADORES(AS) DAS COOPERATIVAS DE PLATAFORMA E AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO COMUNS À ECONOMIA DE PLATAFORMA	172
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS.....	183
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	193
APÊNDICE B – PROTOCOLO DE ENTREVISTA.....	195

APÊNDICE C – PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO.....	198
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP UFPE Nº 6.643.195.....	199
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP UFPE Nº 7.164.980	203

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão apresentados a contextualização da temática abordada, a delimitação da problemática com a questão da pesquisa, a justificativa que subsidia os estudos e os objetivos propostos com a pesquisa.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Nas últimas décadas, entre os anos de 2000 e 2010, a sociedade mundial pôde experimentar os efeitos gerados com as tecnologias digitais (Amorim et al., 2020). O surgimento das empresas de plataformas digitais, a exemplo da Uber e do iFood, possibilitou a divulgação da criação de aplicativos como recurso tecnológico para estimular a geração de trabalhos digitais sob demanda (Abílio, 2021).

O trabalho digital sob demanda é o trabalho intermediado pelo aplicativo com a característica crucial do pagamento ao trabalhador apenas pelas horas efetivamente gastas na prestação do serviço, e não pelo tempo disponível *online* no aplicativo (Abílio, 2021).

Muitas ocupações no Brasil passaram a ser realizadas pela nova forma de organização do trabalho digital, como os entregadores(as) por moto e os entregadores(as) por bicicleta, trabalhadores(as) que estavam em situação de desemprego ou que desempenhavam atividades no mercado de trabalho informal, os(as) quais percebiam o trabalho digital sob demanda como uma oportunidade de trabalho autônomo e de geração de maiores valores de renda mensal (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021).

Porém, a realidade de trabalho digital sob demanda mostrou-se muito contrária às primeiras percepções desses(as) trabalhadores(as), principalmente durante a pandemia da Covid-19, época de maior exposição dos entregadores(as) nas ruas das cidades no mundo e no Brasil para transportarem refeições, medicações, documentos, às pessoas em suas residências que não podiam sair de suas casas por conta do isolamento social imposto pelos governos (Grohmann, 2022). As condições de trabalho passaram a ser longas jornadas de trabalho, insegurança física e ausência do reconhecimento do vínculo da relação trabalhista entre empresas de plataforma e entregadores(as) (Antunes, 2020).

Alguns/mas entregadores(as) por moto e entregadores(as) por bicicleta decidiram romper com as empresas de plataforma devido à situação de extrema exploração do trabalho, organizar manifestações de paralização dos serviços de entregas nos aplicativos e criar coletivos ou cooperativas de plataforma como forma de organizar resistências à realidade de

precarização do trabalho digital sob demanda (Amorim et al., 2020).

A título de exemplo, em julho de 2020, ocorreu a paralisação dos serviços de entrega por aplicativo realizada por entregadores(as) que prestavam serviço às empresas iFood, Rappi, Loggi, Uber Eats, em São Paulo e em várias cidades brasileiras, conhecida como “Breque dos Apps”, quando os(as) entregadores(as) reivindicaram o reconhecimento de direitos trabalhistas pelas empresas, a regularização da relação de trabalho e melhorias nas condições de trabalho realizado nas ruas (Amorim et al., 2020).

Na presente dissertação de mestrado, apresentam-se resultados e discussão de uma pesquisa realizada sobre as implicações econômicas, sociais, políticas e culturais de trabalhadores(as), membros(as) de uma cooperativa de entrega por bicicleta. É um estudo no qual se procurou compreender o trabalho de entrega no Brasil, particularmente realizado por meio do uso de bicicleta pelos *bikers couriers*, como são conhecidos, mas, também, compreender como a forma de organização do trabalho cooperativo é desenvolvido de modo alternativo às condições precárias comuns no trabalho digital sob demanda.

O fenômeno social da criação de cooperativas de plataforma possibilitou a existência da forma organizacional cooperativa no espaço da economia digital, de modo que os próprios trabalhadores(as) pudessem ser os proprietários(as) da plataforma, as quais surgiram a partir de 2014 através do movimento Cooperativismo de plataforma (Scholz, 2016). O termo Cooperativismo de plataforma foi criado pelo professor de cultura e mídia digital Trebor Scholz, da The New School. Inicialmente, os estudos acadêmicos do professor buscaram apresentar as cooperativas de plataforma como organizações sociais de propriedade coletiva de trabalhadores(as) capazes de planejar e controlar o próprio trabalho sem ter intermediários, como as empresas de plataforma; dessa maneira, poderiam ter condições mais justas de trabalho e renda (Scholz, 2016).

Para Singer (2002), as cooperativas são empresas solidárias com princípios de trabalho típicos desse tipo empresarial, uma empresa solidária que tem o objetivo principal de gerar outra economia, a economia solidária, para propiciar trabalho e renda a quem precisa e para divulgar o modelo igualitário de organizar as atividades econômicas.

O movimento do Cooperativismo de plataforma apresenta características próprias, mas o movimento também utiliza conceitos do cooperativismo tradicional, como propriedade coletiva e autogestão (Cañada, Izcara, Zapata Campos, 2023). Para Scholz (2014), o movimento é uma mudança no modelo de propriedade das plataformas digitais, essencialmente, colocando os trabalhadores como proprietários e considerando os efeitos

negativos gerados com a economia do compartilhamento criada a partir dos anos 2010, como os trabalhos precários gerados sem contrapartidas de proteção social com reconhecimento de direitos trabalhistas, renda justa, segurança física e saúde do trabalhador (Antunes 2020).

A precarização do trabalho no Brasil possui dimensão complexa, principalmente porque é um problema social iniciado a partir dos anos 1990 com o processo de reestruturação produtiva nas empresas devido à adesão do Brasil ao projeto neoliberal do capitalismo (Antunes, 2020). Naquela época, o objetivo econômico da busca da estabilização da economia por meio do controle da inflação influenciou de maneira decisiva na geração de uma crise no mercado de trabalho brasileiro (Oliveira; Festi, 2023).

Muitas empresas brasileiras passaram a adotar o controle dos custos de produção para poderem competir com empresas estrangeiras no Brasil; logo, a redução de despesas de pessoal foi a prioridade, impactando a geração do desemprego, o alto índice de trabalhadores no mercado informal e a redução do valor dos salários (Dieese, 2001).

Para Antunes (2020), a precarização é um processo resultante da ideologia da flexibilização do trabalho que criou o ideal da empresa flexível por meio da redução de despesas de pessoal com efeitos na retirada de direitos trabalhistas e na redução dos salários.

O avanço das transformações digitais pode intensificar mais o processo de precarização do trabalho (Oliveira; Festi, 2023). O uso de aplicativos pelas pessoas para realizarem compras e gerarem renda extra é um dos exemplos de como a tecnologia possibilitou o aumento de transações de compra e venda de produtos e a prestação de serviços, inaugurando o tempo da economia compartilhada (Doorn, 2017).

A economia compartilhada é considerada o novo espaço de mercado econômico, no qual as pessoas podem usar a tecnologia, a internet, para “compartilharem” a criação, a produção, a distribuição e até o consumo de bens e serviços com outras pessoas e plataformas, obtendo ganhos financeiros com os bens e serviços (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020). O termo economia de compartilhamento evidencia a caracterização do espaço de negócios gerados a partir do aproveitamento de bens ou espaços subutilizados ou ociosos, mas outros termos foram criados para revelarem a explosão de atividades econômicas criadas através de aplicativos, como economia de bicos, economia *gig* e economia de plataforma (Abílio, 2021).

Neste trabalho de dissertação, optou-se pelo uso do termo economia de plataforma para revelar a dimensão avançada do objetivo de acumulação de capital das empresas de plataforma através do trabalho digital sob demanda de milhares de trabalhadores(as) em situação de trabalho informal. Esse objetivo de acumulação de capitais pelas empresas de plataforma

caracteriza também uma nova fase do capitalismo, chamada capitalismo de plataforma (Abílio, 2021).

Para Silva (2022), o capitalismo de plataforma é a atual fase do capitalismo mundial, caracterizado pelo domínio do mercado digital pelas empresas de plataforma, intermediárias das relações comerciais e de trabalho entre clientes, anunciantes, produtores, fornecedores e trabalhadores(as).

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

No âmbito do mercado de trabalho por plataforma, aponta-se o trabalho de entrega ou trabalho *delivery*, caracterizado pela realização de entregas de compras de alimentos, medicações, presentes, feitas através de aplicativos por meio dos quais o cliente informa o local onde será feito a entrega (Grohmann, 2022). Os aspectos de fácil acesso ao cadastro pelo trabalhador(a) no aplicativo e a flexibilidade de escolha de dias e horários são os fatores que atraem os trabalhadores(as) para trabalharem como entregador(a) *delivery* (Fairwork Brasil, 2023).

Não obstante haver as fáceis formas de acesso a esse tipo de trabalho de entrega, no decorrer dos anos, outro aspecto passou a ser preponderante: a precarização do trabalho de entrega (Antunes, 2020). No Brasil, os(as) entregadores(as) passaram a aderir às regras e aos termos de trabalho da empresa de tecnologia brasileira iFood, líder no ramo de entrega de refeição pela internet, fundada em 2011 com uma *startup*. Em 2022, tornou-se a *startup* mais valiosa do Brasil e a segunda maior da América Latina. Atualmente, o iFood possui 83% (oitenta e três por cento) do mercado de *delivery* de refeições no Brasil (Wikipedia, 2024).

O aspecto da precarização do trabalho é demonstrado nas condições de trabalho colocadas aos(às) entregadores(as), na ausência de um espaço físico para as paradas de descanso físico ou para alimentação, nas longas jornadas de trabalho *online* nos aplicativos, nos gastos próprios com compra de combustível, no qualidade de acesso à internet, celular, no aluguel de moto ou bicicleta, nos equipamentos de segurança individual, elementos estes que mostram o quanto esses(as) entregadores(as) ficam expostos nas ruas a todo tipo de violência e insegurança (Grohmann, 2022).

Ademais, não há o reconhecimento dos direitos trabalhistas já adquiridos pela classe trabalhadora assalariada (Souza, 2021). Conforme resultado de pesquisa realizada pelo IBGE, em 2022, o Brasil tinha 1,5 (um vírgula cinco) milhão de trabalhadores por plataforma, dos

quais, 778 (setecentos e setenta e oito) mil exerciam o trabalho de transporte de passageiros e 589 (quinhentos e oitenta e oito) mil exerciam o trabalho de entrega; no 4º trimestre de 2022, o país tinha trabalhadores por plataforma que trabalhavam mais horas e tinha menos trabalhadores contribuindo para a previdência (IBGE, 2022).

Em relação ao fator renda, a precarização também foi demonstrada quando analisados, de forma comparada, os dados dos trabalhadores por aplicativos e os dos trabalhadores sem aplicativo. Os entregadores de aplicativo tinham menor rendimento que os trabalhadores sem aplicativo que atuavam na economia formal – R\$ 1.784 (mil setecentos e oitenta e quatro) *versus* R\$ 2.210 (dois mil duzentos e dez) –, percentual menor de trabalhadores por aplicativo que contribuía para a previdência em relação aos trabalhadores sem aplicativo – 22,3% (vinte e dois vírgula três por cento) *versus* 39,8% (trinta e nove vírgula oito por cento), e trabalhadores por aplicativo que trabalhavam mais horas que os trabalhadores sem aplicativo – 47,6h (quarenta e sete horas) *versus* 42,8h (quarenta e duas vírgula oito horas) (IBGE, 2022).

Contudo, a opção pelo trabalho por aplicativo sob demanda não se mostrou como forma definitiva de trabalho; alguns trabalhadores buscaram romper com as empresas de plataforma (Salvagni; Silva; Veronese, 2023). A criação de cooperativas de plataforma apresenta-se como mais uma forma de organização do trabalho diferente em relação às formas de trabalho precário criadas com as plataformas digitais (Zanata, 2022).

A possibilidade de os trabalhadores realizarem com autonomia a prática da tomada de decisão sobre os preços estipulados para prestação de serviços ou vendas de produtos atraiu trabalhadores interessados na luta por condições autônomas e justas de trabalho (Muldoon, 2020). Assim, as cooperativas de plataforma surgiram em vários países, principalmente na Europa, a exemplo da Fairmondo, cooperativa fundada em 2012 com atuação no mercado *online* e conhecida pelos fundadores como Coop 2.0 devido ao fato de ter a pretensão de ser um modelo inovador de cooperativa, modelo que utiliza a estrutura cooperativa com base na lei alemã, mas que não é um modelo definitivo, estando, portanto, em construção: “nosso modelo Coop 2.0 certamente não é perfeito ou final, mas sim uma experiência contínua, aberta e desejosa de ser desenvolvida ainda mais” (Instituto Procomum, 2017).

A Fairmondo é uma cooperativa que disponibiliza produtos e serviços no mercado *online* com base na economia solidária, produtos e serviços criados por fornecedores que apoiam a economia solidária (Instituto Procomum, 2017). Ademais, nessa cooperativa há um limite máximo para quantidade de ações que uma pessoa pode ter até 25.000 (vinte e cinco mil) euros. O valor de uma ação é definido nos estatutos e não muda com o valor da empresa;

essas regras impedem que a cooperativa se desvie do princípio da justiça organizacional com os sócios e membros e seja influenciada pela ganância da acumulação capitalista.

Outra cooperativa de plataforma que ganhou destaque a partir de 2017 é a cooperativa Mensakas. Após a realização de uma greve dos serviços de entrega no aplicativo Deliveroo em várias cidades da Europa em 2017, em Barcelona 30 (trinta) entregadores grevistas demitidos pela empresa Deliveroo criaram a cooperativa de entrega Mensakas para resistir à conquista do mercado de entrega pelas grandes plataformas e organizar o fluxo de produção e trabalho baseado na economia solidária, a fim de gerar condições mais dignas de salários, saúde e participação aos entregadores (Mendes, 2020).

No Brasil, o movimento de cooperativas de plataforma ainda se revela como uma dimensão pequena e emergente. Algumas iniciativas de cooperativas foram fundadas a partir de 2017. Conforme o que é demonstrado a partir dos resultados da pesquisa realizada por Cunha (2022), 5 (cinco) empreendimentos são considerados como cooperativas de plataforma. Assim, foram mapeados a partir da pesquisa exploratória, nas redes sociais, *sites* de alguns empreendimentos; dentre as iniciativas, apontam-se: cooperativa Somos Ciclo – sede em Vitória - ES, fundada em 2018, atua na prestação de serviços de telefonia, planos de saúde e energia limpa para os associados –; Cataki – aplicativo lançado em 2017 no Rio de Janeiro - RJ, oferece opção de serviços de coleta de resíduos para reciclagem por catadores –; Bibi Mob – aplicativo de transporte lançado em 2019, conecta motoristas e passageiros com até 95% (noventa e cinco por cento) do valor da viagem retido para o motorista –; Pedal Express – cooperativa fundada em 2010 com sede em Porto Alegre - RS, atua na realização de entregas de encomendas e documentos, o serviço é prestado com uso de bicicleta –; e ContratArte – trata-se um projeto de alunos e professores do Instituto Federal Rio Grande do Sul (IFRGS) lançado em 2021, uma plataforma que oferece serviços como fotografias, bandas e profissionais animadores, os valores dos serviços são combinados diretamente entre o artista e o contratante.

A temática do trabalho em cooperativas de plataforma é ainda pouco explorada em pesquisas acadêmicas, talvez devido ao momento ser emergente em vários países (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023). As pesquisas já realizadas por pesquisadores com interesse na temática do trabalho em cooperativas de plataforma abordam as dimensões econômicas e sociais envolvidas com a forma alternativa de organização do trabalho, que se revela de modo divergente ou mesmo distinto do modo de organização do trabalho assalariado capitalista (Scholz, 2014; Zanata, 2022; Grohmann, 2022).

Chatterton e Pusey (2020) apontam para a ideia de que as cooperativas de plataforma representam práticas sociais que divulgam as ideias do pós-capitalismo. Na realidade do trabalho digital, essas organizações podem ser alternativas com tendência de crescimento para estimular a conscientização e ação para a produção de bens comuns que gerem benefícios de renda para um maior número de pessoas e o compartilhamento real de recursos com menor impacto ambiental (Scholz et al., 2021).

Por outro lado, Charles, Ferreras e Lamine (2020), a partir de pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, realizada por meio de 48 (quarenta e oito) entrevistas com os cooperados da cooperativa Smart, argumentam que a cooperativa é uma empresa com objetivos econômicos e sociais e que a forma de propriedade coletiva dos cooperados possibilita garantir benefícios trabalhistas típicos do trabalho assalariado, como também uma experimentação da governança democrática.

Porém, Sandoval (2020), em artigo científico, apresenta um aspecto crítico em relação à atuação das cooperativas de plataforma de serem alternativas às plataformas digitais capitalistas na “economia do compartilhamento”. Sandoval (2020) discute ainda que as cooperativas de plataforma possuem ambivalências evidenciadas pelos objetivos econômicos, sociais e políticos das cooperativas, ou seja, existem riscos, limites e potenciais das cooperativas de plataforma, tanto para que sejam cooptadas a aderirem ao empreendedorismo e passem a competir de forma acelerada por novos mercados quanto para que possam subverter o capitalismo por dentro do próprio sistema.

Assim, a criação de cooperativas de plataforma possui um sentido permeado pela ideia da mudança do modelo de propriedade da plataforma; os trabalhadores passaram a ser os proprietários; com isso, houve também a criação de expectativas quanto à melhora das condições do trabalho (salário, jornada de trabalho, ambiente de trabalho, organização do trabalho, participação na decisão sobre o trabalho), de modo que pudessem experimentar condições de não precarização no trabalho (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020; Grohmann, 2022; Sandoval, 2020).

A expectativa de gerar condições de trabalho digno para os trabalhadores de entrega foi realçada com a criação de cooperativas de plataforma (Scholz, 2014, 2016); essa expectativa esteve na origem da realização de toda essa pesquisa que resultou nesta dissertação.

Desse modo, com base na problemática apresentada, surge a seguinte questão de pesquisa: Como os trabalhadores de Cooperativas de plataforma desenvolvem o trabalho de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma?

Para responder à questão da pesquisa, são definidos objetivos que orientaram o presente trabalho de pesquisa e que são apresentados a seguir.

1.3 OBJETIVOS

Esta dissertação estabelece objetivos com o intuito de traçar um norte para o direcionamento da pesquisa, conforme exposto na sequência.

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender como os trabalhadores de Cooperativas de Plataforma realizam o trabalho de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma.

1.3.2 Objetivos Específicos

- I. Mapear cooperativas de plataforma que atuem no Brasil e selecionar um caso emblemático;
- II. Identificar as características do trabalho realizado pelos(as) trabalhadores(as) de cooperativas de plataforma;
- III. Identificar as implicações econômicas do trabalho na Cooperativa de Plataforma;
- IV. Identificar as implicações sociais do trabalho na Cooperativa de Plataforma;
- V. Comparar as implicações sociais e econômicas recebidas pelos(as) trabalhadores(as) da Cooperativas de Plataforma e as características do trabalho comuns à economia de plataforma.

1.4 JUSTIFICATIVA

A expansão das plataformas digitais no mundo demonstra a capacidade dinâmica de adaptação do sistema capitalista por meio da filosofia econômica neoliberal que gera maior produção de produtos e serviços através da mediação das tecnologias digitais.

Contudo, a expansão dessas empresas de plataforma foi acompanhada de um notório processo de aprofundamento da precarização do trabalho por meio da lógica dos processos de reestruturação produtiva. Diante dos efeitos gerados com as condições precárias de longas

jornadas de trabalho e adoecimentos, os(as) trabalhadores(as) decidiram fazer greves e outras manifestações de reivindicação de direitos em todo mundo, e criar suas próprias plataformas cooperativas baseadas na governança democrática dos(as) trabalhadores(as), através do movimento do cooperativismo de plataforma ou cooperativismo digital.

Assim, as pesquisas sobre o Cooperativismo de Plataforma apresentam o aspecto da emergência desse movimento no âmbito global, assim como a ideia de criação e administração de uma plataforma pelos(as) próprios(as) trabalhadores(as), como alternativa de organização do trabalho, centrado na cooperação e nas pessoas (Cañada, Izcara, Zapata Campos, 2023; Charles, Ferreras, Lamine, 2020; Doorn, 2017; Fuchs, 2021).

As justificativas para realização desta pesquisa são teóricas e empíricas, baseadas nos resultados de pesquisas já realizadas sobre o Cooperativismo de Plataforma que concentraram a atenção no modelo cooperativo da gestão de serviços públicos para cidades sustentáveis (Cañada, Izcara, Zapata Campos, 2023; Schor e Vallas, 2021), e nas contribuições do Cooperativismo de Plataforma para a propagação de tecnologias de código aberto (Fuchs, 2021; Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020).

O estudo sobre as implicações do trabalho enfrentada pelos(as) trabalhadores(as) em Cooperativas de Plataformas permitirá avanços nas pesquisas sobre a subjetividade do trabalhador por plataforma, que exerce a posição central no processo de tomada de decisão em plataformas cooperativas, como também a pesquisa permitirá avanços no conceito do trabalho e organização democráticas geridas por trabalhadores tendo em vista o crescente movimento de Cooperativismo de Plataforma nos países (Scholz, 2016).

A pesquisa também possibilitará estudos sobre a temática de grupos e equipes, liderança e comprometimento no trabalho, possibilitando contribuir com estudos sobre o fator humano nas organizações, que abrange a escola de relações humanas dos anos 30, o humanismo organizacional dos anos 60 e as tendências de pesquisas em Administração sobre o fator humano no contexto contemporâneo.

A realização dessa pesquisa possibilitará também a produção de conhecimento em Administração relativos à área de estudos organizacionais a partir da perspectiva do movimento dos estudos críticos em administração. Além disso, essa pesquisa possui relação com os estudos e pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Observatório da Realidade Organizacional pertencente ao Programa de Pós-graduação em Administração (PROPAD) da UFPE, o grupo desenvolve pesquisas com foco na temática de investigação analítica do conceito de trabalho decente instituído em 1999 pela Organização Internacional do Trabalho

(OIT) na realidade empírica das cooperativas no Estado de Pernambuco, e pesquisas sobre o Cooperativismo de Plataforma, subjetividades, significados do trabalho e as novas formas de flexibilização do trabalho, como o trabalho *home office*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está organizado em duas seções que visam apresentar os conhecimentos teóricos desenvolvidos por pesquisadores(as) no campo de estudos sobre a precarização do trabalho no Cooperativismo de plataforma. Na primeira seção, apresentam-se os conhecimentos teóricos sobre a nova fase do capitalismo, o Capitalismo de plataforma, que focaliza os investimentos das empresas no uso das tecnologias digitais para aumento do desempenho dos processos de vendas de produtos, e a oportunização de trabalhos digitais; contudo, no aspecto da criação dos trabalhos, há a prevalência de fatores de precarização, manifestada nas dimensões social, econômica, política e cultural. Na segunda seção, apresentam-se os conhecimentos teóricos relacionados ao campo do Cooperativismo de plataforma e as implicações geradas pelo enfrentamento da precarização do trabalho pelos(as) trabalhadores(as) nas dimensões social, econômica, política e cultural.

2.1 O CAPITALISMO DE PLATAFORMA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Nos últimos anos, o avanço do processo de digitalização foi materializado pelo surgimento de tecnologias digitais que permitiram o aumento da automação nas atividades de produção de bens nas empresas, principalmente a partir de 1980 (Papadimitropoulos, 2021).

A exemplo de tecnologias de digitalização de documentos e softwares que permitem o armazenamento de documentos digitais em nuvem, os ganhos de eficiência na geração e guarda de documentos são grandes para as empresas que podem eliminar armários de arquivos e utilizar melhor os espaços físicos.

Um outro aspecto de análise das tendências de digitalização nas empresas é a prática frequente da terceirização de processos ou de atividades da produção de bens ou serviços, denominado de *outsourcing*, esses processos terceirizados ficam sob a responsabilidade de execução por outra empresa contratada, ou de pessoas em operações de *crowdsourcing* (Doorn, 2017).

Segundo Papadimitropoulos (2021), o *crowdsourcing* é uma operação de terceirização da produção entre pares através da colaboração de produtores ou por meio de pessoas principalmente nas plataformas digitais, de forma a reduzir os custos de produção e aumentar a produtividade, pela possibilidade do formato escalar da operação que incentiva a adesão do maior número de trabalhadores(as).

O formato de rede e o potencial de alcance global da internet possibilitaram a prática do *crowdsourcing* pelas empresas que possuem o controle centralizado de toda a produção dos(as) trabalhadores(as) e do lucro gerado pelas chamadas atendidas dos(as) clientes que utilizam as plataformas digitais para solicitação de chamadas.

A ideia do uso de *crowdsourcing* pelas empresas está associada a produtividade para criar valor com os serviços realizados por uma mão de obra disponível e barata. Essa prática permite a gestão de pessoas através da demanda de serviços e a oferta de trabalhadores(as) através das plataformas digitais (Doorn, 2017).

Conforme Cañada, Izcara, e Zapata Campos (2023), as plataformas digitais são empresas operando com infraestruturas digitais que disponibilizam vários serviços e facilitam a conexão entre clientes e trabalhadores(as) para a prestação dos serviços, a partir do domínio do controle via algorítmico do painel da demanda e da oferta nos aplicativos.

As plataformas digitais possibilitaram a execução de estratégias de crescimento das empresas pela oportunidade de ganhos advindos da digitalização e do surgimento de tecnologias digitais, a fim de compensar os prejuízos econômicos gerados pelos efeitos da crise financeira norte-americana de 2008, decorrente da crise do sistema imobiliário norte-americano iniciada em 2004 com a queda dos valores dos imóveis pelo desequilíbrio entre a oferta e a demanda e o aumento dos juros pelo sistema de reserva federal dos Estados Unidos.

As estratégias de crescimento através das plataformas digitais permitiram um aumento da produção das empresas de comércio e de tecnologia, tanto internamente pelo aumento do volume de vendas nos mercados onde as empresas já estavam presentes, quanto externamente pela entrada das empresas em novos mercados geográficos pela facilidade de alcance do uso das plataformas digitais por outros(as) clientes.

O avanço da digitalização e tecnologias digitais nas empresas permitiu o fortalecimento do capitalismo neoliberal através da versão aplicada nas plataformas, pelo estímulo à geração de lucros com o uso de uma força de trabalho flexível, denominado de capitalismo de plataforma (Chatterton; Pusey, 2020).

Segundo Cañada, Izcara e Zapata Campos (2023) o capitalismo de plataforma diz respeito a um oligopólio formado por algumas plataformas corporativas online que detém o controle do mercado digital de oferta de bens e serviços disponíveis para consumo, por meio do trabalho não regulamentado e flexível.

As novas formas de geração de lucro através do trabalho de milhares de pessoas nas plataformas revelam o aspecto de acumulação de capital, manifestado a partir do

aproveitamento da mão de obra pouco qualificada para produzir mais mercadorias com um custo baixo de pessoal (Törnberg, 2023).

O aspecto de acumulação de capital possui o trabalho digital e a distribuição assimétrica de riqueza como bases para o funcionamento da economia de plataforma (Papadimitropoulos, 2021).

O trabalho digital que viabiliza a prestação de serviços com um baixo custo de salários devido a flexibilização da legislação trabalhista nos países, caracteriza a situação dos(as) trabalhadores(as) como precária e potencializa os ganhos das plataformas digitais com a produção em escala para o estímulo de um consumo em escala de bens e serviços (Jack, 2020).

A distribuição assimétrica de riqueza (Chatterton; Pusey, 2020) refere-se à questão da limitação das relações sociais nas plataformas, atendendo ao propósito do mercado, ao interesse pelo lucro e à criação somente de valor de troca, que impulsiona as empresas de plataforma a aplicarem taxas arbitrárias de cobrança para cadastramento de trabalhadores(as) nas plataformas e o não reajuste do valor para motoristas de aplicativos, o que implica baixos salários e o aumento da desigualdade social com trabalhadores(as) à margem de condições justas de vida, de renda e de trabalho (Chatterton; Pusey, 2020).

A acumulação de capital passa cada vez mais por uma intensificação, considerando-se que as empresas de plataformas se expandem internacionalmente para mercados inexplorados, através da política de criação do valor com o uso do trabalho precário (Cañada; Izcarra; Zapata Campos, 2023), perpetuando a lógica capitalista de relações sociais baseadas na produção de mercadorias que geram lucros (Chatterton; Pusey, 2020).

Assim, a busca da expansão das plataformas digitais ao redor do mundo demonstra também o interesse econômico dessas empresas em tornar os processos de produção, distribuição, e consumo de mercadorias cada vez mais privatizados.

Inclusive os bens comuns têm sido o alvo almejado por várias plataformas para torná-los bens de propriedade privada, reforçando o processo de cercamento ou apropriação, próprio do capitalismo durante sua expansão ao longo dos tempos, para gerar valor e acumulação de capital (Törnberg, 2023).

A criação de valor através da gestão dos dados digitais pessoais é outro aspecto pertinente as características do capitalismo de plataforma (Fuchs, 2021). As atividades de clicar, curtir um conteúdo digital, e de comprar produtos pelos clientes podem ser usados para criação de anúncios de produtos e gerar valor para as empresas de publicidade (Fuchs, 2021).

Outra possibilidade de uso de dados pessoais para acumulação de capital são as formas de vigilância feitas pelos algorítmicos sobre o trabalho digital de trabalhadores(as) nos aplicativos de entregas, por meio do uso de dados gerados com a avaliação de trabalhadores(as) por clientes nos aplicativos, esses dados são utilizados para criar comunicações mais assertivas das empresas com os clientes, persuadindo o consumo nas plataformas (Chatterton; Pusey, 2020).

Apesar dos avanços trazidos com a digitalização nas empresas, essas melhorias na eficiência de realização de atividades não podem esconder o aumento da automação através do processo de cercamento ou apropriação de postos de emprego formal com a substituição de trabalhadores(as) por computadores e robôs nas empresas, num processo crescente de automação iniciado no século XVIII com a Revolução Industrial e atualmente fortalecido com o uso frequente da tecnologia ChatGPT e tecnologias de Inteligência Artificial nas empresas (Chatterton; Pusey, 2020).

Ressalta-se que a substituição do trabalho humano pelos computadores gera um duplo efeito na organização do mercado de trabalho e na força de trabalho: por um lado, muitos(as) trabalhadores(as) são expulsos(as) do trabalho formal assalariado pela intensa automação nas empresas que gera o desemprego, e, por outro lado, esses(as) trabalhadores(as) são absorvidos(as) pelo trabalho informal com a entrada nas plataformas digitais como mão de obra barata e abundante (Törnberg, 2023).

Esses efeitos da automação decorrentes do poder reestruturante do capitalismo para criar mais valor na produção de bens e serviços trazem à tona a realidade da exploração do trabalho, por meio do estímulo à produtividade por tarefa, de forma a reduzir o tempo de realização do trabalho e produzir em maiores quantidades, aumentando o valor de troca dos produtos (Törnberg, 2023).

Observa-se, então, que o capitalismo de plataforma busca uma valorização do processo de produção de bens e serviços através da mediação da tecnologia digital; não se trata de um novo capitalismo, mas do mesmo capitalismo através da mediação tecnológica e do aprofundamento da precarização do trabalho digital (Chatterton; Pusey, 2020).

Segundo Cañada, Izcarra e Zapata Campos (2023), a precarização do trabalho é a flexibilização das formas de trabalho que gera uma situação de vulnerabilidade no emprego dos(as) trabalhadores(as). No contexto da economia de plataforma esse problema social foi agravado pela ausência de uma legislação específica sobre a relação de trabalho entre as plataformas digitais e os(as) trabalhadores(as), fragilizando os direitos e as proteções sociais.

O discurso neoliberal das plataformas considera os(as) trabalhadores(as) digitais empreendedores(as), são definidos como contratados(as) independentes por assumirem os riscos econômicos do trabalho, dos materiais, e equipamentos, que precisem adquirir, além dos riscos por doenças que podem interromper a carreira do(a) trabalhador(a) (Sandoval, 2020).

Porém, a condição financeira da maioria desses(as) trabalhadores(as) caracterizada por baixos salários obtidos mensalmente no trabalho digital, e os desequilíbrios na renda com a desregulação da legislação dos direitos trabalhistas impedem os(as) mesmos(as) de usufruírem da prosperidade econômica da classe empresarial (Sandoval, 2020).

Esses(as) trabalhadores(as) formam a classe de pessoas que estão excluídos do trabalho formal assegurado pelo sistema de proteção social que legitima direitos do trabalho, como: carteira assinada desde o primeiro dia de serviço, exames médicos de admissão e demissão, repouso semanal remunerado, salário pago até o quinto dia útil, décimo terceiro salário pago, jornada de trabalho regular, férias, e outros direitos.

Contudo, esses(as) trabalhadores(as) são considerados(as) como integrantes da nova classe trabalhadora denominada o precariado ou proletários precários de serviços digitais, formados por trabalhadores(as) que estão na condição social de precariedade de vida e do trabalho (Antunes, 2020; Doorn, 2017).

A precarização do trabalho nas plataformas digitais envolve as atividades com nível de qualificação baixo realizadas por trabalho sob demanda, que possui características do sistema de produção *just in time* que surgiu no Japão nos anos 50 pela empresa Toyota, no qual apenas se produz mercadorias quando há uma demanda (Magalhães, 2023).

O valor dos salários recebidos pelos(as) trabalhadores(as) leva em consideração o tempo de realização efetivo de cada trabalho na plataforma digital e não o tempo disponível e de conexão online na plataforma, reduzindo os valores consideráveis de ganho diário desses trabalhadores e incentivando longas jornadas de trabalho (Fuchs, 2021).

A realidade de ocupações que apresentam a dimensão da precarização do trabalho nas plataformas é variada, são incluídos nessa variedade de profissões (os) médicos(as), motoristas, engenheiros(as), empregadas(os) domésticas(os), jornalistas e professores que são parte do amplo campo de profissionais que enfrentam as ameaças do emprego inseguro (Doorn, 2017).

As pesquisas que tratam da precarização do trabalho nas plataformas digitais apresentam quatro dimensões de análise deste problema social: a social, a econômica, a

política e a cultural (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023). Cada uma delas será discutida a seguir.

A dimensão social envolve a consideração dos efeitos históricos do desemprego estrutural gerado a partir das mudanças implementadas com a transição da organização centrada no modelo Taylorista e Fordista dos anos 70, para a organização flexível centrada no modelo Toyota dos anos 90 que criaram as condições para a execução dos processos de reestruturação produtiva nas empresas (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023).

A reestruturação produtiva possibilitou a aplicação de práticas de flexibilização na organização do trabalho de modo a alterar o quadro de pessoal existente nas empresas para reduzir os custos com operações de baixa lucratividade e, ganhar mais eficiência no foco de operações de alta lucratividade, a exemplo da adoção da prática de reengenharia de processos, que possibilita o mapeamento de processos que tenham mais eficiência e a identificação daqueles que geram desperdícios, como também o downsizing que consiste na redução do número de trabalhadores(as) para diminuir custos de pessoal (Papadimitropoulos, 2021).

A flexibilidade possibilitou modelos organizacionais mais flexíveis às mudanças ambientais, que exigem rápida resposta de adaptação ao cenário externo, essas estratégias no mercado também são percebidas nas formas atuais de negócios centradas no modelo de plataformas digitais.

As implicações geradas pela adoção do modelo de plataforma digital envolvem a ocorrência de condições precárias de trabalho, que socialmente são detectadas pela falta de um local específico para que os(as) trabalhadores(as) realizem as atividades. Essa situação facilita a exploração das plataformas sobre o tempo de trabalho do(a) trabalhador(a), que ultrapassa a jornada diária máxima permitida de 8 (oito) horas diárias e 44 (quarenta e quatro) horas semanais, previstas no artigo 7º, inciso XIII, da Constituição Federal de 1988 (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023).

A dispersão de trabalhadores(as) em várias localidades para realizar suas atividades por aplicativo, aumenta os custos de realização do trabalho que são assumidos pelo próprio trabalhador(a) e reduz ainda mais a renda (Schor; Vallas, 2021), a exemplo do custo de compra de combustível, manutenção de carros ou bicicletas, aluguel de carro ou bicicleta, e compras de equipamentos de proteção para o trabalho.

Outro aspecto da dimensão social é a modificação da categoria de empregados(as) para empreendedores(as), utilizada pelas plataformas como estratégia de ofuscar a subordinação do

vínculo gerado com a relação do trabalho. A categoria de empreendedores(as) gera isolamentos entre esses(as) trabalhadores(as) que movidos(as) pelo interesse em obter maiores salários nas plataformas, assumem o comportamento de competição uns(umas) com os(as) outros(as), mesmo não dispondo da segurança de um emprego formal (Fuchs, 2021).

O ambiente de trabalho digital possui a flexibilidade da jornada de trabalho semanal, mas muitos(as) trabalhadores(as) experimentam longas e cansativas jornadas de trabalho que provocam problemas de saúde como: estresse, ansiedade e os riscos de contaminação por vírus como o SARS-COV-2 durante a pandemia da Covid-19 (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

Além disso, os(as) trabalhadores(as) enfrentam situações de discriminação por gênero durante a realização das atividades no trabalho nas plataformas, no caso de plataformas de cuidado as mulheres enfrentam os baixos salários para poderem atuar no trabalho, e o trabalho de entregas feito por pessoas de outras identificações de gênero que enfrentam também assédios, constrangimentos e preconceitos de clientes nos aplicativos (Doorn, 2017).

A dimensão econômica da precarização do trabalho no contexto do trabalho digital consiste na evidenciação de situações que geram distribuição assimétrica de riqueza decorrente da lógica exploratória do trabalho no capitalismo de plataforma (Chatterton; Pusey, 2020).

A caracterização dos(as) trabalhadores(as) como empreendedores(as) pelas plataformas cria os meios para flexibilizar também a contratação eventual, diminuindo os custos trabalhistas para as empresas e influenciando a diminuição do valor dos salários dos(as) trabalhadores(as), que ficam com renda insuficiente para cobrir despesas básicas, como: alimentação, moradia, saúde e educação.

O estímulo ao salário por produtividade dos(as) trabalhadores(as) também revela a precariedade econômica das condições do trabalho digital, devido ao uso de novas formas de exploração que envolvem o incentivo ao trabalho daqueles(as) trabalhadores(as) que produzem mais e, a “punição” para aqueles(as) trabalhadores(as) que são desinteressados(as), a exemplo das plataformas de viagens, onde os(as) motoristas(as) de aplicativos podem ter o valor das viagens reduzido de forma unilateral pelas plataformas por meio do controle de informações sobre a demanda e a oferta de motoristas (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

A dimensão política da precarização apresenta a condição de alienação do(a) trabalhador(a) pela intensificação da especialização do trabalho (Chatterton; Pusey, 2020). O

conceito de alienação utilizado neste estudo refere-se à relação entre o capital e o trabalho elaborada pelo sociólogo Karl Marx durante o tempo de escrita da obra *O capital no século XX*, Marx apresentou as relações entre capital e trabalho e a alienação como um estado que torna o(a) trabalhador(a) estranho(a) e alheio(a) ao produto do seu próprio trabalho, as relações entre o(a) trabalhador(a) com a produção e a realidade em que trabalha (Sandoval, 2020).

A lógica da valorização da produção de bens e serviços influencia o comportamento baseado na produtividade dos(as) trabalhadores(as), e, com isso, o interesse do(a) trabalhador(a) passa a estar reduzido (Chatterton; Pusey, 2020), associado a quantidade de serviços e ganhos financeiros que poderá obter com a produtividade.

A crescente busca pela elevada produtividade entre os(as) trabalhadores(as) os(as) torna como que centrados(as) apenas nos motivos econômicos do trabalho e cegos(as) para outras questões importantes como as condições sociais, econômicas e políticas em que estão inseridos(as), esta situação evidencia a exploração do trabalho para gerar lucros para outras pessoas (Sandoval, 2020).

A adoção da gestão da produtividade por trabalhos feitos no ambiente das plataformas digitais revela que as empresas recorrem às técnicas utilizadas pelo sistema taylorista (Chatterton; Pusey, 2020; Törnberg, 2023), aplicados nas indústrias no século XIX onde o(a) trabalhador(a) possuía tão somente a compreensão limitada também da etapa de produção do produto pertinente a sua responsabilidade.

Outro aspecto que evidencia a alienação do(a) trabalhador é a falta de conhecimento sobre as regras de funcionamento do trabalho e da gestão de dados definidas pelas plataformas digitais, (os) dados que são obtidos pelos procedimentos de coleta a partir da prestação dos serviços por trabalhadores(as) nos aplicativos. Essa situação de total ausência de transparência favorece as relações de trabalho marcadas pelo poder hegemônico das plataformas sobre os(as) trabalhadores(as) (Fuchs, 2021).

A falta de transparência também evidencia um processo de comunicação alienada no ambiente do trabalho digital (Fuchs, 2021) pela própria influência das regras estabelecidas pelas plataformas digitais, a exemplo da falta de respostas obtidas pelos(as) motoristas(as) de aplicativos de transporte, quando esses(as) motoristas(as) sentem necessidade de orientação e apoio, não há suporte para as situações-problema (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021).

A dimensão cultural da precarização envolve as práticas de gestão de pessoas aplicadas pelas plataformas que podem limitar a liberdade dos(as) trabalhadores(as) durante a

realização do trabalho (Fuchs, 2021), a exemplo da imposição de viagens (de) valores baixíssimos definidos pelos algorítmicos impostos aos(as) trabalhadores(as) que aceitam essas viagens pelo receio de serem desligados do aplicativo e, dessa maneira, não terem a oportunidade de continuarem trabalhando.

Assim, uma relação de trabalho que não dispõe de oportunidades de escolha às partes envolvidas para realização do trabalho, se mostra como relação de trabalho que afirma e valoriza os valores do autoritarismo digital e da intolerância nas relações (Battilana et al., 2022).

Outro aspecto revelador das condições precárias nessa dimensão são os desgastes das práticas sociais baseadas nos valores de segurança, espiritualidade, comunidade, ampla defesa e contraditório pelas regras estabelecidas pelas plataformas digitais, que mostram total desvalorização do vínculo de trabalho e dos direitos sociais para esses(as) trabalhadores(as), a exemplo do sistema de avaliação pelos clientes nos aplicativos referente aos serviços realizados, dependendo da pontuação obtida a empresa permite ou não o acesso a outros benefícios, e pontuações baixas ou reclamações de clientes podem levar ao desligamento de motoristas (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021).

As pesquisas apresentam que a dimensão cultural da precarização é construída a partir das contribuições das várias fases do capitalismo (Törnberg, 2023). O capitalismo industrial com os valores do trabalho centrado nas hierarquias do modelo taylorista de empresa, em seguida os valores de controle de cima para baixo na direção das empresas para garantir a produção em massa e o individualismo, defendidos na época do fordismo e, atualmente os valores do consumo automatizado pelo estímulo às relações de compra e venda nas plataformas digitais e de desconhecimento através da falta de transparência das regras de trabalho, além de decisões que criam um clima de desconfiança e de dominação (Fuchs, 2021). As dimensões da precarização do trabalho por plataformas digitais no Brasil podem ser observadas no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Dimensões da precarização do trabalho por plataformas digitais no Brasil

Dimensão	Descrição	Exemplos	Autores
Social	Situações que causam a redução de direitos e da qualidade de vida do trabalhador	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ausência de um local físico para a realização do trabalho e para criação de vínculos coletivos; ✓ A modificação da categoria funcional de empregados para categoria de empreendedores ou contratados independentes; ✓ As jornadas de trabalho são longas que provocam problemas de saúde e ausência de 	Doorn (2017); Cañada, Izcarra e Zapata Campos (2023); Fuchs (2021); Papadimitripoulos (2021).

		equipamentos de proteção individual; ✓ A discriminação e o preconceito em razão de raça, gênero.	
Econômica	Situações que geram a redução da renda dos trabalhadores, e o aumento da exploração do trabalho pela valorização da lógica <i>just in time</i>	✓ A desigualdade de distribuição de riqueza através do incentivo aos trabalhadores considerados mais “produtivos” e o uso de punições para trabalhadores “menos produtivos” pelas plataformas de viagens; ✓ O pagamento por produtividade aos trabalhadores estimulado pela lógica de mercado da produção de mercadorias para acumulação de lucros; ✓ O valor das viagens e das entregas são baixos e estabelecidos de maneira unilateral pelas plataformas.	Chatterton e Pusey (2020); Cañada, Izcarra e Zapata Campos (2023); Kwan (2021) e Battilana et al. (2022).
Política	Situações que geram a diminuição da ação coletiva de reivindicação de direitos pelos trabalhadores e o estímulo a alienação no ambiente de trabalho	✓ Ausência de compreensão das regras que organizam o trabalho e das decisões da empresa pelos trabalhadores; ✓ O estímulo ao trabalho isolado, individualizado que gera distanciamentos e descrença na política e na organização coletiva da classe trabalhadora para lutar por melhoria nas condições de trabalho; ✓ A especialização do trabalhador através do trabalho sob demanda com atividades específicas, de fácil aprendizagem e repetitivas.	Cañada, Izcarra e Zapata Campos (2023); Chatterton e Pusey (2020); Doorn (2017); Fuchs (2021); Papadimitripoulos (2021); Sandoval (2020).
Cultural	Situações que criam relações de trabalho baseadas no desconhecimento de informações do trabalho, vigilância de trabalhadores, competição, ideologia do lucro e isolamento.	✓ Os trabalhadores não podem escolher os serviços e não podem cancelar em excesso as viagens; ✓ Os resultados do sistema de avaliação da qualidade são utilizados para criar classificações dos trabalhadores e a distribuição ou não de acessos e benefícios no trabalho por plataforma de viagens; ✓ Motoristas não podem apresentar defesa sobre pontuações baixas dadas pelos clientes; ✓ Desligamentos de motoristas sem justificativas claras.	Fuchs (2021); Battilana et al. (2022); Törnberg (2023).

Fonte: Elaboração própria com base em Battilana et al. (2022), Bassetti et al. (2019), Cañada; Izcarra; Zapata Campos (2023), Campos (2023), Chatterton; Pusey (2020), Fuchs (2021), Doorn (2017), Papadimitripoulos (2021), Kwan (2021), Sandoval (2020) e Törnberg (2023).

Conforme o que foi apresentado, essas dimensões de precarização são próprias do contexto do capitalismo e estão tipificadas no trabalho de plataforma. Entretanto, pressupõe-se que essas dimensões no âmbito do trabalho cooperativado via plataformas devem ter traços específicos. Essas dimensões serão apresentadas e discutidas na seção seguinte.

2.2 O COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA

O trabalho digital tem criado um ambiente político para o fortalecimento do capitalismo de plataforma, as formas de extração de valor através das plataformas digitais como Uber, Deliveroo, Ifood, TaskRabbit, possibilitaram a acumulação de lucros às grandes corporações (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023), por meio do trabalho precário com baixos salários e do trabalho com estímulos à alienação pela perda de consciência e controle do(a) trabalhador(a) sobre o seu trabalho e dos meios de produção (Doorn, 2017).

A partir das consequências devastadoras do trabalho precário evidenciadas na contratação de mão de obra informal pelas plataformas digitais, como: a redução de direitos sociais do trabalho (férias, 13º salário, descanso remunerado etc.) pelo cenário de flexibilidade da legislação trabalhista e a exploração da força de trabalho pelo estímulo ao salário por produtividade, surgiram debates críticos sobre a real necessidade de resistência à precarização do trabalho na economia de plataforma, através do movimento global intitulado Cooperativismo de Plataforma.

O termo Cooperativismo de Plataforma foi criado por Trebor Scholz, em um artigo intitulado “Platform Cooperativism Vs. The Sharing Economy” em 2014, onde o termo é apresentado como uma mentalidade de mudanças tecnológicas, culturais, políticas e sociais na economia de plataforma (Sandoval, 2020). O cooperativismo de plataforma propõe que alternativas de organização do trabalho coletivo baseado na propriedade e controle democrático são possíveis para enfrentar o poder econômico hegemônico das plataformas digitais, reduzindo a exploração do trabalho precário por meio de melhorias nas condições econômicas de salários e benefícios aos(as) trabalhadores(as) (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020; Fuchs, 2021).

As cooperativas de plataforma são organizações sociais digitais que surgem a partir das experiências de trabalhadores(as) com (as) longas jornadas de trabalho nas plataformas e inconformados(as) com essas péssimas condições de trabalho, decidem atuar no ambiente da economia de plataforma através da cooperação de recursos, ressignificando o compartilhamento e o trabalho (Chatterton; Pusey, 2020).

Segundo Fuchs (2021), as cooperativas de plataformas são plataformas digitais de internet em que a propriedade coletiva e a governança democrática são exercidas pelos(as) trabalhadores(as).

A partir da aplicação dos valores sociais da solidariedade e equidade, a noção de

compartilhamento passa a estar associada a maior participação e propriedade dos(as) trabalhadores(as) nas plataformas, principalmente quando se torna necessário a tomada de decisão, quando podem participar ativamente do processo decisório, trazendo suas contribuições (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023).

A partir disso, a ressignificação do trabalho nas cooperativas de plataforma passar pelo foco na descentralização de responsabilidades, o que permite mais autonomia de realizar o trabalho (Battilana et al., 2022), na medida em que há consciência do(a) trabalhador(a) em relação ao processo de produção de bens e serviços. Ou seja, a lógica do cooperativismo de plataforma está direcionada a criar mudanças sociais mais amplas, como a geração de empregos e renda justos e a defesa de bens comuns.

Outro fator que evidencia a ressignificação do trabalho é o estímulo à prática de cooperação dos(as) trabalhadores(as) na realização do trabalho para obtenção de resultados sociais que podem ser usufruídos por toda sociedade. Difere, portanto, da prática de competição e individualização que incentivam o ganho individual e acumulativo nas plataformas convencionais (Battilana et al., 2022).

O movimento do Cooperativismo de plataforma possui abrangência global, a exemplo de cooperativas como Stocksy, uma plataforma de propriedade dos artistas que trabalham com fotografias, com sede no Canadá, EUA. A Stocksy atua no ramo cultural através do aceite e do fornecimento de fotografias e vídeos de artistas que participam do ecossistema cooperativo (Chatterton; Pusey, 2020).

Outra iniciativa que obteve destaque internacionalmente é a cooperativa de plataforma Up&Go, com sede em Nova Iorque, Estados Unidos, a qual foi criada em 2017 (Morse, 2020). A Up&Go é formada por trabalhadoras imigrantes da América Latina em Nova Iorque que atuam no ramo de limpeza doméstica, contudo, por encontrarem dificuldades para entrar no mercado de trabalho de serviços de faxina, como o domínio do idioma e altos valores de comissões exigidos pelas empresas, essas trabalhadoras decidiram fundar uma cooperativa para possibilitar acesso ao trabalho e renda. Com apoio de uma organização não governamental (ONG) chamada Center for Family Life (CFL) na cidade de Nova Iorque e de uma incubadora de uma universidade, houve o investimento de capital para desenvolver o aplicativo e o *site*; assim, os serviços são oferecidos pelo aplicativo, as cooperadas recebem 95% (noventa e cinco por cento) do valor pago pelos clientes e os 5% (cinco por cento) são computados para manutenção da cooperativa (Morse, 2020).

A diversidade de cooperativas de plataforma demonstra as possibilidades do

movimento do Cooperativismo de plataforma não ser somente um projeto ou uma utopia, mas tornar-se autêntico com modelos de negócios online que criem mecanismos de distribuição de renda mais equitativos através da descentralização, cooperação, copropriedade e controle democrático.

A forma de gestão escolhida por essas cooperativas acima mencionadas depende dos objetivos de sua criação, mas Scholz apresenta dez princípios do cooperativismo de plataforma que facilitam a direção das pessoas para o trabalho cooperativo por plataforma (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020). Primeiramente, a propriedade coletiva como princípio que possibilita resgatar o valor da propriedade da plataforma pelas pessoas que obtêm benefícios do trabalho digital, de forma a também estimular a copropriedade democrática pelos(as) trabalhadores(as) que poderão ter um comportamento mais participativo e crítico na gestão da cooperativa (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

O pagamento decente e a seguridade de renda propiciam uma qualidade nas condições de obtenção de salários aos membros da cooperativa, criando um ambiente facilitador de trabalhos com salários justos e empregos mais seguros (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

A transparência e a portabilidade de dados referem-se aos valores de responsabilidade e ética pública digital, as práticas de gestão de comércio eletrônico como orçamentos de projetos que devem ser disponibilizados publicamente aos cooperados. A transparência de dados envolve também o uso e a análise de dados dos(as) clientes, que podem ser usados para criar projetos que gerem benefícios sociais (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

A apreciação e o reconhecimento dizem respeito ao efeito gerado pela copropriedade democrática que possibilita a experiência de um ambiente de trabalho baseado nos valores da comunicação, aprendizagem, cooperação e ajuda mútua (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

O trabalho codeterminado é o princípio que busca colocar as pessoas como agentes relevantes para todo o fluxo de trabalho na plataforma cooperativa, assim as chances de criar mais cooperação no trabalho são maiores pela participação das pessoas desde o início das atividades da cooperativa (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

A moldura jurídica protetora se refere aos mecanismos de assistência jurídica demandados pelas plataformas cooperativas, devido a forma alternativa de organização

autônoma da produção, que se contrapõe ao formato de produção para gerar lucro do capitalismo (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

A proteção trabalhista potável e os benefícios consistem na disponibilização de mecanismos de benefícios e proteções sociais do trabalho para trabalhadores(as) de cooperativas de plataforma, trabalhadores(as) das plataformas convencionais e trabalhadores(as) da economia formal, de forma a evitar a insegurança do emprego (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

A proteção contra o comportamento arbitrário é o princípio que preconiza a proteção de trabalhadores(as) contra o poder de disciplina em excesso das plataformas digitais de maneira a evitar relações assimétricas de dominação que gerem punições abusivas e demissões arbitrárias (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

A rejeição da vigilância excessiva está associada à resistência às práticas de vigilância que buscam controlar comportamentos para uma eficiência no trabalho. As cooperativas de plataforma podem utilizar outros mecanismos disponíveis para criar ambientes de trabalho participativos, como a distribuição equitativa de valor entre cooperados(as) (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

O direito de se desconectar refere-se à concepção do tempo de realização do trabalho digital como tempo de qualidade no trabalho. As cooperativas de plataforma podem aplicar esse princípio através de um cronograma de atividades que considerem o tempo no trabalho digital, o tempo para participar de um trabalho voluntário e o tempo para atividades de interesse pessoal dos membros de modo a evitar jornadas exaustivas (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Sandoval, 2020).

O cooperativismo de plataforma possui um modelo organizacional de bases muito próximas com o cooperativismo tradicional, além do próprio vínculo histórico com o cooperativismo a partir da criação da primeira cooperativa em 1844 em Rochdale na Inglaterra, quando 27 homens e 1 mulher decidem formar essa cooperativa, há também os pilares como a cooperação entre as pessoas, a transformação social mediante o impacto gerado com os produtos vendidos e o equilíbrio entre os fatores de produtividade e sustentabilidade, individual e coletivo (Battilana et al., 2022).

Contudo, alguns contrastes são identificados entre os dois modelos que se referem ao posicionamento político destacado no modelo do cooperativismo de plataforma, os objetivos políticos são direcionados à resistência organizada de trabalhadores(as) ao modelo extrativista de valor do trabalho informal que gera a precarização do trabalho e da vida de muitos(as)

trabalhadores(as) (Sandoval, 2020).

O fator tecnológico é outro importante elemento distintivo do modelo de cooperativas de plataforma, o foco de realização da produção dos(as) cooperados(as) é o ambiente digital (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020; Fuchs, 2021), organizado em rede que pode conectar um maior número de consumidores(as), empresas, e trabalhadores(as), num ritmo que agrega flexibilidade e rapidez na realização dos serviços, desta maneira a configuração tecnológica contribui para a exigência de maiores esforços de cooperação pelas ameaças geradas com o empreendedorismo digital com a cooptação desses(as) trabalhadores(as) (Battilana et al., 2022).

Apesar das diferenças entre os dois modelos de cooperativismo, o modelo de cooperativismo de plataforma ganha destaque no contexto dos desafios colocados aos países subdesenvolvidos na contemporaneidade, principalmente porque possuem baixos índices de desenvolvimento tecnológico, econômico e social decorrentes de problemas estruturais, como: desigualdade de renda, desnutrição de crianças e adultos, analfabetismo, alto número de pessoas que moram nas ruas pela falta de moradias, desigualdade de acesso ao ensino superior etc. (Zanata, 2022).

Em relação a análise do modelo do cooperativismo de plataforma enquanto organização social e econômica que visa a aplicação de esforços de gestão para alcançar objetivos sociais e econômicos, esse modelo possui aproximações com o modelo organizacional orgânico ou da organização orgânica elaborado pelos pesquisadores Tom Burns e Gm Stalker em 1961 (Battilana et al., 2022; Charles; Ferreras; Lamine, 2020).

As organizações inseridas no ambiente externo de rápidas mudanças passam a realizar um planejamento global das atividades, considerando essas mudanças do ambiente externo, também existe uma maior ênfase na comunicação informal que gera maior participação entre os(as) funcionários(as) para realizar as atividades, o poder nesse tipo organizacional decorre dos relacionamentos criados nos grupos que favorecem o clima de inclusão social e proatividade na proposição de tomada de decisão (Battilana et al., 2022).

A governança democrática dos trabalhadores proporciona uma estrutura organizacional dinâmica que traz a capacidade de adaptação às mudanças, como também uma estrutura organizacional mais horizontal que reduz os níveis organizacionais e agiliza o fluxo de informações entre as pessoas da cooperativa.

As cooperativas de plataforma possuem uma estrutura caracterizada pela governança democrática que permite o processo decisório descentralizado para ter um envolvimento mais

ativo das pessoas do nível operacional com o nível de topo da administração da organização, nessa estrutura a especialização do trabalho é reduzida devido as oportunidades geradas para os(as) trabalhadores(as) de realizarem outras atividades que possibilitem um conhecimento maior da organização (Battilana et al., 2022; Törnberg, 2023).

Assim, é possível, a partir da discussão até aqui erigida, e com base nas análises dos trabalhos, selecionados após revisão sistemática de literatura realizada com o apoio do software StArt, desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR/SP), e de autores com pesquisas que tratam da temática do trabalho e o cooperativismo de plataforma, a elaboração do quadro 2 com a apresentação de traços ou particularidades do Cooperativismo de Plataforma, para fins de sua melhor caracterização.

Quadro 2 – Principais traços do cooperativismo de plataforma

Cooperativismo de Plataforma	
Dimensão	Descrição
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Modelo de produção de bens e serviços com o objetivo de atender as necessidades sociais ou promover mudanças sociais; ✓ Organização baseada na cooperação de recursos e do trabalho para gerar maior distribuição de riqueza entre os cooperados; ✓ Economia emergente centrada no trabalho cooperativo para produção de bens e serviços que gerem sustentabilidade social e ambiental.
Tecnológico	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Modelo alternativo de propriedade de internet; ✓ Concepção de criação e manutenção de plataformas de propriedade de trabalhadores, de sindicatos ou de cidades; ✓ Uso da tecnologia para reunir e organizar os trabalhadores coletivamente.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A governança democrática da plataforma pelos trabalhadores para exercerem o direito de planejar e controlar o trabalho, a tecnologia e a produção de bens e serviços; ✓ A valorização do trabalho humano para superação dos efeitos da automação e digitalização nas relações de trabalho; ✓ O trabalho com condições reduzidas de precariedade pela maior segurança de emprego, salário e pelo estímulo ao trabalho emancipador contrapondo-se as situações de alienação.
Política	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Organização com foco na participação crítica do trabalhador sobre problemas e geração de soluções que reduzam a precarização do trabalho digital sob demanda; ✓ Modelo de gestão que estimula a organização coletiva dos trabalhadores para lutar por direitos do trabalho digno, renda, transporte público, dignidade humana; ✓ Modelo que valoriza o pensamento e atitude coletiva da sociedade no cuidado com as pessoas, organizações, cidade, meio ambiente para diminuir ou desestimular o individualismo.

Fonte: Elaboração própria com base em Scholz (2016), Charles, Ferreras e Lamine (2020), Chatterton, Pusey (2020), Muldoon (2020), Papadimitropoulos (2021), Fuchs (2021), Battilana et al. (2022), Grohmann (2022), Törnberg (2023); Salvagni, Silva e Veronese (2023), Magalhães (2023) e Cañada, Izcarra, Zapata Campos (2023).

Todavia, embora esses traços possam ser realçados, a forma como eles se apresentam na realidade pode variar. Isso porque, o modelo de cooperativa de plataforma é influenciado também pelo modelo de empresa capitalista devido a convivência com o ambiente de mercado das empresas de plataforma, e também utilizar a lógica do mercado para atingir objetivos sociais, por isso são consideradas um tipo ambivalente de organização social.

A característica ambivalente da organização refere-se a flutuação entre as lógicas do mercado e o social (Sandoval, 2020), durante os momentos que traz a essas cooperativas de plataforma os riscos de se tornarem organizações capitalistas pela prática do empreendedorismo digital e também de abandonar os propósitos políticos que impulsionaram sua criação, como a busca de melhores condições de trabalho e a defesa do trabalho menos alienante que estimula a participação ativa de trabalhadores(as) através da conscientização e ação reivindicatória de direitos trabalhistas.

Alguns pesquisadores apresentam críticas ao modelo do cooperativismo de plataforma como Bawwens e Kostakis (Fuchs, 2021), que afirmam que o modelo do cooperativismo de plataforma não consegue competir com as plataformas digitais por aplicar um sistema fechado de direitos autorais, eles apresentam como solução a viabilidade de integração do cooperativismo de plataforma ao modelo de cooperativismo aberto que usa a produção de pares para bens comuns (Sandoval, 2020).

O cooperativismo aberto possui uma abrangência maior que o cooperativismo de plataforma (Chatterton; Pusey, 2020; Fuchs, 2021), essa corrente de pensamento e de práticas está centrada nos Commons, definidos como recursos ou formas alternativas de espaço de produção onde as pessoas podem agir mais livremente em relação as regras dos mercados capitalistas, os recursos utilizados são sem fins lucrativos e estão disponíveis para todos(as).

As cooperativas abertas utilizam a lógica dos Commons para produção, assim pode haver a produção de Commons imateriais - software de código aberto, ou Commons materiais - limpeza de áreas para uso em parques públicos (Fuchs, 2021).

Contudo, o cooperativismo de plataforma é considerado um movimento decorrente dos reflexos das discussões geradas entre a sociedade civil, pesquisadores(as), e integrantes de movimentos sociais urbanos que apoiam e se identificam com a causa social de defesa de formas de trabalho menos precárias que assegurem condições de saúde e de segurança aos(as) trabalhadores(as) (Battilana et al., 2022; Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

Outra influência importante para o cooperativismo de plataforma foi o movimento que discute pesquisas sobre o potencial da internet através da aplicação de tecnologias de código

aberto propagada pela *Open Source Initiative* (OSI), que também abordam o cooperativismo aberto e propiciam principalmente o desenvolvimento de softwares descentralizados com a cooperação aberta.

O potencial da tecnologia de código aberto possibilita mudanças sociais por meio da livre distribuição que não restringe a venda ou a distribuição do programa. A ideia da livre distribuição da licença desses programas pode ajudar na criação de cooperativas de plataforma que utilizem o código aberto no seu processo de criação e de produção de produtos para atender uma necessidade social (Chatterton; Pusey, 2020).

O ambiente da economia de plataforma mostra que a realidade das cooperativas de plataformas e das plataformas digitais tradicionais são muito contrastantes. As altas expectativas com a geração de negócios no modelo das plataformas digitais são explicadas com o exemplo da euforia inicial com a reserva de hospedagens em casas de bairros nas cidades europeias por meio da plataforma digital Airbnb, no início a expectativa foi muito elevada durante todo o ano de 2008. A expectativa criada com a criação da Airbnb era inicialmente de redução das despesas com aluguel de hospedagens em condomínios, casas de veraneio ou apartamentos durante os períodos curtos de permanência por pessoas interessadas em realizar experiências de turismo.

Contudo, a ideia principal da Airbnb, plataforma capitalista online com sede em São Francisco – Califórnia - nos Estados Unidos, de disponibilizar serviço online de anúncio e reserva com pagamento de aluguel a preços baixos para hospedagem, foi perdendo o brilho inicial como proposta atrativa e lucrativa, o grande público por aluguéis de curto prazo foi aumentando gerando nas cidades turísticas problemas sociais, como: insuficiência de infraestrutura de transporte, de serviços públicos, de segurança e de condições precárias do trabalho de profissionais do turismo.

A ideia do compartilhamento de espaços para hospedagem beneficiou muito mais alguns os que detinham mais condições econômicas para prover serviços de aluguel de casas. Entretanto, um movimento alternativo à economia compartilhada de reservas de casas passou a ganhar força em alguns países, a plataforma cooperativa Fairbnb surgiu como resposta à insatisfação dos(as) usuários(as) e dos(as) moradores(as) das casas quanto aos efeitos gerados com o turismo de massa nas cidades, que não beneficiaram a maior parcela das pessoas envolvidas nas próprias cidades.

A proposta do Fairbnb, por exemplo, ganha destaque no cenário internacional pela capacidade de incluir maior número de participantes dos benefícios econômicos e sociais

gerados com o projeto da plataforma cooperativa de aluguel de hospedagem, como a governança democrática, nas palavras dos promotores da plataforma “*Queremos oferecer uma alternativa centrada na comunidade que priorize as pessoas em detrimento do lucro*” (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020).

O exemplo da plataforma Fairbnb demonstra como o movimento do cooperativismo de plataforma é configurado como uma transição para o modelo de organização democrática inserido na economia de plataforma; não é um abandono da dimensão racional do melhor uso de recursos nas empresas, mas diz respeito a novas formas de organização social e econômica, “modelos de propriedade democrática para a Internet” (Scholz, 2016, p. 18).

O aspecto da democratização da propriedade da plataforma introduz trabalhadores(as) ou usuários(as) como partes principais no processo de tomada de decisão, conferindo ao cooperativismo de plataforma (as) características de um movimento alternativo à economia compartilhada, que se define como essencialmente centrada na extração do trabalho excedente com a exploração do(a) trabalhador(a) (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020), e na possibilidade de tornar-se um modelo alternativo socialmente sustentável que promove o acesso ao trabalho com condições mais justas de distribuição de riqueza, poder e condições de protagonismo para os(as) trabalhadores(as) que podem planejar e controlar o trabalho e seus resultados na comunidade local.

O modelo de organização alternativa preconizado pelo cooperativismo de plataforma traz a inovação quanto ao estímulo de estruturas organizacionais descentralizadas que favoreçam um trabalho mais justo. A pesquisa realizada por Charles, Ferreras, e Lamine (2020) sinaliza que a configuração institucional democrática centrada na capacidade coletiva dos membros de cooperativas de plataforma, a exemplo do caso Smart na Bélgica, pode reduzir a precarização do trabalho manifestada em quatro fontes de incerteza: instabilidade dos rendimentos; a falta de acesso às prestações do sistema de segurança social Belga; a procura de expressividade e autonomia em seu trabalho; e a presença disruptiva da tecnologia em seu trabalho (Charles, Ferreras, E Lamine, 2020).

O caso da cooperativa de plataforma Smart ilustra o potencial existente na empresa cooperativa de plataforma para prover proteções de direitos trabalhistas de uma categoria que não recebe tanta atenção das políticas sociais do Estado Federal Belga: os *freenlancers*. O objetivo da Smart é atrair a adesão pela filiação de artistas *freenlancers* e outros *freenlancers* à cooperativa e prover as garantias do trabalho assalariado a esses(as) trabalhadores(as), de maneira que a capacidade coletiva venha trazer maior segurança e também oportunidade de

usufruir do direito ao trabalho justo e os seus benefícios.

Um dos fatores que marca a realidade da precarização do trabalho por plataformas é a longa jornada de trabalho diária que muitos(as) trabalhadores(as) cumprem, para obter ganhos econômicos consideráveis. A pesquisa feita por Jack (2020) revela que existe por trás dessas longas jornadas de trabalho um ciclo de baixos valores pagos aos(as) trabalhadores(as) pelos trabalhos realizados, alimentado pelos incentivos de metas com bonificação que geram mais aumento do trabalho com a exploração da força de trabalho nas plataformas.

A dinâmica criada para realização do trabalho nas cooperativas de plataformas possui caracterização diferente das plataformas digitais, elas crescem economicamente pela reprodução da dinâmica de produção e do trabalho humano. As cooperativas de plataforma representam uma possibilidade de mudança do padrão de modelo organizacional tradicional baseado exclusivamente na racionalidade capitalista ou racionalidade instrumental, onde o mercado ocupa posição central no direcionamento de decisões sobre a gestão de pessoas, relações de trabalho e processo produtivo.

O modelo organizacional das cooperativas é definido como pertencente ao novo padrão alternativo de formas organizacionais democráticas resistentes às condições de exploração do trabalho, à precarização dos valores de salários e à ausência dos direitos do(a) trabalhador(a), o ideal do trabalho cooperativo de plataforma passa pela introdução de outra dinâmica, a dinâmica da democratização do trabalho.

As discussões sobre o conceito e a prática da democratização do trabalho surgiram através dos debates entre acadêmicos(as), trabalhadores(as) e movimentos sociais sobre a crise humanitária mundial, realizados no 1º Fórum Mundial para a Democratização do Trabalho, evento internacional ocorrido na primeira semana de outubro de 2021, na modalidade online, o fórum foi o ponto de partida para o movimento global pela democratização de empresas e a garantia de empregos a todos(as) (Outraspalavras, 2021).

A crise mundial está manifestada cada vez mais a cada dia na sociedade global, com expressões no aumento da degradação ambiental nos ecossistemas naturais ao redor do mundo (Bruno, 2021). Outra expressão da crise esta na intensificação do desemprego com as demissões em massa nas empresas pelo processo avançado de reestruturação produtiva que enfatiza a racionalização dos processos para a geração de menor custo e maior lucratividade às empresas (Foti, 2017).

E, na perda de espaços democráticos nas empresas e na sociedade em geral, a exemplo de baixa participação de trabalhadores(as) nos conselhos de administração com direito a voz e

vez para decidir sobre ações que afetem o trabalho realizado pelos(as) trabalhadores(as) e o futuro do trabalho (Battilana et al., 2022).

Direcionar esforços de pesquisa e discussões acadêmicas que estudem com mais profundidade as formas alternativas de organização democrática é uma das maneiras possíveis de criar espaços de reflexão sobre a crise mundial, decorrente da realidade construída pelas organizações corporativas que cresceram economicamente e ainda estão se expandindo para outros mercados. Porém a atenção volta-se para a realidade de organizações alternativas, como as cooperativas de plataforma, que podem ser a mudança para a democratização do trabalho dentro do próprio sistema capitalista, mesmo com as tensões entre as ambivalências dos objetivos sociais e econômicos (Sandoval, 2020).

Os princípios do movimento do cooperativismo de plataforma apresentam associação com os três aspectos do processo de democratização do trabalho (Outraspalavras, 2021). A participação dos(as) trabalhadores(as) nas decisões da cooperativa de plataforma é o primeiro aspecto concretizado na governança democrática, a prática de uma maior descentralização do poder dos(as) trabalhadores(as) para participar de conselhos de administração, ou mesmo das instâncias de decisão coletiva nas empresas pode ser um caminho para inserir os(as) trabalhadores(as) no processo de planejamento da gestão da plataforma e nas decisões da rotina de trabalho, decisões como: Como realizar o trabalho? Que recursos serão necessários para realizá-lo? Quem será responsável? Quanto tempo será preciso para realizar o trabalho?

O segundo aspecto diz respeito a ideia da democratização do trabalho, esse aspecto pode ser identificado na lógica de produção dos bens comuns, existem alguns serviços, como os serviços de saúde, que não podem ser organizados e avaliados segundo a lógica apenas do mercado, os seus objetivos de organização e os interesses estão focados para atender as necessidades sociais com impacto na vida de uma maior quantidade de pessoas.

A democratização do trabalho alcança a proposta do cooperativismo de plataforma na medida em que utiliza outros critérios para organizar e avaliar o modelo organizacional das cooperativas. O critério útil de capacidade de produção social que permitem criar novos circuitos econômicos, almejando produzir bens e serviços que atendam as necessidades de comunidades locais é um deles porque propicia o acesso ao trabalho e a renda pelas pessoas que moram nessas localidades.

Também, o negócio social pode gerar receitas com negócios cooperativos que favoreçam a permanência desses recursos financeiros nessas próprias localidades, e o critério

de gerar oportunidades de trabalho digno que assegure o acesso e os benefícios inerentes ao trabalho (Outraspalavras, 2021).

O terceiro aspecto é a responsabilização ambiental, desenvolvido através da propriedade coletiva da plataforma que influencia a tomada de condutas dos membros da cooperativa com a resolução de problemas sociais através da execução de projetos sociais, como o projeto Fairbnb que mantém as receitas dos aluguéis gerados com as hospedagens de casas e apartamentos nas próprias cidades onde o turismo é a principal atividade econômica (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020), e o projeto da plataforma brasileira CATAKI app que oportuniza acesso ao trabalho com condições justas e dignas à categoria dos(as) trabalhadores(as) catadores(as) de materiais recicláveis (Bruno, 2021).

O trabalho cooperativo por plataformas trouxe a perspectiva das discussões sobre a tecnologia livre, o conhecimento livre e especificamente uma internet do povo, nas palavras de Scholz essa perspectiva assume posição central no entendimento do conceito do cooperativismo de plataforma, “um futuro diferente do trabalho é possível; uma Internet do Povo é possível!” (Scholz, 2017, p. 164).

A ideia da Internet do povo possui relação com o modelo de propriedade coletiva das cooperativas de plataforma que dá ênfase a contribuição das pessoas que atuam como trabalhadores-proprietários, a proposta de mudança de propriedade da Internet controlada pelos grupos empresariais para a propriedade da Internet controlada pelos(as) trabalhadores(as) representa pontencial transformador das bases do poder econômico das organizações. De certa forma, as cooperativas de plataforma se apresentam como alternativa de distribuição de riqueza e de poder entre as pessoas de classe social mais baixa, uma propriedade de Internet organizada e controlada pelas pessoas que ocupam a base da pirâmide das classes da sociedade capitalista.

A propriedade da Internet do Povo atinge também muito a base de outra pirâmide, a pirâmide da economia com expressões mais modernas na lógica extrativista da economia de plataforma, a pirâmide da economia de plataforma que eleva a renda de alguns poucos em detrimento de uma maioria que sobrevive com baixo valor de renda mensal e sem condições de acesso ao trabalho estável nas plataformas (Schor; Vallas, 2021).

Porém, as cooperativas de plataforma não estão totalmente inseridas na dinâmica de uma Internet aberta e colaborativa de todos(as) para todos(as), e principalmente na produção de bens comuns de forma aberta e acessível para todos(as) (Sandoval, 2020). As cooperativas participam da economia de plataforma e adotam práticas comerciais que as caracterizam como

empresas cooperativas, diferenciando-as das práticas de organizações de produção de pares que se baseiam em participações voluntárias sem contrapartidas de pagamentos pelos trabalhos (Fuchs, 2021).

Sandoval (2020) utiliza como ilustração para essa condição diferenciada da produção de pares, o caso da Wikipédia como espaço digital com artigos produzidos e disponibilizados de forma acessível para todos, mesmo que já existam usos comerciais do conteúdo produzido e contido na Wikipédia.

As cooperativas de plataforma se diferenciam da produção entre pares porque possuem o foco diretamente voltado para o benefício econômico, social, político, e cultural de um grupo, que são os(as) trabalhadores-membros (Scholz, 2016).

O sentido do cooperativismo de plataforma está em promover condições de trabalho e renda justa para os membros, de forma a reduzir a precarização do trabalho evidenciada pela exploração do trabalho por plataformas sem garantias de direitos e sem segurança física (Scholz, 2016).

A partir dessa revisão de literatura sobre as características do trabalho em cooperativas de plataforma foi possível elaborar um quadro com as implicações identificadas na literatura. No Quadro 3, podem ser observadas as implicações da precarização no cooperativismo de plataforma.

Quadro 3 – Implicações da precarização no Cooperativismo de Plataforma

Implicações da precarização no Cooperativismo de plataforma	
Dimensão	Descrição
Social	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A qualidade de vida no trabalho pela diminuição de adoecimentos no trabalho e relações humanas de cooperação; ✓ A proteção social aos trabalhadores pela cobertura jurídica e legal do sistema da cooperativa; ✓ A oportunidade de inclusão social de grupos marginalizados socialmente.
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A economia solidária como alternativa para gerar maior igualdade de renda; ✓ Maiores oportunidades de estabilidade nos salários e nos empregos para evitar o desemprego; ✓ O processo de produção de mercadorias possui o foco na transformação social com as vendas na plataforma.
Político	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Modelo de plataforma democrática para estímulo do processo de decisão que envolva todos os trabalhadores interessados na mudança do trabalho precário para o trabalho humano mais digno; ✓ A organização coletiva de trabalhadores para exercer a luta por direito ao trabalho digno nas plataformas; ✓ A perspectiva sobre o futuro do trabalho, o uso da tecnologia para auxiliar o trabalho e o pensamento crítico dos trabalhadores.

Cultural	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A solidariedade entre os trabalhadores é estimulada pela lógica da propriedade coletiva da plataforma que cria as atitudes de corresponsabilidade, cooperação e aprendizagem em grupo com a gestão da plataforma; ✓ A cultura da democracia no ambiente é fortalecida pela criação de plataformas baseadas na decisão participativa, ausência de hierarquia e transparência; ✓ O ambiente de trabalho cooperativo gera valores de empoderamento, comunidade, consciência de classe trabalhadora, inclusão e igualdade social.
----------	---

Fonte: Elaboração própria com base em Bauwens e Ramos (2018), Doorn (2017), Scholz (2016) e Schor e Vallas (2021).

2.2.1 Implicações Sociais

A expansão das plataformas digitais nos mercados, internacionalmente, demonstra a capacidade de influência para a expropriação da propriedade das pessoas e fomentar o processo de acumulação de capital (Chatterton; Pusey, 2020).

Esse processo de expropriar é também um fechamento violento gerado pelo sistema capitalista para estimular a propriedade privada dos meios de produção, um processo essencial do capitalismo e implementado ao longo da história, a exemplo dos cercamentos de terras comuns na Inglaterra no século XVI, e atualmente o processo de reestruturação produtiva nas empresas, que reduz o número de postos de trabalho formal, deslocando os(as) trabalhadores(as) para a informalidade como mão de obra barata (Chatterton; Pusey, 2020).

As plataformas cooperativas representam um movimento de resposta que reivindica o resgate do controle dos meios de produção pelos(as) trabalhadores(as), um resgate da propriedade coletiva dos meios de produção, principalmente do trabalho como instrumento para criar riqueza social que beneficie os(as) trabalhadores(as) e a comunidade (Battilana et al., 2022; Foramitti; Varvarousis; KalliS, 2020).

O resgate da propriedade pelos(as) trabalhadores(as) está situado na discussão dos estudos do conceito do pós-capitalismo, uma abordagem conceitual que apresenta os elementos de crise do capitalismo atual como pressuposto para o estudo da dinâmica de crise do capitalismo, que cria as condições para a emergência de outro sistema com práticas em torno do comum, da produção social útil e do trabalho útil (Chatterton; Pusey, 2020).

A propriedade coletiva e democrática dos(as) trabalhadores(as) de cooperativas de plataformas possibilita uma nova forma de estrutura organizacional baseada na cooperação participativa de tomada de decisões pelos(as) próprios(as) trabalhadores(as), criando relações de trabalho baseadas no conhecimento e no valor das pessoas (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

As implicações sociais da precarização do trabalho enfrentadas por esses(as)

trabalhadores(as) se referem a melhoria das condições de vida que resultam de um ambiente de trabalho sem exploração e competição, e a geração de espaços de trabalho com condições de equilíbrio para a saúde dos(as) trabalhadores(as).

Uma outra implicação social está relacionada com a capacidade das cooperativas de plataforma de estarem inseridas em seu ambiente social e local. Essa capacidade de inserção social e local permite que o trabalho seja realizado em um contexto geográfico específico, um local específico geralmente escolhido pelos membros da cooperativa de plataforma para que sejam mobilizados recursos e relações de confiança e solidariedade entre os membros e a comunidade, contrapondo-se a falta de um local específico para o trabalho nas plataformas.

E, as implicações referem-se também a uma redução dos danos ambientais através da associação das atividades da produção de bens e serviços com os objetivos do desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), como: erradicação da pobreza, proteção do meio ambiente e do clima, sustentabilidade de recursos, educação de qualidade, saúde e bem-estar, fome zero e agricultura sustentável, igualdade de gênero, água potável, energia acessível e limpa, trabalho decente e crescimento econômico, indústria, inovação e infraestrutura, redução de desigualdades, cidade e comunidade sustentáveis, consumo e produtos responsáveis, vida na água, vida terrestre, paz, justiça e instituições eficazes, parcerias e meios de implementação (Bauwens; Ramos, 2018; Törnberg, 2023).

Outro aspecto relacionado às implicações sociais são as possibilidades da inserção de práticas de diversidade que gerem oportunidades de emprego e renda às minorias quase sempre marginalizadas (pessoas LGBTQIA+, e imigrantes) do trabalho formal e do trabalho informal nas plataformas (Doorn, 2017).

2.2.2 Implicações Econômicas

A criação de plataformas cooperativas não apenas envolve uma alternativa de propriedade para a internet, que diminua as desigualdades de poder entre trabalhadores(as) e plataformas, mas se apresenta como alternativa econômica de produção, consumo e distribuição, que possam democratizar a distribuição da riqueza entre as classes sociais e devolver a capacidade de gerar renda digna aos(as) trabalhadores(as) (Chatterton; Pusey, 2020; Papadimitropoulos, 2021).

Essas formas econômicas alternativas como as cooperativas de plataforma podem desenvolver um fluxo de processos para uma produção social útil que atenda aos objetivos de

criar produtos de alcance social, com base também nos princípios da economia social e solidária (Papadimitropoulos, 2021).

Outro aspecto nessa discussão indicada pelos(as) pesquisadores(as) é a possibilidade de haver uma melhor distribuição da riqueza entre os(as) agentes econômicos participantes do mercado online de vendas e compras de produtos e serviços por aplicativos cooperativos (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

A distribuição mais equitativa da riqueza produzida por uma cooperativa de plataforma decorre da relação entre a propriedade coletiva e a distribuição equitativa do valor entre os(as) trabalhadores(as), que pode reduzir os impactos econômicos de baixo nível de renda gerados com a concentração de propriedade privada nas mãos de investidores(as) e empresários(as) das plataformas, através do ritmo exploratório do trabalho (Battilana et al., 2022; Schor; Vallas, 2021).

O propósito da produção alternativa nas cooperativas de plataforma é a geração de bens sociais que possam corrigir também as deficiências dos produtos e serviços produzidos pelo processo de produção com bases mercantilistas, que reduz o valor de uso e privilegia o valor de troca para gerar lucro às empresas (Papadimitropoulos, 2021).

A produção com propósito social busca produzir produtos e serviços que sejam economicamente viáveis, tanto ao acesso como ao consumo, pelas classes de pessoas com baixa renda principalmente, democratizando a produção e tornando-a socialmente útil, como também almeja produzir produtos e serviços sustentáveis e não produzir para fins de consumo em massa que gerem mais lucros para alguns (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

Outra implicação é a tendência da formação de redes de cooperação entre cooperativas de plataforma que estimulem a prática econômica cooperada, e criem formas de produção que incentivem a concorrência no mercado (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020; Fuchs, 2021) e o fim de monopólios que privilegiem um só agente econômico que oferta um tipo de produto ou serviço possuindo assim todo o controle de vendas, e distribuição no mercado, gerando aumento de preços. E, o fim de oligopólios, a exemplo das plataformas digitais, formado por um pequeno número de empresas que possuem o controle de um mercado.

A prática de comercializar eticamente produtos e serviços com base nos valores da livre concorrência, economia aberta pode propiciar alternativas de organização econômica que criem mais espaços de distribuição de riqueza social e diminuam as desigualdades de renda.

2.2.3 Implicações Políticas

A filosofia das plataformas digitais considera os(as) trabalhadores(as) empreendedores(as) e criam condições para sua individualização, essas condições associadas aos estímulos de salários por produtividade incentivam um ambiente de maior competição entre os(as) trabalhadores(as) que buscam a todo o momento o destaque para ter mais acessos a promoções e benefícios nas plataformas (Cañada; Izcarra; Zapata Campos, 2023).

Contudo, a individualização gerada com a filosofia do empreendedorismo do trabalho nas plataformas também pode fragmentar a classe trabalhadora (Battilana et al., 2022; Sandoval, 2020), pela dispersão de trabalhadores(as) com o trabalho centrado na busca pelo salário por produtividade e na ausência de momentos que fortaleçam as relações sociais de interação e comunicação presencial.

A reação a esse status de “empreendedor de si” surgiu quando foram observados pelos próprios trabalhadores(as) que os ganhos obtidos no trabalho por plataformas não proporcionavam as condições mínimas de vida decente, mas sim criavam meios para a perpetuação da condição de dependência econômica com as plataformas, com isso os(as) trabalhadores(as) insatisfeitos(as) com as precárias condições decidem criar plataformas cooperativas na tentativa de sair de uma situação de subalternidade em relação às plataformas, para uma situação do exercício do poder de voz para lutar por direitos através da governança democrática.

A governança democrática consiste na administração de recursos e processos por meio da participação dos membros da cooperativa de plataforma. A partir da estrutura de governança democrática surgem as implicações políticas para o trabalho informal nas cooperativas de plataforma (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020; Törnberg, 2023).

A democracia na administração das cooperativas é viabilizada pela estrutura mais horizontalizada que favorece a redução de níveis organizacionais e do sistema de hierarquia, assim a implicação política gerada envolve espaços de trabalho mais democráticos que permitem o acesso ao conhecimento de todos os membros sobre as informações da cooperativa e principalmente a proposição de ações necessárias para melhoria contínua do trabalho realizado em base cooperativa.

Outro aspecto revelador da experiência da governança democrática é a possibilidade de os membros da cooperativa de plataforma participarem do processo decisório acerca de assuntos que tratem sobre o futuro do trabalho na cooperativa de plataforma da forma mais

transparente possível (Fuchs, 2021; Sandoval, 2020).

O processo decisório democrático além de criar mais cooperação pelo sentimento de corresponsabilidade com a gestão da cooperativa, gera oportunidades para os(as) trabalhadores(as) desenvolverem o pensamento reflexivo sobre o trabalho, os processos de produção, os objetivos pretendidos com a cooperativa de plataforma, e dificuldades do processo de efetivação da propriedade coletiva.

A responsabilidade coletiva gera outra implicação que está relacionada a inserção territorial da cooperativa de plataforma (Papadimitropoulos, 2021), o local geralmente definido para criar laços de solidariedade com os membros e a comunidade permite estimular um comportamento de participação consciente e crítico de luta por direitos, principalmente os direitos ao trabalho justo e o direito a cidade sustentável.

A participação dos(as) trabalhadores(as) na gestão das cooperativas de plataforma permite também combater o trabalho alienado gerado pelas condições de exploração que degradam a condição livre do(a) trabalhador(a), tanto dos elementos associados a submissão do corpo, do fator tempo e da sua força de trabalho, como dos elementos associados a ação organizada e coletiva da classe trabalhadora nas plataformas (Chatterton; Pusey, 2020).

A noção de alienação utilizada neste estudo é a definida pelo sociólogo alemão Karl Marx, elaborada na obra *O capital* onde Marx explica que a alienação é a causa da propriedade privada e gera forte influência para a perda da consciência do valor do trabalho através de um processo denominado de estranhamento (Sandoval, 2020; Törnberg, 2023).

A cooperação e a autogestão dos recursos pelos membros da cooperativa de plataforma implicam no resgate do conhecimento e controle sobre o seu trabalho, antes não detinham o controle do trabalho pela venda da força de trabalho às empresas de plataformas, a partir da criação e da gestão democrática os(as) trabalhadores(as) têm em mãos a propriedade da sua força de trabalho e dos resultados do seu trabalho.

2.2.4 Implicações Culturais

A ênfase dada a cooperação e distribuição equitativa de valor para a realização do trabalho na cooperativa provoca uma verdadeira mudança de hábitos e crenças para os(as) trabalhadores(as) (Fuchs, 2021). O trabalho antes realizado individualmente para criar um *status quo* de empreendedor(a), passa a depender dos saberes construídos no ambiente social onde os membros da cooperativa se encontram para o trabalho.

Considerando a inserção do cooperativismo de plataforma no debate sobre a produção dos comuns ou bens comuns, a principal implicação cultural é a prática da produção de bens e serviços de maneira coletiva onde cada membro contribui com o conhecimento e a experiência obtida nos espaços de trabalho na cooperativa para gerar benefícios sociais (Chatterton; Pusey, 2020).

Assim, os(as) trabalhadores(as) de plataforma cooperativa vivenciam outra dinâmica cultural, marcada pela defesa do compartilhamento aberto dos dados com fins responsáveis, para gerar informações úteis que possam criar projetos com benefícios sociais, e não necessariamente com o foco exclusivo na comercialização de produtos para gerar lucros.

A defesa de um compartilhamento responsável influencia a adoção da transparência durante a realização da atividade de produção dos bens comuns, e das atividades com a comunidade local, propagando outros valores importantes como a cooperação, a inclusão social, a solidariedade e governança digital com benefícios sociais (Fuchs, 2021; Kwan, 2021; Törnberg, 2023).

3 METODOLOGIA

Com base nos objetivos geral e específicos definidos na etapa de elaboração do projeto de pesquisa, o método qualitativo de pesquisa foi o escolhido para esta investigação, o método qualitativo é baseado na aproximação real do pesquisador (a) com o contexto em que o objeto de estudo está inserido para poder captar os sentidos dados pelos participantes para o objeto de estudo (Santos, 2005).

A abordagem qualitativa foi escolhida porque permite uma real compreensão do problema de pesquisa investigado no contexto natural de ocorrência das situações-desafio para os participantes da pesquisa (Flick, 2012). A escolha pela pesquisa qualitativa ocorreu porque permitiu maior aproximação com o objeto de estudo: o trabalho precário e as formas de enfrentamento à precarização nas cooperativas de plataformas. A maior aproximação com o objeto de estudo ocorreu através do contato da pesquisadora com cada participante da pesquisa para obter o entendimento em profundidade de como o trabalho realizado pelos entregadores ciclistas possibilita uma apropriação de poder para romper com a dependência às plataformas digitais e criar uma cooperativa de trabalho onde existem mais chances de condições de trabalho não precarizantes.

A realidade do trabalho de entregas por bicicletas na cooperativa em São Paulo-SP é permeada de desafios e dificuldades sejam de ordem externa como as condições de precarização que não permite usufruir dos benefícios financeiros da classe trabalhadora assalariada, ou dificuldades de ordem interna relacionadas a falta de infraestrutura tecnológica, física, e de pessoal para realização das atividades individuais e coletivas na cooperativa, essas dificuldades fazem parte da rotina do trabalho desempenhado pelos ciclistas entregadores na cooperativa, e o conhecimento dessa realidade foi permitido pelo uso do método qualitativo.

O uso do método qualitativo seguiu as disposições da perspectiva construcionista em que a objetividade é considerada como um processo intersubjetivo, onde o sujeito e o objeto estão em permanente estado de construção de seus pensamentos e atitudes (Santos, 2005).

A investigação aqui relatada possui característica de pesquisa qualitativa básica conforme as explicações da professora Merriam (1998). Este tipo de pesquisa busca captar os significados atribuídos pelos participantes de pesquisa para o fenômeno social a ser estudado, de maneira holística, descritiva e profunda.

Merriam (1998) conceitua a pesquisa qualitativa básica como estudos qualitativos básicos ou genéricos com metodologia qualitativa, mas que não possuem todas as

características que levariam ao seu enquadramento como estudo de caso, etnografia, etnometodologia, ou *grounded theory*.

A escolha pelo uso da pesquisa qualitativa básica possui justificativa baseada na natureza do objetivo geral proposto com esta investigação que estimula a adoção da pesquisa qualitativa, no caso, compreender como os trabalhadores realizam o trabalho de modo alternativo às condições de precarização nas plataformas digitais de trabalho. E, a busca pelo entendimento das percepções dos trabalhadores sobre o trabalho na cooperativa e os desafios existentes para enfrentar a precarização do trabalho.

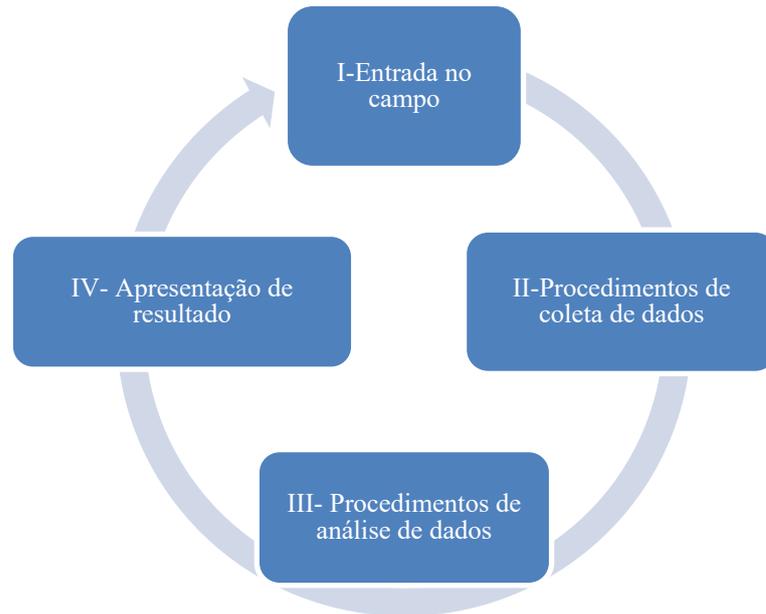
Também, esta pesquisa qualitativa possui inspiração etnográfica (Creswell, 2014) na medida em que descreve as características do modo de trabalho de uma comunidade de trabalhadores, que estão organizados de maneira alternativa às plataformas digitais. A pesquisadora procurou passar mais tempo do dia com os participantes e conhecer os hábitos, costumes, cultura, e até mesmo dificuldades relacionais que influenciam na caracterização do trabalho.

Além disso, a pesquisa concentrou esforços na técnica da observação participante para possibilitar um comportamento da pesquisadora no campo capaz de obter o maior número e variabilidade possível de dados (Angrosino, 2009). O consentimento dos membros da comunidade com o fornecimento de informações pessoais e funcionais, histórias de vida, conquistas e frustrações foi permeado pela negociação dos acessos ao campo frequentemente, nem sempre foi possível obter o consentimento para a aceitação da coleta de dados (por exemplo, um cooperado se recusou a participar da entrevista).

A observação participante é conceituada por Angrosino (2009) não como um método de pesquisa, mas como um contexto comportamental que associado a etnografia possibilita ao pesquisador(a) desenvolver comportamentos de observador, participante e membro aceito por todos da comunidade, assim poderá usar técnicas variadas de coleta de dados.

Nesse sentido de utilização de técnicas de coleta de dados variadas, a pesquisa qualitativa básica (Merriam, 1998) foi realizada seguindo as seguintes etapas: I- a entrada no campo pelo pesquisador; II- procedimentos adotados na coleta de dados; III- procedimentos adotados na análise de dados; IV- apresentação do resultado. Na figura 1, a seguir, demonstra-se o processo da pesquisa qualitativa básica.

Figura 1 – Processo da pesquisa qualitativa básica



Fonte: Elaboração própria com base em Merriam (1998).

Na etapa 1, a pesquisa foi iniciada essencialmente com a entrada no campo. Esse momento revelou-se muito surpreendente porque a oportunidade de aproximação ocorreu numa roda de conversas sobre o tema: As formas de resistência e luta dos trabalhadores por aplicativo no Brasil. O tema do debate foi muito pertinente ao objetivo geral dessa pesquisa por isso a importância de estar presencialmente no local do debate, e a escolha por uma posição de estudante, ouvinte e questionadora junto àqueles trabalhadores que ali estavam, também foi possível buscar aproximações com os participantes de pesquisa.

O debate ocorreu no restaurante palestino no bairro República em São Paulo-SP no turno da noite, onde alguns membros da cooperativa participaram do debate. Então, após as falas de debatedores, houve uma aproximação da pesquisadora com os participantes para conversar mais sobre a temática e agendar horário e data para visita a sede da cooperativa. Na semana em que ocorreu o debate também houve a visita ao local da sede da cooperativa e nesse dia ocorreu a entrada no campo. A pesquisa de campo ocorreu durante o período de 1 (um) mês, de 26 de fevereiro a 26 de março de 2024.

Na etapa 2, a partir dos contatos por meio de conversas informais e passeios de *bike* no bairro da cooperativa foi iniciada a coleta de dados. A coleta de dados ocorreu na sede da cooperativa porque é um local muito frequentado e procurado pelos entregadores ciclistas cooperados, também porque ali se encontrava toda história de fundação da cooperativa, objetos, bens adquiridos desde o ano de fundação, e porque os entregadores escolheram conceder as entrevistas mais nesse local.

A escolha da Cooperativa de Plataforma de trabalhadores foi baseada na prática de trabalho adotada na cooperativa, a atividade de entrega por bicicleta é desenvolvida como uma luta contra a precarização do trabalho nas plataformas digitais, também como valor político, e cultural estabelecido em práticas de trabalho e práticas de participação junto a coletivos e a comunidade local. E, a escolha dos participantes da pesquisa foi feita com base na consideração da totalidade dos membros efetivamente ativos no serviço de entrega por bicicleta na cooperativa, 12 (doze) cooperados, porém 1 (um) cooperado não quis participar da pesquisa, e por razões de ética da pesquisa foi respeitado o direito do não consentimento, assim a pesquisa foi realizada com 11 (onze) participantes.

Para a coleta de dados foi observado a questão orientadora dessa pesquisa: Como os trabalhadores de Cooperativas de Plataforma realizam o trabalho de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma? Desse modo, foi escolhido as técnicas da entrevista aberta, análise documental, e observação participante porque possuem potencial para possibilitar obtenção de dados variados que pudessem dar consistência as inferências e interpretações dos significados atribuídos pelos participantes da pesquisa.

Nessa etapa houve o acompanhamento da rotina do trabalho de entregas por bicicletas, das relações de trabalho dentro das instalações da cooperativa, das relações entre os ciclistas e pedestres, ciclista e motoristas no trânsito, com anotações no diário de campo dos comportamentos, pontos de vistas, produções artísticas e da rotina do trabalho de entregas dos entregadores ciclistas, como também foram feitos os agendamentos e a realização de entrevistas durante o período de 1 (um) mês.

Em seguida, na etapa 3 foi realizada a análise dos dados coletados. Nessa etapa a técnica utilizada foi a análise de conteúdo temática conforme Bardin (2011), a escolha dessa técnica esta baseada na possibilidade de analisar o conteúdo das mensagens relacionando ao contexto de trabalho, de vida dos trabalhadores e da localidade onde as mesmas foram produzidas, como também pela possibilidade de identificar padrões, e tendências nas unidades de registros escolhidas para análise que levam a definir temas, e categorias de análise.

Desse modo, a análise de conteúdo temática revela-se bastante colaborativa devido às situações de não ocorrência de padrões e tendências. Neste caso, a coleta de dados mostrou-se reduzida ou mesmo a ocorrência de divergência com a literatura prévia estudada. Ademais, nessa etapa, foram utilizadas como parâmetro de análise as 14 (catorze) categorias previamente identificadas na fase de revisão de literatura como referência inicial, no entanto, sem se limitar a elas, como: inserção local e social; sustentabilidade; saúde do trabalhador;

diversidade; renda digna; redes de cooperação; propriedade coletiva; participação crítica; inclusão social; e compartilhamento de dados. Essas categorias foram consideradas na análise de forma referencial por terem sido obtidas para se ter noção sobre o que as pesquisas já realizadas já apontavam sobre a temática deste estudo, mas essas categorias não tiveram influências sobre a captação das opiniões dos participantes sobre o trabalho desenvolvido na cooperativa de modo alternativo às condições precárias nas plataformas convencionais.

Na etapa 4, as atividades de pesquisa concentraram-se na apresentação dos resultados e na discussão. Assim, os resultados foram apresentados em quadros, figuras com fotos e trechos selecionados das falas transcritas literalmente das entrevistadas relacionados as categorias de análise.

A partir dos resultados obtidos com as análises realizadas dos dados coletados, foi possível elaborar um quadro panorâmico com as principais dimensões da organização do trabalho realizado pelos entregadores ciclistas na cooperativa.

3.1 A REALIZAÇÃO DA PESQUISA E A COLETA DE DADOS

Os passos dados em direção a realização da pesquisa consideraram três fatores-chave que facilitaram o caminho metodológico. Primeiro, o aporte teórico apresentado na seção de referencial teórico que ajudou na construção dos instrumentos de coleta de dados e análise dos dados, segundo a questão de pesquisa definida: Como os trabalhadores de cooperativa de plataforma desenvolvem o trabalho de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma?

O terceiro fator-chave foram os objetivos definidos para este estudo, no âmbito geral: compreender junto aos entregadores ciclistas como o trabalho é desenvolvido na cooperativa de plataforma de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma. No âmbito específico, os objetivos: a) Mapear as cooperativas de plataformas em atividade no Brasil e selecionar um caso emblemático; b) Identificar as características do trabalho realizado pelos(as) trabalhadores(as) de Cooperativas de plataforma; c) Identificar as implicações econômicas do trabalho na Cooperativa de Plataforma escolhida; d) Identificar as implicações sociais do trabalho na Cooperativa de Plataforma escolhida; e) Comparar as implicações econômicas e sociais recebidas pelos(as) trabalhadores da Cooperativa de Plataforma escolhida e as características do trabalho comuns à economia de plataforma.

Após a realização da pesquisa exploratória acerca do quantitativo de cooperativas de

plataforma no Brasil e escolha de uma Cooperativa de Plataforma, foi iniciada a atividade de organização do instrumento de pesquisa utilizado para a obtenção e produção dos dados: o roteiro de entrevista aberta (Apêndice B) com o número de perguntas organizadas e com ordem não fixada para permitir maior flexibilidade na apresentação das perguntas aos entrevistados.

A entrevista aberta é um tipo de entrevista, realizada no estilo de uma conversa, onde o pesquisador(a) vai inserindo as perguntas a partir do que é dito pelo entrevistado (Souza Minayo e Costa, 2018). A entrevista não é realizada através de uma ordem rígida de temas, mas os temas são apresentados de forma natural e o pesquisador(a) busca observar e captar as ênfases que o entrevistado dá ao tema (Cheron; Salvagni; Colomby, 2022).

Outro instrumento de pesquisa pertinente para pesquisa foi o roteiro de observação participante (Apêndice C) porque favoreceu a compreensão das formas de desenvolvimento do trabalho de entrega pelos entregadores ciclistas da cooperativa escolhida. O roteiro serviu como documento elaborado pela pesquisadora para nortear as observações posteriormente escritas no diário de campo sobre comportamentos, locais, e pensamentos revelados pelos entregadores ciclistas.

A observação participante é um método de coleta de dados que permite a produção de dados a partir da postura do pesquisador (a) na pesquisa de campo como participante e membro provisório da comunidade onde a imersão ocorre, para gerar dados que complementem outros dados coletados durante toda a pesquisa (Flick, 2012).

Um outro aspecto importante para a realização da pesquisa foi o momento avaliativo do Exame de Qualificação realizado no mês de agosto 2023, exigência do Programa de Pós-Graduação, que permitiu o debate sobre a temática do trabalho alternativo às condições de precarização nas cooperativas de plataformas e com apresentação de novos direcionamentos, após o Exame de Qualificação foram feitos ajustamentos no projeto de pesquisa inicial quanto ao lócus de pesquisa inicialmente os trabalhadores catadores de materiais recicláveis que utilizam o aplicativo Catakki app. na cidade do Recife -PE para o lócus de pesquisa o coletivo de entregas Señoritas Courier na cidade de São Paulo-SP, também foi ajustada a questão de pesquisa a fim de melhor especificar o foco de análise da problematização.

Com base nos ajustamentos realizados no projeto a partir do Exame de Qualificação, o projeto de pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) pelo *site* da Plataforma Brasil, com a aprovação mediante parecer do CEP (CAAE nº 76658823.5.0000.5208), Parecer nº 6.643.195 (Anexo A). Em seguida, foi iniciada a coleta de

dados. Após a realização da pesquisa e apresentação do relatório de pesquisa final na Plataforma Brasil, obteve-se a aprovação referente ao relatório final de pesquisa, Parecer nº 7.164.980 (Anexo B).

Os primeiros dias de coleta de dados ocorreram com as tentativas de aproximações para o contato virtual e o agendamento de entrevistas pelo programa Zoom com os participantes do coletivo *Señoritas Courier* e também foi feito o contato presencial com alguns participantes do coletivo *Señoritas Courier* formado por mulheres e pessoas LGBTQIA+, porém após o contato via rede social *instagram* descobrimos que o coletivo ainda não era uma cooperativa de plataforma formalizada juridicamente também em novembro 2023, o coletivo é uma associação civil sem fins lucrativos, então foi alterado o lócus de pesquisa mais uma vez a fim de melhor captar o objeto de estudo nesta pesquisa para análise de entregadores ciclistas de uma cooperativa já formalizada, a cooperativa selecionada foi a Giro Sustentável Entregas localizada no bairro de Pinheiros-SP, na zona oeste da cidade de São Paulo-SP.

O uso da estratégia da coleta de dados foi presencial porque as aproximações no campo junto aos ciclistas entregadores trouxe melhores compreensões sobre o trabalho desenvolvido com a cooperação para lutar pelo poder de organização do próprio trabalho de entregas, como também pela forma de distribuir as rendas entre os cooperados equitativamente, cada ciclista entregador pôde apresentar suas opiniões e o seu repertório pessoal e da experiência de trabalho nas ruas de São Paulo que enriqueceu muito o entendimento da questão de pesquisa.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) antes do início das entrevistas, que foram registradas por um gravador de áudio e tiveram duração média de 30 (trinta) minutos e 1 (uma) hora e 10 (dez) minutos.

Nesta etapa, algumas dificuldades foram percebidas como a obtenção de poucos dados oriundos de documentos oficiais elaborados pelos cooperados (obtenção de 1 documento apenas-o estatuto), ausência de respostas a perguntas nas entrevistas por alguns cooperados mediante o feedback do uso da expressão “essa pergunta é difícil pra mim” (Entrevistado 2), e o não consentimento de um cooperado com a participação nas entrevistas.

3.2 A ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada com base na natureza dos dados coletados e no tipo de dado gerado com o instrumento de pesquisa. Assim, os dados coletados constituem dados qualitativos classificados nas tipologias de dados textuais, que são produzidos através do

procedimento de transcrição dos áudios das entrevistas realizadas, das notas de campo geradas das observações, e documentos oficiais fornecidos pelos membros da cooperativa escolhida para a coleta de dados, os dados visuais, foram produzidos a partir de imagens como documentários produzidos pelos próprios participantes, vídeos, e fotos de registros da rotina de entrega por bicicleta pela pesquisadora.

O método de análise dos dados textuais é a análise de conteúdo qualitativa com base no suporte teórico elaborado por Bardin (2011), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de mensagens que busca indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos sobre as condições de produção das mensagens em si, através de procedimentos organizados e objetivos de descrição, decomposição, e síntese do conteúdo da mensagem.

Dessa maneira, os conteúdos das mensagens obtidas através das entrevistas gravadas presencialmente foram, primeiramente, transcritos integralmente pela própria pesquisadora através da escuta gradual dos momentos de fala gravados e após a escuta a digitação das falas no documento word do programa Office Microsoft.

Considerando o conceito do método da análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 2011) a análise foi realizada conforme as etapas já definidas no método para guiar todo o processo. Assim, a análise foi realizada a partir de três etapas ou fases: a pré-análise; a exploração do material (codificação e categorização); a inferência e interpretação dos dados.

Na etapa 1, ou pré-análise, foram realizadas atividades referentes a organização de todo material para que tivesse uma seleção adequada para submissão as demais etapas, também foram feitas a identificação e as leituras de reconhecimento do conteúdo.

Primeiro, os documentos foram avaliados para compor o conjunto de documentos para análise, os documentos escolhidos foram: as transcrições integrais das entrevistas realizadas com os participantes, os documentos oficiais e as notas das observações realizadas no campo, a escolha ocorreu a posteriori ao momento da definição do objetivo geral da pesquisa.

Em seguida, a realização da atividade de constituição do *corpus* de pesquisa. O *corpus* é o conjunto de documentos que possuem características comuns escolhidas pelo(a) pesquisador(a) e que podem ser submetidos ao processo de análise (Bardin, 2011). Para o *corpus* de documentos textuais foi considerado o critério de documentos que tivessem relação com o momento de produção de dados na pesquisa de campo realizada para conhecer a forma de trabalho desenvolvida como resistência à precarização do trabalho das plataformas digitais, como também o critério de documentos que apresentassem conteúdo referente à história de

formalização jurídica da cooperativa ou de acontecimentos ligados a ação de luta e organização coletiva pelos direitos dos ciclistas entregadores.

A atividade de constituição do *corpus* considerou as seguintes regras também para formação: 1- regra da exaustividade que indica a importância do corpus de pesquisa abranger todos os documentos possíveis e não aplicar a seletividade de maneira a limitar ou excluir documentos; 2) regra da representatividade usada para definir uma amostra do material, no caso da pesquisa em foco não foi realizada a seleção de uma amostra, mas foi utilizado a totalidade de elementos da população dos participantes; 3) regra da homogeneidade que trata das características que possibilitam a escolha dos documentos; e 4) regra da pertinência que trata da coerência dos documentos escolhidos para poderem colaborar com o objetivo da análise: identificar indicadores qualitativos que possibilitem a inferência de conhecimentos com base no aporte teórico descrito na seção do referencial teórico. Na figura 2, a seguir, descreve-se a organização do *corpus* de pesquisa.

Figura 2 – Organização do *corpus* de pesquisa

Corpus	Documentos textuais	11 transcrições de entrevistas semi-estruturadas
		12 notas de campo
		1 documento oficial
	Documentos visuais	2 documentários
		2 vídeos
		15 fotos

Fonte: Elaboração própria (2024).

Após a constituição do *corpus* iniciamos a terceira atividade da fase de pré-análise: a preparação do material. Esta atividade foi realizada através da organização dos documentos (transcrições de entrevistas, notas de campo, e documentos oficiais) em pastas específicas no computador pessoal da pesquisadora e no repositório google drive para fins de cópia de segurança dos dados, também foi feita a identificação dos documentos para melhor utilização dos mesmos (fontes, datas de coletas, horário de coleta, duração), e a edição dos documentos.

Depois da preparação do material, a realização da leitura “flutuante” foi iniciada como

uma atividade gradual e sucessiva para poder ter o conhecimento dos documentos (Bardin, 2011; Dellagnelo; Silva, 2005).

Por último, e não menos importante, a atividade de formulação de hipótese e objetivo, nesta pesquisa, foi considerada a definição do objetivo, porque o delineamento escolhido da abordagem qualitativa não favorece a criação de generalização de resultados a partir da testagem de validade de uma hipótese, procedimento básico e inerente ao delineamento das abordagens de pesquisa quantitativa, assim foi escolhido o objetivo de análise: identificar marcadores qualitativos no conteúdo das mensagens dos documentos escolhidos acerca da organização do trabalho em cooperativa de plataforma de modo alternativo as condições de precarização do trabalho.

Na etapa II, a exploração do material foi realizada com as atividades de codificação e categorização. Essas atividades tiveram influências de decisões tomadas na etapa I de pré-análise, como a constituição do *corpus* e elaboração do objetivo de análise. A codificação foi realizada com a identificação dos códigos (unidades de registro), a partir da leitura gradual das transcrições das entrevistas e da seleção dos códigos nas citações de fala dos entrevistados (unidades de contexto).

A codificação dos documentos foi realizada através do *software* Atlas.ti.23, que propiciou melhor visualização das atividades de seleção dos códigos nos documentos e elaboração de mapa no formato de rede para possibilitar a reunião dos códigos e de todas as citações relacionadas.

A categorização foi realizada a partir da atividade de codificação nos documentos de transcrição das entrevistadas gravadas, com a reunião dos códigos em 4 (quatro) categorias principais: implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma, implicações sociais do trabalho na cooperativa de trabalho, implicações políticas do trabalho, e implicações culturais do trabalho na cooperativa de plataforma, conforme o que se encontra demonstrado nos quadros 4, 5, 6 e 7 a seguir.

Quadro 4 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma

Implicações Econômicas do Trabalho na Cooperativa de Plataforma	
Unidade de registro	Unidade de contexto
Propriedade coletiva	<ul style="list-style-type: none"> - E, mostrar que na cooperativa todos são sócios, todos são donos (E1) - E aqui não, aqui todo mundo faz a mesma coisa, aqui nós não temos chefe (E3) - Nós da cooperativa a gente tem uma parceria como uma amizade e também de uma responsabilidade de manter a Giro, a gente ta aqui nos ajudando, mas também mantendo igual uma planta (E4) - Eu acho que outra coisa é a divisão das coisas, a coletividade assim, o que é assim, o que é da cooperativa é um bem público, um bem comum (E6) - é uma empresa só que juridicamente ela é uma cooperativa pelo modo que se organiza, uma sociedade coletiva (E7) - A grande identidade, a Giro tem uma identidade própria, e não é o que todo mundo fez é o que todo mundo consegue criar e representar (E7) - Mas foi na Giro com a ideia e junto com os princípios que eu me vi acolhido mesmo, de eu poder realmente fazer parte de algo que eu não seja só uma mão de obra (E7) - Nós todos temos o mesmo valor na cooperativa, todos cooperam da mesma forma (E8) - Essa equitatividade, essa horizontalidade que a gente tem que ter pra que nossas atitudes sejam cooperadas né (E10) - Como não tem hierarquia também não tem sabe delegação de funções, não tem disputa de poder, não tem essa estrutura aqui, e aquela subserviência (E11)
Sustentabilidade no trabalho de entrega	<ul style="list-style-type: none"> - O uso da bicicleta como uma ferramenta de descongestionar a cidade, uma forma de trazer um bem-estar na cidade, a gente acredita muito na bicicleta como uma transformação social além das entregas (E1) -Eu nos vejo, nós os ciclos entregadores mais como um impacto no meio ambiente entenderam? É o que os carros fazem nós deixa de fazer nas entregas de bike, a gente tem uma visão totalmente diferente de quem faz entrega de carro, de moto, nós com a bike nós não consegue poluir o meio ambiente de bike (E3) - Já era ciclista, já utilizava a bicicleta como meio de transporte por motivo de gênero e por uma questão trabalhista né, porque era mais barato, estava ali numa que não pagava vale transporte, ou porque às vezes era mais barato (E6) - Tem a parte da sustentabilidade que é uma pauta muito importante aqui, que é essa questão de trazer a bike e ela trazer a sustentabilidade, por ser um veículo limpo, e tudo isso acaba sendo o combustível pra gente trabalhar diariamente (E8) -E a bicicleta é um meio de transporte mais democrático porque é mais barato, o custo de manutenção é menor, o custo de aquisição de bicicleta é menor, então a gente ver em algumas cidades São Paulo é um caso à parte (E9) -Também ta como eu disse promovendo a mudança no mundo, além de ser essa ferramenta de transformação social no mundo, ela pode ser representar a independência econômica de outras pessoas, também com relação ao meio ambiente a sustentabilidade no trânsito e, como eu falei antes uma sociedade mais humana, um trânsito mais humanizado (E11)
A economia solidária	<ul style="list-style-type: none"> - É diferente de repente de uma pessoa que está fazendo entrega por aplicativo. As vezes, ela vai ta num dia ruim e ela não vai ter aquele cuidado com a entrega, porque tipo ah! depois se vira com o aplicativo. Já com a cooperativa a gente tem esse cuidado, tem esse zelo com a imagem, então consequentemente a gente vai ter um cuidado maior com as entregas (E1) -A maior parte é repassado para o ciclista e 25% é recolhido pra cooperativa, para pagamento do aluguel, pagamento da internet, conta de água, conta de luz

	<p>(E1)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aí chegando na Giro nós fazemos a roteirização das entregas, aí divide como pra sete pessoas, aí nessa divisão pra sete pessoas, cada um escolhe a sua rota que vai sair, aí separa, e vai né (E3) - Na cooperativa você precisa entrar, você precisa se tornar membro, você tem que saber que você é sócio, você precisa saber que tem cuidar de outras funções, se unir com o senso comum com os membros (E5) - Acho que isso uniu muito a gente, esse objetivo em comum que a gente tem de não ser mais uma engrenagem só (E10) -Uma cooperativa como a nossa tem que ter isso eu acho, não que é esquerda ou direita, eu acho que é justamente o contrário, é fazer algo, não é nem sempre, mas fazer algo pra gente tentar quebrar o capitalismo, economia solidaria, não é quebrar o capitalismo, é praticamente impossível, mas tipo reverter ele a nosso favor (E10)
A renda digna	<ul style="list-style-type: none"> - ...É diferente do Ifood, dessas plataformas, nossa cooperativa presta serviço de economia solidária, e a gente preza pela justa distribuição de renda (E1) - Eu fico tranquilo eu consigo pegar minha renda, tranquilo, as vezes quando no final de semana quando eu faço minhas compras mesmo (E4) - Mas, o senso comum de quem ta na cooperativa, é lutar contra a precarização, e sabe que é um caminho difícil, e tem que lutar por isso pra ver um salário aumentar (E5) - Mas, eu ganharia mais que se eu trabalhasse em um evento, em algum outro trampo que fosse precarizado ou as vezes de bicicleta em outra empresa, então na média a gente ainda está sendo melhor remunerado, melhor tratado e melhor organizado do que o restante da classe entregador (E6) -Mas, eu sempre tento ter uma renda extra assim pra questão da minha sobrevivência, eu pago aluguel, e a comida sou também que pago, eu não tenho ajuda de ninguém, e também referente a questão da minha sobrevivência né (E9) - Então, está na cooperativa hoje em dia as rendas estão bem equiparadas, bem iguais, todos já esteve diferente, a gente já ganhou o dobro praticamente do que a gente ganha hoje (E10) -Então, eu acho que até nesse sentido né do mercado do serviço de ciclo entrega, a gente presta um serviço bom, o que diferente em si é que a distribuição é feita de maneira justa, então ainda fica um pouco maior, só que lá fora as atividades de ciclo entrega capitalista mesmo, o repasse é muito abaixo mesmo (E11)
Os riscos de cooptação ao empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> - Bom, eu vejo que as semelhanças não são muitas não, porque nós como cooperativa né, tipo empreendedor ele tem que fazer uma meta por dia pra manter a empresa dele andando, nós como cooperativa nós temos essas entregas que já é certa, nós não temos, ah! temos que fazer X por dia pra manter a minha empresa (E3) -Eu vejo que o empreendedor ele também tipo é como um empresário, ele tem um empreendimento, ele tem várias pessoas que são submissas a ele, e não tem o acesso aos arquivos da empresa só o empreendedor, na cooperativa eu acho que é diferente porque os cooperados tem acesso aos arquivos da empresa, desde o pagamento desde o acesso ao cliente, aí eu acho um pouco diferente (E3) -A gente consegue tipo ter uma autonomia, a galera esta direto com essa autonomia, fazendo com que as coisas aconteçam, as vezes eu tô em uma outra sintonia assim, mas tem pessoas que já tá, essa palavra mais autônomo, eu não me sinto tanto assim (E4) -Eu acho que apesar das pessoas não verem, mas tem total comparação com o empreendedor, com o gestor, com o funcionário, e o prestador de serviço, se ele for socio e quiser cuidar das tarefas da cooperativa ele vai ter que saber um pouco de marketing , um pouco de publicidade, um pouco de financeiro, um pouco de gestão, um pouco de logística, então sim somos empreendedores (E5) - nós tem essa ideia de empreendedorismo, isso na verdade é só um conceito deturpado pra extinguir uma coisa que já foi criada a muito tempo, que são as

	<p>leis trabalhistas, e fazendo isso você pode criar brechas na lei, e de alguma forma dizer que gera renda e ainda assim explorar (E7)</p> <p>-Eu acho que tem haver com o empreendedorismo, daí é voltando naquela ideia, acho que permanece na cooperativa e se integra a ela diretamente quem entende isso como uma sociedade também, somos todos sócios e automaticamente somos todos donos do negócio, então quem entende isso acho a gente se apodera (E10)</p> <p>- Não ter o contrato por exemplo, mas aí no geral a gente sempre tem bem acordado todas as questões de valor, de porcentagem, de repasse, então a gente não tá simplesmente vendendo a força de trabalho assim por quanto querem pagar, aí nesse sentido do empreendedorismo tem algo em cada um de nós, mas só que assim o empreendedor pode ser também um conceito esvaziado que está ligado com o individualismo e com a ideia de você fazer sozinho né, de você se erguer, ter o seu negócio, então nesse sentido não é empreendedorismo (E11)</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria a partir de dados das entrevistas (2024).

Quadro 5 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre sobre Implicações Sociais do Trabalho na Cooperativa de Plataforma

Implicações Sociais do Trabalho na Cooperativa de Plataforma	
Unidade de registro	Unidade de contexto
A inserção local e social	<p>- Então, a gente faz esse trabalho de conscientização, é tanto que os parceiros que trabalham com a Giro já tem essa pegada socioambiental (E1)</p> <p>- A gente começou a se aprofundar, participar de formações, incubação junto com o pessoal do Design Possível e a gente teve todo um aparato pra fundar a cooperativa (E1)</p> <p>- A gente conseguiu dá mais oportunidade pra mais pessoas ter um trabalho decente, na época da pandemia a gente tava trabalhando, acho que foi a época que teve mais cooperados dentro da Giro, 18 a 20 ciclista pedalando (E1)</p> <p>- Eu fui convidado porque sempre estava sendo visto, sempre no meio como eu disse, foi através também do QG das capivaras que hoje em dia não existe mais, uma pena né, mas aí é isso e, eu sempre estava no meio eu conhecia o pessoal que trampava na Giro (E2)</p> <p>-tem dias difíceis, tem dias que é o caos na cidade né, dia de chuva fica um caos, aí tudo muda do nada, aí o motorista fica brabo, fica estressado, tipo aí não tem espaço, não tem vez, eles acham que a rua é deles, eles ficam na ciclovia e ocupam a ciclofaixa também (E3)</p> <p>- Tem pessoas que tipo dá uma desvalorização e, quando você está na rua tem pessoas que não está nem aí pro ciclista, ele ver você como se eu fosse um obstáculo pra ele ali, tipo ele não ta vendo que eu tô ali trabalhando (E4)</p> <p>-..., foi curioso porque na pandemia foi o nosso ano mais lucrativo e querendo ou não, ..., foi tanta demanda, tanta gente de uma hora pra outra precisando entregar as coisas que até pra gente sobrou serviço (E5)</p> <p>- Eu percebo que a gente ta muito diferente, por mais que a gente realize o mesmo serviço, é não há uma relação bacana assim, os motoqueiros muitos acham que a ciclovia devia ser pra eles, inclusive trafegam na ciclovia, estacionam na ciclovia, tipo não concordam com a existência daquilo e acham que devia ser pra eles, em contrapartida os ciclistas se sentem desrespeitados pelos motoqueiros (E6)</p> <p>-Acho que isso é uma coisa que acaba afastando mais a gente da maioria dos entregadores que estão na rua, eles veem a gente com os olhos diferente, veem tipo, acaba tendo essa diferença, e acaba segregando também né, não segrega diretamente, não por culpa nossa e de ninguém, cada um tem um objetivo e o nosso é continuar pedalando (E10)</p> <p>-Mas, a gente participa de atividades culturais também, mais esporádico, de enfim atividades em comunidades, atividades de mecânica de bicicleta, de conscientização e de mobilidade, de discussão sobre a entrega também, sobre a mobilidade das periferias e do centro (E11)</p>

Saúde do trabalhador	<p>- Mas, a gente queria se organizar por conta própria, pra que? não tivesse mais exploração em cima das pessoas, a gente queria um espaço que não tivesse exploração né (E1)</p> <p>- É então acho que vai pela vivência de cada um, acho que todo mundo já sofreu aí, registrado, clt, todos os trampos aí por fora, quem já passou entende como é,..., tipo nos se entende sabe, nos reconhece que há empatia sei lá (E2)</p> <p>- Eu conseguir me adaptar nas entregas de bike porque eu consigo fazer meus horários, e ter mais tempo com minha família, consigo fazer outras atividades também além do trabalho (E3)</p> <p>-A bicicleta é uma coisa que agrega muita coisa, fora o passeio, o trabalho, também ela agrega de você também, ela te mantém em forma (E4)</p> <p>- Sim já recebi milhares de ameaças, já vi milhares de pessoas sendo ameaçadas com arma, seguindo como falei, você tem uma arma na mão, você tem um carro, perseguir, gente que te persegui até em casa (E5)</p> <p>-Quando eu era mais novo eu era uma pessoa muito acima do peso, eu tinha problema de saúde, então a bicicleta me deu essa nova perspectiva de vida, aí eu comecei a fazer entrega eu meio que me apaixonei pelo esporte (E5)</p> <p>- Eu acho muito legal a gente ter um espaço nosso, a cooperativa tem um espaço onde a gente pode dormir, tomar banho, até ter um date na cooperativa, marca rolê, faz almoço de fim de semana (E6)</p> <p>- Propósito maior de tudo isso é a gente ta indo no caminho contrário do que os aplicativos oferecem pros trabalhadores, a gente ta buscando qualidade de vida, e qualidade durante a sua jornada de trabalho, então eu acho que isso é muito forte né, essa questão de trazer dignidade pra quem trabalha (E8)</p> <p>- A bike me proporciona qualidade de vida porque eu como ciclo entregador, como ciclista eu tenho uma qualidade de vida muito melhor (E9)</p> <p>-Férias fixas ninguém tem ta ligado, a gente tenta trabalhar com semana as vezes três, todo mundo, as férias acontecem tipo em dezembro eu preciso me afastar pelo menos vinte dias, vai ser como férias, só que nesse dezembro eu tenho que achar alguém pra ta ali no meu lugar (E10)</p> <p>- Então, de poder eu mesmo cuidar do meu meio de transporte, de locomoção, instrumento de trabalho, eu trabalhar com coisa que eu amo, que alimenta o meu espírito, minha saúde, minha mente (E11)</p>
A diversidade no trabalho de entrega por bicicleta	<p>- Eu vejo todo mundo como igual, vejo homem e mulher tem que ta no trabalho, pra mim aguentar tramar aqui dentro da Giro é só vim, homem ou mulher entendeu? (E3)</p> <p>- A minha opinião, não cabe mais homens, não está legal entendeu? Desde a origem, então isso tem que mudar, só que é uma coisa que tem que fazer com calma, independente, absorver novas pessoas (E5)</p> <p>- E a gente acolhe todo mundo de forma igual né, pra que todos se sintam pertencentes a esse ambiente, a gente não tem nenhum tipo de discriminação (E8)</p> <p>- Eu acho que a relação assim que eu vejo que a Giro tem com as mulheres é a dificuldade de nós mesmos tem de ter um trabalho, de ter um cliente que lida com uma coisa tipo assim pesada e difícil, então assim chamar uma mulher hoje pra trabalhar na Giro, eu acho que não são todas que teriam tipo a força pra ta encarando (E4)</p> <p>- Nós temos uma mulher que trabalha com nós [...] e pra essa mulher aí, eu tiro o chapéu pra ela porque não é toda mulher que faz o que ela faz aqui (E4)</p> <p>-A partir do momento que você ver a pessoa chegar mais cedo pra uma coisa que ela não esta sendo remunerada e sai mais tarde e não está sendo remunerada, só pelo fato de manter as coisas ocorrendo bem, se você mostrou esse interesse, e a mulher que temos na nossa cooperativa tem esse foco (E5)</p> <p>- Eu enquanto mulher, me sinto zero poder, muito pelo contrário assim, pra qualquer coisa assim que eu vou falar, que eu vou conseguir eu preciso ter um baita de um esforço e aí as vezes é isso (E6)</p> <p>- Mas, é como ocorre na sociedade, o trânsito muito violento e eu acabo também sendo violento em muitos momentos, la no trânsito, na sociedade, é o trânsito, a sociedade é violenta, as mulheres sofrem com a violência (E7)</p>

	<p>- Ela é uma ciclista braba mesmo, ela tem o mesmo potencial de qualquer outro ciclista cooperado homem (E8)</p> <p>-A nossa relação é natural eu acho que todo mundo que está aqui, já tem essa consciência, de que a gente precisa aumentar esses espaços, de que precisa trazer pra perto, é mais pessoas, mais mulheres, mais pessoas lgbtqia+, mas o que eu vejo que nossos clientes são clientes de trampo pesado, é desgastante. E o que aconteceu? Foi que a maioria das mulheres que passou não suportou entre aspas (E10)</p> <p>-Eu acho que cooperativa em si poderia lidar melhor com essa questão de gênero, recentemente nós tivemos uma ruptura, alguns cooperados decidiram sair da cooperativa pra formar uma cooperativa só deles, teve três pessoas que saíram e frente a isso a gente teve a oportunidade de chamar mais mulheres né pra cooperativa e tornar essa questão de gênero na cooperativa um lugar mais diverso, a gente teve essa oportunidade, deixamos passar (E9)</p>
Os significados do trabalho	<p>- Eu comecei como ciclo entregador em 2014 né, e foi uma experiência legal, eu tava procurando fazer, trabalhar com algo que eu me identificasse, com algo que eu gostasse né, e aí eu encontrei a bicicleta como algo de unir né, de fazer uma coisa que eu goste e ao mesmo tempo fosse uma fonte renda pra mim (E1)</p> <p>- Pelo pouco tempo que eu conheço assim, eu curtir bastante, é outras ideias, é outra visão, pra mim é mais pro lazer mano, não é um trampo assim ah! vou pedalar, não é um trampo (E2)</p> <p>- Trabalhei na construção civil 5 anos aí eu conheci o modal de entrega de bike, aí daí eu conseguir me adaptar nas entregas de bike (E3)</p> <p>- O trabalho de hoje que nós faz, o trabalho futuramente pode ajudar muitas pessoas pra ta chamando pro ramo da bicicleta não só como um lazer, mas como um trabalho, uma coisa séria (E4)</p> <p>- Eu não me adapto numa empresa comum assim, eu não consigo, uma empresa que gera lucro, pra mim já é uma coisa que não faz sentido, que não entra na minha cabeça eu prefiro trabalhar assim porque eu acredito na causa (E6)</p> <p>- Aí isso também pesou na minha decisão de trabalhar na Giro, porque eu acreditava que na Giro eu poderia enfim conseguir trabalhar num lugar que eu fosse, que me tratasse de uma forma mais justa (E9)</p> <p>- Então se tem dinheiro tem que pagar, porque entrega delivery é um serviço de luxo, pra mim sempre foi assim (E10)</p> <p>- A Giro, sem dúvidas, me deu mais experiência também né, porque a Giro é assim no ramo de entregas é além de ser uma das poucas cooperativas, é um coletivo que trabalha com uma atividade mais pesada (E11)</p> <p>-Acho que o significado é uma autonomia porque a gente representa uma economia em relação aos outros transportes, representa a independência de eu poder me deslocar para vários lugares assim, não gastar tanto (E11)</p>

Fonte: Elaboração própria a partir de dados das entrevistas (2024).

Quadro 6 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre sobre implicações políticas do trabalho na cooperativa de plataforma

Implicações Políticas do Trabalho na Cooperativa de Plataforma	
Unidade de registro	Unidade de contexto
O processo decisório	<p>- A gente costuma se reunir uma vez por mês né e a gente costuma ver qual é a necessidade do momento, o que precisa, o que está acontecendo e aí a gente traz essa discussão pra reunião e na assembleia é decidido qual rumo a gente vai tomar (E1)</p> <p>- Todo o mês a gente se reúne pra falar de todas as questões que são necessárias, e se tiver uma pauta assim a gente convoca uma reunião emergencial durante a semana (E5)</p> <p>-É eu acho que existe a questão da democracia assim de a gente poder falar né, de se expressar, de pensar, ou de não ter nenhuma voz que tipo pode te silenciar (E6)</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Aí como todos estão num mesmo patamar assim de horizontalidade, e cada um tem direito a um voto então dá pra equilibrar bem as coisas assim (E7) - Aqui na Giro a gente decide tudo em conjunto de forma democrática né, então a gente acaba entrando num consenso dos valores que a gente cobra pelos nossos serviços (E8) - Então a cooperativa é uma alternativa a essas empresas hierárquicas que tem uma discrepância muito grande dos ganhos né, de quem é trabalhador e de quem é dono, de quem é gerente (E9) -O grande benefício é justamente nas relações e no sentido de enfim do enraizamento sabe, de um ambiente onde todos se sentem parte, se sente uma parte igual do todo, com o direito ao voto de peso igual (E11)
A participação crítica	<ul style="list-style-type: none"> - Um perigo quando a pessoa vem pra uma cooperativa visando apenas o trabalho, visando apenas as entregas e ir embora, ela fica em certa desvantagem (E1) - Temos que taxar as empresas de tecnologia, são eles que tem que se enquadrar e garantir todos os direitos porque eles já estão há anos no país (E7) -É muita falta de respeito do governo não reconhecer a nossa categoria, e de forma tardia querer regulamentar, e a gente não enxerga isso com bons olhos porque com certeza o iFood que detém um lobby maior desse tipo de trabalho (E8) - Não que vai mudar a precarização, mas aqui você consegue ter uma relação diferente com a entrega que está fazendo, você não está fazendo só as entregas, você está entregando algo (E10)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados das entrevistas (2024).

Quadro 7 – Análise das unidades de contexto (citação) e das unidades de registro (códigos) em relação às opiniões dos cooperados sobre o sobre Implicações Culturais do Trabalho na Cooperativa de Plataforma

Implicações Culturais do Trabalho na Cooperativa de Plataforma	
Unidade de registro	Unidade de contexto
A inclusão social e o compartilhamento aberto	<ul style="list-style-type: none"> -Todo mundo faz um pouco, desde as tarefas diárias aí até os processos aí, preencher planilha (E2) - Mais recente o acidente na marginal, e eu perdi a bicicleta como um todo, o quadro da bicicleta é a parte mais importante, ..., eu felizmente ganhei um quadro de uma pessoa próxima minha, que é inclusive de um dos cooperados, ele me deu esse quadro para que eu não ficasse sem trabalhar (E9) - Eu creio no software livre, e dados compartilhados, pelo que eu li no livro cooperativismo de plataforma... desde que o trabalhador saia com a maior parte do serviço prestado e que possa gerir essas tecnologias e tá junto na elaboração desses dados (E7) - É muito complexo, a tecnologia tem muito investimento e aí eu acho que é uma utopia que a gente segue né ... só que a gente ainda está muito distante da tecnologia, e é importante ter um panorama sobre isso, sabe, entender por que tem essa distância, e essas empresas que atuam nas plataformas não é por acaso (E11)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados das entrevistas (2024).

A etapa III refere-se às atividades de inferência e interpretação. A partir da elaboração dos quadros apresentados acima com todos os códigos identificados nas transcrições das entrevistadas e da elaboração dos mapas de codificação no *software* Atlas.ti.23, foi possível

obter os conhecimentos inferidos sobre a forma do trabalho na cooperativa de entrega por bicicleta e as discussões sobre os limites, desafios deste trabalho no cenário de precarização do trabalho no Brasil. Os resultados e discussões são apresentados na próxima seção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência como pesquisadora durante a pesquisa de campo pode proporcionar uma vasta possibilidade de produção de dados que demonstram o potencial que emerge do campo, a partir da convivência realizada junto com os sujeitos de pesquisa.

Nesta seção, apresentamos os resultados gerados a partir da análise das falas dos entrevistados, organizados em quatro subseções: I. Mapeamento de cooperativas de plataforma no Brasil e a seleção de um caso emblemático; II. Características do trabalho de cooperativas de plataforma; III. Implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma; IV. Implicações sociais do trabalho na cooperativa de plataforma; e V. Comparações das implicações econômicas e sociais recebidas pelos trabalhadores da cooperativa de plataforma e as características do trabalho comuns à economia de plataforma.

4.1 MAPEAMENTO DE COOPERATIVAS DE PLATAFORMA NO BRASIL E A SELEÇÃO DE UM CASO EMBLEMÁTICO

As Plataformas Cooperativas assim denominadas pelo autor Scholz (2016) são plataformas de propriedade coletiva, geralmente de propriedade dos trabalhadores de modo que possam gerenciar a plataforma a fim de distribuir os benefícios do acesso da tecnologia para mais pessoas. Contudo, as Plataformas Cooperativas nem sempre obtiveram êxito nos países, no Brasil o caso da cooperativa de motoristas de Araraquara-SP é um exemplo de negócio cooperativo que finalizou em 2021, sem êxito pela falta de legislação regulamentadora própria no país sobre Cooperativismo de Plataforma, e pelo descrédito dos membros a partir do surgimento de problemas com a prefeitura e a empresa de criação do aplicativo de viagens.

O movimento do Cooperativismo de plataforma no mundo possui referência nas discussões críticas de pesquisadores sob a liderança de Trebor Scholz, professor da The New School. As discussões sobre essa temática tratam da criação de uma plataforma de propriedade de trabalhadores, sindicatos ou cidades (Grohmann, 2022; Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020; Scholz, 2016). Também, abordam o resgate da ação coletiva e organizada de trabalhadores para planejarem, organizarem o trabalho e usufruírem de direitos trabalhistas (Charles; Ferreras; Lamine, 2020).

As discussões também tratam sobre as formas alternativas de economia solidária com

foco em nichos de mercados (por exemplo, o foco em clientes de baixa renda de uma cidade) (Scholz, 2016), ou formas de economia alternativa para gerar trabalho e renda menos precários às pessoas em situação de desemprego (Doorn, 2017). E sobre formas mais democráticas de organização que colocam os trabalhadores em posição de destaque no processo de decisão sobre o trabalho (Battilana et al., 2022).

A partir do primeiro uso do termo Cooperativismo de plataforma em 2014 (Scholz, 2014), a expressão impactou os estudos já existentes sobre os efeitos da uberização do trabalho no ramo de transporte de passageiros e de entrega de mercadorias, que já estavam em ritmo avançado nos países, e os estudos sobre o trabalho decente nas plataformas digitais.

No Brasil, o movimento do Cooperativismo de plataforma passa a ser conhecido e introduzido com as atividades de produção de textos de movimentos sociais que atuam na área da cultura digital. Primeiramente, pelos membros do Partido Pirata do Brasil em 2016 (Partido Pirata, 2016) que deram ênfase na apresentação das desvantagens trazidas com a economia de compartilhamento como a acumulação de capital por meio da criação de desigualdades econômicas e sociais geradas com o trabalho precário nas plataformas. Além disso, a apresentação do Cooperativismo de plataforma como movimento social capaz de reverter a lógica da propriedade concentrada nas empresas de plataforma.

Após essa primeira introdução do termo Cooperativismo de plataforma no Brasil, outros coletivos de mídia também passaram a publicar textos sobre o novo movimento, a exemplo da mídia Outras Palavras (Zanatta, 2016), depois a Fundação Rosa Luxemburgo de São Paulo-SP (Os, 2023) com debates sobre a relação entre a economia solidária e as novas tecnologias e a proposta de tradução do livro Platform Cooperativism de autoria de Trebor Scholz, o lançamento do livro traduzido para o português ocorreu em 2016. Esses debates foram essenciais porque a realidade brasileira possui particularidades que foram consideradas para a introdução do novo movimento emergente internacionalmente.

Em seguida, a propagação do uso do termo foi realizada pelo Centro de Pesquisa InternetLab, localizado em São Paulo-SP (Zanata, 2022), com projetos voltados a pesquisa sobre a regulação da economia compartilhada em 2016. Aos poucos, foram surgindo pesquisas feitas em universidades sobre a relação entre a economia solidária e o Cooperativismo de plataforma (Salvagni, Silva, Veronese, 2023; Zanata, 2022; Grohmann, 2022).

O surgimento de cooperativas de plataforma no Brasil foi gradual conforme as pessoas interessadas com a temática do cooperativismo e a economia digital se apropriavam do uso do termo e de seus princípios.

Para compreender melhor o campo de atuação das cooperativas de plataforma, primeiro, foi realizada uma pesquisa de dimensão exploratória *on line* em sites de buscas de maior uso pelas pessoas em geral (*google, yahoo*), e redes sociais com uso das palavras-chaves (cooperativas de plataforma; Brasil), a fim de obter informações sobre cooperativas de plataformas em atividade no país, e o quantitativo aproximado dessas organizações cooperativas de plataforma espalhadas no Brasil, especificamente em São Paulo-SP, local da realização da pesquisa. No quadro 4, a seguir, apresenta-se o panorama quantitativo de cooperativas existentes no Brasil.

Quadro 8 – Cooperativas de Plataformas no Brasil

Nº	Organização	Natureza Jurídica	Área de atuação	Localidade	Aplicativos, site próprio ou redes sociais
1	Despatronados	Cooperativa	Entregas por moto	Rio de Janeiro -RJ	Site
2	Señoritas Courier	Cooperativa	Entregas por bicicleta	SãoPaulo-SP	Whatsapp/instagram/facebook
3	Pedal Express	Cooperativa	Mensageira por bicicleta	Porto Alegre-RS	Site/instagram
4	Buscar Express	Cooperativa	Entregas por moto	Porto Alegre-RS	Facebook
5	Ciclo Courier	Empresa	Entregas por bicicleta	Rio de Janeiro-RJ	Instagram/facebbok/Linkedin
6	Feme Express	Coletivo	Entregas por bicicleta	São Paulo -SP	Instagram/
7	Pedivento	Coletivo	Entregas por bicicleta	Florianópolis-SC	Facebook
8	Giro Sustentável	Cooperativa	Entregas por bicicleta	São Paulo-SP	Site/Whatsapp/Instagram/Facebook
9	Cataki app	Associação	Coleta de materiais recicláveis	São Paulo -SP	Site/Instagram/Facebook
10	Coopetran	Cooperativa	Transporte	Congonhas-MG	Site
11	ContraArte	Coletiva	Produção artística	Rio Grande do Sul-RS	Site
12	Cooperativa EITA	Cooperativa	Desenvolvimento tecnológico e movimento social	Centro Calda-MG	Site
13	Somos Cielo	Cooperativa	Serviços de plano de saúde	Vitória -ES	Site
14	Magricela Entregas	Cooperativa	Entregas por bicicleta	Rio de Janeiro -RJ	Instagram

Fonte: Elaboração própria (2024).

A fim de analisar as características do trabalho de modo alternativo às plataformas

digitais, foi escolhido a Cooperativa de Plataforma Giro Sustentável Entregas. A escolha considerou os seguintes critérios: a formalização jurídica da organização social como cooperativa de trabalho; a propriedade coletiva de recursos e da plataforma pelos trabalhadores; a economia autogestionária baseada na geração de trabalho e renda decentes; e o desenvolvimento de práticas a fim de gerar resistência contra a precarização do trabalho nas plataformas, junto a comunidade local (Scholz, 2016).

A localização da cooperativa fica no bairro Pinheiros-SP, bairro da zona oeste da cidade de São Paulo-SP, conhecido por ser um dos bairros mais antigos da cidade, e também pelo padrão elevado de casas, apartamentos, restaurantes, bares, e empresas nesta localidade (Giro Sustentável, 2023). O padrão elevado de casas e restaurantes do bairro colabora na análise dos deslocamentos dos entregadores de suas áreas de residências até o bairro onde fica a sede da cooperativa, também evidencia que o trabalho de entregas feitos por esses trabalhadores está concentrado em bairros da área do centro de São Paulo-SP e não em área de periferias.

A fundação da cooperativa possui antecedentes históricos enraizados na luta dos trabalhadores de entregas por condições de trabalho mais dignas na cidade de São Paulo-SP. A maioria dos cooperados possui histórico laboral de admissão em empresas tradicionais no ramo de entregas de carga na cidade (Carbono Zero Courier; Rappi Partners Brasil; iFood; Loggi; Lalamove Brasil, etc), e nos aplicativos de entregas. Porém, a insatisfação com as condições de trabalho precárias impulsionou a ação para a saída do sistema de trabalho via Consolidação das Leis Trabalhistas -CLT nas empresas ou do sistema de trabalho sob demanda nos aplicativos.

Assim, deu-se sua caracterização para fins desse estudo, divididos da seguinte forma: Primeiro, os motivos que levaram os entregadores ciclistas a querer fundar a cooperativa, depois a descrição dos seus serviços de entrega na cooperativa, e a situação de sua composição cooperada.

Sobre a motivação, ficou evidenciada que possui origens na insatisfação com o trabalho realizado nas empresas e aplicativos, o desconhecimento dos preços efetivamente pagos pelos clientes e repassado aos entregadores, e a baixa remuneração no trabalho nas plataformas contribuíram para a decisão. A crença era de que os entregadores unidos poderiam se contrapor à lógica de exploração do trabalho nas empresas e nos aplicativos, organizando uma cooperativa de trabalho, conforme a fala que segue:

[...] os ciclo entregadores dessa empresa estavam insatisfeito com a remuneração e

decidiram se juntar e buscar uma alternativa, bolar algo, se unir e formar uma cooperativa, a galera não sabia ainda que seria uma cooperativa, mas já estava ali numa conversa, aí alguns saíram e começaram a tocar esse projeto (Entrevistado 7).

Com vistas a este objetivo, esses entregadores ciclistas buscaram formas de obtenção de conhecimento sobre como fundar uma cooperativa, quais são os objetivos de uma cooperativa, como funciona a organização da remuneração, esses conhecimentos foram obtidos junto a pessoas que já atuavam no ramo de cooperativas e tinham experiência com a economia solidária em São Paulo-SP. O relato do Entrevistado 1, conta essa história:

[...] em 2016, a gente conheceu um militante da economia solidária, e aí ele ouviu nossa história, viu que a gente estava querendo se organizar pra criar algo que fosse nosso, que realmente a gente se sentisse parte, se sentisse dono, e aí foi ele que apresentou pra gente o modelo de negócio de cooperativa (Entrevistado 1).

Além disso, em 2017, os entregadores puderam participar de treinamentos com orientações em diversas áreas de conhecimento (jurídica, contábil, pessoal, logística) necessárias para a fundação da cooperativa, realizado pela Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários do Brasil – UNISOL BRASIL, localizado no bairro da Sé de São Paulo-SP,

[...] vale destacar também no surgimento da Giro Sustentável, os ciclistas entregadores em 2017, através da UNISOL e de uma das frentes que foi a organização do Design Possível, os entregadores ciclistas participaram de uma formação sobre o início de uma cooperativa e foi a partir desse momento que surgiu a ideia de fundar uma cooperativa (Girocast, 2023).

No que se refere às relações de trabalho nas entregas, a cooperativa declara a busca por qualidade no atendimento e na defesa da mobilidade sustentável na cidade, a fim de conseguir maior número de clientes que apoiem a causa política da qualidade do trabalho de entregas, condições justas de trabalho aos entregadores e a defesa de ações de redução de gases poluentes no ar por meio da mobilidade por bicicleta. O entrevistado 2, comenta que:

[...] nós tem a qualidade assim de fazer o serviço legal, não desviar nada, fazer no horário certo, e entregar tudo para o cliente [...] (Entrevistado 2).

As relações de trabalho ocorrem entre os cooperados e entre cada cooperado e o cliente da cooperativa, geralmente ocorrem no ambiente presencial através de reuniões com cada cliente para pactuar preço, horários, locais e formas de orçamento dos serviços. Contudo, na cooperativa os cooperados também utilizam as tecnologias digitais para o contato com os

clientes, então também existe relações de trabalho digitais com o auxílio de plataformas de comunicação (*whatsapp*; *e-mail*, e redes sociais).

A forma de realização das entregas pelos cooperados, eles dizem ser distintas. Assim, as entregas são realizadas presencialmente por bicicleta, com a prioridade para o atendimento cortês, o cuidado com as sacolas a serem entregues, a pontualidade, e a responsabilidade com as sacolas, que são alguns dos elementos alegados, conforme conta o Entrevistado 9:

[...] a gente tenta o máximo possível valorizar o nosso trabalho até porque a gente entrega uma qualidade de serviço boa, e a gente quer que seja reconhecido de certa forma e que a gente possa firmar parcerias com essas empresas, ter essa valorização na real (Entrevistado 9).

A cooperativa possui três empresas-cliente que contratam os serviços de entrega na cidade de São Paulo-SP: o *&EAT* Restaurante (empresa que atua no ramo de preparo de alimentação saudável e fornecimento de marmitas saudáveis, as marmitas *&EATS*, localizado no bairro Itaim Bibi); a empresa CAMINHO DA FAZENDA (que atua no ramo de vendas de cestas básicas ou cestas e caixas de café da manhã, tábuas de frios, arranjos de flores e buquês/confeitaria, localizada no bairro Vila Diva); e a *Liv Up* empresa que atua no ramo de fornecimento de refeições vegetarianas e refeições com proteínas congelados e armazenados em marmitas, localizada no bairro Vila da Saúde. Sobre esses clientes, o critério de busca de clientes é o compartilhamento de valores com os da cooperativa, tal como descreve o Entrevistado 8:

[...] a gente está em busca de parceiros que entendam o nosso compromisso com o meio ambiente, que entendam nossa paixão pela bike pra gente ta firmando parcerias, pra que a gente possa ter mais clientes e faça mais entregas com volumes baixos, ou trabalhar com menos peso, esse é o ideal para a bike (Entrevistado 8).

Contudo, o baixo número de clientes é um desafio para a cooperativa. O ambiente do mercado é dominado pelos aplicativos de entregas que chegaram bem antes da pandemia do Covid-19 no país, influenciando muito na distribuição do serviço pelo território e no preço também praticado no mercado. As ações de atração de mais clientes são um fator que pode mudar essa restrição. O Entrevistado 9 comenta sua preocupação ao afirmar que:

[...] infelizmente a gente está vivendo uma fase que a gente tem poucos parceiros, a gente está prestando serviço pra poucas empresas, e isso influencia muito nessa precarização (Entrevistado 9).

A realidade de informalidade do vínculo de trabalho praticada nas plataformas de

entrega influencia a prática dos preços dos serviços uma vez que são mais altos que os valores praticados pelos aplicativos de entregas.

A experiência na pesquisa de campo, como entregadora de comidas congeladas junto com um entregador, pode proporcionar a visualização de como é feita a entrega, a contagem do número de sacolas entregues e os valores de cada uma, seguem abaixo uma descrição da atividade de entrega feita no turno da tarde conforme nota de campo:

Pela tarde, as entregas foram feitas junto com o entregador (Entrevistado 11), ele me repassou o mapa com as localizações dos endereços gerados no aplicativo *google maps*, e a relação dos endereços das entregas naquela rota no turno vespertino. Também pediu para gravar a quantidade de sacolas por cada pedido de cliente ou por cada endereço (cada sacola para 1 pedido equivale ao preço de R\$ 9,00 com R\$ 3,00 de acréscimo por sacola). Naquela tarde realizamos 5 (cinco) entregas (2 entregas com 1 sacola cada e 3 entregas com 2 sacolas extras), também pediu para eu tomar a frente na realização de uma entrega. Assim foi feito, realizamos as 5 (cinco) entregas com 2 entregas de R\$ 18,00 e 3 entregas de R\$ 36,00 (Nota de Campo).

Observamos que a cooperativa também elabora o preço do serviço de entrega de acordo com a necessidade do cliente. Para entregas expressas de documentos ou objetos é exigido pagamento no valor de R\$ 15,00 até 5 km, com acréscimo de R\$ 3,00 por cada quilômetro excedente. Para entregas em horários de almoço (ex.: 11hs às 14hs) é exigido pagamento no valor de R\$ 35,00 por hora, com possibilidade de negociação de preços com o cliente presencialmente (Giro Sustentável, 2023).

A cooperativa possui clientes com contratos formais e clientes sem contratos, que são geralmente pessoas físicas. Essa situação de ausência de contratos formalizados revela um ponto de fragilidade na área de vendas da cooperativa, pela ausência de contratos formalizados e sem acompanhamento por pessoas de habilidade jurídica como demonstrado na fala abaixo:

Outros sim e outros não, a gente ainda assim tem que entender que somos o elo mais fraco, somos prestadores de serviço, o elo mais fraco em qualquer parceria, a gente está prestando um serviço e a gente acaba é sendo obrigado a ceder mais as exigências das empresas grandes, porque é muito valioso pra gente fechar parceria com empresa que tem uma demanda grande (...) Não ter o contrato por exemplo, mas aí no geral a gente sempre tem bem acordado todas as questões de valor, de porcentagem, de repasse, então a gente não tá simplesmente vendendo a força de trabalho assim por quanto querem pagar (Entrevistado 11).

Nos próximos parágrafos apresentamos a composição de pessoal integrante da cooperativa. Na cooperativa a composição da força de trabalho é formada por 12 trabalhadores, 11 homens e 1 mulher, todos na condição de informalidade do vínculo de trabalho.

Foi observado que a data de entrada da maioria dos 11 (onze) entregadores ciclistas na cooperativa ocorreu nos últimos anos com maior prevalência no período da pandemia do Covid-19 (2020/2023), o que permite inferir que a socialização com os valores da cooperação, igualdade, democracia, equitatividade da renda, e participação crítica no ambiente de trabalho cooperativo ainda é recente na vida desses entregadores (as), somente dois entregadores possuem data de início de atividades no ano da fundação da cooperativa em 2017, um em 2018, um em 2019, um em 2020, três em 2021, e três em 2023.

Outros dados interessantes são a idade dos cooperados, prevalece a idade entre 29 anos e 38 anos, uma força de trabalho adulta ainda sem presença de pessoas com envelhecimento, essa particularidade mostra que os hábitos de alimentação e de atividades próprios da idade adulta podem influenciar na disposição física, no nível de saúde, e engajamento no trabalho.

No Quadro 5, a seguir, apresentam-se as informações socioeconômicas de cada cooperado, essas informações permitem um conhecimento do perfil desses trabalhadores.

Quadro 9 – Informações socioeconômicas dos entrevistados

Nome*	Ano de entrada na cooperativa	Idade/Natural	Raça	Status Civil	Filhos	Escolaridade	Qual sua ocupação	Vínculo da ocupação	Você tem outros empregos?	Condição do domicílio	Quantas pessoas moram no domicílio?	Qual é a sua renda média?
Entrevistado 1	2017	30 anos/São Paulo	Pardo	União Estável	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	2	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 2	2021	29 anos/São Paulo	Branco	Solteiro	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	1	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 3	2020	32 anos/Bahia	Negro	União Estável	Sim	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	4	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 4	2018	38 anos/São Paulo	Parda	União Estável	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	2	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 5	2019	30 anos/São Paulo	Parda	Solteiro	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	2	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 6	2023	29 anos/São Paulo	Parda	Solteira	Não	Ensino Superior	Ciclo entregadora e professora	Autônomo	Sim, professora na área de geografia	Aluguel	1	R\$ 2.000
Entrevistado 7	2017	30 anos/São Paulo	Parda	Solteiro	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	1	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 8	2023	32 anos/São Paulo	Parda	Solteiro	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	1	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 9	2023	29 anos/São Paulo	Branco	Solteiro	Não	Ensino Médio incompleto	Cozinheiro, Barman e Bike	Cooperado/ Autônomo	No momento não tem,	Aluguel	1	R\$ 1.200 a R\$ 1.800

							Courier		mas trabalha como freelancer			
Entrevistado 10	2021	30 anos/São Paulo	Parda	União Estável	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	3	R\$ 1.200 a R\$ 1.800
Entrevistado 11	2021	30 anos/São Paulo	Parda	Solteiro	Não	Ensino Médio completo	Bike Courier	Cooperado	Não	Aluguel	1	R\$ 1.200 a R\$ 1.800

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A visualização do Quadro acima nos dá informações sobre as características sociais desses trabalhadores que não divergem dos dados identificados na pesquisa da Aliança Bike (Associação Brasileira do Setor de Bicicletas) (2019) acerca do perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo no Brasil.

Conforme pesquisa da Aliança Bike (2019) esses trabalhadores que optam pela realização das entregas por bicicleta possuem características bem peculiares que compõem o perfil desse grupo, o grupo de entregadores ciclistas é formado por pessoas jovens com média de 24 anos, baixa escolaridade (40% cursou até o ensino fundamental e 53% o ensino médio), e com a predominância de trabalhadores negros.

Em relação ao fator gênero, destacamos que a força de trabalho se mostra de maioria masculina com a presença de uma mulher.

A situação familiar dos cooperados é caracterizada pela maioria não possuir filhos, o status civil preponderante é o de solteiro(a) ou convivem em união estável com companheiro(a). Em relação a escolaridade também é outro fator que chama atenção, a maioria dos cooperados apresenta ensino médio completo e uma cooperada possui nível superior de educação, revelando que se trata de uma força de trabalho de baixa qualificação ainda e por isso mais exposta a precarização da renda e a informalização do vínculo do trabalho (Abílio, 2020).

No que se refere à condição econômica, ficou claro que os cooperados não possuem moradia própria, fazem uso do aluguel mensal de casa. Geralmente, moram sozinhos ou tem um ou dois familiares junto, e a renda mensal é variável e baixa – média que fica abaixo ou um pouco superior ao salário mínimo. Esses fatos mostram a vulnerabilidade econômica a que estão expostos e a consequente aposta no trabalho na cooperativa como fonte principal para sua sobrevivência.

Foi difícil perceber os benefícios diretos decorrentes de formarem a cooperativa. Organizacionalmente, a pequena estrutura organizacional tende a contribuir para o gerenciamento. Contudo, ainda não ficou evidente um crescimento econômico consistente a ser distribuído entre todos.

Entretanto, pode-se observar que a remuneração mensal equitativa, ou seja, a remuneração de valor igual para todos, calculada com base no quantitativo geral de entregas realizadas no mês e no número de entregadores que efetivamente realizaram as entregas no mês, vem sendo suficiente para chegarem à média do salário mínimo (Giro Sustentável, 2023).

A garantia de uma alimentação no horário do almoço para o entregador, que fica com as entregas do contrato com o restaurante &EAT no turno da manhã, é um benefício

decorrente da negociação da organização com o próprio estabelecimento (Giro Sustentável, 2023). Entretanto, esse ganho ainda é restrito aquele entregador do turno da manhã que realiza as entregas para este cliente contratado. Não foram negociadas ainda outras alternativas semelhantes.

Os ganhos maiores são de ordem subjetiva e decorrem da propriedade coletiva da plataforma, que possibilitam maior autonomia, participação decisória e atuação social junto a comunidade local pelos trabalhadores. A autonomia confere poder de planejamento e controle do próprio trabalho por cada um dos cooperados. Nas reuniões, as decisões são tomadas de forma participativa e isso gera um maior grau de comprometimento com os objetivos acertados e refletem nos modos de organização do trabalho.

E, a participação crítica permite um repensar sobre a forma de realização do trabalho, e as possíveis mudanças a serem feitas para melhorar a prática para os trabalhadores. A atuação social se refere ao engajamento dos trabalhadores com causas sociais como a luta contra precarização do trabalho por aplicativo, a mobilidade sustentável nas cidades, e a defesa dos direitos humanos.

4.2 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO REALIZADO PELOS(AS) TRABALHADORES(AS)

O trabalho por aplicativo tornou-se atrativo entre os trabalhadores pelo discurso criado pelas empresas de plataforma de que não há relação de emprego formal entre plataformas e trabalhadores (as). A expectativa foi gerada de uma autonomia do trabalhador com a mudança para o *status* do ser “empreendedor de si” (Sandoval, 2020).

Porem, a lógica do incentivo salarial por meio da produtividade de cada trabalhador não os torna empreendedores, mas, cada vez mais, sem capacidade de decisão sobre o seu trabalho porque desenvolvem o ciclo viciante e dependente de estar logado por longo tempo para poder conseguir ganhar maiores valores (Chatterton e Pusey, 2020). O trecho abaixo apresenta a fala do entrevistado 7 que menciona a equivalência do tratamento das plataformas digitais aos trabalhadores como uma empresa:

Porque é isso que os aplicativos faz, eles falam que as pessoas são colaboradores, que fazemos o horário, mas na verdade elas também tem metas, igual em uma empresa que tem meta pra bater, se você não recusa trabalho é igual numa empresa, e você também tem carga horária, e assim tem varias coisas que mostram que realmente é uma empresa porque não tem nenhum apoio, nenhuma garantia, muitas vezes a pessoa acaba investindo pra trabalhar quando ela tem que adquirir uma bag.

(Entrevistado 7).

Considerando a realidade da cooperativa de plataforma estudada, espera-se que o trabalho realizado pelos trabalhadores (as) possua características diferentes. Primeiro, a propriedade coletiva da plataforma pelos trabalhadores que lhes assegura acesso à tomada de decisão sobre atividades, tempo, local, relações de trabalho.

A partir da fase empírica, em que houve a convivência intensa da pesquisadora com os trabalhadores e também o acesso as informações fruto das entrevistas e das observações, organizamos características do trabalho enfrentado pelos trabalhadores (as) da cooperativa de plataforma estudada, agrupada de acordo com o Quadro 2, anteriormente apresentado: dimensão econômica, tecnológica, do trabalho, e política.

a) Dimensão econômica

A atividade de entrega por bicicleta realizada pelos cooperados apresenta a característica da propriedade coletiva dos bens, dos recursos e do trabalho. A ideia essencial é a criação de uma organização da plataforma de propriedade dos trabalhadores, de modo a gerar o compartilhamento dos benefícios econômicos da atividade de entrega. A propriedade coletiva permite uma articulação de cada entregador com o trabalho coletivo, evitando situações de exploração do trabalho sob demanda nas plataformas digitais que cria uma mentalidade individual de acumulação de recursos. O trecho da fala abaixo revela o significado da propriedade:

[...] a gente conheceu um militante da economia solidária, e aí ele ouviu nossa história, viu que a gente estava querendo se organizar pra criar algo que fosse nosso, que realmente a gente se sentisse parte, se sentisse dono, e aí foi ele que apresentou pra gente o modelo de negócio de cooperativa [...] (Entrevistado 1).

A propriedade coletiva da plataforma influencia na conquista de poder gerenciar a plataforma, de poder ter o controle do próprio trabalho, de ser dono, diferentemente do trabalho sob demanda que estimula a informalidade do vínculo de trabalho com o descompromisso com a propriedade, voltado para maximizar a geração de lucros para os acionistas, como no depoimento abaixo:

[...] mas foi na Giro com a ideia e junto com os princípios que eu me vi acolhido mesmo, de eu poder realmente fazer parte de algo que eu não seja só uma mão de obra, mas eu participo de um todo ali, desde a parte da limpeza, a parte

administrativa, da gestão (Entrevistado 7).

Observamos que a percepção dos cooperados sobre a propriedade coletiva possui aproximação com os significados da propriedade coletiva identificados na pesquisa realizada por Charles, Ferreras e Lamine (2020) na cooperativa Smart. A apropriação da propriedade coletiva não busca gerar resultados financeiros aos acionistas da empresa, mas garantir o acesso a gestão da empresa para os trabalhadores-membros ativos, e assim poderem modificar a forma de realização do trabalho.

Na cooperativa, a propriedade coletiva dos recursos e do trabalho contribui para a eliminação das condições que geram o lucro concentrado para os acionistas e gera condições estruturais para uma coletividade organizada que mobiliza recursos, trabalho e tecnologia contra a precarização, como sinalizado na fala abaixo:

[...] a exploração que geralmente é causada por grandes plataformas, pelos grandes empresários, aqueles que detêm os meios de produção, então, a gente é refém mesmo a gente se organizando politicamente e socialmente como cooperativa, a gente ainda de certa forma é precarizado, é refém do sistema, acho que a gente se baseia nisso, adquirir consciência política e social de entender o seu lugar no mundo e o que você tem que fazer, por você e pelos seus né, quem está próximo de você, quem tem o mesmo ideal, o mesmo objetivo, sempre tentando trazer pra perto quem pensa parecido, quem tem os mesmos ideais, para que a gente se fortaleça e crie uma rede cada vez maior porque eu acredito que vai chegar um tempo que a gente vai ter essa ideia mais difundida (Entrevistado 10).

A experiência da propriedade coletiva também permite a criação e execução de um fluxo de produção de bens comuns na cooperativa. Um novo fluxo da atividade de entrega por bicicleta que está centrado na valorização da cooperação, da autogestão dos entregadores e na geração de oportunidade de trabalho e renda decentes, como observado no trecho de fala que segue:

[...] às vezes a pessoa tem que ficar muitas vezes exposta na rua, mais tempo nas entregas esperando cair as entregas, na cooperativa já é organizado uma agenda de entregas assim a pessoa não precisa ficar longas jornadas de trabalho pra tirar uma renda mínima, acredito que uma das vantagens da cooperativa é essa, ela tem a escolha de trabalhar meio período ou trabalhar o dia inteiro (Entrevistado 1).

Na cooperativa, o fluxo da atividade de entrega é diferenciado por cliente, e flexível podendo ser alterado caso alguma circunstância aconteça, influenciando a realização das entregas. O nível de quantidade de entregas padronizado torna a previsibilidade do horário uma característica da cooperativa, geralmente o número de clientes é claro e a geração do valor da renda se torna também definida. O cooperado expressa sua satisfação quanto ao

horário reduzido:

E hoje em dia pode melhorar sim, mas eu estou satisfeito também, até por tempo de vida, por qualidade de vida. Por que se você perceber a gente sai pra as entregas 10hs da manhã e quando dá 11 h 30 a gente ta de volta, então tipo se você contar de trabalho pedalado, de entrega são três, quatro horas por dia, então eu acho que lugar nenhum é assim, o resto é resenha, uma burocracia, uma várzea, um computador e tal, acho que lugar nenhum é assim, eu conseguiria ganhar assim (Entrevistado 10).

O novo fluxo de produção criado pelos cooperados relaciona a demanda dos serviços de entrega com a capacidade de oferta de pessoal (trabalho dos entregadores) existente na cooperativa. O fluxo apresenta-se alternativo porque diverge do gerenciamento algoritmo que estimula longas e exaustivas jornadas de trabalho pelos entregadores, e o fluxo possui potencialidade para alcançar a escalabilidade através da manutenção do elevado desempenho com a mesma quantidade de pessoal ou pela entrada de novos membros.

Bauwens e Ramos (2018) comentam que a produção de bens e serviços em cooperativas de plataforma está baseada na produção de bens comuns, não se trata de uma redistribuição de valor, mas de uma nova articulação entre produção e redistribuição.

A capacidade de promoção de uma redistribuição de riqueza justa está na possibilidade de criação de formas organizacionais sociais e econômicas que gerem novos fluxos de produção alternativa para gerar renda mais estável, como as cooperativas de plataforma. Cada entregador possui um desempenho individual que influencia no desempenho coletivo para alcançar um valor total de receita mensal maior que o valor acumulado individualmente. Desse modo, a redistribuição da renda entre os cooperados passa a ser mais saudável e justa sem que esses trabalhadores dependam de comprovar maior tempo na prestação dos serviços nos aplicativos e obtenham valores baixos por cada trabalho realizado, como destacado na fala do entrevistado:

[...] o repasse é diferente porque aqui não tem o lucro da empresa, não tem ninguém que ta explorando esse trabalho, não tem ninguém que ta acumulando, ninguém que ta repassando, tirando a mais-valia do trabalho (Entrevistado 11).

A distribuição justa dos valores ganhos entre os cooperados ajuda na solução de problemas de captação de recursos financeiros para a manutenção da cooperativa. O percentual recolhido para a cooperativa incidente sobre o valor total obtido da receita mensal é influenciado pelo percentual recolhido e repassado para cada entregador. Assim, a distribuição justa da renda impede a ocorrência da mais-valia pela exploração do valor do trabalho, aumentando as possibilidades de maior repasse de valor ao entregador.

O cálculo da remuneração dos cooperados considera os fatores inerentes principalmente as exigências dos clientes, as necessidades de material, as despesas fixas e o propósito de geração de renda a partir do trabalho sem geração de lucro para uns como explicado no depoimento abaixo:

A gente já tem um valor fechado com cada cliente, elabora o custo que vai ser da nossa entrega, do nosso serviço e fecha um acordo com o cliente e aí esse valor é repassado, a maior parte é repassado para o ciclista e 25% é recolhido pra cooperativa, para pagamento do aluguel, pagamento da internet, conta de água, conta de luz, o imposto sobre serviços, contador e mais insumos para a base, ou seja, esse dinheiro que é recolhido ele é pra manter a própria cooperativa e não é para lucro, e aí o repasse é feito uma vez por mês conforme a gente recebe os pagamentos dos clientes esse valor é repassado pra conta da cooperativa e aí assim que a cooperativa recebe esse valor, a gente tem um dia, um dia no mês já definido entre todos os cooperados que é o dia 15, e aí esse valor já é repassado a todos os cooperados já com o recolhimento da cooperativa (Entrevistado 1).

A forma de distribuição da renda relatada acima demonstra um repasse no percentual de 75% para o ciclista, um percentual alto para o trabalhador que possui maior participação na prestação do serviço de entrega. Interessante que esse percentual mostra o intuito de valorização do trabalhador alterando a lógica das plataformas digitais que busca valorizar mais o capital, as máquinas, o poder unilateral das plataformas digitais que controlam o trabalho para a máxima acumulação de capital. “O capital monetário é uma forma particular e importante de poder que se acumula na sociedade capitalista. Mas a lógica da acumulação também molda a política e a cultura” (Fuchs, 2021, p. 15).

A partir do relato da distribuição de renda pelo entrevistado 1, a dimensão da renda justa ganha destaque na cooperativa, quando ele enfatiza que os procedimentos de recebimento dos valores das entregas dados pelos clientes e do repasse desses valores aos cooperados em data acertada possuem o consentimento de todos. É uma forma de realizar a prática da justiça organizacional, no sentido de que os valores e crenças sobre o que é justo ou injusto definidos pelos trabalhadores influenciam muito as ações dos trabalhadores na organização do cálculo da renda.

Os valores de igualdade, coletividade e democracia estão presentes durante a forma de autogerir o trabalho de entregas e as rendas geradas. As rendas possuem como que a capacidade de reparar as desigualdades econômicas e sociais criadas com a informalidade do trabalho que deixa muitos trabalhadores sem renda, nos trabalhos precários nas ruas, e sem direitos (Charles; Ferreras; Lamine, 2020).

Dessa maneira, a distribuição mais justa do lucro configura uma alternativa de resistência conforme definem Salvagni, Silva e Veronese (2023). Uma alternativa para enfrentar a produção do empreendedor de si nas plataformas digitais, que enfraquece cada vez

mais o valor da renda do trabalhador por aplicativo devido ao alto número de trabalhadores disponíveis e com baixa qualificação nos aplicativos.

A dimensão econômica do trabalho na cooperativa apresenta ainda o foco na criação da organização coletiva que possibilita a sustentabilidade econômica, social e ambiental. A sustentabilidade econômica decorre da propriedade coletiva que favorece o compartilhamento dos custos por meio da divisão dos mesmos entre os cooperados, mas também o compartilhamento da condição de prosperidade econômica gerada pelo atingimento de lucros e de bons benefícios no trabalho, posteriormente distribuídos entre os cooperados.

A sustentabilidade social é evidenciada na capacidade coletiva da cooperativa de fornecer oportunidades de trabalho e renda mais decentes para pessoas em situação de desemprego e para grupos sociais à margem. Um trecho de fala do entrevistado 9 apresenta como ele conheceu a cooperativa, e a justificativa do acesso ao trabalho de entregador na cooperativa devido a vantagem da diminuição dos custos do trabalho:

Eu conheci a cooperativa Giro Sustentável quando eu já estava trabalhando com entregas durante a pandemia, e conheci através de um lugar que não existe mais que era o QG das capivaras [...], tinha muito entregador que ia lá pra buscar alguma ajuda né, porque pra nós que andamos de bicicleta, trabalhamos com a bicicleta, a gente tem uma manutenção muito mais frequente do que o pessoal que anda só por lazer, como é o nosso meio de transporte e tal, é a forma que a gente utiliza pra trabalhar, pra tirar o sustento, se a gente acaba gastando muito com a bike acaba não valendo a pena trabalhar com a bike né, é por conta desse custo de manutenção mesmo (Entrevistado 9).

Outro motivo que colabora para adesão ao trabalho na cooperativa é a realidade de que muitos entregadores experimentam a realidade dos bloqueios pelos aplicativos ou o cancelamento da conta, com isso essas pessoas retornam a situação de desemprego. O trabalho na cooperativa possui condições de mais estabilidade na permanência no trabalho, mesmo no ambiente de incertezas gerado pela alta concorrência com as plataformas digitais. As relações sociais geradas entre os cooperados influenciam na permanência dos trabalhadores no trabalho em cooperação, diminuindo as chances de alta rotatividade de pessoal na cooperativa. As falas dos entrevistados 2 e 5 demonstram como as relações sociais são criadas e influenciam a cooperação:

Porque simplesmente eu quero trabalhar fazendo entrega de bicicleta, mas eu não quero ser explorado, eu quero ganhar bem, eu faria isso por mais vinte anos da minha vida tranquilo, porque é o que eu amo fazer. A galera se juntou e falou vamos enfrentar junto pra poder garantir isso? Essa é a diferença, eu preciso e vou fazer entregas, a gente tá aqui porque a gente quer, a gente tem outras opções, tem opções de carreira, mesmo com o salário diminuindo (Entrevistado 5).

[...] tipo todo mundo, sei lá, chega aqui e tem aquela intimidade, tipo oh! mano eu passei isso hoje na rua. Aconteceu isso com o cliente, tipo nós se entende sabe, nós reconhece que há empatia (Entrevistado 2).

E o aspecto da sustentabilidade ambiental configura-se a partir da prática da economia solidária que estimula a criação de um novo fluxo de produção de bens comuns na cooperativa. O novo fluxo permite um maior equilíbrio entre a produção e o consumo na atividade de entrega por bicicleta, os entregadores buscam conhecer previamente todas as características dos pedidos dos clientes, como quilômetros de deslocamento até o destino final, tipo de produto a ser entregue, horário de entrega, clima das localidades, serviços adicionais, e preço. Dessa maneira, existe uma previsibilidade do consumo o que interfere na previsão da quantidade de entregas e do número de pessoal para atender o pedido.

A fala do entrevistado 11 mostra como o trabalho de entrega por bicicleta pode colaborar na prática do uso mais sustentável dos recursos naturais na cidade e a adoção de ações mais econômicas na convivência social.

[...] a cidade fica muito automatizada, muito carro, muita construção, muita poluição em prédios, muita tecnologia, muito robô, muito celular sabe, acho que a bicicleta promove esse meio mecânico de transporte, das pessoas não dependerem de dinheiro, de eletricidade, mais sustentável, você consegue reaproveitar tudo, reutilizar tudo, consegue economizar, e preservar o mundo (Entrevistado 11).

O trecho da fala do entrevistado abaixo indica a importância do trabalho por bicicleta para melhoria da mobilidade nas cidades:

[...] mas o que a gente vive nesse contexto atual é uma saturação, tem tanto carro circulando que não existe mais espaço pra circulação, e as bicicletas elas vem nessa alternativa sustentável, que não polui, nessa alternativa também de ocupar menos espaço no trânsito, eu mesmo como ciclo entregador, e antes de ser ciclo entregador, eu mesmo como ciclista que pedalo na cidade antes de ter ciclovias, antes de ter políticas públicas voltadas pra bike eu já pedalava, quando eu ia pra escola eu ia de bicicleta, já utilizava a rua, e a bicicleta pra minha locomoção, então eu vejo assim que a bicicleta é um alternativa para redução do trânsito, pra redução do stress (Entrevistado 9).

A sustentabilidade ambiental na cooperativa se refere também ao uso da bicicleta como um instrumento de trabalho para reduzir as emissões de gases poluentes no ar, como também pela vantagem de aquisição devido ao baixo custo de compra em relação a aquisição de um automóvel, e a prática de um meio de transporte ativo sustentável.

b) Dimensão Tecnológica

Os cooperados utilizam alguns tipos de tecnologia digital para organização das atividades de entrega, como: o site, as redes sociais e o e-mail da cooperativa. Porém, a situação de poucos recursos financeiros na cooperativa não favorece a criação e manutenção de um aplicativo próprio para a organização das demandas de entregas, conforme comentário do entrevistado:

É muito complexo, a tecnologia tem muito investimento e aí eu acho que é uma utopia que a gente segue né, e hoje está acontecendo o movimento que o senhoritas está envolvido, o núcleo de tecnologia, é sempre através de projetos sociais com fomento do estado pra poder viabilizar os cursos e bolsas né pra tentar chegar a algum lugar, só que a gente ainda está muito distante da tecnologia, e é importante ter um panorama sobre isso, sabe, entender por que tem essa distância, e essas empresas que atuam nas plataformas não é por caso assim, não é por grandes ideias, mas sim por investimento pesado, então não basta criar um aplicativo que a gente possa gerir, se a gente não tiver essa força (Entrevistado 11).

A ideia da criação de um aplicativo contém o desafio do enfrentamento dos custos, mas existem cooperados que reconhecem esse desafio e de que é preciso enfrentá-lo. Também, a gestão da tecnologia na cooperativa revela-se como outro desafio de maneira a não chegar a reprodução da prática do controle do trabalho mediante a vigilância excessiva dos comportamentos dos trabalhadores, que causa adoecimentos físicos e mentais pelas atitudes de ansiedade dos trabalhadores. O trecho de fala abaixo aponta o desafio dos custos e de gerenciar as tecnologias existentes na cooperativa:

Isso é uma coisa que tem um custo muito alto né, a grande questão do aplicativo é o dinheiro que você precisa investir na tecnologia né, e não só investir, mas fazer atualizações e tal né. E a gente tem interesse e a gente tá envolvido com a Faculdade Mackenzie para mexer no site pra que fique uma coisa melhor assim. No site queremos colocar um forms né, o cliente preenche pra solicitar uma entrega. E aí tem o instagram e o número de alguém e tal, pega e faz esse contato pelo whatsapp, mas é isso assim, há uma vontade de incrementar tecnologicamente, deixar as coisas, conseguir fazer um aplicativo, mas a gente tem muita demanda, a gente anda a passos lentos porque a nossa estrutura ela é nadar contra a corrente né, porque é tentar sempre evitar a precarização e quando a gente chega pra negociar com uma empresa os valores são bem diferentes né, então é muito desafiador (Entrevistado 6).

Outro fator a ser considerado na gestão da tecnologia e não identificado nas falas dos entrevistados é a forma de coleta dos dados dos clientes como também a obtenção do consentimento esclarecido. Na cooperativa ainda não há uma estratégia definida para a coleta de dados e a gestão desses dados para uso no planejamento da atividade de entrega. O planejamento do uso das tecnologias é essencial para fortalecer o propósito de organização

social e econômica, alternativa e de resistência das cooperativas de plataforma, conforme Salvagni, Silva e Veronese (2023) argumentam que o uso das tecnologias em cooperativas pode ajudar na transparência dos dados e informações tomados pelos trabalhadores na gestão do trabalho.

c) Dimensão Trabalho

O objetivo de conquistar uma autonomia na organização do trabalho é a justificativa encontrada para reunião de esforços individuais na fundação da cooperativa. Não se trata de uma autonomia idealizada pela ideologia do empreendedor de si que estimula a flexibilidade do tempo de trabalho, mas verdadeiramente gera uma dependência do trabalhador com a dinâmica de produtividade *just in time* e o pagamento por trabalho completo realizado. É um trabalho autônomo adquirido pela influência da cooperação de todos na cooperativa, como demonstrado na fala do entrevistado 1:

[...] eu acho que é de você ter a liberdade, de você conseguir sua agenda, a sua vida, sem ter um patrão te cobrando, ter a autonomia, a maioria acho dos cooperados, a maioria das pessoas que estão na cooperativa prezam por essa independência sabe, essa autonomia (Entrevistado 1).

A característica da ausência de hierarquia e autoridade no local de trabalho está presente pela autonomia de cada um na participação da organização do trabalho coletivo sem ter a necessidade de concentrar a direção na posição de um chefe. A ausência de um chefe formalmente na função de gerência possibilita a gestão dos trabalhadores como gestão democrática conforme Chatterton e Pusey (2020) porque permite a atuação ativa e crítica dos trabalhadores nos espaços de decisão na empresa cooperativa.

Os trabalhadores podem negociar, apresentar opiniões, rejeitar ideias ou mesmo decidir sobre assuntos do trabalho, como no depoimento abaixo:

Eu acho que é mais uma forma de gestão que a gente acredita, que a gente vê que é importante né, que é uma mudança pro mundo, que é revolucionário assim, mas é muito mais difícil, é muito mais demorada as tomadas de decisões, envolve muitas questões emocionais, envolve muita reunião em assembleia, envolve muito diálogo pra chegar num consenso, como não tem hierarquia também não tem sabe delegação de funções, não tem disputa de poder (Entrevistado 11).

A possibilidade da gestão democrática da plataforma confere maior poder dos trabalhadores sobre o próprio trabalho. É um trabalho realizado através da cooperação dos

trabalhadores que configura uma habilidade ou uma competência gerencial de planejar e controlar todas as atividades do trabalho para gerar nova lógica de solidariedade na economia de entregas. O trabalhador está envolvido na gestão do conhecimento de todo o processo produtivo e a partir desses conhecimentos adquiridos pode modificar o processo de trabalho, caso necessário. As falas dos entrevistados 6 e 7 tratam dessa possibilidade de exercer o poder de conhecimento e de decisão.

[...] eu acho que existe a questão da democracia assim de a gente poder falar né, de se expressar, de pensar, ou de não ter nenhuma voz que tipo pode te silenciar organizacionalmente sabe, não tem isso [...] (Entrevistado 6).

[...] e aí como todos estão num mesmo patamar assim de horizontalidade, e cada um tem direito a um voto, então dá pra equilibrar bem as coisas assim, eu achei isso massa assim, como um princípio pra levar pra vida toda [...] (Entrevistado 7).

Outra característica do trabalho na cooperativa é a ênfase no trabalho humano em relação ao trabalho dos algoritmos. As atividades do trabalho de entrega por bicicleta são realizadas de forma presencial pelo entregador, existe uma intensificação das relações humanas a partir do interesse de cada um em realizar as atividades manuais ou que exigem comunicação. A fala do entrevistado evidencia a oportunidade existente na cooperativa para cada um realizar outras atividades além da entrega para pode desenvolver -se humanamente:

[...] porque a maioria da galera é da prática mesmo, ficar parado na frente do computador, ficar horas ali, nem todo mundo tem essa habilidade, a gente tem que entender isso também, por isso que vem a ideia do consenso de conversar, porque eu acredito no aprimoramento do ser humano, então se eu tô aqui e eu não sei fazer isso, se eu quero mesmo eu vou lá aprender aos poucos, eu tenho que ir lá, fazer a planilha, fazer o mapa (Entrevistado 10).

Entretanto, com o avanço da plataformização do trabalho houve o aumento do desemprego nos países desenvolvidos e em desenvolvimento pela automação do trabalho nas empresas (Antunes, 2020). O cooperativismo na economia digital possui a perspectiva de gerar trabalhos que desenvolvam habilidade interpessoais e de relações sociais, de modo a parar o movimento do fim dos empregos pelo avanço da automação.

O cooperativismo na economia digital possui semelhanças com o cooperativismo tradicional, na cooperativa de plataforma estudada existe o desafio de manter os valores de cooperação, igualdade, justiça e de valorização da pessoa humana para poder superar as desigualdades sociais geradas no ambiente digital com a economia de plataforma, como o trabalho precário.

Enfatizamos também a característica de redução da precarização do trabalho através da

prática da autogestão, da propriedade coletiva e do associativismo dos trabalhadores que decidem coletivamente o planejamento, a organização e o controle das atividades de entregas. O trecho de fala abaixo aponta para percepção da precarização e as dificuldades para eliminá-la:

Eu vejo que a precarização da bike, ela vem de uma coisa cultural global, não é uma coisa assim ah é vem da cooperativa, de novo a cooperativa ela está nadando contra a corrente, a gente tá é tentando fazer uma outra forma, só que a gente tá na estrutura capitalista, então mesmo que a gente tente trazer valores justos pra fazer uma entrega, o cliente vai escolher o que é mais barato, ele não vai escolher o trabalho melhor remunerado, o que é mais justo (...) no nosso caso, a gente trabalha pra empresas capitalista né, tem n segmentos, mas a gente tenta ser justo na nossa relação de trabalho, mas a gente não consegue atingir as vezes isso, atingir outros tipos de direito porque a gente não tem grana (Entrevistado 6).

Desse modo, os trabalhadores engajam-se no processo decisório democrático e organizam a jornada de trabalho, as atividades, o espaço, os preços, podendo diminuir a instabilidade do valor da renda, reduzir a jornada de trabalho, e buscar financiamentos ou apoio governamental para as necessidades financeiras da cooperativa.

Diferente do trabalho por aplicativo, na organização coletiva do trabalho ocorre uma estabilidade no ritmo da prestação dos serviços pela previsibilidade do número de clientes, assim não há a exploração do tempo de trabalho.

d) Dimensão Política

A propriedade coletiva dos cooperados sobre o próprio trabalho possibilita o desenvolvimento da habilidade de participação crítica do trabalhador no ambiente de reuniões, de modo que os cooperados passam a buscar conhecer mais essa realidade de trabalho de entrega por aplicativo para poderem entendê-la e tentar mudá-la, como se pode perceber nos depoimentos a seguir:

[...] o que escraviza literalmente os trabalhadores dessa categoria, tem que ter uma jornada de trabalho alta, muitas vezes massacrantes, dobrando até a noite, fazendo o período do almoço e janta e realmente é precário porque não tem ponto de apoio, se acontecer algum acidente a pessoa não tem nenhum suporte momentâneo ali na hora e os valores que são pagos, são ridículos, são muito abaixo do que o esforço que esses trabalhadores realizam durante as entregas (Entrevistado 8).

Exatamente é evitar a exploração que geralmente é causada por grandes plataformas, pelos grandes empresários, os que detém os meios de produção, então a gente é refém, mesmo a gente se organizando politicamente e socialmente como cooperativa, a gente ainda de certa forma é precarizado, é refém do sistema, acho que a gente se baseia nisso, adquirir consciência política e social no mundo de entender o seu lugar no mundo (Entrevistado 10).

A consciência da situação dos trabalhadores precarizados demonstrada no depoimento E10 acima mostra o nível de percepção crítica do cooperado quando reconhece a gravidade do problema social da precarização intensificado pelas plataformas digitais e que alcança até mesmo as cooperativas que se organizam coletivamente.

O aspecto da participação crítica do entregador por *bike* na cooperativa traz à tona a dimensão política do trabalho, também porque a forma da propriedade coletiva estimula a tomada de atitude de estudo, curiosidade e discussão sobre a realidade de trabalho em que estão inseridos.

Ademais, o pensamento crítico é percebido na opinião dos cooperados sobre a ação das empresas por aplicativos como concorrentes e sobre como a cooperativa busca enfrentar a concorrência, como se pode depreender dos depoimentos demonstrados abaixo:

É quando ela surgiu, essa concorrência, ela não surgiu do nada, passou a surgir, ela foi tomando o espaço aos poucos e hoje ela toma praticamente 80% do espaço que existe na categoria de entregas, e é uma concorrência muito difícil, apesar de existirem saídas e metodologias que a gente pode usar para beneficiar o cliente, nosso trabalho da cooperativa a gente tem atrativos que são diferentes do aplicativo para os clientes, [...] (Entrevistado 5).

[...] preços que não dá pra pessoa sobreviver com o que o aplicativo paga, com o que é repassado para o ciclista, e essa é a nossa maior dificuldade é conscientizar as pessoas que solicitam nossos serviços que é diferente dos aplicativos (Entrevistado 1).

O valor baixo estipulado pelos aplicativos de entrega torna fragilizada a demanda pelos serviços de entrega na cooperativa devido ao fato de os clientes optarem pelos baixos preços, mas tal dificuldade serve de estímulo para a criação de serviços diferenciados de entrega na cooperativa, como se constata no depoimento do entrevistado 1 demonstrado acima.

Outro aspecto político é o processo de decisão na cooperativa, em que todos os cooperados devem participar do momento de tomada de decisão, geralmente, ocorrendo uma reunião por mês, no primeiro sábado. Nas reuniões mensais, são apresentados assuntos que exigem análise e discussão por todos. A percepção dos cooperados sobre a decisão é de que efetivamente ocorre a participação crítica, o acesso ao conhecimento de problemas na cooperativa, o desenvolvimento da atitude coletiva e a liberdade de fala, como se pode ver nos depoimentos a seguir:

[...] é porque tem esse objetivo que todo mundo se manifeste, todo mundo participe desse processo do cooperativismo né (Entrevistado 6).

[...] as vezes o senso coletivo faz até a pessoa mudar de opinião pelos argumentos apresentados, então a pessoa consegue ter uma visão a partir do olhar das outras pessoas e falar: Poxa! Eu só consigo ver por aqui e a galera está conseguindo olhar um todo (Entrevistado 7).

Então, geralmente a gente costuma fazer uma reunião por mês né, primeiro sábado de cada mês, a gente já determina as regras, se tiver algum conflito a gente também já consegue tratar isso e resolver, e a gente vai tentando criar uma geração saudável na cooperativa, na reunião trazendo coisas que realmente tragam benefícios a cooperativa, que seja algo em comum pra todos (Entrevistado 8).

A capacidade de participar da tomada de decisão favorece o engajamento de cada um com a causa política da valorização do coletivismo para enfrentar problemas sociais, como a precarização do trabalho e tantos outros problemas sociais gerados pela atitude de acumulação individual e concentração de capital pelas empresas e pessoas.

4.3 IMPLICAÇÕES ECONÔMICAS DO TRABALHO NA COOPERATIVA DE PLATAFORMA

Nesta seção, as implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma são apresentadas, a partir das falas dos cooperados. As implicações econômicas estão organizadas em temas: a propriedade coletiva da plataforma, a sustentabilidade no trabalho de entrega, a economia solidária, a renda digna, o risco de cooptação ao empreendedorismo.

a) A propriedade coletiva da plataforma

As longas jornadas de trabalho com acesso *online* nos aplicativos não foram suficientes para aumentar os salários. Os encontros após o trabalho não possuem outro assunto senão falar abertamente sobre o sentimento que toma conta de suas vidas: a insatisfação com a situação de incoerência dos baixos valores dos salários recebidos após grandes esforços pedalando enormes distâncias, sob a variação do tempo de chuva ou de sol.

Esse cenário descrito acima reflete as condições de trabalho e de vida dos entregadores no Brasil, intensificado com a chegada das empresas de plataforma ou aplicativos na economia dos serviços, especificamente no setor de transportes de viagens a exemplo da empresa Uber e de entregas de documentos e de alimentos como a empresa iFood (Antunes, 2020).

No âmbito do trabalho de entregas de alimentos houve considerável aumento do número de entregadores por bicicleta como fenômeno social nas grandes cidades do Brasil durante o período da pandemia da Covid-19 (Moura, 2021). Uma opção de trabalho escolhida

por muitos trabalhadores que se encontravam no desafio de conviver com o desemprego e ao mesmo tempo trabalhadores a procura pela sobrevivência econômica no trabalho informal nas ruas.

A percepção sobre a situação de baixo rendimento no trabalho por aplicativos foi acompanhada de uma abertura de compreensão para a situação também de exploração do trabalho (Antunes, 2020). Muitos entregadores notaram, e perceberam a necessidade de ruptura com os aplicativos e a decisão pela organização de um coletivo ou uma empresa. No início não sabiam ao certo o que seria, mas a ideia de não permanecer no lugar de explorado, de precarizado, e se organizar por iniciativa própria estava muito presente.

Cada um foi saindo do ambiente de trabalho virtual do trabalho por aplicativo ou de vínculos baseados na CLT para criar uma cooperativa de entrega. Essa nova relação de trabalho foi contada por um dos entrevistados, conforme mostra o trecho que segue:

Eu conheci a cooperativa na época que se formaram, porque eu conheci praticamente as pessoas que fundaram a empresa na época acho que funciona até hoje, vende muito a ideia do zero carbono, e acabava valorizando muito seus entregadores e aí os ciclo entregadores dessa empresa estavam insatisfeitos com a remuneração e decidiram se juntar e buscar uma alternativa, bolar algo (Entrevistado 7).

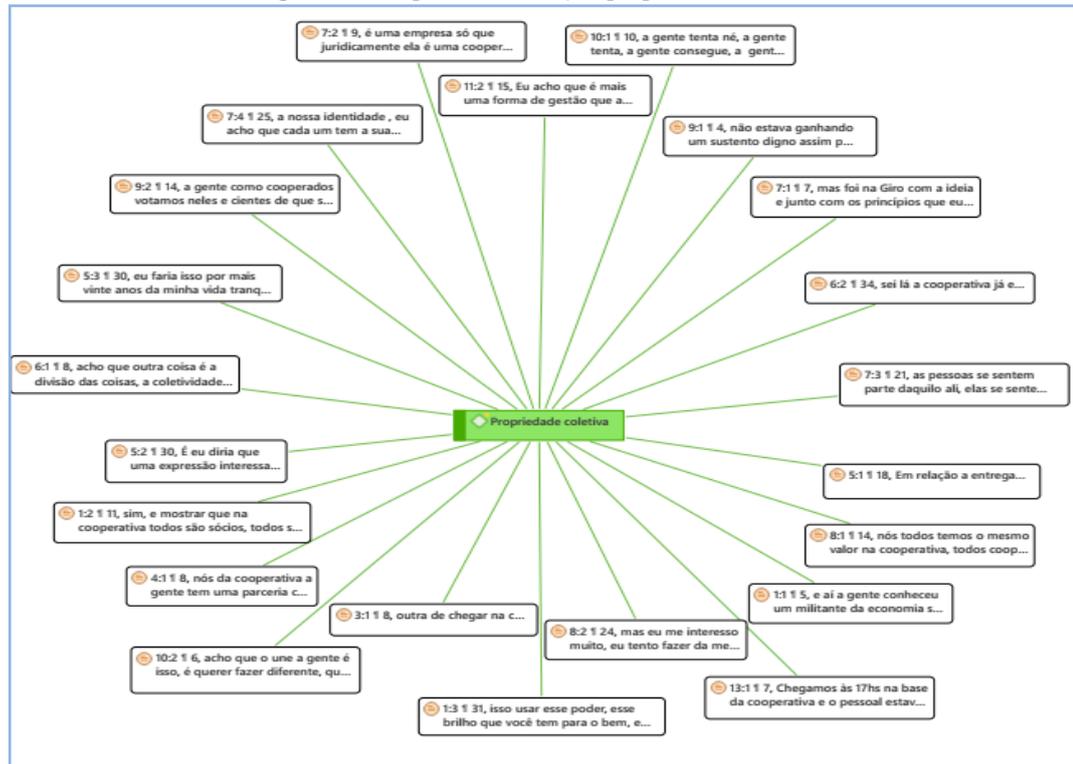
A vontade de organizar o trabalho de entrega juntos com o senso de coletividade foi essencial no início da fundação da cooperativa, da eleição dos membros do conselho administrativo, da elaboração do estatuto oficial e de outros documentos necessários. Atualmente, a propriedade coletiva possui influência em todas as atividades do trabalho desenvolvido na cooperativa.

Porém, existem dificuldades para a coletividade total dos cooperados, mas como um deles afirma:

[...] é necessário acreditar na coletividade e ter persistência. A gente tá aqui nos ajudando, mas também mantendo igual uma planta, sempre tá regando ali pra tá crescendo e dá força ali pra gente futuramente” (Entrevistado 4).

Na figura 3, a seguir, apresentam-se as citações das falas dos entrevistados referentes à forma de propriedade coletiva aplicada na cooperativa.

Figura 3 – Mapa de codificação propriedade coletiva



Fonte: Elaboração própria (2024).

As respostas dadas pelos cooperados entrevistados apresentam a ideia da luta pela propriedade coletiva do trabalho de entregas organizado através da cooperativa de plataforma. A visão de igualdade dos membros prevalece na fala dos entrevistados porque eles se veem como aptos a realizarem as mesmas atividades na cooperativa, sem ter um privilégio ou maior valor profissional pela execução das atividades.

A ideia de criar relações de trabalho horizontais e sem chefia colabora para que os cooperados busquem ter atitudes de um protagonismo inovador (Battilana et al., 2022). O protagonismo dos cooperados está manifestado na forma de organização coletiva do trabalho, os entregadores ciclistas decidem como organizar os espaços físicos, os bens, os instrumentos de trabalho que estão na sede da cooperativa.

O protagonismo é um fator diferencial no trabalho de entregas em cooperativas de plataforma porque impulsiona os trabalhadores a tomada de atitude crítica e participativa. Essa atitude mais ativa diverge da forma passiva de comportamento dos entregadores por aplicativo, vigiados e controlados pelos algoritmos (Papadimitropoulos, 2021).

Os depoimentos abaixo mostram a ideia do comportamento participativo necessário a apropriação da propriedade coletiva pelos entregadores ciclistas na cooperativa:

[...] nós da cooperativa a gente tem uma parceria como uma amizade e também de

uma responsabilidade de manter a cooperativa (Entrevistado 4).

O significado da propriedade coletiva apresenta a ideia de criar relações de trabalho horizontais, sem uma chefia para supervisionar o trabalho de um grupo e trabalhadores, essa ideia possibilita que todos realizem as atividades sem diferenciações, com distribuição igual entre os cooperados, como ilustra os depoimentos:

[...] chegar na cooperativa e todo mundo fazer a mesma coisa, porque no trabalho registrado você fica submisso a um chefe, a um, acho que um coordenador, alguma coisa parecida e aqui não, aqui todo mundo faz a mesma coisa, aqui nós não temos chefe [...] (Entrevistado 3).

[...] Em relação a entrega a gente tem uma separação de períodos, até pra distribuir por igual, as vezes até não é porque a pessoa não pode vim é porque tem que ser distribuído por igual (Entrevistado 5).

[...] acho que outra coisa é a divisão das coisas, a coletividade assim, o que é da cooperativa é um bem público, um bem comum, melhor dizendo, e todo mundo tem direito ao uso ou responsabilidade de uso, de dividir assim as coisas né, dividir a bike, dividir o capacete, dividir o lanche, dividir a comida, então isso também é um dos valores que fazem parte assim do dia a dia da cooperativa né e eu acho que também a resolução de conflitos, assim né a gente tem muitos conflitos, mas a gente sempre tenta sentar e resolver e conversar e só levantar dali quando a gente tiver resolvido os nossos problemas interpessoais, isso é muito difícil, as vezes resolve na hora, resolve ou não resolve, mas o objetivo é que a gente se resolva e eu acho que isso é muito digno sabe [...] (Entrevistado 6).

Outro significado associado a propriedade coletiva é a criação de uma subjetividade comunitária com influência da economia solidária, que estimula a formação de um homem social que busque a cooperação dos recursos e dos bens, conforme depoimentos:

[...] mas foi na Giro com a ideia e junto com os princípios que eu me vi acolhido mesmo, de eu poder realmente fazer parte de algo que eu não seja só uma mão de obra, mas eu participo de um todo ali, desde a parte da limpeza, a parte administrativa, da gestão (Entrevistado 7).

[...] eu cheguei agora e já tem uma estrutura formada, não participei muito dessa estruturação, mas é uma coisa que a gente lida super bem, e é natural, nós todos temos o mesmo valor na cooperativa, todos cooperam da mesma forma, mas é algo realmente natural, esse respeito que a gente tem com as pessoas que tem mais tempo aqui na Giro (Entrevistado 8).

A prática da propriedade coletiva ocorre na medida em que cada entregador ciclista acredita ainda mais na união de todos os cooperados pela luta por uma vida, trabalho e renda decentes aos entregadores. A propriedade coletiva na cooperativa é uma outra forma de organização do trabalho pelos trabalhadores (Scholz, 2016).

b) A sustentabilidade no trabalho de entrega

O trabalho de entrega por bicicleta faz parte do conjunto de ocupações que tem a entrega como a atividade principal. A entrega por bicicleta não é uma atividade ocupacional recente (Moura, 2021) e remonta as entregas realizadas pelos diversos meios de transporte, como as entregas a pé, entregas por van, entregas por caminhão ou mesmo entregas por moto.

O uso da bicicleta pelos entregadores permitiu uma inserção no mercado de trabalho brasileiro de mais pessoas em situação de desemprego, seja pelas poucas ofertas de trabalho nas empresas para pessoas de baixa qualificação ou mesmo pelo elevado número de pessoas que procuram emprego nas cidades do país (Moura, 2021).

A bicicleta passou a ser o verdadeiro trampolim que muitos trabalhadores estavam esperando para aderir ao trabalho de entregas, e o motivo é o fato de que a bicicleta é um veículo não motorizado, com baixo custo de aquisição em comparação ao custo de compra de um carro (Fosechato, 2022). Esse motivo facilita a aquisição da bicicleta para uso no trabalho de entregas por tantas pessoas que não possuem condições financeiras para compra de veículos motorizados como o carro ou a moto, e ainda estarem em situação de desemprego (Costa, 2022).

Os resultados da pesquisa OD 2017 na região metropolitana de São Paulo -SP (Pesquisa OD 2017, 2023) apontam as razões de escolha de viagens diárias de bicicleta por ordem decrescente de escolha. A bicicleta é o modal escolhido pela população devido poder ser utilizada para viagens de pequenas distâncias (50,9 %), em seguida pela possibilidade de realização de atividade física (18 %), e pelo alto custo de condução com outros modais (15,9 %).

A bicicleta tem possibilitado a milhares de entregadores no Brasil a chance de trabalhar para garantir uma renda mensal e sair da situação de desemprego. Os motivos de escolha são as vantagens como a rapidez em relação a outros modais no deslocamento pelas ruas e avenidas da cidade, e a capacidade de adaptação que a bicicleta possui para o ciclista percorrer tanto em espaços maiores quanto espaços menores (Moura, 2021).

A atitude de coragem dos entregadores ciclistas para enfrentar os riscos de acidentes ou mesmo de violência nas ruas permitiu que fossem chamados também como *bike boys* ou *bikers courier* (Moura, 2021) pela constante utilização da bicicleta para o trabalho de entregas nas ruas, aproveitando a rapidez de deslocamento para pequenas distâncias que a bicicleta proporciona ao entregador, e a possibilidade de entregar com mais agilidade.

Além disso, o uso da bicicleta pelos entregadores ciclistas na cooperativa adquire outro

sentido, além do sentido de acesso ao trabalho para garantir a sua sobrevivência econômica, humana e de suas famílias,

É por isso que falei, a gente entrega mais que uma sacola, a gente entrega uma causa (Entrevistado 10).

A busca pela valorização da bicicleta como ferramenta de trabalho e como possibilidade de veículo que contribui para a melhoria do meio ambiente nas cidades tem sido uma pauta política no trabalho de entregas. Os membros da cooperativa divulgam os benefícios de uso da bicicleta como veículo menos poluente na cidade e de descongestionamento do trânsito:

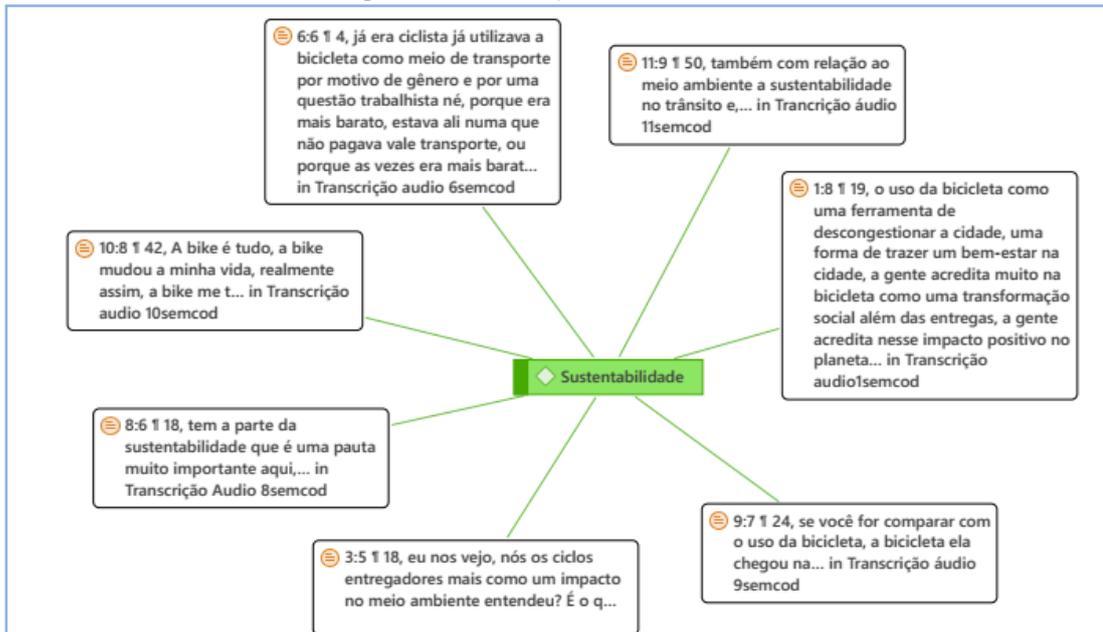
[...] o uso da bicicleta como uma ferramenta de descongestionar a cidade, uma forma de trazer um bem-estar na cidade, a gente acredita muito na bicicleta como uma transformação social além das entregas, a gente acredita nesse impacto positivo no planeta. De trazer uma cidade mais humana né, a bicicleta não polui, a gente contribui pra que o mundo seja mais tranquilo né, sem poluição (Entrevistado 1).

Eu nos vejo, nós os ciclos entregadores mais como um impacto no meio ambiente entendeu? É o que os carros faz nós deixa de fazer nas entregas de bike, a gente tem uma visão totalmente diferente de quem faz entrega de carro, de moto, nós com a bike nós não consegue poluir o meio ambiente de bike, e a gente consegue fazer nossas entregas tranquilo também (Entrevistado 3).

A situação de aumento das ações de degradação ambiental no mundo afeta muito as pessoas, os resultados do relatório de pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) apontam que a economia global cresceu em ritmo acelerado devido as intensas atividades de extração de recursos naturais e de geração de energia através do uso de fontes tradicionais vindas de combustíveis fósseis (petróleo, gás) pelas empresas para sustentar os projetos de industrialização e de expansão mundial dos mercados (Onu News, 2024).

Diante da realidade do desgaste ambiental em todo planeta nos últimos anos, muitas organizações não governamentais (ONG) e coletivos foram criados com o propósito de organizarem ações de conscientização social e práticas de preservação do meio ambiente. Essa preocupação ambiental com reflexos em práticas de sustentabilidade na mobilidade ativa pode ser observada nas falas dos entrevistados cooperados conforme demonstradas na figura 4, a seguir, que reúne as falas selecionadas dos entrevistados sobre esse assunto.

Figura 4 – Codificação sustentabilidade



Fonte: Elaboração própria (2024).

A crença no impacto positivo causado pela bicicleta nas cidades é um dos principais pontos da escolha pelo trabalho de entregas por bicicleta na cooperativa (Cañada, Izcara, Zapata Campos, 2023). A bicicleta pode ser o caminho mais acessível para uma mobilidade sustentável nas cidades, alterando o nível de bem-estar da população por meio da redução da emissão de gases poluentes que a bicicleta possibilita como veículo não motorizado. As falas dos entrevistados mostram suas percepções:

[...] tem a parte da sustentabilidade que é uma pauta muito importante aqui, que é essa questão de trazer a bike e ela trazer a sustentabilidade, por ser um veículo limpo, e tudo isso acaba sendo o combustível pra gente trabalhar diariamente na cooperativa motivado, pra que a gente não tenha que voltar pra rua, e trabalhar pra esses aplicativos, e passar por diversos perrengues durante o trabalho que é realmente árduo (Entrevistado 8).

[...] a gente também tem a realidade da sociedade brasileira como um todo, que é uma realidade desigual com muitas pessoas pobres, e a bicicleta é um meio de transporte mais democrático porque é mais barato, o custo de manutenção é menor, o custo de aquisição de bicicleta é menor, então a gente ver em algumas cidades de São Paulo é um caso a parte, mas a gente ver nas cidades do interior que a bicicleta é mais utilizada do que o carro, se é uma cidade plana, e é uma cidade costeira, do litoral e tal, as vezes faz mais sentido você utilizar um veículo que é mais barato, que não é tão custoso de certa forma em outros locais, em outras cidades, a velocidade que as coisas acontecem é diferente, aqui em São Paulo (Entrevistado 9).

A consciência de que é possível ter uma cidade sustentável está bem presente na fala do entrevistado 11, pela visualização de uma mobilidade urbana mais fluída, com menos congestionamentos que tornam o trânsito lento pelas enormes filas de carros geradas em

horários de picos em áreas da cidade como as avenidas de fluxo intenso de carros (Costa, 2022).

É interessante frisar aqui o conceito de mobilidade para entendermos a abrangência do impacto da escolha das entregas por bicicleta para o desenvolvimento sustentável das cidades. Mobilidade é um conceito que enfatiza a capacidade de movimentação por meios físicos e econômicos (Fochesato, 2022). A mobilidade urbana é uma característica das cidades e busca associar a qualidade e a facilidade dos deslocamentos de pessoas e bens no espaço urbano (Brasil, 2010).

O termo mobilidade sustentável ganhou ênfase a partir da proposição dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015. Os 17 (dezessete) objetivos que tratam dos principais desafios mundiais aos governos, pessoas e empresas, dentre eles, alguns se refere a mobilidade, como os objetivos n. 7 – Energia limpa e acessível, o objetivo n. 11 – Cidades e comunidades sustentáveis e o n. 13 – Ação contra a mudança global do clima (Nações Unidas Brasil, 2024).

Assim, a realização do trabalho de entregas por bicicleta pelos entregadores ciclistas na cooperativa não só possui a dimensão da cooperação de entregadores com a mesma condição informal de trabalho, sem os benefícios usufruídos pelo registro formal do trabalho, Mas, uma cooperação de ciclistas para defender os sentimentos de humanização e sustentabilidade na cidade através do incentivo ao uso da bicicleta como meio de transporte principal nos deslocamentos (Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023).

A ideia da prática de pedalar para criar melhores condições de vida e de meio ambiente perpassa a compreensão de que as *bikes* possibilitam alcançar a mobilidade sustentável, contrapondo aos efeitos do aumento das emissões de carbono pelo maior uso de carros e motos pelas pessoas quando realizam as chamadas de entregas nos aplicativos de caronas e de viagens.

Na cooperativa, a bicicleta ocupa posição privilegiada na vida dos entregadores ciclistas, não se trata de um mero veículo escolhido para realizar o trabalho, a história dos entregadores ciclistas com a bicicleta começa muitas vezes bem antes do local de trabalho na cooperativa. Alguns cooperados apresentaram algumas partes de suas histórias de vida:

[...] mais eu já tinha anos pedalando, eu pedalo desde os 13 anos de idade, vou pra rua, já era ciclista, já utilizava a bicicleta como meio de transporte por motivo de gênero e por uma questão trabalhista né, porque era mais barato, estava ali numa que não pagava vale transporte, ou porque às vezes era mais barato (Entrevistada 6).

[...] essa qualidade de vida é só o ciclista tem né, tipo tudo bem que tem pessoas que

fazem esporte, que fazem academia e tal mas eu acho muito singular como a bicicleta na vida de uma pessoa, quando ela pensa em trabalhar com isso pensar em ter sua mobilidade regida pela bicicleta, a qualidade muda drasticamente né, e acho muito bacana isso, para além da qualidade de vida e autonomia (Entrevistado 9).

A bike é tudo, a bike mudou a minha vida, realmente assim, a bike me transformou, eu tenho 31 anos, eu ando de bicicleta desde dos meu 8 anos, eu já tive skate, patins, carrinho de rolemã, tudo que me proporcionasse uma adrenalina, uma velocidade, superar os meus desafios corporais, eu sempre tive, eu sempre amei, e a bicicleta sempre esteve comigo assim, eu tive carro, tive moto, desde moleque, desde os meus 8 anos que eu pedalo, eu ia pra escola de bike, na adolescência eu ia para as pistas de skate de bicicleta e eu voltava, eu ia no mercado de bike e voltava, isso sempre como meio de locomoção, eu sempre usei, e de 2012 aconteceu umas coisas na minha vida, eu fiz umas besteiras, e a bicicleta voltou pra minha vida, a bicicleta surpreendente, porque em 2011 eu fiz umas besteiras e tal passou um tempo, e 2013 foi quando eu comecei a tentar a trabalhar de bicicleta, porque eu sempre quis ser independente (Entrevistado 10).

A relação dos entregadores ciclistas com a bicicleta assume um aspecto de intimidade pessoal que se iniciou muito durante o tempo de infância até o tempo de fase adulta, eles apresentam os efeitos de transformação que a bicicleta trouxe para suas vidas, como um marco divisor de fases de vida.

O entrevistado 10 assim enfatiza: “[...] eu sempre usei, e de 2012 aconteceu umas coisas na minha vida, eu fiz umas besteiras, e a bicicleta voltou pra minha vida, a bicicleta surpreendente, porque em 2011 eu fiz umas besteiras e tal passou um tempo, e 2013 foi quando eu comecei a tentar a trabalhar de bicicleta”. O relato demonstra que a bicicleta também trouxe a renovação de momentos de vida, a bicicleta possibilitou colocá-lo em outro momento de vida profissional.

c) A economia solidária

O crescimento econômico das empresas de aplicativo foi refletido na intensificação do acesso facilitado do trabalho informal, flexível, sob demanda, intermitente (Neto; Chiarini; Ribeiro, 2022). O trabalho de novo foi considerado como mercadoria ofertada para atrair milhares de trabalhadores informais a esse ambiente digital. Muitas organizações sociais formadas em valores como coletividade, solidariedade e propriedade coletiva foram muito impactadas com o poder de dominação dos aplicativos principalmente no período da pandemia do COVID-19, principalmente a cooperativa, como o relato abaixo demonstra:

[...] a pandemia mudou muita coisa, querendo ou não a gente não saiu tão fortalecido como os aplicativos depois da pandemia, hoje eles dominam ainda mais, eles pegaram boa parte do leque de entregas que tinha nessa época, expandiu, e por isso que a concorrência hoje é tão difícil porque eles cresceram demais depois da

pandemia, demais, demais (Entrevistado 5).

As cooperativas de entregas foram impactadas com a expansão da ação dos aplicativos no ramo de entregas, com a entrada dos aplicativos no mercado da economia de entregas o desafio de permanência e visibilidade para as cooperativas e coletivos passou a ser maior. O desafio não foi a retirada ou eliminação dos aplicativos do mercado, mas a gestão da comunicação empresarial através da apresentação das diferenças da organização do trabalho na cooperativa para os clientes e fazê-los conscientes de suas escolhas, como o depoimento abaixo ilustra:

[...] então o serviço vai ser prestado com excelência com qualidade, é diferente de repente de uma pessoa que está fazendo entrega por aplicativo. As vezes, ela vai ta num dia ruim e ela não vai ter aquele cuidado com a entrega, porque tipo ah! depois se vira com o aplicativo. Já com a cooperativa a gente tem esse cuidado, tem esse zelo com a imagem, então consequentemente a gente vai ter um cuidado maior com as entregas, vai ter esse profissionalismo, essa atenção maior com o cliente (Entrevistado 1).

O trabalho de entregas por bicicletas na cooperativa apresenta-se como atividade laboral que é construída a partir da relação personalizada com o cliente a fim de prestar um serviço de qualidade:

[...] nós tem a qualidade assim de fazer o serviço legal, não desviar nada, fazer no horário certo, e entregar tudo para o cliente sabe” (Entrevistado 2).

A visão da qualidade do trabalho compreende a capacidade de cumprir com os requisitos do pedido do cliente como mostrado na fala do entrevistado 2. Não desviar nada do que foi solicitado, como também envolve uma busca de relação transparente com o cliente sem utilizar meios para enganar, tornando não prejudicial o negócio para o cliente. Existe uma relação de conhecimento das formas de realização de todo o trabalho, uma transparência dos preços e das condições do trabalho, dos preços para negociação mútua e ganhos equilibrados para ambas as partes.

A prioridade pela qualidade do serviço de entrega por bicicleta atende a dois objetivos: a valorização da categoria do entregador ciclista que atende presencialmente e com os cuidados necessários para que a entrega seja realizada ao cliente, e o segundo objetivo é a boa captação de clientes para formar uma base de mercado mais sólida e segura, uma demanda considerável que solicite os pedidos formando um volume de clientes que consolide o modelo de qualidade do trabalho e apoie a causa da luta contra à precarização do trabalho por

aplicativo.

A construção do trabalho cooperativo de qualidade passa pelo engajamento de todos no processo de autogestão para organização dos preços a serem cobrados pelos trabalhos de entrega,

[...] porque é muito mais fácil você ir no aplicativo fazer entrega e ganhar dinheiro do que numa cooperativa, na cooperativa você precisa entrar, você precisa se tornar membro, você tem que saber que você é sócio, você precisa saber que tem que cuidar de outras funções, se unir com o senso comum com os membros por que as vezes é igual a gente falou, pode ser que eu não seja muito bom, obviamente no aplicativo você vai ganhar mais dinheiro naquele momento e vai ser muito mais fácil (Entrevistado 5).

A característica de autogestão do trabalho na cooperativa envolve o cooperado ter em si habilidades interpessoais de cooperação, qualidade de bondade, a vivência de uma coletividade na resolução de problemas que surgem durante a rotina dos trabalhos. E, uma coletividade que não só implica na assiduidade nos trabalhos de entrega, mas que vai além do esforço físico na realização das entregas e alcança relações de zelo, solidariedade, respeito à diversidade, e cuidado com o outro cooperado para que pratique também a cooperação.

O fluxo da economia social na cooperativa é o fluxo da produção social das entregas ou fluxo do trabalho de entregas na cooperativa. Este fluxo está organizado de maneira a valorizar a categoria do entregador ciclista, a igualdade do valor do trabalhador cooperado, e principalmente o valor do trabalho sem fins de lucro, o trabalho decente,

[...] acho que o senso de comunhão, senso de irmandade, de fraternidade, esse senso de coletividade, isso une muito a gente, isso faz com a gente se torne mais próximo, mais amigo, mais companheiro, o ideal né, nossos ideais se convergem, se entrelaçam, eles são semelhantes, o que a gente pensa sobre sociedade, sobre política, são pensamentos diferentes mas são semelhantes, a gente gosta de fazer nas horas, acho que tudo isso une a gente, também dessa vontade de fazer algo diferente, que a maioria que ta aqui sofreu pra caramba nas empresas, na rua, tem vontade de fazer algo novo, diferente, de não ser explorado, exatamente o diferente do que a gente viveu durante anos aí na rua, sendo precarizado, sendo explorado, acho que isso uniu muito a gente, esse objetivo em comum que a gente tem de não ser mais uma engrenagem só (Entrevistado 10).

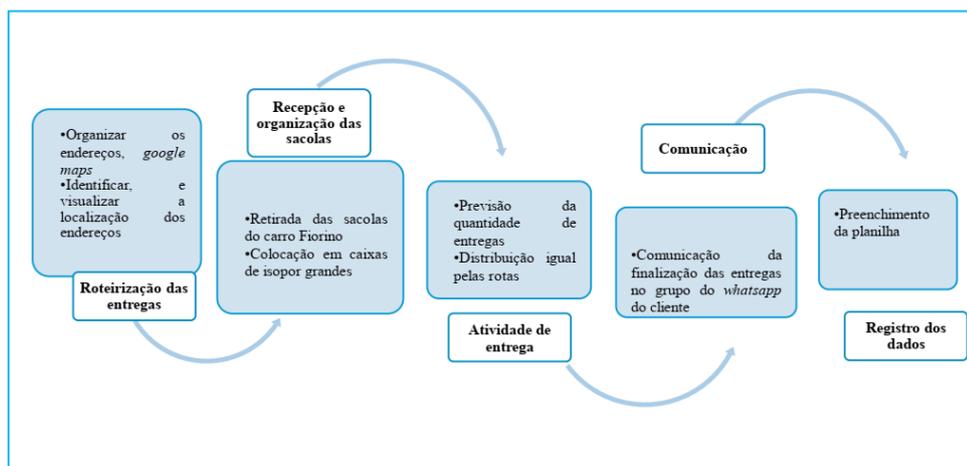
A intenção de organizar um fluxo de trabalho de entregas na cooperativa trouxe a possibilidade de experimentar o valor da justiça social pelos cooperados. Anteriormente, eles estavam imersos nos valores de competição, individualidade e apego ao discurso do “empreendedor de si” para ter os ganhos financeiros no trabalho por aplicativos de entrega, antes eles não tinham como negociar e obter maiores ganhos porque a negociação ocorria entre a empresa de aplicativo e o cliente (trabalho por aplicativo) ou entre o empresário e o

cliente (trabalho no regime CLT).

Também, o valor que era repassado para os entregadores no final de cada mês, eles não tinham como exercer o poder de conhecer o quanto o cliente efetivamente pagava para a empresa de aplicativo ou para o empresário na empresa tradicional, estavam como alienados ao processo de produção do trabalho de entrega. Eles eram considerados como engrenagens de uma máquina programada para ter o máximo desempenho a um custo de mal-estar, competição entre trabalhadores, baixos salários, desproteção social do Estado, e retirada de direitos trabalhistas.

O fluxo de trabalho da cooperativa foi construído no decorrer dos anos, desde o ano da fundação da cooperativa até os dias de hoje, este fluxo está demonstrado na figura 5, a seguir. Convém ressaltar que a elaboração aconteceu através das falas do entrevistados e notas de campo geradas com a observação da rotina diária do trabalho de entregas por bicicleta na cooperativa.

Figura 5 – Fluxo de operação da atividade de entrega na cooperativa



Fonte: Elaboração própria (2024).

O fluxo possui 5 momentos divididos e organizados nos turnos matutino e vespertino do dia, envolvendo as principais atividades realizadas no trabalho de entregas por bicicleta no modelo de cooperativa de plataforma.

O primeiro momento consiste na atividade de roteirização das entregas do turno da manhã após a chegada dos cooperados à base da cooperativa. Esta atividade ocorre entre o intervalo de 8:00 as 9:00 horas, geralmente os cooperados realizam a primeira viagem do dia com suas *bikes* no trajeto de casa para a base da cooperativa, percorrendo em média de 10 quilômetros a 25 quilômetros,

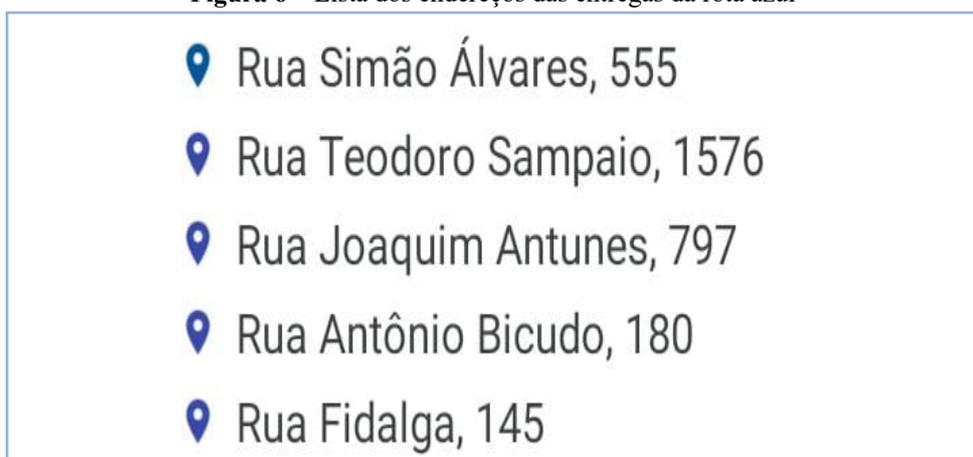
[...] tenho um trajeto de 24 km que é eu faço esse percurso de bike até a Giro sustentável, de casa até a Giro, aí chegando na Giro nós faz a roteirização das entregas, aí divide como pra sete pessoas, aí nessa divisão pra sete pessoas cada um escolhe a sua rota que vai sair, aí separa, e vai (Entrevistado 3).

A atividade de roteirização das entregas, compreende organizar os endereços das entregas do turno da manhã disponibilizados pela empresa-cliente no programa *google maps* para identificar, visualizar a localização exata referente aos endereços (quilometragem a ser percorrida, bairro da entrega, quantidade de sacolas, o nome do cliente, avisos sobre a realização da entrega caso seja para entregar na portaria de edifícios ou nas mãos do próprio cliente). Uma descrição abaixo retirada da Nota de campo demonstra como ocorre esta etapa a partir da observação participante da rotina de atividades na sede da cooperativa:

Na ocasião de realização das entregas junto com outro cooperado na tarde do dia 25/10/2023, eu pude perceber que a roteirização prévia é feita com o auxílio do programa *google maps* pois facilita o conhecimento da rota a ser percorrida de *bike*, bem como dos bairros, o tempo médio de realização do percurso total e nos casos de não conhecimento do bairro da entrega, o programa funciona como uma bússola na indicação das ruas que devem ser percorridas até o local de destino (Nota de campo).

Na figura 6, a seguir, apresenta-se a lista com os endereços das entregas realizadas nesse dia.

Figura 6 – Lista dos endereços das entregas da rota azul



Fonte: Elaboração própria (2024).

A maneira como são organizadas as rotas de percurso do trabalho de entrega é definida pela disposição de cores, os endereços dos locais de entrega próximos são associados uns dos outros por uma mesma cor e geralmente são divididos em 5 (cinco) áreas ou zonas de entregas por cor. No caso da rota de percurso feita por mim e um cooperado numa tarde, a área das entregas foi sinalizada na cor vermelha conforme demonstrado na figura 7 a seguir.

As sacolas são retiradas do carro da empresa contratante *Liv up* e colocadas em caixas de isopor grandes, localizada em uma sala na área interna que divide o espaço com a cozinha, depois cada cooperado pode pegar as sacolas da sua rota e ajeitar as sacolas nas mochilas ou nas caixas nas garupas das bicicletas. Na figura 8, a seguir, demonstra-se a etapa 2 de colocação das sacolas retiradas do carro da empresa-cliente dentro da sede da cooperativa.

Figura 8 – Colocação das sacolas



Fonte: Elaboração própria (2024).

O terceiro momento é a realização das atividades de entregas por bicicleta pela manhã. Geralmente, as entregas são realizadas nos horários das 9:00 horas às 12:00 horas, e no turno da tarde no intervalo de 14:00 horas às 17:00 horas. A previsão da quantidade total de entregas é o fator diferencial em relação ao trabalho de entregadores ciclistas nos aplicativos, existe uma previsibilidade do número de pedidos dos clientes já gerenciado e distribuído de forma igual pelas rotas definidas por cores diferentes e escolhidas por cada um dos cooperados, como evidenciado na fala do entrevistado 3:

[...] aí chegando na Giro nós fazemos a roteirização das entregas, aí divide como pra sete pessoas, aí nessa divisão pra sete pessoas, cada um escolhe a sua rota que vai sair, aí separa, e vai né, aí a tarde tem também entrega a tarde, aí a gente volta meio dia, almoça né, e a gente tem o livre arbítrio de conversar, agora meio dia até duas da tarde a gente pode fazer outras coisas também se quiser entendeu fora da cooperativa? mas também a gente pode ficar na cooperativa nessas duas horas, de boa, tranquilo, aí chega 14hs da tarde, chega as entregas da tarde, a gente organiza de novo e sai para entregar tipo dentro de quarenta minutos ou uma hora a gente faz essas entregas (Entrevistado 3).

A característica da propriedade coletiva da cooperativa permitiu aos cooperados uma redução da precarização do trabalho de entregas por bicicleta mesmo com os desafios de

tornar-se um cooperado. O modelo do trabalho cooperado contribui para o melhor uso do tempo no trabalho como na fala do entrevistado 3 porque cada um possui uma mesma quantidade de pedidos a serem realizados diariamente, que totalizam numa quantidade total de pedidos mensal, com retorno financeiro mais estável aos cooperados como relata o entrevistado 5:

[...] a questão da precarização dificulta pra nós porque é justamente onde eles ganham a mente do entregador, porque é muito mais fácil você ir no aplicativo fazer entrega e ganhar dinheiro do que numa cooperativa. Na cooperativa você precisa entrar, você precisa se tornar membro, você tem que saber que você é sócio, você precisa saber que tem cuidar de outras funções, se unir com o senso comum com os membros por que às vezes é igual a gente falou, pode ser que eu não seja muito bom, obviamente no aplicativo você vai ganhar mais dinheiro naquele momento e vai ser muito mais fácil (Entrevistado 5).

Na cooperativa, o trabalho de cada um dos cooperados influencia no trabalho do outro, assim a produção de bens ou serviços no caso da cooperativa em estudo possibilita humanizar a economia das entregas na medida em que insere parcela de trabalhadores e desempregados no mercado de trabalho com a chance de obter uma renda mais justa.

O quarto momento envolve as atividades de comunicação na plataforma utilizada pelos cooperados e o cliente. Assim que todas as entregas são feitas por cada entregador, cada um faz a comunicação da finalização das entregas no grupo do *whatsapp* do cliente para ciência de que as entregas foram realizadas, sem intercorrências ou problemas no percurso, como o depoimento aponta:

[...] falo com o cliente quando eles desce do edifício ou quando sai do portão de sua residência, quando o cliente não está na residência inicio contato telefônico com o suporte para saber qual conduta deve ser tomada, deixar as sacolas na portaria ou retornar com as sacolas para outro momento fazer a entrega, assim que finalizo as entregas, comunico no grupo do WhatsApp do cliente a finalização da entrega (Entrevistado 1).

Na figura 9, a seguir, demonstra-se como é feita a comunicação com o cliente no ato da entrega, seja na recepção dos edifícios ou mesmo em residências.

Figura 9 – Comunicação com cliente

Fonte: Arquivos fotográficos da autora (2024).

O quinto momento é o registro dos dados, o preenchimento da planilha de acompanhamento das quantidades de entregas feitas por cada cooperado durante o dia. A planilha subsidia o trabalho da elaboração dos relatórios contábil- econômico pelo contador contratado pela cooperativa para apurar os resultados do mês, do semestre e do ano, conforme o depoimento:

A gente já tem um valor fechado com cada cliente, elabora o custo que vai ser da nossa entrega, do nosso serviço e fecha um acordo com o cliente e aí esse valor é repassado, a maior parte é repassado para o ciclista e 25% é recolhido pra cooperativa, para pagamento do aluguel, pagamento da internet, conta de água, conta de luz, o imposto sobre serviços, contador e mais insumos para a base (Entrevistado 1).

Após a etapa 5, geralmente no final do turno da manhã, os membros da cooperativa organizam o almoço, um período de descanso da atividade principal de pedalar nas ruas, esse momento apresenta o tempo de maior interação entre os cooperados porque eles organizam o preparo da refeição coletivamente, um dos cooperados prepara o arroz, o outro já prepara a proteína (carne, frango, linguiça), outro divide os alimentos na marmita já preparada em casa e os distribui, configurando um momento de solidariedade e unidade através do ato de preparar a refeição.

No turno da tarde, os momentos 1, 2, 3 e 4 repetem-se na forma de realização já descrita, adequando o trabalho de entregas também conforme outros cooperados estejam disponíveis e definidos para o trabalho com base na escala de dias e horários feita pelos cooperados.

d) A renda digna

O dia a dia dos entregadores ciclistas na cooperativa apresenta uma característica muito peculiar a esse grupo de trabalhadores: a crença na força da coletividade para obter uma remuneração melhor. O trabalho de entregas por bicicletas dos cooperados se torna não uma saída de emergência como as portas de saída de emergência dos cinemas usadas para situações de perigo, mas uma alternativa prática, real, e contínua para sair da situação de desemprego que exclui muitos trabalhadores do mercado de trabalho e de obter uma renda (Moura, 2021).

No cenário do trabalho de entregas por bicicletas, há um agravamento da situação do trabalhador. Primeiro, a ausência da formalização do vínculo de trabalho com as empresas de plataformas caracteriza a informalidade do vínculo entre plataformas e entregadores ciclistas. Segundo, os entregadores ciclistas ficam mais expostos à precarização da renda devido ao fato de terem que gastar maior energia física para pedalar longas distâncias e conseguir elevada quantidade de entregas e, com isso, acumular maior valor nas entregas (Souza, 2021).

Os resultados da pesquisa realizada por Oliveira e Festi (2021) através de entrevistas feitas com 44 entregadores na cidade do Recife-PE e 39 entregadores no Distrito Federal-DF (83 entregadores) apontam que os salários líquidos obtidos por esses entregadores são abaixo do valor líquido gerado com o salário mínimo no país. À época da realização da pesquisa, o ano de 2021, o valor do salário mínimo era de R\$ 1.100,00 (hum mil e cem reais), o valor de referência do salário mínimo, ou seja, o valor bruto associado aos descontos gerados pela variação da taxa cobrada unilateralmente pelos aplicativos de acordo com a distância percorrida e a natureza das entregas (alimento, documento), os valores líquidos obtidos são muito baixos.

Na cooperativa, os esforços individualizados se somam e ganham maior expressão no esforço cooperativo dos membros para mudar a dinâmica de cálculo da distribuição da renda nos aplicativos, de maneira a não seguir a dinâmica da competitividade que individualiza os entregadores nos aplicativos,

[...] é diferente do iFood, dessas plataformas, nossa cooperativa presta serviço de economia solidária, e a gente preza pela justa distribuição de renda, pela valorização (Entrevistado 1).

A percepção de que a cooperativa presta serviços diferenciados em relação aos entregadores por aplicativos é a ênfase da fala do entrevistado 1 acima. Sua convicção é

formada na natureza da economia solidária¹, que busca criar processos de produção, distribuição, e circulação de bens e serviços de forma cooperada com o repasse do valor do trabalho de forma igualitária entre os membros da economia solidária.

Também, o entrevistado 1 revela o interesse na geração de outra forma de cálculo de renda para os cooperados. O maior repasse de valor do trabalho é feito aos entregadores ciclistas diferenciando da lógica dos aplicativos, que repassam maior valor do trabalho para aqueles entregadores que possuem elevado desempenho na quantidade de entregas feitas, mais tempo disponível *online* nos aplicativos, e o menor número de reclamações de clientes (Moura, 2021).

Os valores de igualdade, coletividade e democracia estão presentes durante a forma de autogerir o trabalho de entregas e as rendas geradas, as rendas possuem como que a capacidade de reparar as desigualdades econômicas e sociais criadas com a informalidade do trabalho que deixa muitos trabalhadores sem renda, trabalhos precários nas ruas, e sem direitos (Charles; Ferreras; Lamine, 2020).

A análise das falas dos entrevistados também apontou para a ideia da evolução dos momentos de cooperativismo para atingir o *status* ou fase da renda justa,

[...] antes não era, ficava concentrado em uma pessoa só e até dessa pessoa era descontado um pouco menor a porcentagem, hoje em dia todo mundo é 25 %, todo mundo é igual, igualável assim (Entrevistado 2).

O relato do entrevistado 2 mostra que a renda justa não foi aplicada como prática desde o início de fundação da cooperativa. Observa-se que a prática da coletividade foi implantada aos poucos de modo que o coletivo prevalecesse sobre o individual, como que uma dor individual que se torna uma dor coletiva pela luta por uma renda melhor.

Observa-se que a fala do cooperado pode revelar a dimensão instrumental e econômica da renda para esses entregadores cooperados, no sentido de que ainda a função de provimento de uma subsistência e a sobrevivência econômica são as principais funções da renda obtida na cooperativa, ao contrário ao que Charles, Ferreras e Lamine (2020) pontuam em suas pesquisas sobre o caso da cooperativa Smart. O estudo mostra que os cooperados da Smart não buscam maximizar a renda para aumentar a capacidade de realizar compras e pagar despesas, mas a solidariedade na Smart é também pela escolha do tipo de vida que querem ter e pela luta cooperada para o alcance de uma renda que possa prover esse tipo de vida, é o

¹ A economia solidária é uma economia alternativa à economia capitalista, o economista austríaco Paul Singer foi um escritor que se propôs a escrever sobre a condição de igualdade daqueles que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar, ou seja, daqueles que experienciam a economia solidária (Singer, 2002).

sentido de realização pessoal que antecede ao sentido instrumental da renda.

Outro cooperado demonstrou outro sentido atribuído a prática da distribuição da renda mais justa quando no momento da entrevista, o sentido de honra ou respeito com o direito ao valor gerado com o trabalho. A obtenção do salário sem descontos no valor bruto é uma maneira de dar o devido valor aos trabalhadores, sem enganos, sem aplicação de taxas variantes a esses trabalhadores que com o suor de suas forças físicas passam muitas horas nas bicicletas sob alteração do tempo de sol e chuva, arriscando suas vidas no trânsito da cidade de São Paulo-SP para realizarem as entregas. A fala abaixo revela um pouco da percepção de justiça com a forma de cálculo da renda na cooperativa:

[...] e, eu acho que também é um respeito pelo nosso trabalho, da gente não ter um valor descontado, a gente paga uma parcela pra cooperativa mas é uma parcela bem menos abusiva do que a gente pagaria entre aspas se é descontado independente de a gente saber ou não né, o repasse do nosso trabalho é mais justos do que numa empresa comum, e isso são algumas coisas que eu me lembro (Entrevistado 6).

O forte apelo à democracia na repartição dos ganhos obtidos por todos os cooperados esta visível na fala do entrevistado 6, a democracia na distribuição do valor do trabalho realmente inclui esses trabalhadores, que fazem parte da realidade de áreas de periferia em São Paulo-SP, devido residirem longe do local onde são realizadas as entregas.

A distribuição da renda na cooperativa materializa o conceito de renda justa ou renda digna nos textos redigidos pelo professor Scholz (2016) quando elaborou os princípios do Cooperativismo de plataforma, dentre eles o pagamento decente e seguridade de renda. O princípio trata do reconhecimento do valor do trabalho prestado seja por trabalhadores de alta formação ou baixa formação em plataformas cooperativas, todos devem ter um pagamento justo.

Atualmente, a situação do nível salarial dos cooperados é equilibrada para manutenção dos gastos gerados com eles e suas famílias, mas a situação salarial em períodos anteriores a pandemia do covid-19 já foi melhor. As transformações no mercado de entregas com a entrada de empresas aplicativos modificou todo o cenário anterior, os aplicativos começaram a aplicar o preço baixo do valor do trabalho de entregas trazendo o aumento da precarização do trabalho e a renda com a diminuição do número de clientes a essas cooperativas:

É já foi melhor, a cooperativa em si já esteve numa prospecção melhor de clientes, e mais entregas, aqui já foi maior minha renda, hoje eu consigo me manter sim, até porque tenho outras fontes de renda, meu haver não é isso que eu busco na vida, porque tipo eu trampei no aplicativo, eu consigo fazer muito mais que eu faço na cooperativa, trabalhando no aplicativo ganhando mais dinheiro. A que custo?

Trabalhando 12 (doze) horas por dia, 16 (dezesesseis) horas por dia, comendo mal, não tendo um lugar pra fazer as minhas necessidades, pra lavar uma mão, pra lavar um rosto, pra carregar o celular, então está na cooperativa hoje em dia as rendas estão bem equiparadas, bem iguais, todos já esteve diferente, a gente já ganhou o dobro praticamente do que a gente ganha hoje todo mundo, a gente ta correndo atrás porque a maioria quer ganhar mais e precisa, tem gente que quer só a cooperativa como fonte de renda (Entrevistado 10).

A ideia da luta pelo fim da baixa remuneração dos entregadores possui motivos que se baseiam na valorização do modelo cooperativo de plataformas. A prioridade do trabalho de entregas de forma cooperada permite ao entregador o menor desgaste físico e mental por dispor de um só vínculo de trabalho, que pode favorecer a esse entregador uma renda justa sem a exploração do tempo de trabalho em vários aplicativos. Os trechos de falas dos entrevistados 4 e 6 apresentam suas percepções sobre a vantagem da renda obtida na cooperativa:

[...] porque tem pessoas que tipo quer dá um passo maior que a perna, o cara quer fazer cinco coisas ao mesmo tempo assim, ta em vários lugares né, a cooperativa aqui ela me deixa mais tranquilo, não é uma coisa assim que tipo sufoca, eu fico tranquilo eu consigo pegar minha renda, tranquilo, as vezes quando no final de semana quando eu faço minhas compras mesmo (Entrevistado 4).

[...] a gente tem uma remuneração variável ela vai do tanto que você trabalha, sei lá eu trabalho duas vezes na semana e tiro 900 reais por mês né, e aí se eu for tirar comida, e não sei o que lá, ele vai diminuindo mas eu ganharia mais que se eu trabalhasse em um evento, em algum outro trampo que fosse precarizado ou as vezes de bicicleta em outra empresa, então na média a gente ainda ta sendo melhor remunerado, melhor tratado e melhor organizado do que o restante da classe entregador (Entrevistado 6).

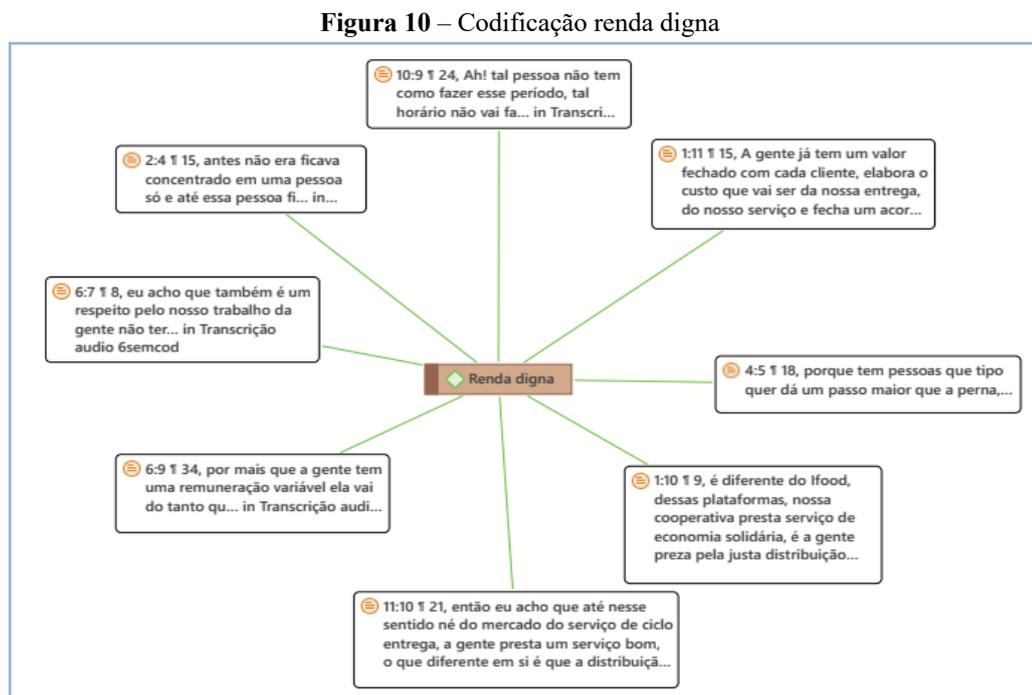
O propósito da renda justa é de também resgatar o pertencimento do trabalhador a uma coletividade, esse sentimento de pertencimento a um coletivo é igualado ao sentimento de pertencimento a uma classe (Van Door, 2017). A classe trabalhadora que dispõe de sua força de trabalho e do ideal de luta coletiva contra a condição de precariedade de vida e do trabalho de entregadores, esse sentimento foi observado nas falas dos entrevistados 10 e 11.

Ah! entrou pessoas. Saiu pessoas. Ah! tal pessoa não tem como fazer esse período, tal horário não vai fazer, a gente organiza conforme a necessidade e disponibilidade de cada um, sempre tentando igualar para que no final do mês os ganhos sejam semelhantes, não tenham uma diferença muito grande [...] (Entrevistado 10).

Então, eu acho que até nesse sentido né do mercado do serviço de ciclo entrega, a gente presta um serviço bom, o que é diferente em si é que a distribuição é feita de maneira justa, então ainda fica um pouco maior, só que lá fora as atividades de ciclo entrega capitalista mesmo, o repasse é muito abaixo mesmo, então é aquela questão da mais valia, mas o repasse é muito baixo (Entrevistado 11).

A situação de ausência de algum cooperado nos dias de trabalho relatada acima mostra como os demais cooperados precisam se organizarem em termos de suas disponibilidades de dia e horário. Essa ação de reorganização não somente ocorre para uma proporcionalidade de trabalhos distribuídos entre todos os cooperados com fins de reequilibrar as rendas no fim do mês, e assim poderem ajudarem-se.

Na figura 10, a seguir, demonstram-se os trechos das falas dos entrevistados com as citações referentes ao código renda digna.



Fonte: Elaboração própria (2024).

e) Os riscos da cooptação ao empreendedorismo

A partir do trabalho de campo junto a cooperativa é possível observar a tendência para a prática do empreendedorismo pelos cooperados, com a ressalva por outros cooperados de que na cooperativa não há a prática do empreendedorismo:

Bom, eu vejo que as semelhanças não são muitas não, porque nós como cooperativa né, tipo empreendedor ele tem que fazer uma meta por dia pra manter a empresa dele andando, nós como cooperativa nós temos essas entregas que já é certa, nós não temos. Ah! temos que fazer X por dia pra manter a minha empresa andando, e nós consegue vamos supor com as entregas dividida certinho nós consegue ter o padrão de não ser uma empresa (Entrevistado 3).

[...] então eu acho que é empreendedorismo, é empreendedorismo querer está aqui, querer fazer as coisas, querer fazer as entregas, querer ganhar dinheiro (Entrevistado 10).

No sentido da tomada de atitudes para fazer as atividades na cooperativa, desenvolver a vontade de prosperar nas atividades na cooperativa configura os cooperados como empreendedores, mas quando o sentido da tomada de iniciativa assume ideia de ser também um patrão, um empregador que exerce a direção dos empregados por meio de relações hierárquicas, o empreendimento não se mostra como empreendedorismo.

As semelhanças entre o cooperativismo de plataforma e o empreendedorismo também são identificados no conteúdo das atividades, muitas atividades da cooperativa como a criação de produtos ou serviços e a sua divulgação junto aos clientes (marketing), a gestão da logística do processo de produção de bens e serviços, armazenagem, venda e distribuição (transporte e logística), seleção de pessoas (pessoal) são exercidas com base nos conteúdos da área de conhecimento do empreendedorismo, como o trecho de fala abaixo demonstra:

Eu acho que apesar das pessoas não verem, mas tem total comparação com o empreendedor, com o gestor, com o funcionário, e o prestador de serviço, se ele for sócio e quiser cuidar das tarefas da cooperativa ele vai ter que saber um pouco de marketing, um pouco de publicidade, um pouco de financeiro, um pouco de gestão, um pouco de logística, então sim somos empreendedores, e não tanto um microempreendedor individual porque as vezes um microempreendedor individual ele emite a nota dele e paga o dele do mês, aqui são todos microempresas, todos sócios [...] (Entrevistado 5).

Entretanto, a realidade da cooperação entre entregadores ciclistas muitas vezes é ameaçada pela prática do empreendedorismo, como o depoimento abaixo ilustra:

[...] no geral, a gente sempre tem bem acordado todas as questões de valor, de porcentagem, de repasse, então a gente não tá simplesmente vendendo a força de trabalho assim por quanto querem pagar, aí nesse sentido do empreendedorismo tem algo em cada um de nós, mas só que assim o empreendedor pode ser também um conceito esvaziado que está ligado com o individualismo e com a ideia de você fazer sozinho né, de você se erguer, ter o seu negócio, então nesse sentido não é empreendedorismo, a gente está gerindo uma empresa, mas é uma empresa de todos, benefícios de todos, do bem comum, então nesse sentido acho que ninguém se empolga assim com os conceitos de administração (Entrevistado 11).

A fala do entrevistado 11 evidencia as situações de coexistência de atitude empreendedora e de atitude cooperada. Existem situações de tomada de decisão na cooperativa que necessitam ser gerenciadas com atitude de negociação e iniciativa junto ao cliente para obtenção de condições vantajosas da prestação do trabalho de entrega, mas deve ser dada atenção para não permanecer por muito tempo nessas atitudes e colocar em risco o projeto do compartilhamento real da propriedade do trabalho, dos recursos, dos espaços de trabalho (2020).

Nessa discussão sobre as ameaças ao propósito político do trabalho das cooperativas pelos riscos de cooptação ao empreendedorismo, observa-se que as condições de trabalho geradas como uma maior estabilidade na jornada de trabalho dos cooperados e renda estável fortalecem os vínculos sociais pelo modelo cooperativo no trabalho de entregas, desestimulando o comportamento de empreendedor. As falas dos entrevistados sinalizam para as condições de vantagem do trabalho em cooperação em relação ao trabalho individualizado:

[...] porque às vezes a pessoa tem que ficar muitas vezes exposta na rua, mais tempo nas entregas esperando cair as entregas, na cooperativa já é organizado uma agenda de entregas assim a pessoa não precisa ficar longas jornadas de trabalho pra tirar uma renda mínima, acredito que uma das vantagens da cooperativa é essa (Entrevistado 1).

[...] é bem variável, como aqui nós tem período, aí é dividido, tem dia que eu não tenho trampo, exemplo sexta, amanhã eu já não trampo (Entrevistado 2).

Por que se você perceber a gente sai pra as entregas 10hs da manhã e quando dá 11 h 30 a gente tá de volta, então tipo se você contar de trabalho pedalado, de entrega são três, quatro horas por dia, então eu acho que lugar nenhum é assim, o resto é resenha, uma burocracia, uma várzea, um computador e tal, acho que lugar nenhum é assim, eu conseguiria ganhar assim, ter a renda que tem fácil, é difícil mais é fácil (Entrevistado 10).

A dinâmica do trabalho de entrega por aplicativo propaga uma narrativa de empreendedorismo de si pela flexibilidade do tempo nos aplicativos, mas com o pagamento da remuneração dependente dos trabalhos realizados. Os entregadores não possuem flexibilidade e liberdade no tempo (Fuchs, 2021) e realizam longas jornadas de trabalho que podem torná-los dependentes do trabalho sob demanda.

O maior tempo *online* nos aplicativos para realizar os trabalhos de entregas caracteriza uma situação de maior prevalência do trabalho manual em relação ao trabalho intelectual, o que mostra a incoerência do uso do termo empreendedor para os trabalhadores entregadores por aplicativo. Contudo, na cooperativa os entregadores cooperados podem ter maior tempo livre de trabalho para realizarem outras atividades na cooperativa reforçando os vínculos coletivos.

Os cooperados realizam uma jornada de trabalho mais reduzida pela forma de organização das entregas em cada período de turno do dia, desse modo, conseguem usufruir de mais qualidade do tempo do trabalho e de benefícios dos salários pela adesão ao modelo cooperativo em oposição ao modelo das plataformas digitais.

No sentido de buscar a solidariedade entre os membros cooperados, observa-se a predominância de atitudes coletivas no trabalho de entregas na cooperativa para gerar uma

consciência de responsabilidade coletiva com a organização do trabalho coletivo e seus resultados futuros de mudança das condições precárias.

4.4 IMPLICAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO NA COOPERATIVA DE PLATAFORMA

Nesta seção, os resultados são apresentados, que emergiram de nossa pesquisa de campo, no sentido de evidenciar as implicações sociais identificadas a partir das falas do próprio sujeito trabalhador. Os resultados estão organizados em temas: a inserção local e social, a saúde do trabalhador, a diversidade no trabalho de entrega por bicicleta, os significados do trabalho, o processo decisório sobre o trabalho, a inclusão social e a democracia digital.

a) A inserção local e social

Na memória dos ciclistas, as cenas da época do trabalho por aplicativo não ocupam mais tanta centralidade, só a decisão de seguir juntos com a cooperação. Uma outra rotina de relações humanas entre eles começou a se despontar como outra perspectiva de vida e de trabalho, essas mudanças começaram a trazer o desafio da inserção local e social, um dos maiores desafios que os entregadores enfrentam na rotina diária de entregas nas ruas de São Paulo-SP.

Com o modelo da cooperativa em mente para sair do local de exploração do trabalho para o local de humanização e empoderamento do trabalho (Battilana et.al., 2022). Os entregadores ciclistas buscaram estender as relações com outras organizações sociais por meio de capacitações sobre o modelo da cooperativa, como o trabalho com o pessoal da rede Design Possível, uma organização social que presta serviços de consultoria de projetos para promover a inovação social (Design Possível, 2023).

A busca pelo saber se mostrou essencial para os primeiros momentos de formação da cooperativa e os outros momentos que se sucederam após a formalização jurídica em 2017 (Giro Sustentável, 2017).

Aos poucos, o saber experiencial dos cooperados foi manifestado em forma de produção artística seja por meio de xilogravuras, em pinturas nas paredes da sede da cooperativa ou mesmo na produção de artefatos com objetos coletados na rua durante o trabalho (placas de trânsito, peças inutilizadas de bicicletas, utensílios coletados nas ruas). Nas figuras 11 e 12, a seguir, demonstra-se como a arte é produzida dentro da cooperativa, assim

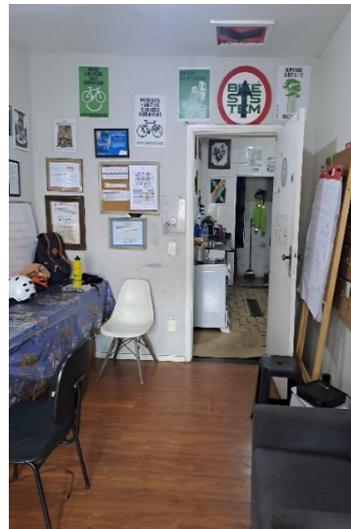
como os valores de resistência ao modelo capitalista que gera a precarização do trabalho.

Figura 11 – Área externa na sede



Fonte: Arquivo fotográfico da autora (2024).

Figura 12 – Sala principal



Fonte: Arquivo fotográfico da autora (2024).

O primeiro dia de visita e participação na sede da cooperativa foi cheio de surpresas. Primeiramente, as instalações físicas da cooperativa possuem muitos objetos adquiridos na rua pelos cooperados ou mesmo placas adesivadas produzidas por eles através de tintas *Spray* para pinturas na parede. O relato abaixo apresenta a descrição da chegada na sede da cooperativa no primeiro dia de visita ao local, revelando como os espaços são dispostos:

Fui caminhando até encontrar o local, na frente da sede estava um entregador ciclista, falei com ele e ele imediatamente me reconheceu de um outro dia no evento, a noite, de debate com os entregadores de moto e de bicicleta em São Paulo-SP no restaurante *Al Janiah*, no bairro da República. Ele abriu os portões da cooperativa para que eu pudesse entrar e foi mostrando todo o local da cooperativa, o primeiro espaço é semelhante a um terraço a céu aberto com várias bicicletas estacionadas na posição vertical sobre uma parede com cobertura de lona amarela, depois tem um corredor de tamanho médio que dá acesso as outras salas da sede da cooperativa, as instalações mostram que ali era antes uma residência e que agora abrigava o espaço de descanso e organização do trabalho dos entregadores ciclistas, havia um espaço pequeno que servia para uso como cozinha e armazenagem das sacolas de entregas em caixas de isopor, uma outra sala com uma escrivaninha com um notebook, uma cadeira, uma caixa de som média de madeira, duas cadeiras estilo poltronas, uma mesa grande de tamanho retangular, uma estante média com livros sobre cooperativismo de plataforma como uma mini biblioteca. E, algo que me surpreendeu foram os objetos adquiridos na rua durante as entregas e as muitas placas adesivadas que eram usadas de maneira artística seja na posição nos locais ou na combinação de ambos como forma de comunicação dos valores sociais do trabalho, da dignidade humana e do cooperativismo (nota de campo).

O trabalho de entregas por bicicleta nas ruas permitiu aos entregadores ciclistas estarem inseridos na comunidade local caracterizada por todos que utilizam o espaço do

trânsito para o deslocamento diário ao trabalho, para as residências ou para atividades de lazer. A relação estabelecida com os demais atores sociais forma o campo de relações de poder (Bourdieu, 1998) entre entregadores ciclistas, motoristas, pedestres, entregadores de moto, motoristas de carros, ônibus ou caminhões, uma relação local que sinaliza para a pauta social da mobilidade ativa em São Paulo.

A bicicleta e o andar a pé são as formas mais rápidas e baratas para o deslocamento nas cidades ou mesmo em áreas rurais (Costa, 2022). O pedalar tem sido uma atividade procurada pelas pessoas que buscam também fugir dos congestionamentos no trânsito complexo nas cidades e por pessoas que não dispõem de recursos financeiros suficientes para pagar o transporte público, seja o ônibus, o trem, ou o metrô. A bicicleta se torna a opção mais acessível financeiramente e ambientalmente sustentável como meio de transporte para as pessoas.

A cidade de São Paulo-Sp, local onde a cooperativa de entregas está localizada, apresenta características peculiares do sistema público de mobilidade urbana. A própria infraestrutura de transporte existente está disposta para prover um suporte adequado a mobilidade urbana da cidade mais populosa do Brasil (Webwriter, 2023).

O sistema de mobilidade urbana é complexo e organizado para uma diversidade de meios de transporte (ônibus, trem, metrô, bicicletas) que possa atender as necessidades da população nos deslocamentos dentro e fora da cidade em qualquer horário do dia ou da noite, de modo a possibilitar a cidade uma agilidade e autonomia, valores da economia local e presentes no lema da cidade contido no brasão oficial da prefeitura, *Non ducor, duco*, uma expressão italiana que significa “Não sou conduzido, conduzo” (Webwriter, 2023).

No ramo de transportes, a região metropolitana de São Paulo-SP é formada por 39 (trinta e nove) cidades e apresenta movimentação considerável nos últimos anos (2007-2017), 42 milhões de viagens diárias foram realizadas pelos meios de transporte no ano de 2017, dentre essas viagens 67% foram realizadas por modais motorizados (trem, metrô, automóveis) e 33% das viagens foram realizadas por modais não motorizados (bicicleta, a pé) conforme resultados disponíveis e consolidados da última pesquisa Origem e Destino 2017 realizada a cada 10 (dez) anos pela Companhia do Metrô de São Paulo (Pesquisa OD 2017, 2023).

O comparativo com os dados do ano de 2007 demonstra que houve aumento de 10,3 % do total de viagens diárias feitas em 2017, as viagens por modais motorizados tiveram acréscimos de 12,4% e viagens por modais não motorizados acréscimo de 6,2%. Entre os modais não motorizados, as viagens de bicicleta tiveram crescimento de 24% e as a pé 6%, porém as bicicletas ainda estão em menor proporção de escolha de uso pela população paulista

no decorrer dos anos de realização da pesquisa, houve pequenos acréscimos, conforme demonstrado na figura 13 a seguir.

Figura 13 – Viagens diárias por modal na região metropolitana de São Paulo-SP

Ano/ Modal	1967	1977	1987	1997	2007	2017
Coletivo	4.894	9.580	10.455	10.473	13.913	15.295
Bicicleta	-	71	108	162	304	377
A pé	-	5.970	10.650	10.812	12.623	13.727

Fonte: Elaboração própria com base na Pesquisa OD 2017 (Pesquisa OD 2017, 2023), valores de quantidade considerar fator (x1.000).

A predominância dos modais motorizados na região metropolitana demonstra a influência desses modais no sistema de transporte em São Paulo-SP, as infraestruturas das avenidas e ruas são basicamente planejadas para prover fluxo rápido e deslocamento de longas distâncias que são realizados por esses modais motorizados (Pesquisa OD 2017, 2023). Contudo, existe uma parcela da população que opta pelo uso de modais não motorizados como a bicicleta, e esse fator não pode ser desconsiderado pelos órgãos públicos quando forem elaborar o planejamento da mobilidade urbana.

Os ciclistas da cooperativa representam parcela dessa população paulista que pedala para buscar a sobrevivência econômica, e essa realidade de estímulo ao uso da bicicleta para mobilidade e para o trabalho tem sido foco da inserção local e social da cooperativa na cidade. Na época da pandemia da COVID-19, a cooperativa conseguiu realizar entregas com maior número de entregadores ciclistas,

[...] foi a época que teve mais cooperados dentro da Giro, 18 (dezoito) a 20 (vinte) ciclistas pedalando (Entrevistado 1).

No período da crise sanitária mundial devido a rápida transmissão do vírus SARS-Cov-2, muitas pessoas ficaram desempregadas pelo fechamento de grandes e pequenas empresas e não tinham como prover sua subsistência econômica, então o trabalho de entregas por bicicletas na cooperativa representou a oportunidade do trabalho com mais segurança de salário, sem ter de procurar estar conectado a várias empresas de aplicativo para realizar vários trabalhos a preços baixos.

Além disso, a atividade de conscientização social realizada pelos cooperados ocorre

durante a realização das atividades de entregas nas ruas diariamente, quando cada um enfrenta as ameaças, os riscos de discussões, as brigas e o preconceito na realidade do trânsito devido estarem utilizando a bicicleta para percorrerem as ruas, e avenidas da cidade. O trecho da fala do entrevistado abaixo reflete como os ciclistas são atingidos pelos julgamentos de comparação com os motoristas de carro na cidade:

[...] a pessoa que pilota o carro está acostumando com uma velocidade mais alta, e a gente se depara com a situação de os caras meio que se irritam com a nossa presença nas ruas por a bicicleta estar numa velocidade menor, numa velocidade que na mente da pessoa que está no carro ele não deveria estar ali, que deveria estar mais rápido, e aí às vezes a gente vive meio essa impaciência, essa meio que imposição do carro. Tipo! Meu! você não devia estar aqui! Sai da minha frente! Cê! ta me atrapalhando de alguma forma. Mas, isso é uma forma muito violenta de ocupar o trânsito porque a gente tem o mesmo direito de ocupar as ruas, da mesmo forma que os motoristas de carro, de ônibus, de vans tem, e o direito de utilizar a rua pelo transporte (Entrevistado 9).

As discussões podem surgir a qualquer momento, desentendimentos que distanciam mais pedestres, motoqueiros, ciclistas e motoristas no espaço do trânsito por uma causa comum: o uso do espaço público nas ruas, avenidas e calçadas.

Os desentendimentos pelo direito ao uso do espaço nas ruas mostram que os entregadores ciclistas sofrem discriminação por serem vistos como “obstáculos” para a travessia rápida nas ruas pelos motoristas de carros, caminhões e de ônibus. A bicicleta não possui as mesmas configurações de um carro, ou de um ônibus, com isso há muitas barreiras para a inclusão da bicicleta como meio de transporte ativo na cidade de São Paulo-SP. Na figura 14, a seguir, apresentam-se citações selecionadas das entrevistas realizadas, que demonstram algumas situações de conflito e desrespeito com os ciclistas entregadores no desafio da inserção local e social.

Figura 14 – Codificação inserção local e social



Fonte: Elaboração própria (2024).

Nas grandes cidades, a exemplo de São Paulo, os problemas de mobilidade urbana são causados pelo grande número de carros que podem gerar a qualquer momento congestionamentos em avenidas impedindo a fluidez do trânsito (Costa, 2022). Essa situação reflete a visão predominante de muitas pessoas que acham que as ruas são para uso de veículos motorizados, limitando o direito de ir e voltar daqueles que utilizam a bicicleta como meio de transporte nas cidades.

E quando as relações humanas ultrapassam o limite do senso de educação e respeito ocorrem os acidentes de trânsito, causados muitas vezes por essas atitudes de intolerância e de monopólio do direito de uso das ruas com registros de violência para com ciclistas nas vias,

[...] Eu outro dia sofri um acidente grave e por sorte eu não me machuquei, mas eu estava pedalando numa via expressa na Marginal Pinheiros, e o carro mudou de faixa assim sem olhar para ver se tinha alguém vindo e tal, eu não conseguir frear a tempo e bati na traseira desse carro [...], então a gente sente na pele né essa violência do

trânsito, e como a gente é tratado de forma diferente (Entrevistado 9).

A realidade de acidentes ainda não é distante para esses entregadores ciclistas, mas pode ser evitada ou amenizada com a elaboração e prática de políticas públicas que estimulem a inclusão da bicicleta no sistema de transporte público e o direito do ciclista de pedalar nas vias expressas, ruas e avenidas. As falas dos entrevistados abaixo apresentam suas percepções sobre a dificuldade de convivência social no trânsito em certos dias:

[...] tem dias difíceis, tem dias que é o caos na cidade né, dia de chuva fica um caos, aí tudo muda do nada, aí o motorista fica brabo, fica estressado, tipo aí não tem espaço, não tem vez, eles acham que a rua é deles, eles ficam na ciclovia e ocupam a ciclofaixa também, e ficam parados também em cima da ciclofaixa, aí nós fica meio que como uma treta mas não é uma treta, eles que causam, porque nos so quer andar fazer nossas entregas e voltar, só o espaço de ir embora e voltar (Entrevistado 3).

Ela não é um pedestre, também não é um skate, mas também não é uma moto, mas pode ser tão rápida quanto, então ela provoca todos os outros modais que estão em volta, todos os outros modais, ao mesmo tempo que ela é vista como a mais insignificante de todas, ou seja, a que mais tem liberdade, a que vai mais aparecer, e que mais vai sofrer preconceito, como você é inferior, você não tem o direito de ter o uso da via, e é o que mais acontece. Vai pra ciclovia! O povo acha que não pode dividir rua entre a bicicleta e o carro (Entrevistado 5).

A situação de desrespeito aos entregadores ciclistas que pode causar acidentes no trânsito como relatado acima por um ciclista entrevistado revela o quanto as relações sociais entre esses atores sociais são hostis e de disputa pelo reconhecimento do espaço para ir e vir nas ruas, conforme se observa de trechos das transcrições das entrevistas realizadas.

[...] a gente sofre que meio esse preconceito, essa violência né, a gente se sente um pouco invisível, mas muitas vezes o que sentimos no trânsito é de estar sendo agredido, porque muitas vezes quem está dirigindo o carro pode tomar uma decisão que vai preservar o nosso bem estar, que vai preservar a nossa vida, só que muitas vezes, a gente acaba se deparando com situações que os carros tomam decisões egoístas valorizando só a velocidade deles e o tempo que eles vão demorar pra chegar em determinado local, e colocam a vida do ciclista em risco de uma forma muito banal sabe, como se não fosse nada (Entrevistado 9).

[...] poucos veem como ah! ta no corre, ta tramando, ah! ta trabalhando, e mais a gente que não ta com a quadrada nas costas, não ta como iFood, e quando eu trabalhava com o aplicativo a galera respeitava mais, a galera era mais solidária com quem tava no aplicativo, a gente ciclo entregador ali, não ta com o logo do iFood, gente é invisível na cidade, o carro não respeita, o pedestre cruza no meio da ciclovia, e aí o trânsito aparece que tem uma escala, eu respeito o pedestre seja o que for, mas tem muita gente folgado como pedestre, a gente é invisível na cidade de São Paulo, nós somos invisíveis (Entrevistado 10).

Essas situações demonstram o desprestígio social e estigmas sociais criados pelas pessoas em relação ao uso do espaço das ruas e avenidas pelo entregador ciclista evidenciando

uma realidade de exclusão social. A partir das falas dos entrevistados infere-se que existe uma invisibilidade social (Costa, 2008) relacionada ao tratamento dado aos entregadores ciclistas, através das expressões verbais e corporais pela população no trânsito, como: baixar o olhar, virar o rosto para outro lado quando se defronta com um ciclista, falar para sair das ruas, pedir para sair das calçadas.

O termo invisível possui origem no latim *invisibilis* (Priberam dicionário, 2023) com o significado de que não se vê ou não pode ser visto, segundo Costa (2008) a invisibilidade social é uma manifestação social de uma pessoa ou grupo que causa os sentimentos de desprestígio, humilhação, condenação, ou desaparecimento nas pessoas invisibilizadas, geralmente devido a condição de pobreza ou pela baixa condição social e de qualificação.

No âmbito do trabalho, a invisibilidade social está relacionada ao desprestígio social com a ocupação desempenhada por uma pessoa imposta por outras pessoas, geralmente devido a julgamentos pela baixa qualificação técnica ou escolar ou pelo preconceito criado com certas ocupações “vistas” como inferiores ou degradantes pelas atividades realizadas. As ocupações associadas as atividades de recolhimento do lixo, a limpeza de áreas, a violência, velhice, loucura, contato com substâncias biológicas (como sangue, urina) podem ter incidência de invisibilização social, conforme indica Lhuilier (2012).

A realidade dos entregadores ciclistas na cooperativa é caracterizada pela invisibilidade social. A condição de precarização do trabalho os torna trabalhadores de baixa condição econômica-financeira com a ausência do recebimento de uma renda suficiente para as necessidades e os demais benefícios trabalhistas dos trabalhadores assalariados (férias, 13º salário, descanso remunerado). A precarização tira desses trabalhadores a capacidade econômica para inserção também nos processos de consumo e de poupança econômica e ainda estimula o não reconhecimento do trabalho com a criação de rótulos de pessoas que fazem “bicos” ou que são desempregadas (Antunes, 2020).

A pesquisa realizada por Costa (2008) com garis na Universidade de São Paulo-USP revela que a invisibilidade social tem associação com a separação ou exclusão social, quanto mais níveis criados entre as pessoas de condições de renda e escolaridade diferenciados maiores são as invisibilidades de trabalhadores com baixa condição de renda e escolaridade.

A pesquisa realizada por Magalhães (2023) com trabalhadores vendedores ambulantes na cidade de Minas Gerais-MG revela que a ausência de políticas públicas de acesso ao trabalho e a renda pelo poder público municipal exerce influência na continuidade da situação de invisibilização social. O poder público municipal proíbe o comércio local realizado por esses trabalhadores ambulantes com a repressão através da polícia local, mas por outro lado

estimula o trabalho por aplicativo gerenciado por empresas de tecnologias estrangeiras. Essa contradição de liberalização do trabalho por aplicativo e repressão do trabalho informal de ambulantes de rua gera barreiras ao acesso ao trabalho por pessoas com condição de pobreza ou baixa escolaridade gerando invisibilidades sociais.

Os resultados das pesquisas ajudam a compreender o contexto de invisibilidade social que os entregadores ciclistas também enfrentam durante a rotina do trabalho de entregas por bicicletas. O “sentir-se invisível” ou “ser invisível” é uma violência simbólica (Bourdieu, 1989) causada pela ação de desvalorização ou de desencorajamento social por aqueles que querem exercer o poder de controle do espaço e da locomoção das pessoas no trânsito.

b) A saúde do trabalhador

A rotina de trabalho de entregas por aplicativo é intensa e de muita exposição nas ruas para os entregadores. Antunes (2020) comenta que a dinâmica do trabalho digital esta baseada na oferta de grande número de trabalhos que são pagos com baixo valores, estimulando a busca pela realização de maiores quantidades de trabalho pelos trabalhadores, com isso existem os desgastes físicos e mentais na vida desses trabalhadores que reduzem a capacidade laborativa.

Muito tempo exposto ao sol, pouco tempo para tomar água devido não poder fazer várias paradas, grande tempo gasto pedalando por grandes distâncias e a falta de um local para o descanso tornam a rotina de trabalho extremamente árdua e dolorosa para aqueles que realizam entregas nas cidades do Brasil (Magalhães, 2023). Essa descrição revela a realidade árdua das condições de trabalho desses trabalhadores, que estão na informalidade sem expectativas de futuro do trabalho, vivem somente com o foco no tempo presente de forma acelerada para poder conseguir o máximo de renda possível para manutenção de suas vidas (Moura, 2021).

Contrapondo a ideia de só focar nas atividades no tempo presente, a cooperativa apresenta o propósito de criar condições de trabalho mais humana e justa a todos que quiserem romper com o ciclo de dor e não mais sofrer com a exploração do trabalho,

[...] e muitas vezes o contrato ou o cliente passava o valor que era duas, três vezes maior do que era pago pra gente e a gente foi notando isso, percebendo isso, e a gente foi ficando, tendo essa dor né, poxa! A gente esta sendo explorado (Entrevistado1).

A cooperação entre os ciclistas entregadores foi construída com a ideia de não ter mais que ficar submetido muito tempo sob às ordens dos algoritmos dos aplicativos, aguardando as esperas de chamadas para entregas que tornavam mais precário todo o trabalho porque as chamadas demoravam e os valores obtidos eram baixos (Charles; Ferreras; Lamine, 2020).

No início dos trabalhos na cooperativa, os entregadores ciclistas contavam com pouca infraestrutura física, tecnológica, a exemplo do período da pandemia do COVID-19, eles não tinham ainda uma sede, mas depois foi identificado um local e logo organizado para ocuparem e estabelecerem como sede, a sede favoreceu muito a segurança e integridade física dos cooperados,

[...] era uma época que a gente não tinha uma base por exemplo pra ficar, a gente ficou a mercê na rua e foi um período ruim porque teve lockdown, mas não pra nós (Entrevistado 5).

Na figura 15, a seguir, apresentam-se as citações selecionadas das falas dos entrevistados que revelam como os benefícios à saúde do trabalhador estão presentes no modelo cooperativo de trabalho.

Figura 15 – Codificação saúde do trabalhador



Fonte: Elaboração própria (2024).

Os efeitos gerados com a adoção do modelo cooperativo do trabalho de entregas por bicicletas são reconhecidos em ganhos para própria saúde dos trabalhadores nos aspectos físico e cognitivo (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020).

Os aspectos físicos compreendem melhores condições de infraestrutura, a garantia de um espaço físico (base da cooperativa) para realização de atividades burocráticas e mesmos as necessidades fisiológicas dos entregadores entre os turnos de trabalho (tomar banho, escovar os dentes, trocar de roupas, beber água, dormir, descansar, preparar e realizar as refeições de café da manhã, almoço, lavar as mãos e o rosto, conversar com os outros cooperados):

A gente assim não entende que a gente trabalha de forma precária, a gente tem até um certo conforto aqui, tipo assim, no caso a gente tem nossos clientes, as nossas entregas, a gente consegue fazer, realizar as nossas entregas, consegue voltar pra base, a gente tem acesso ao banheiro, a gente pode até tomar banho, a gente tem acesso a água do filtro, água filtrada, a gente tem lugar pra descansar aqui, então a gente está meio que na contramão da precarização geral que acontece nos aplicativos (Entrevistado 8).

E os aspectos cognitivos consistem nos benefícios mentais e sociais gerados com a cooperação no trabalho. Segue abaixo alguns trechos das entrevistas que mostram como os cooperados percebem os benefícios à saúde,

[...] acho que isso é uma vantagem, se a gente for ver o tempo que a gente está trabalhando, entregando acaba sendo menor que 6 horas trabalhadas (Entrevistado 1).

Eu acho muito legal a gente ter um espaço nosso, a cooperativa tem um espaço onde a gente pode dormir, tomar banho, até ter um date na cooperativa, marca rolê, faz almoço de fim de semana, um churrasco com os amigos no fim de semana, então ela é um local de trabalho coletivo né. Qual local de trabalho você tem essa liberdade? Né Qual é o local de trabalho você tem a compreensão ah! Eu não tenho como estar nesse mês bota alguém no meu lugar no outro mês eu volto. Beleza! Pode ir lá, você volta (Entrevistado 6).

[...] gente vai tentando criar uma geração saudável na cooperativa, na reunião trazendo coisas que realmente tragam benefícios a cooperativa, que seja algo em comum pra todos (Entrevistado 8).

[...] a bike me proporciona qualidade de vida porque eu como ciclo entregador, como ciclista eu tenho uma qualidade de vida muito melhor, porque esse exercício físico que eu faço até o meu local de trabalho, fazendo as entregas de bicicleta, é um exercício que faz muito bem pro meu corpo, pra minha saúde de uma forma em geral (Entrevistado 9).

Os trechos das entrevistas acima mostram que os cooperados compartilham, de fato, melhorias nas condições de trabalho sejam relacionadas à infraestrutura ou às relações sociais do trabalho proporcionadas pela cooperação.

Porém, ainda existem fatores de precarização com impacto na saúde desses

trabalhadores, a exemplo do elevado peso das sacolas carregadas muitas vezes por grandes percursos em mochilas térmicas nas costas ou carregadas em caixas encaixadas na garupa da bicicleta, que podem gerar problemas de saúde aos ciclistas, e a ausência de férias, e licenças com a garantia da remuneração total nos dias de afastamento,

A gente vai do que você precisa, da sua necessidade, férias fixas ninguém tem tá ligado, a gente tenta trabalhar na semana as vezes três, todo mundo, as férias acontece tipo em dezembro, eu preciso me afastar pelo menos vinte dias, vai ser como férias, só que nesse mês de dezembro eu tenho que achar alguém pra tá ali no meu lugar (Entrevistado 10).

Os fatores de precarização da atividade de entrega por bicicleta estão também associados com a falta de um período de férias e de descansos, a atividade do trabalho ganha aspecto de contínua realização comprometendo o vigor da força humana pelos cansaços do corpo e da mente com os grandes esforços físicos (Moura, 2021). A necessidade de cuidado com o corpo é uma exigência para poder haver um preparo e disposição para aguentar muitas horas de gasto de energia física pedalando nas ciclovias das avenidas.

Os cooperados demonstraram que o contexto de realização do trabalho de entrega por bicicleta possui riscos que afetam a própria vida desses trabalhadores. Os trechos da fala dos entrevistados revelam como o risco da violência urbana está permanentemente no caminho do entregador:

Sim, já recebi milhares de ameaças, já vi milhares de pessoas sendo ameaçadas com arma, seguindo como falei, você tem uma arma na mão, você tem um carro, gente que te persegue até em casa, fica jogando o carro pra cima de você e você tem que parar e desviar o caminho, então sofre constantemente (Entrevistado 5).

[...] agora a bicicleta a gente sofre uma letalidade muito maior do que a moto, por a gente não ser visto pelos carros, caminhões, não esperarem, não estarem acostumado a ter uma bicicleta ali do lado. Eu já vi vídeo de atropelamento, assassinatos que aconteceram no trânsito de São Paulo porque um carro fez uma conversão sem olhar que estava vindo a bicicleta, e o agravante disso é que naqueles locais havia ciclovia, ou seja, havia uma parte da rua ali pintada de vermelho, havia as tartarugas para segregar o espaço entre carros e bicicletas, e a conversão do caminhão, do ônibus, do carro foi feita sem olhar, sem esperar que uma bicicleta tava vindo ali junto do carro, tem muitos ciclistas que são mortos no trânsito por falta desse cuidado que não existe né, e também um excesso de pressa (Entrevistado 9).

[...] aí assim como ciclista, a gente também sofre com isso, o preconceito principalmente e essa vulnerabilidade, esse risco de sofrer uma violência além da social, também a física, você ser atropelado e poder morrer também né, você pode ser violentado de propósito, não é só acidente, você pode ser atacado com o carro, o trânsito é muito violento, muitas brigas todo dia, brigas entre os carros, entre pessoas, na rua, a gente pode ser alvo de briga (Entrevistado 11).

Assim, os ciclistas não ignoram os riscos da atividade, mas buscam diminuir os efeitos

das situações que geram os riscos à vida e que agridem a saúde física e mental (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020).

A entrega por bicicleta envolve também a percepção de cuidado com o seu corpo, com as condições climáticas da localidade, com a resistência física dos diversos tipos de ruas, avenidas, do terreno das ruas que pode ser inclinado como ladeiras ou mesmo impróprio para transitar por bicicleta em tempo de chuva intensa. Nesse ponto, recordamos uma ocasião em que eu e outro cooperado saímos para realizar 5 (cinco) entregas e no percurso nos deparamos com problemas mecânicos como a quebra da corrente da *bike* e a situação de cansaço pelo tempo pedalando em tipos diferentes de terrenos,

Nesta manhã, realizei a rota de entregas com o entregador ciclista Y, estava com a bike laranja do programa Itaú bike e ele com a sua bike. Inicialmente saímos da sede da cooperativa e fomos até uma certa localização no bairro do Itaim próximo ao bairro Pinheiros, quando se aproximava de uma subida de avenida estilo ladeira, ele passou com a bike por uns galhos de árvores caídos no chão e não observou os ruídos do trac, a corrente da bicicleta se rompeu com os galhos que passaram entre a corrente, ele parou e percebeu que não tinha condições de prosseguir, decidiu que seria bom voltar a sede da cooperativa para trocar de bicicleta, quando tínhamos retornado a sede era por volta das 10:30 e os outros cooperados já tinham finalizado suas entregas da manhã e a gente ainda tinha entregas por fazer, mas ele fez a troca da bicicleta e iniciamos toda a rota do percurso previsto, e dessa vez nos deparamos com outros desafios, como a mudança do tempo, após sairmos iniciou uma chuva e tivemos que fazer uma parada para não ficarmos resfriados, outro desafio foi buscar o equilíbrio na bicicleta nos terrenos mais inclinados, tivemos que subir uma parte da avenida pedalando de bike e a outra parte tivemos que sair da bicicleta e andar a pé levando a bicicleta para chegar no local mais plano, senti cansaço nesta rota pelas diversas ladeiras que foram necessárias subir e descer para chegar aos endereços das entregas, mas todas as entregas foram realizadas e voltamos a sede (Nota de campo da rotina de entrega pela manhã).

As situações de imprevistos na atividade de entrega podem ocorrer a qualquer momento seja uma mudança de tempo como pedalar na chuva ou mesmo situações de despreparo físico para pedalar por longo tempo e em vários tipos de terreno, que podem comprometer o nível de saúde dos entregadores ciclistas. Desse modo, a atividade de entrega possui riscos principalmente à saúde, que caso não percebidos e não administrados podem retornar em problemas de saúde, no desgaste do corpo e acidentes de trabalho.

Chatterton e Pusey (2020) apontam que a capacidade coletiva propiciada pela propriedade coletiva permitiu aos entregadores ciclistas da cooperativa a autogestão do trabalho de entregas e assim ter amenizado os efeitos do estresse, da ansiedade, da frustração, dos acidentes, e da sobrecarga da jornada de trabalho.

O senso de coletividade ajuda cada um a enfrentar os problemas que surgem nas entregas com clientes ou com as pessoas no trânsito, os cooperados entendem que juntos

podem resolver problemas que talvez individualmente não resolveriam no trabalho,

[...] a gente tem muitos conflitos, mas a gente sempre tenta sentar e resolver e conversar e só levantar dali quando a gente tiver resolvido os nossos problemas interpessoais, isso é muito difícil, as vezes resolve na hora, resolve ou não resolve, mas o objetivo é que a gente se resolva (Entrevistado 6).

As falas dos entrevistados revelam que a cooperação no trabalho de entregas trouxe uma valorização do fator humano no trabalho (Antunes, 2020), uma valorização do entregador enquanto pessoa humana que possui sentimentos, emoções, e ideias sobre o trabalho e não apenas uma mão de obra que troca sua força de trabalho por uma remuneração ao final do mês.

A valorização do entregador por ter uma ocupação profissional em suas “próprias mãos”, no sentido de poder estabelecer a forma da prestação de serviços de entrega (Cañada, Izcara e Zapata Campos, 2023). A forma de estabelecer os critérios do próprio trabalho revela também uma valorização do trabalho vivo sobre o uso da tecnologia e das máquinas no trabalho.

O trabalho vivo é a ação humana que se desenvolve entre o homem e a natureza, o homem utiliza sua própria força humana advinda do movimento do corpo, dos braços, das pernas, da cabeça e das mãos para criar força e transformar matérias-primas para o benefício de sua vida como argumentava o sociólogo Karl Marx (Hamraoui, 2014).

A cooperação entre os entregadores ciclistas reafirma o trabalho vivo manifestado na ação humana de cada entregador com as atividades dentro e fora da cooperativa, a decisão da cooperação na organização do trabalho coloca os trabalhadores a frente da tomada de decisão no trabalho (Sandoval, 2020).

O efeito gerado com a organização do trabalho em cooperativa de plataforma não é de uma substituição de trabalhadores (Fuchs, 2021) com a aplicação da tecnologia (aplicativos) para potencializar a produção como ocorre no trabalho por aplicativo. Mas, o trabalho em cooperativa possibilita valorizar o trabalho humano, que traz a presença do trabalhador durante toda etapa de produção de mercadorias ou serviços, estimulando a conscientização crítica do trabalhador com todo o processo e os resultados (Chatterton, Pusey, 2020).

c) A diversidade no trabalho de entrega por bicicleta

Na cooperativa, a realidade de cooperação dos entregadores ciclistas no trabalho não

possibilita a geração de relações mecânicas no trabalho, muitos trabalhadores fizeram opção pelo trabalho na cooperativa porque foram bloqueados e desligados do ambiente virtual dos aplicativos devido não conseguirem níveis tão elevados de desempenho, com avaliação insuficiente pelos clientes ou devido a discriminação por motivo de gênero, raça, opinião política no momento ou após a prestação dos serviços (Antunes, 2020).

Na dimensão da questão da relação do trabalho nas organizações e o gênero, os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad Contínua 2022, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e organizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE demonstram que do total da força de trabalho no terceiro trimestre de 2022 no Brasil, 44% eram mulheres, e que 55,5 % dos desempregados eram mulheres (Dieese, 2023).

E o Brasil contava com 89,6 milhões de mulheres com 14 anos ou mais, das quais 47,9 milhões faziam parte da força de trabalho. Outros resultados apontam também que 41,8 milhões de mulheres estão fora da força de trabalho, e 47,9 milhões de mulheres formam a força de trabalho, dentre essas na força de trabalho 42,6 milhões estão na condição de ocupação (22,3 milhões de mulheres negras e 20,3 milhões de mulheres não negras), e 5,3 milhões na situação de desocupação (3,4 milhões de mulheres negras e 1,8 milhão de mulheres não negras) (Dieese, 2023).

Com base no número de mulheres ocupadas (42,6 milhões) foi possível também obter o percentual de mulheres que possuem proteção social de previdência social e daquelas totalmente imersas na informalidade sem garantias de perspectiva de futuro com assistência previdenciária e direitos, 65 % contribuíam com a Previdência Social, 48,8% possuíam carteira de trabalho assinada, e 43,3% eram informais.

Em relação as informações salariais, a pesquisa apresentou que a renda média mensal das mulheres ocupadas era 21% menor que o dos homens (homens R\$ 2.909,00, mulheres R\$ 2.305,00), como também a taxa de ocupação de mulheres nos serviços domésticos era de 91% com salários 20 % menor que os homens, nas áreas de educação, saúde, e serviços sociais, as mulheres ocupavam 75% das vagas e ganhavam 32 % menos que homens, na indústria e construção ocupavam 23% e ganhavam 17 % menos, na Administração Pública ocupavam 40% dos cargos e ganhavam 15% menos, na agropecuária elas eram 19% das vagas ocupadas e ganhavam 21% menos que homens (Dieese, 2023).

A realidade de trabalho para as mulheres no Brasil ainda é caracterizada por ambientes desiguais seja na representação quantitativa de vagas ocupadas nas diversas áreas ou no valor dos salários obtidos pelas mulheres que expressam diferenças salariais devido ao gênero

(Dieese, 2023).

As informações da pesquisa acima apresentada mostram o desafio para as mulheres de buscarem ocupar mais vagas em áreas da economia que podem ser exercidas também com as habilidades femininas. Assim, a inserção de mais mulheres no mercado de trabalho brasileiro pode ocorrer com o exercício das atividades nas organizações por meio dos direitos formais do trabalho, diminuindo os números de desemprego de mulheres ainda muito elevados no país.

No âmbito do espaço de convivência dos entregadores ciclistas na cooperativa, especificamente, esse espaço ainda não apresenta diversidade alta de pessoas. A cooperativa é formada por entregadores ciclistas homens em sua maioria, com a presença de uma mulher como cooperada, contudo, o ideal da valorização do trabalhador entregador ciclista é um dos principais propósitos da cooperativa, e esse propósito alcança o pensamento da admissão de mulheres ou de pessoas de outros gêneros no trabalho de entregas, ainda que existam “pedras” no percurso da valorização da categoria ocupacional do entregador a serem enfrentados.

Um dos cooperados mostra a sua opinião sobre a crença na valorização do ser humano independente de sua característica de gênero, porte físico, religião,

[...] mas na Giro não porque nunca foi requisito padrão, gênero, biotipo pra entrar na Giro, então era mais quem tava na rua, e gostava de fazer aquilo, e consegue fazer independente de sua capacidade, de seu perfil, de seu lugar econômico na sociedade, mas lógico é um trabalho de peso, é igual mecânica de carro (Entrevistado 7).

Um dos princípios do Cooperativismo de plataforma é o trabalho codeterminado, esse princípio trata do estímulo ao engajamento dos trabalhadores desde o início do planejamento da organização da cooperativa e da plataforma tecnológica que dará o suporte de registro e acompanhamento dos trabalhos. Dessa maneira, o ideal de criar um clima de trabalho inclusivo, diverso e de empoderamento na cooperativa consiste na criação de oportunidades de trabalho decente para pessoas à margem do trabalho formal ou que sofrem preconceitos de gênero, de raça, a exemplo de mulheres, imigrantes, pessoas negras, pessoas LGBTQIA+.

A visão dos cooperados sobre a execução de práticas de diversidade na cooperativa envolve a discussão sobre a problematização da desigualdade de gênero existente na ocupação de vagas de emprego nas empresas e no trabalho por aplicativo de entregas, predominantemente formado por homens e um baixo número de mulheres que desempenham a função de entregadora ciclista (Reck, 2022).

A ideia de igualdade de gênero perpassa a compreensão que os homens e mulheres não dispõem de diferenciações de capacidade, todos podem realizar atividades do trabalho que estão

com vontade de fazer e que possuem condições de saúde, sociais, econômicas e culturais para fazê-lo (Ramos, 2020).

Além disso, o rompimento com as ideias de determinismo biológico existente na construção social da sociedade, vinculada também com os traços do patriarcado e do machismo que estão ainda muito presentes em atitudes, gestos, e comportamentos das pessoas em geral (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023). O rompimento com essas ideias também é buscado com a aceitação da presença feminina no trabalho de entregas nas ruas.

Na pesquisa de campo feita com os cooperados, alguns entendem ser muito natural que as mulheres estejam ocupando os espaços de trabalho de entregas por bicicletas também, mesmo com as dificuldades existentes com o olhar de descrédito do machismo nos comportamentos dos homens² e a falta de uma formação educacional às crianças para a diversidade nas práticas escolares (Cañada, Izcara, Zapata Campos, 2023). Os depoimentos a seguir ilustram a percepção dos entregadores cooperados sobre a presença feminina no trabalho de entrega:

[...] eu vejo todo mundo como igual, vejo homem e mulher tem que ta no trabalho, pra mim aguentar trampo aqui dentro da Giro é só vim, homem ou mulher entendeu? Independente do sexo pode vim, que acho que a Giro, se tiver entregas vai está de portas abertas independente de ser mulher (Entrevistado 3).

A minha opinião, não cabe mais homens, não está legal entendeu? Desde a origem, então isso tem que mudar, só que é uma coisa que tem que fazer com calma, independente, absorver novas pessoas, e como falei tem que ser uma pessoa que tem esse senso, precisa ser uma pessoa, não vou ganhar dinheiro, aqui, vou ganhar menos, vou ta aí pra lutar com vocês, pra um dia subir esse salário aumentar (Entrevistado 5).

A opinião desses cooperados acima sobre a participação feminina no trabalho de entregas por bicicleta revela uma narrativa de concordância sutil com a entrada de mulheres no ramo de entregas. Primeiro, o fato de que já existem mulheres pedalando e realizando entregas, ou devido a opinião de que realmente há um predomínio de homens nessa ocupação de entregas. Outros cooperados já mostram a “naturalização” da presença feminina no trabalho de entrega e a importância de promover as mudanças,

Eu acho que isso é uma coisa muito comum, se você sair na rua, você também vai ver mulheres fazendo entregas para os aplicativos, você vai ver mulheres andando de bike, normal só pedalando, então pra nós é uma coisa muito natural né, aqui na nossa cooperativa não temos preconceito ético, religioso, de gênero, e nem de orientação

² A rotina de mulheres que realizam atividades laborais com predominância de homens mostra que ainda existem ofensas, preconceitos e assédios. Correio Braziliense. O espaço é delas: mulheres que atuam em profissões com maioria masculina relatam desafios (Teófilo; Souza; Medeiros, 2021).

sexual, e a gente acolhe todo mundo de forma igual né, pra que todos se sintam pertencentes a esse ambiente, a gente não tem nenhum tipo de discriminação (Entrevistado 8).

[...] a gente sabe que tem que promover e ter a responsabilidade de cada um promover as mudanças, em todos os espaços não só pra mulheres, mas pra as minorias excluídas, até pessoas negras, pessoas não brancas, ped's na verdade, saber receber pessoas com mobilidade reduzida. E também acho que todo mundo está na fase de aprender com isso, e promover essa mudança, fazer essa mudança, então, eu vejo que há muita evolução, ainda que se possa ter uma situação constrangedora é sempre pra gerar mudança e ta, a gente ta cada vez mais evoluído, o fato de ter já foi uma decisão que poderia não ter acontecido (Entrevistado 11).

Porém, a realidade ainda existe muita desigualdade de participação feminina no trabalho de entregas em relação aos homens (Reck, 2022), principalmente na cooperativa.

A fala da concordância com a presença de mulheres no trabalho de entregas por bicicleta de uns é coberta como com um “cobertor” pela fala de não aceitação da participação feminina no trabalho de entregas por outros cooperados. Desse modo, a mudança no ambiente de trabalho com a presença de mulheres ou pessoas LGBTQIA+ na cooperativa ainda não é um consenso de firme apoio que motive a ação consciente pela participação de outras mulheres na cooperativa, mantendo no quadro de pessoal somente uma mulher cooperada.

Eu acho que a relação assim que eu vejo que a Giro tem com as mulheres é a dificuldade de nós mesmos tem de ter um trabalho, de ter um cliente que lida com uma coisa tipo assim pesada e difícil, então assim chamar uma mulher hoje pra trabalhar na Giro, eu acho que não são todas que teriam tipo a força pra ta encarando no meio numa via, numa rua com um monte de carro, não é só a bicicleta, vai ta levando uma carga grande, é isso que atrapalha em poder ta convidando mais mulheres assim pra ta trabalhando com a Giro, por enquanto eu vejo que não tem condição pra deixar uma mulher confortável aqui, pra ela ta trabalhando, por que sempre os pesos que a gente carrega né, tipo assim poderia chamar até as mulheres pra fazer um trampo aqui, mas eu acho que seria tipo forçar a barra da mulher, como a galera sai aqui 30kg na bicicleta, fica muito difícil pra pessoa pedalar, então, eu vejo que a Giro tem esse problema pra chamar as mulheres pra trabalhar (Entrevistado 4).

A incapacidade humana pela falta de preparo físico no transporte de cargas pesadas é o fator que impede de mais mulheres serem admitidas para o trabalho na cooperativa, agravado pela circunstância do trânsito acelerado na “cidade que não pode parar” que exige outro preparo de agilidade no pedal para o deslocamento entre as ruas e avenidas de fluxo intenso de carros, e ônibus.

Outro aspecto presente na fala do entrevistado 4 que a não admissão de mulheres na cooperativa estaria relacionada a natureza do trabalho de entrega. Primeiro, o trabalho considerado como árduo, “trabalho difícil”, pesado, que exige aptidão física elevada e somente os homens possuem aptidão física para tal trabalho, as mulheres estariam como determinadas

aos “trabalhos mais fáceis”, trabalhos domésticos e de cuidado. É um tipo de pensamento de segregação, conformista e passível de criar mais desigualdades de gênero no mercado de trabalho, que já possui um desigual número de mulheres em ocupações tradicionalmente ocupadas por homens (Ramos, 2020).

Um outro pensamento identificado na fala de um dos cooperados é a luta das mulheres pela visibilidade e respeito nos espaços devido aos próprios espaços serem organizados por homens e pela existência da violência social nos espaços, com isso as mulheres deveriam estar sempre lutando pelas posições nos espaços:

[...] como em outros espaços que tem na sociedade, as mulheres tem que tá sempre ali lutando para ganhar mais espaço, espaços que são majoritariamente geridos por homens, vários espaços são reflexos da sociedade, que são machista, mas aqui nós sempre tenta alguns pontos, na convivência em relação a comunicação, teve outras mulheres que passaram, elas sempre foram capacitadas desde a mecânica renomadas, com certificado, já teve outras mulheres na Giro, sim lógico que quanto mais homens tiver mais difícil pra mulher se manter no espaço, isso é um fato, não é querendo fazer modéstia, mas é como ocorre na sociedade, o trânsito muito violento e eu acabo também sendo violento em muitos momentos, lá no trânsito, na sociedade, é o trânsito, a sociedade é violenta, as mulheres sofrem com a violência, no trânsito, em casa, na sociedade, no trabalho, por isso que é geralmente difícil de ver as mulheres nos espaços (Entrevistado 7).

Eu acho que isso nunca foi um problema, pra ninguém, já várias mulheres que trabalharam na cooperativa, já estiveram presente, já participaram, inclusive tem uma mulher que ajudou a fundar na Usp teve a participação de várias pessoas nessa incubadora, já teve entregadoras que trabalharam com a gente, já, agora já temos só uma, a nossa relação é natural eu acho que todo mundo que está aqui, já tem essa consciência, de que a gente precisa aumentar esses espaços, de que precisa trazer pra perto, é mais pessoas, mais mulheres, mais pessoas lgbtqi+, mas o que eu vejo que nossos clientes são clientes de trampo pesado, é desgastante. E o que aconteceu? Foi que a maioria das mulheres que passou não suportou entre aspas, não é suportar porque todo mundo aguenta né, não é só porque nós somos homens que fazemos isso e ela é mulher e só faz isso, todo mundo faz tudo, todo mundo consegue fazer as mesmas coisas, só que a longo prazo é maçante (Entrevistado 10).

A apresentação de que no espaço já passaram várias mulheres que puderam contribuir, mas não permaneceram na cooperativa mostra como o desafio da igualdade de gênero ainda persiste nos espaços onde há maioria masculina como na cooperativa. Um dos motivos levantados pelo E7 para essa ocorrência de dificuldade de permanência de mulheres nesses espaços seria a associação a um outro fator externo: o impacto das relações sociais de violência seja em casa, no trânsito.

A ideia de que a sociedade é permeada de relações de violência foi utilizada para justificar a situação de que ocorre uma reprodução social na cooperativa de comportamentos que dificultam a entrada ou a permanência de mulheres no trabalho, como semelhantemente ocorre no trânsito, na sociedade, com muitas mulheres ainda sendo vítimas de agressão ou

assédio moral e sexual no trabalho (Ramos, 2020).

Observa-se nessa fala do entrevistado 7 que o fenômeno da reprodução social foi mencionado para analisar a problematização da permanência de mulheres na atividade de entregas por bicicleta. O conceito de reprodução social foi elaborado pelo sociólogo alemão Karl Marx referindo a situação de manutenção de estruturas sociais nas gerações e que geram desigualdades sociais entre as pessoas (Fochesato, 2022). A reprodução social entendida por Marx seria um fator importante para a própria manutenção do sistema capitalista, pois colabora na organização da relação desigual entre o trabalho e o capital que geram classes sociais opostas e de interesses diferentes (capitalistas X proletariado).

A partir da ideia retratada na fala do E7 infere-se que existe a presença forte do ideal de reprodução social na situação analisada pelo cooperado: a pouca presença feminina na cooperativa, a reprodução social seria também o motivo para legitimar o reconhecimento do trabalho reprodutivo³ que segrega ainda mais as mulheres em espaços domésticos e de cuidado, concebido para ordenar também o trabalho no sistema capitalista, onde o trabalho produtivo e assalariado é voltado para ser exercido por homens devido possuírem mais força e a capacidade de produção e o trabalho doméstico reprodutivo para ser exercido pelas mulheres, não remunerado e sem muito reconhecimento social (Fochesato, 2022).

A fala do entrevistado 10 também demonstra essa ênfase nas diferenças de capacidades entre as mulheres e homens, “mas o que eu vejo que nossos clientes são clientes de trampo pesado, é desgastante. E o que aconteceu? Foi que a maioria das mulheres que passou não suportou entre aspas”. Assim, não seriam todas as mulheres que teriam a força física para realizar o trabalho de carga nas entregas por bicicleta, essa situação de entendimento de diferenças de capacidade impede de haver uma maior participação feminina na cooperativa, reforçando a ideia de que alguns espaços ou trabalhos são para serem desempenhados só por mulheres e outros trabalhos são desempenhados só por homens, como um problema de convivência com mulheres desempenhando trabalhos com maioria masculina.

A ideia do problema do desempenho do trabalho de entregas por bicicleta pelas mulheres alcança uma dimensão psicológica também pelos ciclistas cooperados pelo fato de não reconhecerem as contradições que são desenvolvidas durante os momentos de trabalho de entrega pela cooperada. Por um lado, afirmam não haver problema algum com a presença de mulheres que trabalharam na cooperativa. Por outro lado, reconhecem os efeitos ruins para as

³ O trabalho reprodutivo ou trabalho da reprodução se refere ao trabalho realizado pela mulher para a manutenção da reprodução da espécie e a sobrevivência humana no âmbito da casa, a exemplo da gravidez, do parto, amamentação, os cuidados de alimentação da mãe sobre os filhos (Fochesato, 2022).

relações de atendimento dos clientes quando ocorre a situação de não realização de entrega prevista com o cliente. Segue um depoimento que ilustra o problema do desempenho diferenciado de mulheres:

[...] o nosso cliente que a gente tem é a fazenda, ela não conseguiu fazer. É uma cesta de orgânicos, tem ovos, tem pão, uma cesta básica, tem uma cesta básica de ovos, batata, geralmente são 4 entregas por rotas, a gente tem quatro rotas, a gente tem no Morumbi, na Vila Olímpia, Paraíso, e Itaim, pega avenida Pinheiros, tem um no Santo Amaro, tem uma que é Alto de Pinheiros e Sumaré. E é pesado, é pesado, tem que ter força, é um trampo desgastante, você tem que ser desenrolado, é um trampo que não é qualquer um que vai lá e vai fazer, eu uso como exemplo porque não é, não estou desmerecendo ninguém, isso e aquilo, ou trabalhar menos, só que por falta de experiência, por falta de treinamento, aptidão física, a pessoa não conseguiu fazer. As manas não conseguem assim ficar muito tempo, porque desgasta, é força física, não que não tenha, pelo contrário tem mulheres que são muito mais fortes que eu, o cliente uma cesta pesa em média 10 kg não é qualquer um que vai conseguir colocar 40 kg na bicicleta e sair por aí, por isso que falei ela foi uma vez a mana e não conseguiu fazer o cliente, então a gente ficou defasado, a nossa qualidade de certa forma né a gente vacilou com o cliente por essa falta de aptidão (Entrevistado 10).

Contudo, um outro cooperado reconheceu que a cooperativa poderia tratar melhor essa questão de gênero diante de oportunidades de admissão no trabalho de mais mulheres e que não foram priorizadas no momento do surgimento das vagas na cooperativa, mas sim admitidos outros homens para o quadro de pessoal já formado por maioria masculina.

Eu acho que cooperativa em si poderia lidar melhor com essa questão de gênero, recentemente nós tivemos uma ruptura, alguns cooperados decidiram sair da cooperativa pra formar uma cooperativa só deles, teve três pessoas que saíram e frente a isso a gente teve a oportunidade de chamar mais mulheres né pra cooperativa e tornar essa questão de gênero na cooperativa um lugar mais diverso, a gente teve essa oportunidade, deixamos passar, mas nós temos um senso entre nós cooperados, que a próxima pessoa que vai entrar na cooperativa vai ser uma mulher, isso é uma questão que foi levantada em reunião e a gente acredita que a qualidade do serviço da mulher é tão boa quanto a qualidade do serviço do homem (Entrevistado 9).

Os trechos das falas nas entrevistas selecionadas demonstram as opiniões dos cooperados sobre as dificuldades de participação de mulheres no trabalho de entregas por bicicletas na cooperativa, e as noções sobre as capacidades físicas e relacionais entre homens e mulheres no ambiente de trabalho.

Diante da presença feminina na cooperativa os cooperados são provocados de certa maneira a tomarem atitudes de relacionamento com a cooperada principalmente quando ocorrem situações -problema como a relatada acima pelo entrevistado 10 da não realização do transporte da cargas pela cooperada.

Um outro aspecto nessa discussão é a análise sobre o tempo gasto por mulheres no

modal da bicicleta. No âmbito internacional, um estudo feito pelo Strava, uma plataforma de esportes do mundo que monitora as corridas realizadas a pé ou de bicicleta por meio do sistema de posicionamento global (GPS) do *smartphone* do atleta, aponta que a atividade de pedalar realizada por mulheres no Brasil possui menos da metade do tempo dispendido pelos homens, 37% menos tempo pedalando que o tempo que os homens gastam para pedalar, em comparação com o tempo de mulheres pedalando em outros países como os EUA (45%), Japão (64%), Espanha (62%), França (54%), Alemanha (44%) (Pedal, 2023).

No Brasil especificamente, a participação feminina no uso dos modais de transporte ainda não é superior ou igual a participação masculina, essa informação é evidenciada nos resultados da pesquisa OD 2017 (Pesquisa OD 2017, 2023) que revelam que a relação entre o índice de mobilidade na região metropolitana de São Paulo- 2007-2017 calculado pela divisão entre o número de viagens por modo realizadas no período e o número de habitantes e o gênero apresenta dados do crescimento da participação feminina na utilização do modo coletivo, individual e motorizado, conforme demonstrado na figura 16 a seguir.

Figura 16 – Índice de mobilidade por modo e o gênero na região metropolitana de São Paulo – 2007

Gênero	Coletivo	Individual	Motorizado	Não motorizado	Total
Masculino	0,71	0,73	1,44	0,62	2,07
Feminino	0,71	0,44	1,15	0,70	1,85
Total	0,71	0,58	1,29	0,66	1,95

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa OD 2017 (Pesquisa OD 2017, 2023).

Observa-se que durante o transcorrer dos anos de 2007 a 2017 houve mudanças consideráveis no índice de mobilidade na região metropolitana de São Paulo, em relação aos gêneros masculino e feminino, conforme demonstrado na figura 17 a seguir referente ao ano de 2017.

Figura 17 – Índice de mobilidade por modo e o gênero na região metropolitana de São Paulo – 2017

Gênero	Coletivo	Individual	Motorizado	Não motorizado	Total
Masculino	0,69	0,79	1,48	0,66	2,13
Feminino	0,78	0,47	1,25	0,66	1,91
Total	0,73	0,62	1,36	0,66	2,02

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa OD 2017 (Pesquisa OD 2017, 2023).

As questões do tempo, da organização das atividades e mesmo as condições de segurança podem ser motivos que influenciam no baixo tempo de uso da bicicleta pelas mulheres, as ações de conscientização sobre o ciclismo feminino pelas instituições do esporte ou ONGS podem ajudar a mudar essa realidade (Pedal, 2023).

Entretanto, algumas realidades já estão sendo muito influenciadas pela participação feminina mesmo que seja uma participação expressa em quantidade de mulheres mais baixo que o de homens como na própria cooperativa, mesmo com as situações de desafio na convivência com a cooperada relatados acima.

A identificação com o estilo de vida gerado pelo hábito do ciclismo seja como motivo para prática do esporte, ou o lazer ou para o trabalho foi um aspecto observado nas mulheres que já estiveram na cooperativa, como o depoimento do entrevistado:

[...] então acaba sendo difícil, e sempre foi a participação das pessoas que [...] pedalando ou pedalava na rua, assim como outras manas que passaram por aqui elas já pedalavam ou a gente já se conhecia, já era inserido no rolê da bike (Entrevistado 7).

Os cooperados expressaram suas percepções sobre a entregadora ciclista na cooperativa, alguns demonstram que ela possui característica diferencial em relação as demais mulheres, e outros já expressaram que a cooperada possui perfil de trabalhadora com afinidade aos objetivos políticos de resistência à precarização do trabalho por aplicativo:

[...] nós temos uma mulher que trabalha com nós [...] e pra essa mulher aí, eu tiro o chapéu pra ela porque não é toda mulher que faz o que ela faz aqui, [...] (Entrevistado 4).

Você é um termômetro muito simples, que eu vejo através do bom senso e dedicação, a partir do momento que você ver a pessoa chegar mais cedo pra uma coisa que ela não está sendo remunerada e sai mais tarde e não está sendo remunerada, só pelo fato de manter as coisas ocorrendo bem, se você mostrou esse interesse, e a mulher que temos na nossa cooperativa tem esse foco, tem esse perfil, tem que ter esse perfil, independente do gênero, e a gente quer que lute junto entendeu? Que reine junto com a gente, por mesmo objetivo, ela tem esse objetivo (Entrevistado 5).

[...] ela é uma ciclista braba mesmo, ela tem o mesmo potencial de qualquer outro ciclista cooperado homem, ela exerce a mesma função e de forma exemplar, com êxito, e acho natural se aparecem outras ciclo entregadores são muito bem vindas a nossa cooperativa, eu acho que é um ambiente que a gente tem que ter essa pluralidade de gênero, essa diversidade, uma pauta muito importante que a gente reconhece né, a gente tem que ter um ambiente que acolhe todos os tipos de pessoa e pra nós aqui da Giro é bom honra assim ter uma ciclo entregadora (Entrevistado 8).

Situando a discussão dessa seção com as percepções da cooperada, observa-se que há

um aspecto também necessário e importante a ser levado em consideração na discussão sobre o trabalho de entregas e as relações de gênero: o momento de entrada das mulheres no trabalho de entregas. No início das atividades pode ocorrer muitas barreiras de aceitação da participação feminina no trabalho e que podem influenciar para a desistência dessas mulheres de continuar na realização do trabalho na cooperativa.

A ciclista cooperada relata que sua admissão na cooperativa foi por meio de um convite de participação devido ela estar inserida em atividades com a bicicleta, ela conhecia os ciclistas também, mas não foi fácil entrar na cooperativa e não é ainda fácil permanecer por ser uma mulher,

[...] então, eu já sabia que era difícil trabalhar com horizontalidade e sabia que era muito difícil lidar com a cooperativa, mas eu tava a fim de trabalhar com algo que eu acreditasse, e eu sempre tentei é ter relações de trabalho que me parecesse minimamente menos exploratórias assim né, ou que fizesse algum sentido pra mim, e aí foi assim que eu fui chegando na Giro assim, foi bem difícil, ainda continua sendo né pelo fato de eu ser mulher (Entrevistado 6).

No dia a dia, as relações de trabalho são construídas com as interações de uns ou de outros que mostram suas personalidades sobre gostos, opiniões, e essas interações entre os cooperados homens e a cooperada são permeadas por relações de poder, relação manifestada na simplês conversa com opiniões diferentes, questionáveis e nem sempre aceitas,

[...] eu enquanto mulher, me sinto zero poder, muito pelo contrário assim, pra qualquer coisa assim que eu vou falar, que eu vou conseguir eu preciso ter um baita de um esforço e aí as vezes é isso, se eu me coloco uma vez eu não sou ouvida, e aí a segunda vez eu me coloco eu viro uma piada, e a terceira vez eu fico p., se sou mais incisiva aí é tipo: Nossa você está muito agressiva! Poh o seu jeito ta muito violento, você não deve falar assim com as pessoas sabe? Então a forma com que eu falo, com que eu me expresso, é sempre questionada, tipo não é o que eu falo, mas é como você fala e aí eu sempre fico pensando né. Eu não vejo isso sendo falado com outros homens sabe? Não é possível que eu seja tão agressiva assim sabe? Então eu acho que tem muito questão de gênero, mana (Entrevistada 6).

O espaço onde as conversas ocorrem e que gera também desentendimentos é o mesmo espaço da partilha dos lanches preparados pelos cooperados, coletividade e individualismo são atitudes que se misturam na realidade das relações de trabalho na cooperativa. Na opinião da cooperada, uma relação mais humana e justa também é conquistada com palavras em tom alto de uma mulher ou de várias mulheres que não se deixam calar diante de situações de constrangimento, ou desencorajamento do espaço da mulher no trabalho,

[...] então, eu acho que tem muito questão de gênero, mano, que é a raiz do problema,

a veia aorta assim, e que ninguém, os caras não vão dar o privilégio deles, não vai dar o poder deles, é eu, é você, é nós mulheres que tem que gritar pra ser ouvida, é não permitir ser silenciada, é enfrentar esses micro poderes né pra de alguma forma a gente conseguir conquistar o nosso lugar assim (Entrevistada 6).

As conversas sobre as questões de gênero na cooperativa ainda são mínimas, o foco das conversas está na forma de como realizar a admissão das mulheres no trabalho de entregas por bicicleta, mas ainda não há total abertura para o diálogo com a justificativa de não haver demandas de trabalho que pudesse admitir outras mulheres.

O desafio da participação feminina em trabalhos majoritariamente desempenhados por homens não consiste apenas na mudança do número de vagas ocupadas por mulheres nas empresas, mas também nas melhorias das condições de trabalho mais adequadas ao exercício das atividades (Ramos, 2020), como o material de trabalho em boas condições de uso, e locais mais adaptados e seguros de trabalho que não comprometam a vida e a saúde da mulher.

A adaptação de espaços no local de trabalho que assegurem melhor clima de segurança às mulheres é um fator que as empresas ainda buscam priorizar nas condições de trabalho (Reck, 2020). Na cooperativa, os espaços para as mulheres são compartilhados com os homens e espaços femininos são poucos, não há uma manutenção desses espaços para estarem disponíveis às mulheres, a exemplo da disponibilidade do banheiro feminino na cooperativa, uma conquista após vários pedidos feitos pela cooperada, mas ainda existem descuidos com o uso privativo do local:

[...] e aí existe demandas mais fundamentais tipo que nem a questão do banheiro né, que eu tive que lutar por meses, pra ter, pra conquistar um banheiro, separado, e os homens continuam usando esse banheiro e continuam não limpando, não se importando que outra pessoa vai fazer xixi sentado, não se importando que o papel higiênico acabou, ou porque pra eles não faz diferença, então sei lá, às vezes eu vejo os caras reclamando. Ah! Porque não vai trabalhar doente, não sei o que, mas tipo assim, eu trabalho menstruada, eu trabalho com cólica sabe, já trabalhei com conjuntivite, já trabalhei com febre, já trabalhei com dor de cabeça e eu acho que também tá ligado com o fato de eu não permitir que as minhas condições fisiológicas de mulher me coloquem numa condição diferente dos caras sabe? (Entrevistada 6).

Na visão da cooperada existem dificuldades de autoconhecimento dos cooperados com influência nas relações de trabalho, muitos não falam de si nas reuniões, dos problemas de convivência, não reconhecem as atitudes egoísta e machista em certas situações, o que configura uma complexidade nas relações de trabalho de entregas por bicicleta na cooperativa,

A gente teve que fazer uma experiência, que a gente tinha que falar o que cada um poderia melhorar na cooperativa e o seu comportamento né, e aí o que eu percebi que algumas pessoas tem uma enorme dificuldade de falar sobre si, enorme, enorme,

enorme. É muito difícil pros caras, pra algumas pessoas, falaram eu sou assim, assim e assado e eu posso melhorar nisso, e pra outras pessoas era o fim do mundo, mas é muito complexo se você perguntar pra qualquer um deles. Ah! Você se acha machista? Eu não. Eu machista? Não (Entrevistada 6).

Uma experiência relatada pela cooperada trouxe um constrangimento a ela pela não compreensão do seu posicionamento, caracterizando uma situação de racismo cometido por um dos cooperados quando questionado sobre o porquê de estar fazendo ameaças verbais com o uso de uma corda em uma de suas mãos, com batidas na parede ao mesmo tempo em que afirmava que usaria o chicote caso os serviços domésticos não fossem realizados na cooperativa:

Foi numa situação na reunião, após a reunião, num sábado e tudo mais, e nessa reunião a gente tinha dividido né as tarefas de organização, daquele quadro que tem lá né, foi no dia daquele quadro, e aí a gente tinha separado né. Ah! Segunda-feira eu vou lavar louça, terça-feira eu vou fazer isso, e aí todo mundo tinha que colocar alguma coisa no quadro porque a gente estava se organizando pra acontecer a próxima semana pra gente botar o quadro em prática. E aí depois que isso aconteceu, a cena né a gente dividiu e tal, aí um cooperado, ele tava com uma corda na mão e falou o seguinte: Ah! Se não lavar o banheiro, pá! Toma! E deu uma chicotada na parede. Se não lavar louça, pá! Deu outra chicotada. Se não limpar direito pá! Deu uma chicotada! E aí eu virei pra ele e falei: Olha, você branco desse jeito com o chicote na mão não pega bem! Não é muito legal! E ele falou: Você está me chamando de racista? E eu: Olha essa sua foi uma piada racista. Não, eu não sou racista e virou um auê disso, porque eu sair como a errada disso, eu saí como a pessoa que ver coisas onde não tem, e ele ficou na defensiva, sempre todo tempo, falando. Você não me conhece, eu não sou racista. Eu falei: parceiro, todo mundo é racista. Todos nós, a gente vive um racismo estrutural independente de você, ser racista não é você chamar alguém de macaco ta ligado, ser racista é isso. Falei. Meu! De onde você acha que você tirou essa, essa versão de chicotear as pessoas porque ela não faz o serviço doméstico? Falei é o meu lombo ali, o meu, das minhas avós, eu falei essa é uma memória de escrava Isaura, chica da silva. Como você vai pensar em chicotear alguém porque ela não fez o trabalho doméstico? Aí ele disse: Ah!, mas é brincadeira. Mas não entende o quanto que isso tá condicionado sabe (Entrevistada 6).

As experiências de desentendimentos ou de discussões por motivo da organização do trabalho na cooperativa entre homens e mulheres apresentam a realidade difícil das relações humanas permeadas por diferenças e semelhanças (Ramos, 2020). Uma realidade que ganha maior destaque nos preconceitos com a participação empoderada feminina em trabalhos de maioria masculina, porém esta realidade pode mudar com mais valorização e respeito as capacidades da mulher.

O caminho está sendo ainda descoberto, não há uma rota definida para chegar no local da igualdade de gênero nos diversos locais de trabalho, um passo de cada vez deve ser dado com atitudes claras e concretas de mais inclusão, e práticas de diversidade nas organizações.

A situação de constrangimento por não ter a mesma força física do homem gera ainda

barreiras de igualdade de gênero no trabalho como Battilana et al. (2022) comentam ocorre uma verdadeira concentração de poder nas organizações pelos anseios de tornar mais concreto a submissão dos trabalhadores ao ritmo de trabalho mecânico que prioriza a força física para produção em maior quantidade em detrimento de ritmos de trabalho mais razoáveis com a possibilidade de escolha pelos trabalhadores.

O ritmo de trabalho por entregas nos aplicativos na medida que almeja uma subordinação de trabalhadores a níveis elevados de desempenho, estimula relações de trabalho altamente concentradas de poder, principalmente o poder dos homens sobre as mulheres pelas características que reproduzem as desigualdades de gênero e a dominação masculina nas empresas e em outros espaços públicos.

O estudo realizado por Cañada, Izcarra e Zapata Campos (2023) revelou que as desigualdades criadas entre as capacidades de homens e mulheres no trabalho por aplicativos afetam de maneira mais negativa as mulheres devido ao fato de terem um tratamento equivalente a pessoas inferiores por estarem em menor número.

Na realidade da cooperativa, observa-se que a relação de gênero entre os 11 cooperados homens e 1 cooperada mulher possui marcadores de relações de dominação masculina que se forma na interação dos pensamentos expressos e atitudes que questionam a forma de organização do trabalho majoritariamente masculino.

Bourdieu (2012) estudou o conceito de dominação masculina na pesquisa realizada com a sociedade Cabila durante os anos de 1950 e 1960 que culminou na escrita da obra *A Dominação Masculina*⁴, segundo o autor a dominação masculina na sociedade cabila é a mesma na sociedade contemporânea, o masculino e o feminino são considerados como hierarquicamente opostos e ainda o masculino é visto como superior ao feminino.

A dominação masculina ocorre devido as forças sociais existentes que conformam uma ordem social, uma ordem social estruturada com preceitos, normas, na atitude e pensamento das pessoas que reproduz as diferenciações dos sexos. As pessoas estariam assim reproduzindo muito dessa ordem social determinista que coloca os homens em trabalhos de uso de mais força física, uso da palavra e em setores de produção de mercadorias e as mulheres em trabalhos domésticos (Bourdieu, 2012).

Na cooperativa, a cooperada reconheceu situações onde ela se encontra atingida por uma dominação masculina, caracterizada pela contestação de suas próprias sugestões de

⁴ Na obra *A dominação masculina*, escrita em 1998 pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o autor trata da problematização da ordem sexual apresentada na sociedade cabila, local onde Bourdieu realizou sua pesquisa; as relações entre homens e mulheres são baseadas na consideração de que não há relativização da ordem dos sexos, com isso, gerando uma dominação masculina nas relações sociais (Bourdieu, 2012).

organização do trabalho (admissão de mais mulheres na cooperativa, discussões sobre suas ideias a respeito de racismo, espaços adequados para o trabalho). Nesse caso, trata-se de uma dominação não visível como Bourdieu (1999) bem argumenta, a dominação masculina é resultante de uma ação de violência simbólica baseada na naturalização das diferenciações entre homens e mulheres, uma aceitação do *status quo* estabelecido pela ordem social que legitima as desigualdades sociais e de gênero.

A atitude da cooperada diante do cenário de frequentes questionamentos dos homens é de uma conscientização para agir, conscientização sim de que o local é majoritariamente formado por homens, conscientização de que somente ela representa uma resistência ao descrédito de sua capacidade física, uma presença de reflexão, e de ação com esperança para tornar o local um espaço que valoriza a mulher e pessoas de outros gêneros no trabalho de entregas por bicicleta.

d) Os significados do trabalho

Atualmente, muitas pessoas utilizam a bicicleta como instrumento de trabalho, e passam a criar significados próprios para este trabalho. Para compreender os significados do trabalho também atribuídos pelos entregadores ciclistas torna-se necessário, primeiro, entender o histórico do uso da bicicleta no trabalho.

O trabalho com o uso da bicicleta não é recente, as possibilidades do acesso ao trabalho pelas pessoas aumentaram quando surgiram as bicicletas já no final do século XIX (Smith, 2023). Na década de 1890 a bicicleta representava um transporte muito atrativo e inovador para aquela época, a rapidez que o transporte gerava nos deslocamentos impressionava muitas pessoas, como a acessibilidade de aquisição também era um fator que influenciava na compra por várias pessoas, mas a bicicleta teve maior aceitação para uso pelas pessoas de classe média e trabalhadora (Moura, 2021).

A capacidade de mobilidade trazida pela bicicleta atraía os trabalhadores, principalmente porque podiam ir e vir quando quisessem sem estarem “presos” aos deslocamentos a cavalo, carruagens caras às pessoas de baixo poder aquisitivo na sociedade do século XIX (Smith, 2023).

A possibilidade de transformação na mobilidade foi sentida mais pelas mulheres que em 1890 passaram a não usar saias longas e escolheram roupas leves para pedalar (Smith, 2023).

A partir de 1898, a indústria de fabricação de bicicleta cresce nos Estados Unidos e

alcança elevados números de pedidos de venda e elevados números de pedidos de patentes (Smith, 2023). A boa aceitação da bicicleta pelas pessoas decorre do benefício de maior agilidade e acesso aos locais, esse mesmo benefício foi o motivo escolhido por muitos trabalhadores que começaram a utilizar a bicicleta para o deslocamento até o trabalho, a exemplo das bicicletas para entrega de jornais, correios, alimento desde os anos 1880 (Smith, 2023).

Nunes (2017) comenta que a entrega antes do uso da bicicleta era a de tração animal com custos altos de alimentação, limpeza, e cuidados para o trabalhador que deveria ter o zelo com o animal fornecendo os melhores materiais de higiene e saúde.

O uso de bicicleta cargueiras se consolida no século XX na Europa para aumentar a participação do setor de distribuição de produtos na economia (Nunes, 2017). No Brasil, o trabalho de entregas por bicicletas possui como marco histórico o uso de bicicletas pelos trabalhadores da empresa Correios, como carteiros que utilizavam a bicicleta para o deslocamento entre os bairros próximo de uma área de distribuição (Moura, 2021).

No contexto da atividade de entrega de bicicleta, as características peculiares contornam o tipo de trabalho de entrega de bicicleta, os entregadores de bicicleta são conhecidos como *bikes couriers*, geralmente estão mais presentes nas áreas centrais do comércio das cidades (Maes; Vaneslander, 2012).

Os resultados da pesquisa realizada entre janeiro e abril de 2022 em São Paulo-SP por Fioravanti (2022) demonstra que a distribuição de estações de compartilhamento de *bikes* e os sistemas de bônus dos aplicativos de entrega influenciam na permanência de ciclo entregadores em áreas centrais da cidade, áreas distantes dos bairros de residências desses ciclos de entregadores.

A concentração da realização das entregas no centro com baixas oportunidades de trabalho em áreas de periferia aponta para o problema da concentração de serviços de entregas em áreas específicas da cidade influenciando o desprovimento em outras áreas,

[...] em São Paulo, felizmente, é o foco das entregas principalmente o centro expandido, é onde tá quem precisa de entrega, na quebrada a galera não precisa de entrega, então vou tramar na área onde eu moro? Não vai ter, aqui é diferente você tem mais oportunidade de trabalho mesmo pra ciclo entregador tem uma área de atuação, em São Paulo é precário mas ainda é melhor que em outros lugares (Entrevistado 10).

A concepção sobre a concentração das entregas no centro da cidade pelo E10 mostra a relação entre a localidade e a necessidade. A ideia de que não há trabalho de entrega nos

bairros de periferia devido as pessoas não precisarem dos serviços de entrega mostra uma ideia ingênua do cooperado E10. O entendimento dele é de que há uma escassez pela não necessidade da entrega nos bairros de periferia, mas pode-se inferir que ocorre uma concentração de serviços de entrega em áreas nobres da cidade revelando o poder de influência das empresas de aplicativos sobre o mercado de entregas, estimulando maior acumulação de capital e desigualdades regionais de acesso a esses serviços pela população (Costa, 2022).

Apesar da concentração do trabalho em áreas do centro, a atividade de entrega de bicicleta em São Paulo-SP é realizada em prazos mais curtos que as entregas por veículos motorizados. Os preços são estipulados com base na distância, peso, tempo de espera, tipo de entrega (entrega imediata ou programada), geralmente a empresa de cicloentrega possui os seguintes custos: alimentação do ciclista (R\$ 30,00), salário mensal (R\$ 1.500,00), compra da bicicleta para cada entregador ciclista (R\$ 3.000,00), a manutenção mensal da bicicleta (R\$ 75,00 a R\$ 150,00), conforme pesquisa feita na empresa Courrieiros em São Paulo (Paiva, 2014).

O entrevistado 1 em sua fala expressa a relação entre a realização pessoal e a sobrevivência econômica gerados com a atividade de entrega por bicicleta na cooperativa:

Eu conheci a cooperativa através de um companheiro de trabalho, a gente trabalhava numa empresa clt de carteira assinada e a gente começou em 2014, eu comecei como ciclo entregador em 2014 né, e foi uma experiência legal, eu tava procurando fazer, trabalhar com algo que eu me identificasse, com algo que eu gostasse né, e aí eu encontrei a bicicleta como algo de unir né, de fazer uma coisa que eu goste e ao mesmo tempo fosse uma fonte renda pra mim né (...) aí em 2016 alguns companheiros que trabalhavam comigo nessa empresa começaram a se organizar pra criar um, criar um coletivo, ou uma empresa ou a gente não sabia o que seria, mas a gente queria se organizar por conta própria, pra que? não tivesse mais exploração em cima das pessoas, a gente queria um espaço que não tivesse exploração (Entrevistado 1).

A sua experiência laboral é marcada pelas tentativas de busca pelo trabalho como fonte de prazer, atividade que gera uma realização humana, explícito na fala “[...] eu tava procurando fazer, trabalhar com algo que eu me identificasse, com algo que eu gostasse né, e aí eu encontrei a bicicleta como algo de unir né”. Nessa expressão selecionada, o trabalho assume o significado de fonte de prazer, e crescimento pessoal (Maya, 2008), gerando uma questão: Mesmo com a possibilidade de o trabalho de entrega por bicicleta ser prazeroso, trazer sensações de alegria, satisfação e bom-humor, as marcas de dor, e sofrimento também podem estar presentes nas vidas dos entregadores ciclistas cooperados?

As marcas de esforços, empenhos, aplicação de força, e interesse do trabalho estão

muito associadas ao próprio sentido dado ao trabalho, desde sua concepção nos tempos antigos (pré-história) quando o homem precisou criar instrumentos como a pedra lascada, o machado para sobreviver, depois o homem teve a necessidade de participar de atividades como a caça, a pesca, a coleta e a agricultura para poder obter provisão de alimentos, e recursos para sua sobrevivência diante dos perigos à vida.

O trabalho é a atividade humana que se realiza através do uso das capacidades físicas e mentais a fim de satisfazer diversas necessidades (Maya, 2008). Desde os tempos antigos a atividade de dispêndio de força, criação de instrumentos, colocar-se em ação, acompanha o trabalho humano, com nítidas ocasiões também de aflição, pesar, adoecimento gerados no trabalho.

A fala do entrevistado 2 apresenta uma relação de ambiguidade quando ele menciona por um lado o trabalho de entrega por *bike* como uma atividade de lazer, e por outro lado também menciona o trabalho (o trampo) como atividade árdua, penosa, chata, nos dias de chuva em São Paulo que precisa pedalar:

[...] então, eu fui convidado a entrar na cooperativa já tem o que? Vai fazer o que? Vai fazer três anos em fevereiro, ou seja, tem três anos, é recente, eu fui convidado porque sempre estava sendo visto, sempre no meio. Verdade assim para mim, como eu disse faz pouco tempo que eu pedalo, pelo pouco tempo que eu conheço assim, eu curtir bastante, é outras ideias, é outra visão, pra mim é mais pro lazer mano, não é um trampo assim ah! vou pedalar, não é um trampo, trampo mesmo é dia de chuva, é meio chato você pegar a bike e sair no dia de chuva, mas fora isso é como se fosse um lazer (Entrevistado 2).

Essa questão do trabalho como fonte de prazer e fonte de sofrimento presente nas falas dos entrevistados 1 e 2 pode ser identificada também com os impactos das transformações digitais dos últimos anos nas empresas. A crescente automação retirou muitos trabalhadores dos postos de trabalho nas empresas tradicionais (Moura, 2021) e que foram absorvidos no trabalho informal e precário nos aplicativos, causando muitos problemas de saúde para esses trabalhadores (Antunes, 2020).

A ideia de exercer um trabalho bem remunerado, autônomo ainda faz parte dos pensamentos de muitos entregadores por aplicativos. Porém, a realidade mostra que o impacto da transformação digital no trabalho trouxe o gerenciamento por algorítmico⁵ que controla o trabalho via aplicativo, contribuindo para que os trabalhadores estejam como trabalhadores

⁵ A gestão por algorítmico é a nova forma de controle do trabalho realizado pelas plataformas digitais nos últimos anos, os trabalhadores são constantemente vigiados pelos algorítmicos nos aplicativos para poderem ser direcionados a um maior desempenho diário. O termo algoritmo possui origem no nome do matemático Al Khowarizmi, por isso a ideia de uso do algorítmico como um software de linguagem impessoal para enviar comandos para execução de tarefas (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021).

just in time, ou seja, disponíveis por longo tempo nos aplicativos à espera das chamadas de trabalho, gerando adoecimentos físicos e mentais (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021).

O sonho do “melhor trabalho” parecia que seria realizado com entrada das novas tecnologias digitais no mercado de trabalho. Contudo, as constantes investidas das empresas de aplicativos no gerenciamento algoritmo com o repasse do bônus de valor aqueles que possuem altos desempenhos gerou maior intensificação do trabalho com a precarização do baixo salário aos entregadores.

Observa-se que o trabalho por aplicativo possui sentido ainda de sofrimento para muitos trabalhadores retomando o sentido de origem do termo trabalho, do latim *tripalium* (Antunes, 2020), referente ao instrumento formado por três paus usado pelos romanos para penalizar, fazer padecer os escravos e homens livres que não pagavam os impostos daquela época (Maya, 2008).

Para os entregadores ciclistas cooperados, o trabalho também pode significar atividade que exige disciplina, seriedade, atividade que confere às pessoas um propósito de vida:

A cooperativa é eu conheci através de um amigo meu, que ele é falecido, eu conheci ele e indiquei ele pra trabalhar em outra empresa que chama carbono zero, é uma empresa de bicicleta, e lá a gente trabalhava com o mesmo intuito de aqui hoje, com entregas, entregas de comidas, entregas de livros, documentos, então eu conheci o pessoal da Giro [...], eu conheci a cooperativa através dessas três pessoas que foram os fundadores [...] o trabalho de hoje que nós faz, o trabalho futuramente pode ajudar muitas pessoas pra ta chamando pro ramo da bicicleta não só como um lazer, mas como um trabalho, uma coisa séria (Entrevistado 4).

Além do foco no trabalho de bicicleta como chance para outras pessoas saírem de uma situação ruim como o desemprego, a ideia da indicação ao trabalho de entregas por bicicletas na cooperativa por alguém já conhecido como outros entregadores ciclistas, conforme falas dos Entrevistados 2 e 4, ressoa como uma mobilização para fazer um trabalho diferente, uma outra forma de produção de entregas mais saudável ao corpo e a mente.

Essa mobilização se traduz pelo convite feito pelos cooperados como forma de entrada no trabalho na cooperativa. A atitude humanizada de formar um coletivo através dos atos de falar um com o outro, reunir-se presencialmente para conversar sobre o tipo de trabalho, olhar nos olhos, demonstra que o fator humano se sobrepõe ao fator da tecnologia no trabalho, contrapondo à tendência da sociedade digital com incentivos a digitalização das conversas humanas e relações sociais (Moura, 2021).

Um outro ponto de afirmação do fator humano sobre o fator tecnológico é a imersão no trabalho na cooperativa por um convite. Essa atitude de aproximação mostra o diferencial das

práticas de organização de pessoas na cooperativa, que almeja uma interação humana para uma solidariedade de condições e lutas:

Boa tarde! sou do Nordeste, eu conheci a Giro em 2018 através do cooperado Y, e porque eu também trabalhava nas entregas de bike, trabalhava na entrega numa empresa chamada, não me lembro agora, era a carbono zero e outras também, e em 2020 eu recebi o convite para trabalhar na Giro, aí eu conseguir firmar e entrar na cooperativa [...] como eu disse que vim do nordeste, eu cheguei trabalhando na construção civil, trabalhei na construção civil 5 anos aí eu conheci o modal de entrega de bike, aí daí eu conseguir me adaptar nas entregas de bike (Entrevistado 3).

A referência “sou do nordeste” traz a esta análise o fator agravante das recolocações de pessoal no mercado de trabalho devido as necessidades de deslocamentos regionais no Brasil. O cooperado entrevistado 3 aponta que chegou em São Paulo-SP e conseguiu a inserção no quadro de pessoal de uma empresa construtora, mas saiu desse posto de trabalho com adaptação no trabalho de entregas por bicicletas na cooperativa.

O trabalho na cooperativa trouxe adaptação, o ajuste, a adequação do trabalhador nas características do trabalho, o que revela que existem também critérios de aceitabilidade no trabalho. Uma forma alternativa de trabalho para não estar desocupado(a), no ócio de um tempo livre, o trabalho na cooperativa possui o propósito de gerar outra economia, a economia social e solidária que requer o esforço de atitudes do trabalhador e de uma subjetividade coletiva (Grohmann, 2022), anti-competitiva e anti-neoliberal para permanecer no trabalho cooperativo.

O fator de aquisição de experiência no trabalho de entregas é outro aspecto indicado na entrevista, esse aspecto foi mencionado como alcance de habilidades no trabalho de entregas por bicicleta para um desenvolvimento do trabalhador,

[...] em 2019 eu comecei a trabalhar com entregas de bike, e aí foi nesse trabalho na rua né, conhecendo as pessoas, os entregadores, que o pessoal da Giro me conheceu e eu cheguei a mandar pra eles uma mensagem pra ver se tinha vaga em março, mas aí no momento que eles me convidaram que estava precisando de gente foi em novembro de 2021. A Giro, sem dúvidas, me deu mais experiência também né, porque a Giro é assim no ramo de entregas é além de ser uma das poucas cooperativas, é um coletivo que trabalha com uma atividade mais pesada, assim, então, um coletivo que executa atividade mais pesada assim, então não é a toa que o pessoal é muito bem preparado porque precisa ter muito preparo, é mais difícil assim do que a média no ramo, tipo vamos dizer assim, o trabalho da Giro. As parcerias da Giro são mais difíceis assim é enfim requer mais experiência que as empresas de ciclo entrega no geral assim, de aplicativo nem se fala assim porque é outra lógica assim, não trabalha com peso assim, mais no geral os outros coletivos, sabe, outros coletivos, é meio comparando assim não tem ninguém que está executando atividade assim tão difícil como as das Giro (Entrevistado 11).

A característica de um trabalho diferencial, com exigências de experiência no

transporte de carga mais pesada, além de caracterizar o tipo de entrega realizada na cooperativa permite entender como a precarização atinge esses trabalhadores no dispêndio de muito esforço físico no trabalho diário, na dependência do esforço físico para obter sua remuneração no final do mês. O esforço físico para realizar maior quantidade de quilômetros pedalados e conseguirem realizar as entregas com rapidez também para atender ao cliente, mesmo que na percepção do cooperado entrevistado 11 o preparo físico é só um requisito para o entregador ciclista na cooperativa, “[...] o pessoal é muito bem preparado porque precisa ter muito preparo, é mais difícil assim do que a média no ramo”.

Nesse ponto da discussão, a experiência com a observação participante, numa ocasião pela manhã de sol, em que saímos da base da cooperativa pedalando com a bicicleta *itaú-bike* junto com um cooperado, e no início tomamos uma direção única pela ciclovia da avenida Farias de Lima (Pinheiros-SP). Mas, após um tempo não estivemos mais próximos, então a experiência de realizar as entregas sozinha aconteceu com muitas surpresas:

[...] em outro dia de pesquisa de campo na sede da cooperativa, pela manhã fui com outro cooperado realizar as entregas, cada um de bicicleta, ele estava na bicicleta da cooperativa e eu estava na bicicleta do programa itaú *bike*, quando pegamos a avenida e eu tomei a direção da ciclovia, observei que eu estava sozinha e ele já tinha saído do campo de visão, foi nesse momento que percebi que estava sozinha no meio da avenida entre carros, ônibus, pedestres em São Paulo -SP, e com um fator que fazia a diferença para aquele momento de entrega, eu não estava com o celular, o que tornava tudo mais demorado. Mas decidir seguir em frente e fazer as entregas, parei em uma esquina que tinha uma banca de revistas a fim de pedir informação sobre o endereço que tinha em minhas mãos, registrado nas sacolas das entregas (Avenida Agami, 352), mas não obtive respostas com as pessoas ali, foi então que decidir seguir mais a frente em busca de mais informações, parei em outra esquina onde tinha três taxistas em um posto de táxi, falei com eles, me identifiquei como pesquisadora e nordestina, eles falaram assim: O que você faz aqui sozinha com estas sacolas em uma *bike*? Respondi: Eu me distanciei do colega de entrega e quando me deparei estava sozinha, agora tenho que fazer essa duas entregas, vocês podem colaborar comigo me informando como faço para chegar no endereço Avenida Agami, 352? Eles responderam: Um deles abriu um aplicativo de localização para saber qual o bairro, quantos quilômetros teriam que ser percorridos, e qual o melhor direção, ele disse: o endereço fica no bairro Moema-SP, seriam 8 km percorridos (ida e volta) e que deveria pegar a ciclovia principal da avenida Farias Lima e ir seguir em frente, iria passar pela avenida Santo Amaro, Avenida Helio Pelegrini e depois chegaria mais próximo do bairro Moema. Então agradei pela atenção e a ajuda, e tomei a direção da ciclovia principal e seguir em frente como orientado pelos taxistas, fui fazendo o percurso e pedalando sozinha, observando o trânsito, as pessoas ao redor a me olharem, os motoristas na avenida pararem quando o semafóro estava na luz vermelha, e assim que cheguei no bairro Moema era 11hs, começava outro desafio que era encontrar a avenida e o local, busquei informações com comerciantes do bairro, alguns não conheciam o endereço, e resolvi pegar informações com alguns policiais que estavam no comércio do bairro, eles informaram que estava perto e mostraram a rua que tinha que entrar e chegar no endereço, fiz como informado pelos policiais e cheguei ao local as 12: 15hs, ufa! Nunca pensei que passaria por uma experiência assim numa cidade que não conheço (Nota de campo, 2024).

A partir dessa experiência no trabalho de entregas, observamos que o trabalho por *bike* é extremamente interativo entre o entregador ciclista e o meio ambiente, as pessoas, os motoristas, a tecnologia, e a cidade. Essa característica de interação com o ambiente permite entender como os trabalhadores entregadores enfrentam diversos fatores para a realização do trabalho, principalmente a tecnologia. Nesta experiência estava sem o celular, sem conexão de internet disponível e de boa frequência de sinal, então por isso houve maior dispêndio de tempo para chegar no local indicado.

Os entregadores precisam ter condições favoráveis de tecnologia, de segurança, de materiais, e de saúde física e mental para realizarem as entregas, porque eles passam mais tempo nas ruas à procura dos endereços de entregas das sacolas e ficam mais expostos aos perigos da violência urbana nas ruas também. A necessidade de realizar bons trabalhos exigem possuir bom estado físico do corpo, manter uma boa hidratação com o uso de garrafas de água, roupas leves e próprias para o trabalho, equipamentos de trabalho disponíveis e em bom estado de uso (bicicleta, espelho retrovisor na bicicleta, caixas para acomodar as sacolas na garupa da bicicleta, buzina para sinalizar as travessias nas ruas e luzes na bicicleta quando o trabalho for realizado no turno noturno).

O uso da bicicleta para realizar o trabalho de entrega possui uma característica de mais acessibilidade de apropriação do instrumento de trabalho. A bicicleta propicia ao trabalhador rapidez e prontidão, o que gera maior domínio do trabalhador sobre o trabalho, a fala do cooperado entrevistado 11 apresenta essa característica de domínio pelo trabalhador de uma autonomia sobre o seu próprio trabalho:

Acho que o significado é uma autonomia porque a gente representa uma economia em relação aos outros transportes, representa a independência de eu poder me deslocar para vários lugares assim, não gastar tanto, não depender de outras estruturas, de pessoas, então de poder eu mesmo cuidar do meu meio de transporte, de locomoção, instrumento de trabalho, eu trabalhar com coisa que eu amo, que alimenta o meu espírito, minha saúde, minha mente né (Entrevistado 11).

A autonomia mencionada pelo cooperado entrevistado 11 representa a capacidade de organizar o próprio trabalho de maneira a agir com economia de custos (material, equipamentos), sem ter que se deslocar por muito tempo nas ruas de bicicleta. A autonomia de escolher realizar uma atividade que goste e que propicie uma satisfação.

Charles, Ferreras e Lamine (2020) argumentam que a autonomia experimentada por trabalhadores *freelancers* da cooperativa SMart é possibilitada pela natureza do modelo de negócio da cooperativa. Os cooperados podem ter uma apropriação do seu trabalho através da

liberdade de poder definir as tarefas, a forma de execução das tarefas, e administrar a ordem em que as tarefas ocorrem.

O significado de autonomia no trabalho expresso pelo cooperado entrevistado 11 mostra que o entregador ciclista pode realizar atividades de planejamento, organização e execução. O trabalho na cooperativa não requer as especializações de tarefas próprias dos trabalhadores das fábricas, na época dos estudos de Taylor no século XIX sobre o “homem comum”, que era considerado um homem que precisava de treinamentos para executar uma tarefa para somente assim ser mais “produtivo” (Sobral; Peci, 2008).

Na cooperativa, há uma partilha das tarefas e cogestão dos membros que podem exercer várias tarefas, o cooperado experimenta da liberdade da iniciativa na forma de realizar os trabalhos.

Para os autores Chatterton e Pusey (2020) a autonomia no trabalho na cooperativa associa-se com a autogestão, na medida em que os membros da cooperativa podem agir individualmente baseados nos valores da cooperação do trabalho, ou seja, cada um possui liberdade de ação com limitação, quando os interesses coletivos devem se sobrepor aos interesses individuais.

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos cooperados antes da realização da entrevista gravada, a entrevista com o cooperado entrevistado 9 foi feita num local próprio para ciclistas em São Paulo-SP, a ciclovia da marginal Pinheiros. O entrevistado 9 conta que neste local havia um espaço de acolhimento de ciclistas com serviços de reparo de *bike*, onde muitos entregadores ciclistas frequentavam, era um local de refúgio, aceitação, respeito, e atendimento com conversas sobre as tensões do trabalho de entregas por aplicativo, chamado QG das capivaras, talvez também eles reconheciam que tinham características como os bichos, como as capivaras, em analogia as capivaras que estão nas margens do rio Pinheiros, mas que estão em grupo, juntas para conseguir em tempos de inverno a sobrevivência da própria espécie:

Boa tarde! Eu conheci a cooperativa quando eu já estava trabalhando com entregas durante a pandemia, e conheci através de um lugar que não existe mais que era o QG das capivaras, o QG das capivaras ele era um local pra acolhimento de ciclistas né, ele começou aqui na ciclovia da Marginal Pinheiros, que é aonde a gente tá aqui agora e ele começou com uma barraquinha assim, que o pessoal podia ir lá pra fazer pequenos reparos né, arrumar a bike. [...] aí é eu conheci a Y que era a idealizadora do QG das capivaras, e através ali do convívio e tal eu fui conhecendo cooperados da Giro Sustentável que iam lá também pra descansar, pra se encontrar e discutir os assuntos pessoais, assuntos profissionais também [...] eu fiquei bem interessado em participar, em integrar a Giro Sustentável, e aí na época eu entrei em contato com o antigo presidente né, o antigo diretor e presidente da Giro, e na época ele disse que não tinha vaga, que eles estavam com o quadro todo cheio, que não tinha mas outros

espaços pra outros integrantes pra somarem com a Giro Sustentável e foi triste assim [...] na época eu estava trabalhando na Carbono Zero né, uma empresa que o pessoal geralmente começa fazer entregas ou começa pelo Ifood ou começa a fazer pela Carbono Zero. E, eu estava pedalando muito assim, tinha dias que eu pedalava 100km, 80 km e eu estava ganhando uma renda assim muito básica assim, pra quantidade que eu pedalava, assim era muito injusto, e aí sabendo que existia uma cooperativa que tinha todo esse propósito de ser contra a precarização, eu fiquei ligado em participar mas não teve oportunidade a princípio né, quando voltou ao normal, quando o pessoal já tinha tomado vacina, mas pro final da pandemia, eu voltei a fazer trabalhos que tinha a haver com a minha área, eu também sou cozinheiro, sou bartender, e aí eu voltei a fazer esses trabalhos em outra área né, tipo restaurantes, bares, fiquei alguns anos, depois da pandemia trabalhando praticamente só com isso e aí eu voltei a fazer entregas nesse ano de 2023 né, tendo em vista que eu sentia assim que nessa área de restaurante e bebidas estava sendo muito explorado, não estava ganhando um sustento digno assim pra quantidade de horas que eu trabalhava por semana né, e aí isso também pesou na minha decisão de trabalhar na Giro, porque eu acreditava que na Giro eu poderia enfim conseguir trabalhar num lugar que eu fosse, que me tratasse de uma forma mais justa (Entrevistado 9).

O trajeto laboral do entrevistado 9 apresenta movimentos de ida e vindas na atividade de entregas por bicicleta, assumir que detém mais ocupações, “[...] também sou cozinheiro, sou bartender [...]”. O exercício de outros trabalhos para poder ganhar um valor maior demonstra o impacto da precariedade das condições de trabalho, como longas jornadas de trabalho e baixo retorno do valor dos trabalhos.

A precarização do trabalho é uma condição de vulnerabilidade do trabalho (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021) com efeitos sérios de perdas de *status* de emprego e de benefícios sociais para o trabalhador (Charles; Ferreras; Lamine, 2020).

Conforme Antunes (2020), os avanços do poder do capital sobre o trabalho, manifestado na evolução do sistema capitalista no decorrer dos anos trouxeram mudanças nas formas de trabalho com fins de obtenção de maior geração de lucros aos empregadores, investidores, e capitalistas com a redução dos custos do negócio, dentre os custos, o custo de contratação formal de trabalhadores no Brasil.

A precarização do trabalho teve um aumento no período da pandemia com o fechamento de empresas (Grohmann, 2022) e com a entrada em vigor das regras da nova reforma trabalhista com a Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, que liberalizou a forma de trabalho intermitente, temporário, o trabalho precário (Brasil, 2017).

Na fala do cooperado entrevistado 9, observa-se a ênfase na dimensão de baixos salários obtidos nas funções executadas como cozinheiro, e barman ou bartender, esta constatação influencia na ocorrência da exploração do trabalho através do baixo valor do trabalho repassado ao trabalhador, mesmo que o mesmo cumpra uma longa jornada de trabalho (Antunes, 2020).

Um ponto evidenciado pelo entrevistado 9 é a ausência da dignidade do trabalho devido ao baixo salário que impossibilita o provimento básico para a manutenção das despesas, “não estava ganhando um sustento digno assim”, essa percepção de desigualdade do valor do trabalho também desanima e retira a vontade de permanecer nesse local à margem, na situação de exclusão do direito ao trabalho decente.

A decisão pelo retorno ao trabalho de entrega por bicicleta na cooperativa mostra a capacidade de mobilização individual no primeiro momento para depois agir coletivamente a fim de mudar a realidade de precarização do trabalho de entregas no Brasil, que tem sido alvo frequente da crise do trabalho no século XXI (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021). Uma crise refletida com milhares de trabalhadores informais que arriscam suas vidas de domingo a domingo, geralmente trabalhando durante os três turnos do dia e assumindo os custos dos materiais de trabalho e itens de segurança, sem ter as perspectivas de um futuro com salário justo.

As novas formas de trabalho intermediada pela tecnologia digital trouxeram à tona a discussão sobre as teorias do fim do trabalho (Antunes, 2020) que apresentam um cenário sem perspectivas futuras de crescimento no número de empregos gerados para absorver a mão de obra, mas de um deslocamento da centralidade do trabalho para as forças do capital, onde o objetivo central é a produção de mercadorias no menor tempo possível, e com os menores custos de regulamentação do trabalho às empresas.

A realidade dos trabalhos precários no Brasil possui influência da situação de desemprego que atinge muitas pessoas devido a baixa escolaridade no Brasil (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021). A entrada das empresas de aplicativos no mercado de trabalho trouxe o aumento dos trabalhos precários pela ampla disponibilidade do uso da tecnologia e da conexão de internet associado aos baixos critérios de admissão ao trabalho por aplicativo. Nessa realidade surge o questionamento diante dessas críticas de sociedade de pós-trabalho com relação ao futuro do trabalho: A revolução tecnológica gerada com os avanços da automação trará o fim da sociedade do trabalho?

Observa-se que o surgimento das tecnologias digitais e a sua aplicação nas empresas possibilitou mudanças drásticas principalmente na organização do trabalho, houve uma “explosão” de trabalhos precários que decorreram da decisão das empresas pela redução dos custos com o uso do trabalho humano (custo alto) e a escolha do uso do trabalho das máquinas ou robôs (custo baixo) nas empresas.

Essa nova realidade do trabalho foi impulsionada pela influência das expectativas de aumento da produtividade às empresas com o uso das tecnologias digitais, assim muitas

peças passaram a conviver com o flagelo do desemprego, na época da pandemia do Covid-19. A opção identificada e escolhida para sair do desemprego por muitas pessoas foram os trabalhos flexíveis nos aplicativos, porém essas pessoas vivem a condição da precarização do vínculo de trabalho com perdas de renda pelos baixos salários recebidos.

O debate sobre a influência da tecnologia nas condições precárias dos trabalhadores por aplicativos é atrativo pelas possibilidades de estudos já realizados sobre a temática, como a discussão de Abramovay (2021) acerca do avanço do processo de criação e uso das tecnologias para abolir o trabalho. No seu estudo Abramovay (2021) utiliza as ideias dos teóricos Karl Marx e John Stuart Mill que acreditavam que as tecnologias teriam sim a força de mobilizar uma maior produtividade do trabalho, o que acarretava no menor uso do trabalho humano.

A ideia da eliminação ou aniquilamento do trabalho decorreria da mudança gerada com o uso apenas das máquinas na produção, que poderia retirar o homem do propósito das trocas de valor, do sentido da venda de sua força de trabalho (mercadoria) para os empresários, com isso haveria uma outra forma de produção em que o esforço físico do homem não seria central para gerar bens e serviços que atendessem as necessidades sociais (Abramovay, 2021).

Contudo, a realidade do mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos após a reforma trabalhista de 2017 especificamente, mostra que a tendência do uso tecnológico no processo produtivo nas empresas não gerou menos trabalho humano, mas sim a proliferação de trabalhos precários, ou seja, as forças do capital apropriaram-se das condições tecnológicas para gerar lucro com o estímulo ao salário por produtividade no trabalho por aplicativo (Bauwens; Ramos, 2018).

A precarização do trabalho no âmbito das entregas apresenta a dimensão da desproteção do vínculo de trabalho pelo não reconhecimento da relação entre o empregador e empregado pelo Estado. Desse modo, existe um poder dado às empresas de aplicativos para não cumprir com o pagamento decente a esses trabalhadores de entregas por aplicativo, com a baixa percepção de qualidade e de valor realizado pelos entregadores, os depoimentos abaixo expressam percepções sobre a precarização no trabalho:

[...] eu conheci a cooperativa Giro Sustentável através de um convite, de um ciclo entregador que eu conhecia, já havia trabalhado com ele em outra empresa, e ele me enviou um convite e eu fui, gostei da ideia, gostei da metodologia de trabalho, e resolvi aderir [...]. Eu acho que o reconhecimento do ciclo entregador decaiu muito, muito, muito, porque hoje em dia a galera acha que é só mais um entregador, que tem vários, vários e vários e mesmo aqueles que não fazem por amor como a gente faz, tem que ser respeitado obviamente, entende? Virou uma coisa tão banal assim que o respeito acabou caindo (Entrevistado 5).

[...] eu sou ciclo entregador, é faz dois anos que estou na Giro, em novembro faz dois anos, dia 10 de novembro, eu entrei por um convite, sempre tive interesse em participar, já conheci alguns participantes, já estava na rua, trabalho na rua aqui em São Paulo desde 2017 na região do ABC pra cá, e sempre estive participando, sempre tive vendo alguns ciclistas, ciclo entregadores da Giro pela rua e tive o interesse de conhecer alguns, que sempre tive interesse de participar da cooperativa, fui convidado a participar né em 2021. [...]. Eu falo pra galera que cooperar é de alma assim sabe, que nem falou antes tem gente que não se encaixa, já passou milhares de pessoas, independente de gênero, raça, cor, credo, ou religião, já teve milhares de pessoas, só que várias pessoas na verdade não se encaixaram, tipo são pessoas maravilhosas, entregadores excepcionais, só que nem todos tem esse viés cooperar, pra mim é de dentro assim. [...]. Então se tem dinheiro tem que pagar, porque entrega delivery é um serviço de luxo, pra mim sempre foi assim, poh se eu vou pedir alguma coisa em casa, poh é um serviço de luxo, o cara ta vindo me servir, eu tenho que tratar bem, só que hoje em dia a entrega virou, ninguém respeita, ninguém está nem aí ta ligado, deixa ficar esperando horas e horas tanto o restaurante quanto as pessoas (Entrevistado 10).

A passagem da situação de trabalhador assalariado para a situação de trabalhador precário (Bauwens; Ramos, 2018) é experimentada por muitos entregadores por aplicativo, no caso dos cooperados esta mudança de *status*, mudança de situação de uma proteção salarial para um situação de incerteza salarial também é experimentada na sensação do baixo reconhecimento do trabalho pelas pessoas que podem solicitar o serviço como relatado pelo entrevistado 5, “eu acho que o reconhecimento do ciclo entregador decaiu”, uma situação que é influenciada pela forma de trabalho flexível com controle exercido por algoritmos que almejam a gestão da quantidade de trabalhos feitos e não a gestão da qualidade dos trabalhos.

As características da flexibilidade e do “empreendedorismo de si” do trabalho por entrega repercutem de uma forma que diminui o valor do trabalho pela visão de ausência de regulamentação do trabalho pelas plataformas e pelo Estado, então, há uma repercussão negativa sobre a reputação, o respeito, o “crédito”, o nome da ocupação de entregador na sociedade conforme o entrevistado 10 “porque a entrega delivery é um serviço de luxo, pra mim sempre foi assim, poh se eu vou pedir alguma coisa em casa, poh é um serviço de luxo, o cara ta vindo me servir”, assim este trabalho deveria ser mais reconhecido e valorizado pela população e entregadores.

Esta ausência de reconhecimento do valor do trabalho de entrega pode ser também efeito da situação de precarização do trabalho de entrega, Schor e Vallas (2021) comentam que as plataformas de compartilhamento e plataformas de trabalho digitais favoreceram a precarização do trabalho porque reconhecem o trabalhador como contratado independente, repassando todo o custo do trabalho a esses trabalhadores.

Apesar do poder de influência das plataformas digitais sobre os trabalhadores de aplicativo, outros trabalhadores entregadores a exemplo dos entregadores ciclistas da

cooperativa observam a importância do movimento de resistência e solidariedade entre os entregadores conforme depoimento:

[...] comecei a trabalhar nas entregas na pandemia em 2020 como uma forma de aumentar a minha renda né, eu trabalhava como estagiária, e aí eu descobri que eu trabalhar com entregas eu ia ganhar mais do que sendo estagiária né, e aí isso me fez tipo sei lá eu estava cansada de ficar em casa [...] eu recebi o convite do W pra ir na cooperativa porque eles me conheciam e porque eu tinha começado a ir no rolê de bike né, eu pedalei mais de uma década assim sozinha, e não tinha amigo ciclista não tinha outras referências né e aí por causa que eu conheci o X e ele começou a me ensinar muita coisa sobre mecânica que eu não sabia né, então eu aprendi a trocar pneu, a mexer na bike, a fazer uma manutenção, troquei a minha bicicleta, fui ganhando autonomia, e ele também foi me levando mais pros rolês de bike assim, então eu comecei a conhecer uma comunidade [...], então eu entrei na cooperativa por causa do Z, e eu trouxe junto o Y que estava desempregado na época, e eu só tinha ouvido falar da Giro Sustentável, eu já tinha ouvido falar dos membros, ah que eu conheci nesses rolês de bike. [...] eu não me adapto numa empresa comum assim, eu não consigo, uma empresa que gera lucro, pra mim já é uma coisa que não faz sentido, que não entra na minha cabeça eu prefiro trabalhar assim porque eu acredito na causa (Entrevistado 6).

A busca pelo trabalho de entregas por bicicleta surge como forma de complementação da renda ou para sair da situação de desemprego. O tempo de uso da bicicleta no trabalho pelos ciclistas passa a ser uma convivência com outros ciclistas e entregadores ciclistas, ocorre uma inserção comunitária, mas outro fator possui mais força para imersão total na cooperativa é a capacidade de trabalhar em um espaço social que traga sentido de vida, o sentido de luta contra a exploração e precarização do trabalho, conforme fala do entrevistado 6, “eu prefiro trabalhar assim porque eu acredito na causa”.

Jack (2020) demonstra no seu estudo que os movimentos de solidariedade (sindicatos e cooperativas) são modos de resistência poderosos e podem equilibrar o poder das plataformas em relação aos trabalhadores e consumidores.

O estudo do conceito de trabalho decente permite entender as condições de trabalho necessárias para realização de um trabalho com dignidade. Assim, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) na LXXXVII Conferência Internacional do trabalho em 1999 através do relatório do Diretor Geral da OIT da época elaborou o conceito, que trata da promoção da valorização da relação de trabalho justa entre empregador e empregado (Rosenfield; Mossi, 2020).

No cenário das novas formas de trabalho por plataformas, a OIT liderou a iniciativa de realização de uma pesquisa comparativa sobre as condições de trabalho em cinco plataformas com 3.500 trabalhadores distribuídos em 75 países entre os anos de 2015 e 2017. O relatório Bureau Internacional do Trabalho 2019 (BIT2019), apresenta a degradação do trabalho

experimentada pelos trabalhadores por plataforma, e o microtrabalho que consiste em tarefas subdivididas em unidades menores e que são colocadas para os trabalhadores desempenharem nas plataformas com uma renda baixíssima e a perda do poder de organização do seu próprio trabalhador (Rosenfield; Mossi, 2020).

Interessante mencionar a definição do trabalho decente contida no relatório BIT 2019:

Um trabalho produtivo que assegura a igualdade de oportunidades e de tratamento entre mulheres e homens, é o trabalho que é adequadamente remunerado, proporciona segurança, e proteção social às famílias, oferece oportunidades de desenvolvimento aos trabalhadores e permite-lhes expressar as suas preocupações, organizar-se coletivamente e participar nas decisões que afetam sua vida profissional (Rosenfield; Mossi, 2020).

No Brasil, os pesquisadores das áreas sociais e da comunicação se debruçaram sobre o estudo das implicações da organização do trabalho por plataformas e o possível cumprimento de princípios do trabalho decente baseados nas recomendações da OIT. O projeto Fairwork Brasil é um desses estudos que objetiva pesquisar amplamente a forma de trabalho das plataformas digitais, nessa pesquisa são mostradas as pontuações obtidas pelas empresas de plataformas em aspectos do trabalho no Brasil (Fairwork Brasil, 2023).

O Fairwork é um projeto de âmbito internacional, organizado pelo Oxford Internet Institute e o WZB Berlin Social Science Center, possui atuação em 38 países e com foco de pesquisa na avaliação da atuação de trabalho das plataformas digitais e a utilização do princípio do trabalho decente em suas práticas (Fairwork Brasil, 2023).

No Brasil o projeto Fairwork analisa 10 plataformas de setores variados acerca dos princípios Fairwork: representação justa; remuneração justa; condições de trabalho justo; contrato; gestão justa, e as plataformas avaliadas são: 99, Americanas Entregas Flash, AppJusto, GetNinjas, iFood, LaLamove, Loggi, Parafuzo, Rappi e Uber. O relatório 2023 aponta que a plataforma paulista AppJusto possui maior pontuação com três pontos, em seguida o iFood com dois pontos, demonstrando que o percurso parece ser bem longo para o alcance de maiores pontos pelas plataformas (Fairwork Brasil, 2023).

É preciso substituir o intermediário corporativo, os trabalhadores precisam romper com o trabalho por aplicativo. A autogestão dos trabalhadores eliminará os trabalhos precários, essas são algumas das ideias que surgiram com os debates acadêmicos iniciais sobre o conceito do Cooperativismo de plataforma, elaborado pelo professor Trebor Scholz (2016).

A ideia da cooperação digital proposta por Scholz (2016) é permeada de pretensões transformacionais, ou seja, a busca da mudança social através da eliminação da lógica de

extração de valor do trabalho digital defendida pelas plataformas digitais, tal mudança visa a dar maior poder aos trabalhadores, principalmente, para que possam deixar essas propostas ilusórias do “empreendedor de si” para criarem coletivamente uma plataforma gerenciada pelos próprios trabalhadores.

e) O processo decisório sobre o trabalho

A ação coletiva dos entregadores ciclistas na cooperativa possui também o propósito de criar atitudes de coragem e ousadia nos entregadores para exercer o direito democrático de lutar por melhores condições de trabalho. A luta possui os reflexos da luta iniciada por outros entregadores que antecederam no caminho de resistência, que gritaram como demonstração de ruptura com o capitalismo, de sua indignação as dores e insatisfação com a exploração do trabalho de entregas. A exemplo do líder do Movimento Entregadores Antifascista, Paulo Galo, na sua fala no vídeo produzido pela Intercept Brasil sobre a luta dos entregadores antifascistas a partir do ato coletivo que ateou fogo à estátua do bandeirante Borba Gato⁶ que culminou na sua prisão em julho de 2020, em São Paulo-SP:

A minha luta e a luta dos entregadores antifascistas é por comida. É pra fazer com que os aplicativos garantam o almoço, o café da manhã, a janta. E aí depois que a gente atingir essas lutas, outras lutas virão, mas por enquanto essa é a nossa luta. E a gente não vai conseguir gritar fome se a gente não pode gritar né? E democracia garante o seu direito de gritar, garante o direito de ser ouvido. Então o fascismo é basicamente isso, quando o poder maior diz pro outros poderes menores que eles não podem falar, que não podem interagir, que eles não tem o direito de decidir p.... nenhuma, e que quem resolve é o poder maior, né? [...] Eu costumo falar assim pros companheiros a luta é assim: primeiro nós estoura o trinco, estourou o trinco? Abre a porta, entra na sala e sai gritando (Intercept Brasil, 2020).

As insuficientes condições de trabalho por aplicativo, a exemplo da baixa remuneração repassada aos entregadores que não dá para cobrir as despesas com alimentação e moradia propiciaram a tomada de consciência coletiva para a organização dos entregadores na fundação da cooperativa de entregas, semelhante ao coletivo Movimento Entregadores Antifascista. Os cooperados desejaram e ainda desejam gritar as injustiças dos aplicativos com a prática de exploração do trabalho para atrair também entregadores ao trabalho na cooperativa.

⁶ Manuel Borba Gato (1628-1718) cidadão paulista, foi um dos mais expressivos bandeirantes brasileiros, movimento formado por homens que desbravaram as regiões como São Paulo, e Minas Gerais em busca de ouro, e pedras preciosas, e atuaram na ocupação do território na época do Brasil colônia, conhecido por ser escravocrata, genocida e um abusador de mulheres (Thomaz, 2021).

O exercício do ato de reivindicar ou de resistir contra a precarização do trabalho de entregas nos aplicativos é propiciado pela propriedade coletiva que gera um ambiente de trabalho democrático.

A democracia no trabalho de entregas na cooperativa se desenvolve principalmente nos momentos de discussão coletiva onde os cooperados devem colocar suas opiniões abertamente para os demais ouvirem, questionarem, aceitarem ou rejeitarem. Essa discussão sobre temas da rotina de trabalho de entregas colabora no despertar das atividades de falar e de ouvir, como se observa nos depoimentos abaixo:

[...] é eu acho que existe a questão da democracia assim de a gente poder falar né, de se expressar, de pensar, ou de não ter nenhuma voz que tipo pode te silenciar organizacionalmente sabe, não tem isso (Entrevistado 6).

[...] aí como todos estão num mesmo patamar assim de horizontalidade, e cada um tem direito a um voto então dá pra equilibrar bem as coisas assim, eu achei isso massa assim, como um princípio pra levar pra vida. Todos têm o direito de participação igual, ninguém manda, ninguém é chefe de ninguém. Às vezes o senso coletivo faz até a pessoa mudar de opinião pelos argumentos apresentados, então a pessoa consegue ter uma visão a partir do olhar das outras pessoas e falar: Poxa! eu só consigo ver por aqui e a galera está conseguindo olhar um todo (Entrevistado 7).

Eu acho que é bem diferente assim, eu acho que não apresenta muitos benefícios, o grande benefício é justamente nas relações e no sentido de enfim do enraizamento sabe, de um ambiente onde todos se sentem parte, se sente uma parte igual do todo, com o direito ao voto de peso igual, bom e tem também a organização dos horários que pode ser visto como benefício (Entrevistado 11).

O modelo cooperativo de organização do trabalho de entrega não permite a existência de um poder autocrático, geralmente presente na liderança autocrática de governos de países onde há o regime político da monarquia absoluta, a exemplo do famoso monarca, o rei francês Luis XIV que à época de seu reinado pronunciou a expressão “O Estado sou eu” (Fernandes, trecho retirado do site História do Mundo, 2024).

Na cooperativa, a vivência de um poder democrático se manifesta na forma da tomada de decisão coletiva, que pode ser entendida como o direito de expressão de pensamentos sem ter a ameaça de cerceamento do uso da palavra por outro poder, sem silenciamentos conforme falas dos entrevistados 6 e 7.

A tomada de decisão democrática assume uma dimensão de retribuição dos cooperados pelos benefícios conquistados com o trabalho na cooperativa, o entrevistado 11 afirma que o benefício do sentimento de igualdade do valor do entregador e do seu trabalho, possibilita uma integração pelo pertencimento ao ambiente, ao grupo.

No entanto, como ocorre o processo decisório democrático na cooperativa? Os

cooperados buscam reunir-se mensalmente para identificar as necessidades do trabalho, problemas a serem resolvidos por meio da assembleia mensal ordinária, geralmente no primeiro sábado do mês, nesse tempo de reunião os cooperados apresentam suas opiniões e decidem sobre os rumos que devem ser tomados.

A gente costuma se reunir uma vez por mês né e a gente costuma ver qual é a necessidade do momento, o que precisa, o que está acontecendo e aí a gente traz essa discussão pra reunião e na assembleia é decidido qual rumo a gente vai tomar, o que a gente vamos fazer, é decidido de forma democrática e é assim (Entrevistado 1).

Todo o mês a gente se reúne pra falar de todas as questões que são necessárias, e se tiver uma pauta assim a gente convoca uma reunião emergencial durante a semana, isso pra resolver questões pessoais e tudo mais, mas por exemplo aparece um cliente mandando uma proposta se for uma proposta grande e precisar de muitas cabeças pra pensar ali na hora, a gente marca uma reunião repentina e vamos fazer aquilo (Entrevistado 5).

Aqui na Giro a gente decide tudo em conjunto de forma democrática né, então a gente acaba entrando num consenso dos valores que a gente cobra pelos nossos serviços (Entrevistado 8).

A necessidade de reunião mensal dos cooperados cria um clima organizacional para o engajamento com a reflexão dos assuntos a serem discutidos, estimulando a participação crítica dos cooperados e a vivência da democracia no trabalho.

Os autores Charles, Ferreras e Lamine (2020) argumentam que a forma jurídica da cooperativa favorece a experiência da democracia para refletir sobre problemas e propor respostas ou saídas para os problemas.

A governança democrática na cooperativa se revela como um desafio para todos, não é um processo rápido ou mesmo fácil, o cooperado entrevistado 11 fala sobre sua percepção sobre os desafios à tomada de decisão democrática:

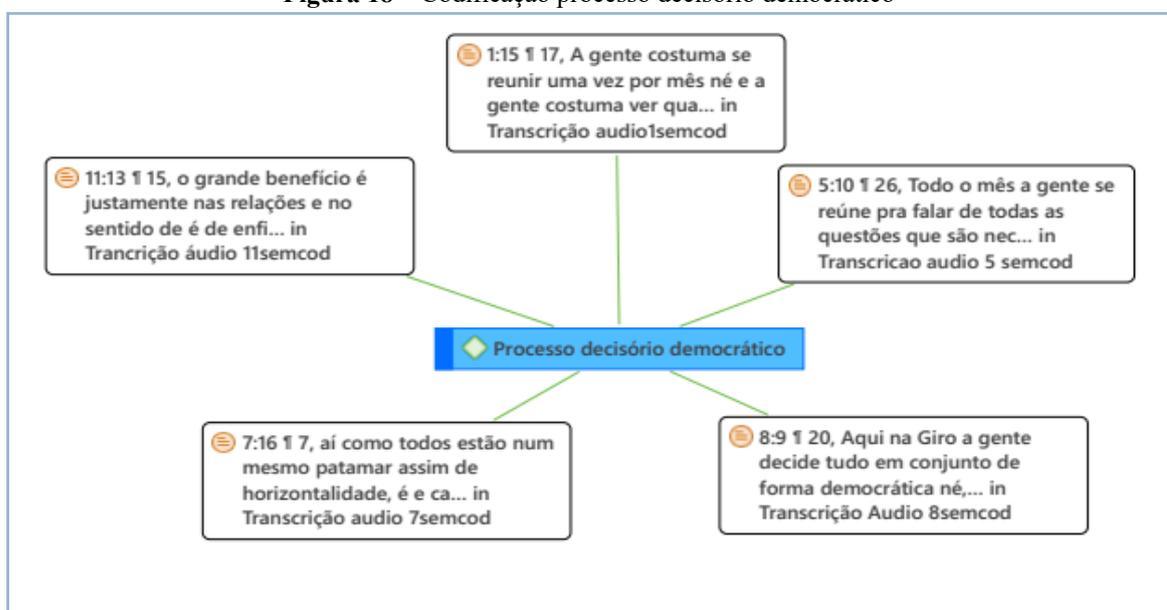
[...] então é esse é o grande desafio, o modelo de gestão é o grande desafio, chegar ao consenso sabe, as deliberações aqui, as diretrizes elas são tomadas de forma democrática, mas não é só democrática representativa, não é só questão de voto, que nem a gente ta acostumado a democracia, justamente cada um tem que expor, cada um tem que participar de fato, expor sua visão, não basta só escolher, tem que discutir não é só a questão de votar a maioria, tem que chegar no consenso através de argumentos, e isso é política de fato, infelizmente o povo esta cada vez mais despolitizado, afastado da política, então o modelo de gestão nosso é o que se aproxima da política de fato que é você defender seus argumentos, debater, buscar o bem comum, buscar o progresso, a evolução do coletivo, pensar o coletivo, pensar nas pessoas, ter empatia pelas pessoas (Entrevistado 11).

Não é apresentar uma opinião no momento da reunião da assembleia, é preciso apresentar também os motivos que justificam sua opinião, é um esforço claro para a tomada de

consciência política dos entregadores ciclistas, um exercício de desenvolvimento dos capitais social e cultural (Bourdieu, 1989) para apresentar ideias e defendê-las com consistência.

O ambiente democrático na cooperativa envolve a decisão democrática e a participação consciente e crítica de cada cooperado sobre assuntos pertinentes ao trabalho, alguns temas se destacaram nas falas dos cooperados e foram selecionados quatro que tiveram maior frequência nas conversas: o trabalho por aplicativos; a precarização do trabalho; o papel das cooperativas; e a mobilidade ativa na cidade. Na figura 18, a seguir, demonstram-se alguns trechos de falas.

Figura 18 – Codificação processo decisório democrático



Fonte: Elaboração própria (2024).

A entrada dos aplicativos no mercado de delivery e a sua dominação pelos aplicativos foi um tema bastante discutido nas entrevistas, as falas demonstram o interesse pelo conhecimento dos entregadores acerca dos efeitos devastos para os mesmos como o baixo valor dos salários, e o controle excessivo pela vigilância do desempenho pelos algoritmos.

Um desafio porque na época que foi fundada a cooperativa não existia os aplicativos, não existia as plataformas, é algo que surgiu recentemente, acho que em 2018 e 2019 que veio surgir aplicativos, mas é uma atividade que já existia antes dos aplicativos, aí os aplicativos chegaram de uma certa forma é, posso dizer desvalorizando a nossa categoria de ciclo entregador porque eles colocaram os preços lá embaixo que não condiz com a realidade, preços que não dá pra pessoa sobreviver com o que o aplicativo paga (Entrevistado 1).

[...] é não vai querer a qualidade mano, a gente tem que baixar nosso preço também, mas essa não é a ideia nossa, é a qualidade, e nem por qualidade é valorizar mano (Entrevistado 2).

É um chefe eletrônico porque você tem que reservar horário, você começa a reservar horário, você começa lá na Rappi pra tramar, então você tem que cumprir horário, se você não tiver lá mano, é que nem um chefe ele vai te bloquear mano, vai te dar um gancho, é um aplicativo, é um chefe eletrônico, te desliga e já era, naquele dia você perdeu, se vacilar você perdeu mais três dias pra frente, é pior que um chefe as vezes (risos). Uma falsa narrativa (Entrevistado 10).

As práticas de bloqueios ou diminuição da oferta de serviços de entrega pelos algoritmos são apresentadas e consideradas como ações de subordinação do trabalhador a um chefe eletrônico como a fala do entrevistado 10, impossibilitando a autonomia do trabalhador na escolha dos trabalhos, essas práticas de punição ou limitação da liberdade são consideradas formas políticas da sociedade capitalista de buscar a acumulação do poder de decisão (Fuchs, 2021).

Um outro aspecto discutido pelos cooperados é a precarização do trabalho de entregas, a ocorrência de verdadeiros abusos no repasse do valor do trabalho para os entregadores, o cálculo do valor repassado não é apresentado com transparência pelas empresas de aplicativo, gerando margem para desconfiar e abusos no cálculo do valor.

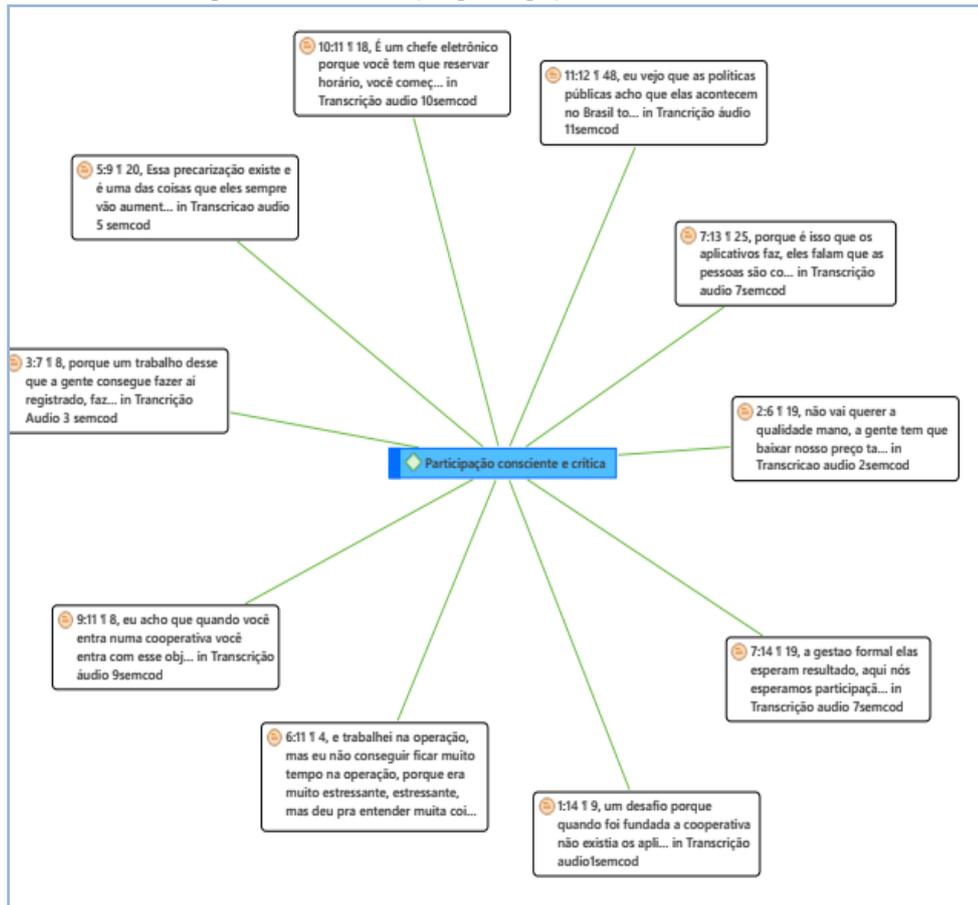
Essa precarização existe e é uma das coisas que eles sempre vão aumentando, sempre precarizando cada vez mais, porque toda taxa grátis que o cliente paga é um abuso em cima do entregador (Entrevistado 5).

[...] mas eu não conseguir ficar muito tempo na operação, porque era muito estressante, estressante, mas deu pra entender muita coisa, do quanto eles abocanhavam boa parcela do valor das entregas e como a gente fazia entregas assim por valores ridículos assim, um real assim, dois reais, três reais o valor de uma entrega né (Entrevistado 6).

A prática dos baixos valores repassados aos entregadores caracteriza uma relação de trabalho precária, não decente, relação impessoal, onde os algoritmos possuem mais destaque e os entregadores permanecem invisíveis ao direito de pagamentos decentes e seguridade de rendas (Scholz, 2016).

O pensamento crítico de cada entregador é desenvolvido durante a participação na apresentação de opiniões sobre assuntos como a regulação do trabalho por aplicativo. Na figura 19, a seguir, demonstram-se alguns trechos selecionados sobre essas opiniões.

Figura 19 – Codificação participação consciente e crítica



Fonte: Elaboração própria (2024).

A respeito da iniciativa do governo brasileiro atual na regulação do trabalho por aplicativo, os cooperados se dividem entre apoiadores e aqueles que não são otimistas com a forma como o processo tem sido conduzido pelo governo, como nos depoimentos a seguir:

[...] porque é isso que os aplicativos faz, eles falam que as pessoas são colaboradores, que fazem o horário delas, mas na verdade eles também tem metas, igual em uma empresa que tem meta pra bater, se você não recusa trabalho é igual numa empresa, e você também tem carga horária, e assim tem várias coisas que mostram que realmente não é uma empresa porque não tem nenhum apoio, nenhuma garantia, muitas vezes a pessoa acaba investindo pra trabalhar quando ela tem que adquirir uma bag da onde ela vai quando ela vai supostamente prestar serviço ou trabalhar, [...] temos que taxar as empresas de tecnologia, são eles que tem que se enquadrar e garantir todos os direitos porque eles já estão há anos no país sem garantir, criando os oligopólios, esses monopólios de tecnologia (Entrevistado 7).

É o fato é que hoje em dia existem milhares de ciclo entregadores, se você andar em qualquer rua do centro de São Paulo, ou em qualquer bairro comercial você vai ver um entregador, quase em todo momento você vai ta vendo ali um entregador com a bag realizando uma entrega, é muita falta de respeito do governo não reconhecer a nossa categoria, e de forma tardia querer regulamentar, e a gente não enxerga isso com bons olhos porque com certeza o iFood que detem um lobby maior desse tipo de trabalho, desses trabalhadores eu acho que eles vão ter muito mais voz do que nós, que realmente realizamos essa função, então é acredito que isso só dar certo se os

trabalhadores forem ouvidos, que hajam valores justos pra categoria de acordo com o esforço que a gente acaba tendo nas ruas (Entrevistado 8).

A dificuldade de garantir os direitos já conquistados aos trabalhadores pelos outros trabalhadores de outras lutas da classe trabalhadora, essa realidade da luta dos entregadores é uma luta pelo resgate da democracia dos direitos, é como uma luta pelos direitos já conquistados nesses tempos, e não por novos direitos. Lamentável que o sistema capitalista prospera pelo lucro com o desemprego de uma mão de obra grande, são pessoas que buscam nos aplicativos a opção para “sair do desemprego” ou complementar a renda.

É preciso mesmo que outras vozes gritem pelo trabalho decente com o respeito aos direitos à dignidade da vida humana e aos direitos trabalhistas, em analogia ao grito ecoado pelo entregador Galo de luta em 2020 quando participou da manifestação de resistência ao poder hegemônico dos aplicativos em São Paulo-SP, para que a luta pelo direito ao salário fosse conquistada.

Não foi possível conseguir essa pauta naquela época, mas um outro resultado foi conquistado: os governos e aplicativos perceberam que os entregadores não estão alienados à relação de exploração no trabalho por aplicativos, que não concordam com a precarização, e que os entregadores podem falar, podem gritar pela sua existência sim, não são trabalhadores invisíveis.

A fala de um outro cooperado, entrevistado 9, traz ao debate nessa seção o aspecto do papel das cooperativas no cenário de luta em defesa da economia solidária como forma de contraposição ao modelo de economia de mercado do capitalismo:

[...] eu acho que quando você entra numa cooperativa você entra com esse objetivo de continuar sobreviver de alguma forma nesse sistema que é desigual, que é um sistema injusto e tal, e é uma forma da cooperativa ir de certa forma na contramão dessa injustiça que está banalizada, que está presente na maioria das empresas né, então a cooperativa é uma alternativa a essas empresas hierárquicas que tem uma discrepância muito grande dos ganhos né, de quem é trabalhador e de quem é dono, de quem é gerente (Entrevistado 9).

“Ir na contramão dessa injustiça” refere-se a ter o conhecimento do ambiente da assimetria de poder ou de ir em busca de obter conhecimento para a tomada de posição consciente sobre o propósito de participação de uma cooperativa.

A busca do conhecimento para ter voz e exercer a fala na cooperativa favorece a prática democrática da tomada de decisão e tornar o trabalho decente, Charles, Ferreras e Lamine (2020) comentam que um dos fatores para um trabalho ser melhor que outro trabalho é a oportunidade de os trabalhadores exercerem sua voz na organização do trabalho e na

escolha dos fins do trabalho.

A preocupação com a criação e a execução de políticas públicas para o trabalho com a bicicleta e para a mobilidade ativa nas cidades se mostrou como outro fator-chave para participação crítica, conforme depoimento:

[...] eu vejo assim, eu vejo que as políticas públicas acho que elas acontecem no Brasil todo, não sei se no mundo é assim, mas aqui é assim acontecem de fato, as decisões são tomadas, as políticas públicas relacionadas ao trânsito quando ocorre uma morte, mesmo que muitas pessoas já sinalizaram o problema e nunca é feito, nunca é reparado, é corrigido, e aí no dia que acontece uma morte é visto o problema, a política pública chega, atua, pega mal assim (Entrevistado 11).

A capacidade de participação crítica demonstrada pelas opiniões dos cooperados sobre os temas diversos acima colocados é um dos efeitos da governança democrática na cooperativa. Outro efeito é a capacidade de realizar o trabalho útil, um trabalho com baixo nível de alienação do trabalhador pelo conhecimento das condições do seu próprio trabalho (Papadimitropoulos, 2021), e alto nível de poder de organização do trabalho pela autonomia da autogestão (Bauwens; Ramos, 2018), como nos depoimentos abaixo:

[...] um perigo quando a pessoa vem pra uma cooperativa visando apenas o trabalho, visando apenas as entregas e ir embora, ela fica em certa desvantagem, mas quando ela busca conhecimento, busca conhecer o que está acontecendo dentro da cooperativa, ela se sente mais presente, mais participativa, eu enxergo isso, é necessário a participação, o engajamento dentro da cooperativa (Entrevistado 1).

[...] não que vai mudar a precarização, mas aqui você consegue ter uma relação diferente com a entrega que está fazendo, você não está fazendo só as entregas, você está entregando algo, uma causa às vezes, sabe, acho que a nossa meta como cooperativa é isso: entregar causas, entregar ideias, além de fazer da entrega um ideal né (Entrevistado 10).

O saber que insere cada vez o cooperado na realidade do trabalho de entregas por bicicleta e na participação ativa com livre poder de voz para discutir os problemas e propor melhorias no trabalho.

f) A inclusão social e o compartilhamento aberto

Os esforços dos cooperados para que o projeto do trabalho de entregas na cooperativa dê certo ainda enfrentam desafios referentes a própria forma de organização do trabalho de entregas. Uma das mais presentes transformações é a valorização do trabalho individualizado em detrimento do trabalho em equipe (Thiry-Cherques, 2007).

Os resultados divulgados da pesquisa realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério Público do trabalho e a Univeridade Estadual de Campinas (UNICAMP) apresentam que existia no Brasil em outubro de 2023, 2,1 milhões de trabalhadores em aplicativos (47,2% trabalhadores de aplicativos de transporte particular de passageiros; 39,5 % trabalhadores de entrega de comida e produto; 13,9 % trabalhadores de aplicativos exclusivos de táxi; 13,2 % trabalhadores de aplicativos de prestação de serviços gerais) (Garcia, 2023).

Esses números revelam que a categoria de trabalhadores por aplicativos é expressiva tanto na quantidade geral de pessoas quanto na diversidade de ocupações realizadas, tal expressividade chama atenção também por mostrar o tamanho ou o volume de trabalhadores que atuam de maneira individual nos aplicativos, mesmo que sob vários motivos, esses resultados revelam a mudança trazida pelos aplicativos: a possível força individual que pode trazer “maiores níveis produtividade e de renda”.

Diante desse cenário, os entregadores ciclistas que experimentam o trabalho em equipe reconhecem que a decisão pela saída dos vínculos com os aplicativos e a escolha pelo compartilhamento dos recursos na cooperativa trouxe maiores benefícios no trabalho a esses cooperados,

[...] todo mundo faz um pouco, desde as tarefas diárias aí até os processos aí, preencher planilha. Eu só ajudo agora mesmo, formação mesmo eu não tenho (Entrevistado 2).

A visão do compartilhamento favorece o sentimento de igualdade de posição de cada membro porque permite que os cooperados possam realizar várias atividades e não apenas fazer as entregas por bicicleta. Assim, o vínculo coletivo com o trabalho é constituído e cada um atua conforme suas possibilidades de conhecimento a fim de que o coletivo sobressaia sobre o individual.

Já com a bike, é o que a Giro propõe como trabalho, como visão de mundo, como visão de sociedade, direito a cidade, direito a vida, direito ao lazer (Entrevistado 7).

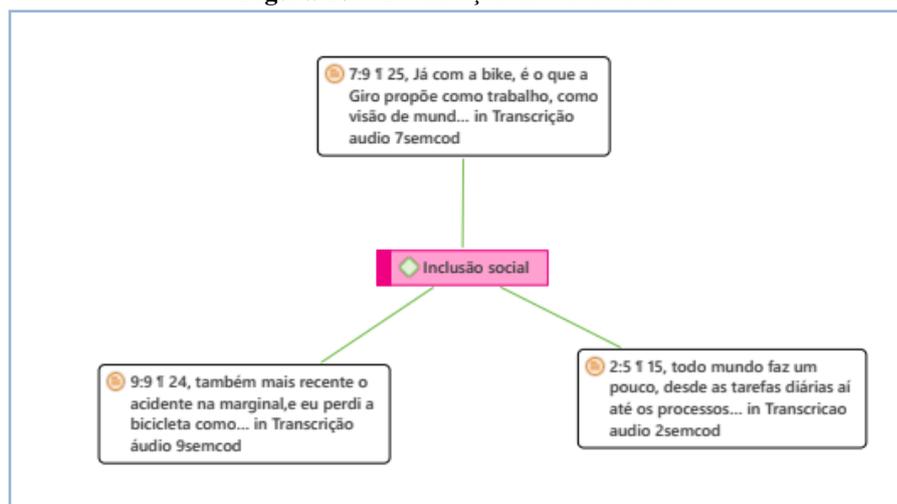
[...] mais recente o acidente na marginal, e eu perdi a bicicleta como um todo, o quadro da bicicleta é a parte mais importante, é o que vai garantir segurança, que as peças estão ali, e a pessoa que me fechou ela não tinha essa noção que podia colocar a minha vida em risco, de estar prejudicando o meu trabalho, eu felizmente ganhei um quadro de uma pessoa próxima minha, que é inclusive de um dos cooperados, ele me deu esse quadro para que eu não ficasse sem trabalhar, se não fosse por ele eu estaria até hoje, ainda correndo atrás de um quadro e às vezes a gente não tem condição de arcar com um custo tão grande (Entrevistado 9).

Um outro aspecto observado nas falas dos entrevistados 7 e 9 foi a possibilidade de o

trabalho de entregas na cooperativa favorecer os valores de trabalho em equipe, confiança, relações sociais informais, justiça social e organizacional, respeito aos direitos e empatia no trabalho.

A figura 20 ilustra os trechos das falas selecionados dos entrevistados sobre o sentimento de inclusão social no mercado de trabalho.

Figura 20 – Codificação inclusão social



Fonte: Elaboração própria (2024).

A prática da gestão democrática pelos próprios entregadores que podem tomar as decisões a partir da discussão coletiva sobre os problemas da organização cooperativa, cria também a prática verdadeira do compartilhamento de dados aberto pelo valor democrático do uso da informação para tornar melhor o trabalho.

A prática do compartilhamento aberto de dados na cooperativa por enquanto ainda é limitado, ocorre através da possibilidade de uso dos dados obtidos com os serviços prestados aos clientes (relatórios em planilha de computador) que podem ser reutilizados pelos cooperados ou no compartilhamento com outros agentes da rede de cooperação (cooperativas e coletivos) para avaliação dos trabalhos.

O compartilhamento de dados na cooperativa ainda pode ser mais bem praticado e organizado, mas já representa uma forma de estimular o compartilhamento responsável de conhecimentos (Magalhães, 2023), de modo a discernir entre quais dados devem ser compartilhados ou não, a ideia do discernir envolve manter o respeito a privacidade, a segurança dos trabalhadores e clientes (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020). O cooperado E7 expressa seu ponto de vista quando questionado sobre a criação de uma plataforma para uso na cooperativa.

Eu creio no software livre, e dados compartilhados, pelo que eu li no livro cooperativismo de plataforma, alguma coisa assim é, e algumas que eu vi das pessoas tentando fazer, de alguns lugares que tentam fazer, algumas coisas de aplicativos juntos com os trabalhadores, alguns coletivos locais pra tentar quebrar isso né, desde que o trabalhador saia com a maior parte do serviço prestado e que possa gerir essas tecnologias e tá junto na elaboração desses dados, ate da venda porque a plataforma não vende só um serviço ela vende um pacote de dados que ela consegue colher, então quem tem que se beneficiar dessa venda de dados que os trabalhadores através do seu serviço prestado capta são os próprios trabalhadores, além de seu serviço prestado ali e ainda assim esse software que tem que ser elaborado com esse trabalhadores, eu acho que já é plataforma, eu acho que tem que ter lugar pra todos nessa construção, de alguma forma ali, ta gerindo ou se beneficiando (Entrevistado 7).

A fala do entrevistado 7 mostra a crença no software livre, nos dados compartilhados, desde que os trabalhadores possam participar ativamente dessas produções e obtenham a gestão dessas tecnologias.

A esfera pública digital é uma dimensão da esfera pública conforme os estudos de Habermas (Mundo Educação, 2024), a esfera pública tem dimensão democrática, não capitalista, a avaliação sobre os dados ou informações a serem publicados na esfera digital pode permitir avaliações de dados de ideologia capitalista ou dados de ideologia não capitalista (Foramitti; Varvarousis; Kallis, 2020).

Os cooperados utilizam como instrumentos tecnológicos no trabalho o site (girosustentavel.com.br) que apresenta as informações mais pertinentes ao negócio cooperativo, a missão, a visão, os princípios do cooperativismo, também são utilizadas as redes sociais como a rede instagram (@girosustentavelentregas), o facebook (Giro Sustentavel Entregas), e o uso do aplicativo *whatsapp* para criação de grupos de clientes a fim de manter o contato com cada cliente mais rapidamente, em tempo real, e resolver problemas que podem surgir durante a rotina das entregas.

Observa-se que ainda não há o uso de um aplicativo de gestão de entregas utilizado pelos próprios cooperados, mas os cooperados estão imersos na realidade de uso das tecnologias digitais no trabalho, a exemplo do próprio site como canal de comunicação com os clientes para apresentação dos serviços de entrega, e solicitação de pedidos e orçamentos de entregas, como também existe a gestão das redes sociais disponíveis para o contato com clientes, como relatado no depoimento a seguir:

[...] então, criar algo justo pra todos, não é querer lucrar é querer compartilhar, na minha humilde opinião, você querer fazer alguma coisa que resolva alguma demanda, quer ir contra, dentro do que já tem, nós não tem aplicativo, nós somos anti app, nós não quer ganhar em cima do trabalho de ninguém, nós não quer solucionar e ganhar o mérito ou ganhar a patente de algo, ou ser o contraponto disso, acho que criar algo que as pessoas possam se beneficiar disso, o compartilhado que todo

mundo possa ganhar de alguma forma, justa e equilibrada assim, aí sim, eu acho massa (Entrevistado 7).

O pensamento do entrevistado 7 sobre a criação de um aplicativo na cooperativa possui o significado para ele de justiça digital. O uso das tecnologias na cooperativa não poderia ter o sentido de uso de um recurso para explorar mais o trabalho, a tecnologia deve ser utilizada para auxiliar o trabalho e assim obter uma produtividade que gere resultados favoráveis para uma coletividade (a cooperativa) e não para substituir o homem ou maximizar o ritmo de trabalho para gerar lucros econômico para uns somente.

O Cooperado entrevistado 11 na sua fala sobre a questão da criação de aplicativos para uso na cooperativa já aponta para uma limitação atual no trabalho na cooperativa, uma das razões pela ausência de um aplicativo nas entregas na cooperativa é o alto valor que deve ser gasto com a criação de um aplicativo, para o entrevistado 11 é uma utopia essa ideia:

É muito complexo, a tecnologia tem muito investimento e aí eu acho que é uma utopia que a gente segue né e hoje está acontecendo o movimento que o senhoritas está envolvido, o núcleo de tecnologia, é sempre através de projetos sociais com fomento do estado pra poder viabilizar os cursos e bolsas né pra tentar chegar a algum lugar, só que a gente ainda está muito distante da tecnologia, e é importante ter um panorama sobre isso, sabe, entender por que tem essa distância, e essas empresas que atuam nas plataformas não é por caso assim, não é por grandes ideias, mas sim por investimento pesado, então não basta criar um aplicativo que a gente possa gerir, se a gente não tiver essa força (Entrevistado 11).

As tensões entre a gestão dos capitais econômico e social (Bourdieu, 1989) na cooperativa é colocada na opinião do entrevistado 11, as cooperativas não possuem capital econômico elevado para prover investimentos maiores em tecnologia que possa produzir aplicativos.

Entretanto, as cooperativas possuem maior capital social construído pela rede de cooperação e o capital cultural construído pelos conhecimentos coletivos e individuais, logo observa-se na fala do entrevistado 11 certo desânimo e desmotivação coletiva na criação de um aplicativo na cooperativa, “então não basta criar um aplicativo que a gente possa gerir, se a gente não tiver essa força”.

A desmotivação para unir mais esforços individuais que potencializados tornam-se esforços coletivos também foi identificado na pesquisa realizada por Mano (2023) sobre o cooperativismo de plataforma e as formas de reorganização dos trabalhadores com a tecnologia, o estudo se caracterizou como uma pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a análise de conversas com os trabalhadores do setor sobre a experiência dos motoristas por aplicativos de Araraquara – SP, com o uso do aplicativo de gestão dos serviços de transporte

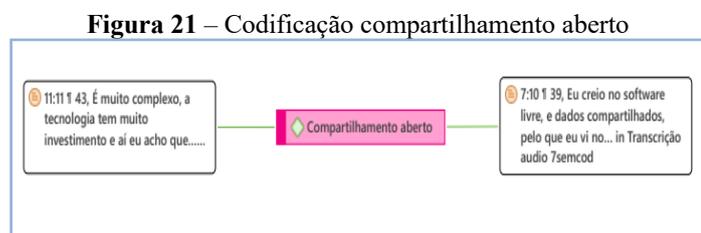
(App Bibi Mob) pela Cooperativa de Transporte de Araraquara (Coomappa) que na época do dia do lançamento do aplicativo (03/01/2022) reunia 400 motoristas integrantes e 11 mil passageiros já cadastrados.

Os resultados da pesquisa de Mano (2023) apontam que o uso do aplicativo App Bibi Mob não teve muito êxito pelos motoristas, e logo foi desfeita a cooperação também, houveram problemas relativos a manutenção da solidariedade dos cooperados nos momentos de desafios de gestão junto ao poder público municipal, e a empresa que criou o aplicativo, resultando assim no desgaste e rupturas dos cooperados com o movimento cooperativo na cidade e o retorno dos trabalhadores ao trabalho individualizado nos aplicativos Uber e 99.

A experiência dos motoristas de Araraquara-SP traz várias lições às cooperativas de plataforma: primeiro, a importância do conhecimento do propósito de criação de uma cooperativa pelos cooperados que querem integrar um negócio cooperativo e a sua lealdade ao propósito, segundo a cooperativa precisa desenvolver a autogestão que cuide das expectativas criadas com o uso da tecnologia que devem ser equilibradas e razoáveis.

O aplicativo não pode ser o fator-chave do trabalho na cooperativa, mas os cooperados precisam saber utilizar a tecnologia a favor do trabalho coletivo na cooperativa, que resultará no fortalecimento dos vínculos de solidariedade de uns com os outros, como Scholz (2016) procurou definir o movimento do Cooperativismo de Plataforma um movimento de compartilhamento da propriedade da internet pelos usuários, ou pelos trabalhadores, ou pelas cidades.

Na figura 21, a seguir, são demonstrados alguns trechos de falas selecionados das percepções dos entrevistados sobre o uso da tecnologia e o compartilhamento de dados.



Fonte: Elaboração própria (2024).

O ponto de partida para a criação da realidade da propriedade coletiva da plataforma é aderir as práticas pequenas de transparência de dados também, essas práticas podem ajudar na melhoria das relações com as partes interessadas no ambiente de plataforma cooperada, como no depoimento abaixo:

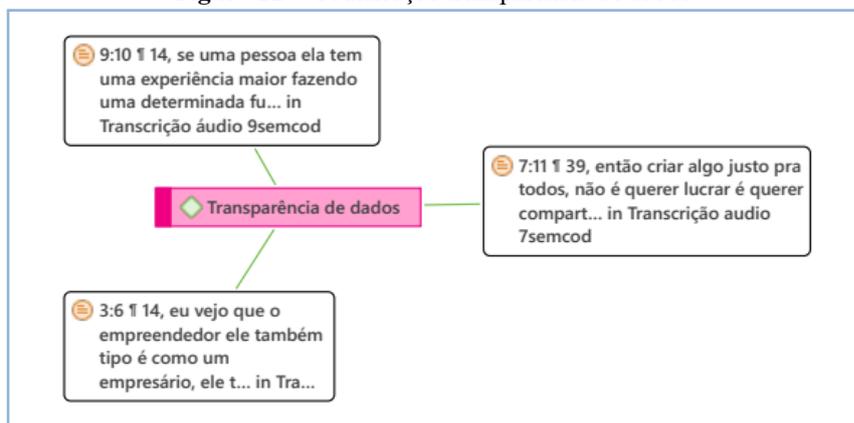
[...] eu vejo que o empreendedor ele também tipo é como um empresário, ele tem um empreendimento, ele tem várias pessoas que são submissas a ele, e não tem o acesso aos arquivos da empresa, na cooperativa eu acho que é diferente porque os cooperados tem acesso aos arquivos da empresa, desde o pagamento desde o acesso ao cliente, aí eu acho um pouco diferente (Entrevistado 3).

O acesso aos dados gerados na atividade de entrega pelos cooperados representa a prática da transparência dos dados entre os próprios cooperados, mas a transparência externa exercida na disponibilização de dados pelos canais de comunicação oficial (site, redes sociais) ainda não é bem desenvolvida. O site e as redes sociais são os principais canais de comunicação de informações e de divulgação de resultados do ano, mas são poucas as informações divulgadas como: quantidade de entregas realizadas durante o ano; quantidade de quilômetros percorridos; e o volume em toneladas de CO2 não emitidos (Giro Sustentável Entregas, 2023).

A necessidade de melhorias nos fatores digitais do trabalho como a transparência e o compartilhamento de dados na cooperativa é essencial para uma imersão total no ambiente da economia digital, rumo ao ganho de mais espaço no mercado de *delivery* dominado atualmente pelos aplicativos.

Conforme Fuchs (2021) declara as práticas de publicação de dados ou o uso dos dados digitais coletados devem refletir o propósito diferente que as plataformas de internet da sociedade civil (cooperativas de plataforma) devem possuir, O propósito que consiste na geração e valorização dos bens comuns digitais, ou seja, no uso dos dados digitais para fins de não acumulação na economia digital, criando redes de comunicação pautadas na democracia digital do uso desses dados para possibilitar gerar uma economia mais justa e sustentável digitalmente. Na figura 22, a seguir, apresentam-se trechos de falas dos entrevistados sobre a transparência de dados.

Figura 22 – Codificação transparência de dados



Fonte: Elaboração própria (2024).

4.5 COMPARAÇÃO ENTRE AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS RECEBIDAS PELOS(AS) TRABALHADORES(AS) DAS COOPERATIVAS DE PLATAFORMA E AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO COMUNS À ECONOMIA DE PLATAFORMA

O cenário do modelo de gestão das plataformas digitais trouxe a forte expectativa do tempo flexível e a facilidade para a realização dos trabalhos (Abílio, 2021). Muitos trabalhadores buscaram a adesão ao trabalho de entregas pelo cadastro no aplicativo de entregas da empresa iFood na época da crise sanitária mundial da Covid-19 para não terem de ficar na situação de desemprego.

Apesar da ideologia contagiante da flexibilidade de dias e horários do trabalho, as formas do trabalho digital apresentaram-se muito precárias (Souza, 2021). A precarização do trabalho digital flexível permitiu demonstrar que as tecnologias digitais trouxeram a rapidez do acesso ao trabalho, como também a praticidade de não ter um chefe para validar as atividades dos funcionários, mas toda essa praticidade também trouxe a informalização da relação de trabalho com a ausência do reconhecimento dos direitos trabalhistas.

Nesta seção, apresentam-se resultados também da pesquisa de campo realizada junto aos cooperados da cooperativa de entrega por bicicleta, a partir da comparação entre as implicações recebidas pelos cooperados e as implicações da precarização do trabalho em cooperativas de plataforma demonstradas no quadro 3.

No quadro 10 abaixo, apresentam-se a comparação das implicações recebidas pelos cooperados e as implicações da precarização em cooperativa de plataforma:

Quadro 10 – Relação das implicações percebidas pelos cooperados e as implicações da precarização em cooperativas de plataforma

Dimensão	Implicações da precarização em cooperativas de plataforma	Implicações percebidas pelos cooperados
Social	<ul style="list-style-type: none"> - A qualidade de vida no trabalho pela diminuição de adoecimentos; - A proteção social aos trabalhadores pela cobertura jurídica e legal do sistema da cooperativa; - A oportunidade de inclusão social de grupos marginalizados socialmente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de inserção no espaço local e social com a prática do cooperativismo; - Condições mais propícias a manutenção da saúde do trabalhador; - A diversidade no trabalho de entrega com a participação de pessoas LGBTQI++ ou grupo à margem social.
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> - A economia solidária como alternativa para gerar maior 	<ul style="list-style-type: none"> - A propriedade coletiva do trabalho, dos resultados do

	<p>igualdade de renda</p> <ul style="list-style-type: none"> - Maiores oportunidades de estabilidade nos salários e nos empregos - O processo de produção de mercadorias possui o foco na transformação social 	<p>trabalho, dos recursos, e das tecnologias;</p> <ul style="list-style-type: none"> -A sustentabilidade do fluxo de entregas que prever mais equilíbrio entre produção e consumo; - A renda mais estável aos cooperados; - A economia solidária que possibilita a distribuição de renda justa.
Político	<ul style="list-style-type: none"> - Modelo de plataforma democrática para estímulo do processo de decisão - A organização coletiva de trabalhadores para exercer a luta por direito ao trabalho digno - A perspectiva sobre o futuro do trabalho, o uso da tecnologia para auxiliar o trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - O processo decisório democrático que estimula a autonomia nas relações de trabalho; - A participação crítica dos cooperados sobre o trabalho para se apropriarem da tecnologia e do trabalho.
Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - A solidariedade entre os trabalhadores é estimulada pela lógica da propriedade coletiva da plataforma; - A cultura da democracia no ambiente é fortalecida pela criação de plataformas baseadas na decisão participativa; - O ambiente de trabalho cooperativo gera valores de empoderamento, comunidade, consciência de classe trabalhadora. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os valores de solidariedade e coletivismo são estimulados para gerar trabalhos em equipe e em condições justas; - O compartilhamento de recursos, e tecnologia para gerar transparência e responsabilidade social.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Na dimensão social, aponta-se para o aspecto da segurança física e saúde no trabalho. As implicações sociais percebidas pelos cooperados estão centradas na vantagem da propriedade coletiva do trabalho pelos cooperados: o acesso ao espaço físico da sede da cooperativa, as *bikes* dispostas na sede, os materiais, móveis adquiridos para uso deles, livros da biblioteca conferem mais condições de segurança e saúde a esses trabalhadores.

Contudo, ainda são insuficientes as condições sociais, considerando-se a possibilidade de obtenção de benefícios, como assessoria jurídica, acesso a plano de saúde, acesso a direitos trabalhistas, realização de treinamentos e formações para qualificação dos cooperados e a prática da diversidade na força de trabalho.

Na dimensão econômica, o valor da igualdade dos membros da cooperativa ganha destaque e realça os aspectos da justa distribuição de renda e a economia solidária na cooperativa. Nessa dimensão, chama-se a atenção para maior aproximação das implicações econômicas percebidas pelos cooperados com as implicações da precarização em cooperativas

de plataforma demonstradas no quadro 3. Na cooperativa, os cooperados conseguem obter o benefício de uma renda mais estável no fim do mês, o que influencia a estabilidade do vínculo de trabalho na cooperativa.

Ademais, o processo de produção social almeja alterar o processo de produção das entregas por aplicativos convencionais, a alta desregulamentação da economia colaborativa digital contribui para os baixos preços praticados pelas empresas e também baixos salários pagos a esses trabalhadores. A dinâmica da maior previsibilidade do nível de demanda de clientes na cooperativa pode gerar maior equilíbrio nas atividades de produção e consumo de entregas; assim, os preços podem ser mais elevados e os rendimentos do trabalho também podem ser maiores.

Na dimensão política, os aspectos do processo decisório e da participação crítica dos cooperados possuem maior destaque a partir da opinião dos cooperados. A possibilidade de participação ativa com a colocação de ideias, discordâncias de opiniões ou sugestões de mudanças na forma de gestão da cooperativa conferem autonomia aos trabalhadores, que podem ter a possibilidade de organizar e controlar o próprio trabalho, e não estar como que vigiados ou controlados por clientes nos aplicativos convencionais na atividade de avaliação com pontuação.

Porém, não se observou uma organização coletiva exercida como luta e resistência por direitos trabalhistas da classe trabalhadora dos entregadores.

Na dimensão cultural, aponta-se para os valores culturais reforçados na prática do trabalho na cooperativa: a solidariedade e o coletivismo. Os cooperados são estimulados a desenvolverem ações coletivas dentro e fora da sede da cooperativa; essas ações reforçam a mentalidade de que a unidade e a solidariedade entre eles podem permitir alcançar melhores resultados e condições de trabalho.

Ademais, o compartilhamento é outro valor social reforçado nas práticas do trabalho, que pode ser efetivamente praticado na cooperativa, em relação ao uso de dados digitais e de tecnologias digitais, como aplicativos criados já por outras cooperativas, a fim de gerar mais chances de trabalhos mais justos.

A partir dos resultados obtidos, uma ilustração panorâmica foi elaborada com as principais dimensões da organização do trabalho pelos entregadores ciclistas na cooperativa. Na figura 23, a seguir, demonstram-se essas dimensões.

Figura 23 – Dimensões do trabalho na cooperativa



Fonte: Elaboração própria (2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade dos trabalhadores por aplicativo é caracterizada pela intensificação da exploração do tempo de trabalho disponível à espera das chamadas dos clientes. Muitos desses trabalhadores escolhem a opção de trabalho por aplicativo mesmo com a exaustiva jornada de trabalho a terem de permanecer no desemprego total. Outros trabalhadores decidem por romper com o ciclo de exploração do trabalho e buscam experimentar o trabalho através da propriedade coletiva em cooperativas de plataforma.

A investigação realizada nessa pesquisa apresenta o fenômeno social do trabalho realizado em cooperativas de plataforma de maneira alternativa às condições exploratórias do trabalho por aplicativo. Enfatizamos os resultados gerados nessa investigação tomando os resultados específicos, primeiramente.

Ressaltamos as características do trabalho realizado pelos trabalhadores de cooperativas de plataforma na literatura. A alternativa de realização do trabalho em cooperativas representa uma oportunidade para ter acesso ao trabalho reduzindo as condições de precarização no que se refere aos benefícios da previdência social conforme resultado de pesquisa de Charles, Ferreas e Lamine (2020), ou oportunidades de criação de bens comuns que impulsionam uma economia solidária digital que gere melhor distribuição de renda aos trabalhadores (Chatterton; Pusey, 2020).

A capacidade coletiva dos trabalhadores de atuarem em cooperativas de plataforma é manifestada pela característica da governança democrática. Interessante, nesse ponto, a propriedade coletiva da plataforma cria a mudança digital de uma nova forma de gestão das plataformas, dessa vez são os trabalhadores que são os proprietários da plataforma como Scholz (2016) afirma uma internet do povo, uma oportunidade para que os interesses dos trabalhadores sobre a organização do trabalho sejam postos em prática, sejam colocados em destaque sobre os interesse de empresários.

Como também, a gestão realizada coletivamente possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades nos trabalhadores (Battilana et al., 2022). A aquisição de novas habilidades é influenciada pela frequente realização do trabalho manual (exige esforço do corpo) e do trabalho intelectual (produção do conhecimento). A democracia na forma de gestão não só estar na inserção dos trabalhadores para a tomada de decisão sobre o trabalho, consiste também na facilitação de oportunidades de desenvolvimento profissional, humano, e social para o trabalhador, pelos tipos de trabalho prestado na cooperativa.

Além disso, o trabalho em cooperativas de plataforma apresenta a caracterização da

centralidade da participação crítica do trabalhador. É uma centralidade que mostra a valorização do trabalho humano em oposição ao trabalho das máquinas e algoritmos. Os trabalhadores ocupam posição central na relação de trabalho com os clientes, eles conhecem todas as atividades necessárias ao trabalho, os custos de produção envolvidos e podem até decidir quais clientes irão atender, o preço do serviço e o local de prestação dos serviços.

Porém, a falta do reconhecimento dos direitos trabalhistas, a baixa remuneração e a alta carga de trabalho conferem ainda a característica da precarização da atividade laboral de entrega em cooperativa de plataforma, identificada na literatura sobre Cooperativismo de Plataforma (Battilana et al., 2022; Cañada; Izcará; Zapata Campos, 2023; Doorn, 2017; Sandoval, 2020; Scholz, 2016).

Dessa maneira, os trabalhadores de cooperativas de plataforma ainda não estão isentos da árdua realidade de insuficiência de direitos, benefícios e inserção no mercado de trabalho informal, acarretando a ausência de direitos trabalhistas para esses trabalhadores.

A cooperativa objeto dessa pesquisa revelou-se um exemplo importante para melhor compreender a emergência de cooperativas de plataforma, no contexto de precarização do trabalho, pela possibilidade de garantir acesso ao trabalho e a renda mais estável a entregadores ciclistas, uma categoria de trabalhadores que enfrenta o agravamento da precarização de baixos preços dos serviços de entregas e a insegurança física no trabalho após a entrada de aplicativos de entrega no Brasil (Moura, 2021; Souza, 2021).

Apresentam-se nos próximos parágrafos outros achados importantes de nossa pesquisa, considerando as implicações econômicas do trabalho na cooperativa de plataforma analisada. Encontramos relatos que atribuem valor inestimável a propriedade coletiva da plataforma devido proporcionar autonomia para os entregadores (Battilana et al., 2022). Para os entregadores da cooperativa o significado da propriedade coletiva está relacionado a capacidade de exercerem a posse do negócio, do poder dos trabalhadores de organizar o próprio trabalho conforme seus interesses, “gente estava querendo se organizar pra criar algo que fosse nosso, que realmente a gente se sentisse parte, se sentisse dono” (Entrevistado 1).

Percebe-se que a autonomia adquirida pelos entregadores ciclistas é decorrente da lógica de cooperação que gerou uma nova forma de economia diferente da lógica de competição da racionalidade neoliberal do empreendedor de si.

A economia solidária está baseada na participação de todos (Singer, 2002) para aumentar o volume da receita gerada com as entregas e posterior distribuição de parcela igual do valor total da renda gerada no mês. O nosso entendimento é de que a influência do empreendedorismo no negócio da cooperativa não é capaz de impedir uma melhoria nas

condições de geração do valor da renda, tendo em vista que no trabalho por aplicativo é estimulado a acumulação individual com a ideia do empreendedor de si, contudo, os valores de renda individual são baixos.

Além disso, a implicação econômica da estabilidade da geração da renda entre os cooperados é estimulada pela percepção de igualdade do valor do trabalhador, retirando as técnicas de gamificação do trabalho por aplicativo que criam mais diferenciações de renda, e mais competições entre os trabalhadores.

Também, a elaboração de um fluxo alternativo da produção (serviço de entrega) que não gera o lucro concentrado, mas que possibilita a distribuição de um lucro mais equitativo com as riquezas produzidas entre todos, e estimula o fluxo de entrega com sustentabilidade ambiental pelo uso da bicicleta, como instrumento de trabalho que não emite gases poluentes no ar.

Nesse ponto de apresentação das implicações econômicas, as mais evidentes para a pesquisadora ocorreram a partir da participação junto com os sujeitos de pesquisa na rotina de entrega. Chamamos a atenção para a estratégia de diferenciação do trabalho na cooperativa em relação ao trabalho por aplicativo. A previsibilidade da quantidade de trabalhos possibilita a estabilidade do ritmo das atividades de entregas, reduzindo a intensificação gerada pela flexibilidade nas plataformas digitais capitalistas.

Também, o fluxo da atividade de entrega é mais padronizado e personalizado ao cliente, diferenciando-se do fluxo caracterizado pela produtividade *jus in time*, em que a produção segue o tempo de surgimento da demanda apenas, porém o trabalhador somente é remunerado pelo produto ou serviço produzido, gerando trabalhos temporários e com a finalidade de complementação da renda.

Enfatizam-se algumas implicações sociais do trabalho na cooperativa de plataforma analisada, comparando com as características do trabalho por aplicativo existentes na literatura.

A inserção local e social dos entregadores ciclistas na cooperativa ocorre por meio da decisão pelo estabelecimento de um local de trabalho fixo, “Eu acho muito legal a gente ter um espaço nosso, a cooperativa tem um espaço onde a gente pode dormir, tomar banho, [...], então ela é um local de trabalho coletivo né. Qual local de trabalho você tem essa liberdade?” (Entrevistado 6).

A sede da cooperativa representa um espaço físico para encontro dos entregadores de maneira a criarem relações sociais de trabalho, essas relações sociais influenciam a prática de uma jornada de trabalho fixa pelos entregadores, que movidos pelo compromisso diário de

realizar as entregas precisam se deslocar até a sede da cooperativa e depois saírem para entregar.

A experiência como membro temporário da cooperativa durante o tempo de observação participante permitiu perceber que na opinião dos entregadores o espaço físico é um benefício que traz o conforto de ter um espaço, um lugar de pertencimento, onde as histórias pessoais e profissionais se encontram e estão conservadas e guardadas.

Inclusive, o espaço comum não os coloca na caracterização de trabalhadores precários, mas favorece a diminuição da precarização do trabalho pela criação de condições de segurança física.

Outra implicação social é a melhoria das condições de trabalho que geram a saúde do trabalhador. A autogestão do trabalho impulsiona os entregadores a estarem mais próximos uns dos outros e assim poderem resolver situações-problema sem terem o estresse, sentimentos de ansiedade, brigas ou discussões com clientes na rua.

Contudo, os entregadores ciclistas enfrentam ainda situações de violência urbana seja por meio das ameaças ou de perseguições de motoristas de carro, “eu já vi vídeo de atropelamento, assassinatos que aconteceram no trânsito de São Paulo porque um carro fez uma conversão sem olhar que estava vindo bicicleta, e o agravante disso é que naqueles locais havia ciclovia” (Entrevistado 9).

Essa situação de violência demonstra a vulnerabilidade social da categoria, as pessoas ainda criam preconceitos ou mesmo julgamentos sobre os entregadores ciclistas reforçando o processo de exclusão social desses trabalhadores.

As implicações sociais na cooperativa são reveladas de modo alternativo às condições mais precárias de indefinição de um local de trabalho que coloca os entregadores na condição de um não-lugar (Moura, 2021), fragmentando muito os entregadores para a ação coletiva de reivindicação de direitos.

Nesse ponto, ressaltamos o objetivo geral de nossa pesquisa de compreender como os trabalhadores de cooperativas de plataforma realizam o trabalho de modo alternativo às condições de precarização comuns à economia de plataforma. E, apresentamos aspectos relevantes encontrados a partir dessa investigação, como: a autogestão dos recursos, do espaço físico e do próprio trabalho pelos trabalhadores.

O interesse dos trabalhadores pela organização coletiva do trabalho está relacionado com o desejo de não permanecer passivo diante das situações de exploração das empresas de plataforma (Scholz, 2016), a exemplo da ausência de transparência com a forma de cálculo do salário e de taxas aplicadas que estimulam longas jornadas de trabalho pelos baixos valores

obtidos por cada trabalho realizado (Antunes, 2020).

É interessante que os entrevistados apontaram a percepção de serem donos de um negócio social, no sentido de realmente poderem planejar as atividades do trabalho, os horários, o local de realização do trabalho, como também o controle dessas atividades diferente do sentido identificado na pesquisa realizada por Charles, Ferreras e Lamine (2020) com os cooperados da SMart que atribuíram sentido de *status* de empregado a propriedade coletiva.

A categoria dono ou proprietário surgiu nas falas como uma oposição ao termo empreendedor de si, no caso dos cooperados, a propriedade coletiva possibilita uma participação coletiva na busca pela realização do trabalho para obterem melhor nível de renda, diferente do empreendedor de si que segue uma racionalidade capitalista de acumulação individual, porém com instabilidade no valor da renda.

Outro aspecto importante é o processo decisório democrático. Na cooperativa os cooperados reúnem-se uma vez por mês para discussão sobre as necessidades, problemas e ideias a serem organizadas, de modo a decidirem juntos qual estratégia de trabalho será tomada por todos. Nesse ponto, chamamos atenção para a importância do fator humano sobre o fator tecnológico na organização coletiva do trabalho, esse aspecto também foi identificado no ensaio teórico de Papadimitropoulos (2021) quando evidencia o potencial do cooperativismo de plataforma para gerar uma economia ética orientada para o bem comum com o trabalhador na posição de liderança gerada pela maior autonomia de decisão sobre o trabalho.

Também, aponta-se para o aspecto do trabalho realizado por meio da produção do conhecimento. Os cooperados precisam buscar conhecer todos os fatores que influenciam a atividade de entrega e até mesmo os assuntos ligados a outros temas (política, legislação do trabalho, programação de sistemas etc.): “um perigo quando a pessoa vem pra uma cooperativa visando apenas o trabalho, visando apenas as entregas e ir embora, ela fica em certa desvantagem, mas quando ela busca conhecimento, busca conhecer o que está acontecendo dentro da cooperativa, ela se sente mais presente, mais participativa” (Entrevistado 1).

Inclusive, o conhecimento foi outra categoria identificada nas falas como requisito para ter participação no processo decisório, como também para se sentir dono, sentir-se presente e engajado nas atividades da cooperativa. Esse requisito de conhecer para participar foi também apresentado como um poder individual, utilizado para favorecer os processos de trabalho na cooperativa. A gestão do conhecimento no trabalho foi abordada por Cañada, Izcarra e Zapata Campos (2023) quando estuda as cooperativa de entrega na Espanha, as oportunidades de

reuniões informais podem ser canais onde os trabalhadores podem socializar pensamentos, compartilhar informações e estudar também sobre assuntos relacionados a cooperativas.

Observa-se que, na gestão cooperativa, o trabalho apresenta-se como atividade de maior liberdade de organização do próprio tempo de trabalho. Os cooperados relatam que conseguem fazer uma agenda de horários diário, de maneira a separar horário para o trabalho e horário para estarem com a família. A liberdade com a escolha do tempo de trabalho revela-se como vantagem de ser trabalhador de cooperativa pela redução das condições precárias de jornada de trabalho dos trabalhadores por aplicativo.

Enfatizamos, o aspecto de estabilidade na atividade gerada a partir da criação de um fluxo de entrega personalizado de acordo com o cliente. O fluxo de entrega é mais previsível quanto a quantidade de entregas a serem feitas, assim, a atividade pode ser prestada com mais qualidade no atendimento presencial ou na comunicação digital com o cliente porque o entregador ciclista já conhece o cliente antes de fazer a entrega, isso aumenta as chances da eficiência e qualidade do serviço.

As falas dos entrevistados trouxeram à tona os sentidos do trabalho atribuídos pelos entregadores. Alguns apontaram que o trabalho possibilita fazer uma atividade de realização pessoal que permite unir fazer o que gosta com a oportunidade de gerar uma renda para subsistência econômica. Outros cooperados sinalizaram que o trabalho é um lazer, uma diversão para distrair a mente e o corpo. E, aqueles que percebem a atividade de entrega por bicicleta como opção ao trabalho para muitos desempregados.

Entretanto, esses trabalhadores ainda enfrentam fatores de precarização do trabalho, como: baixos salários obtidos pela influência da sazonalidade da demanda, ausência de direitos trabalhistas (férias, 13º salário, plano de saúde, previdência social), alta carga de trabalho pelo elevado peso das sacolas carregadas em mochilas nas costas ou nas garupas das bicicletas que intensificam mais o ritmo do trabalho (Cañada; Izcara; Zapata Campos, 2023).

Também, a ausência de um aplicativo próprio para organização das entregas ainda dificulta a expansão dos serviços da cooperativa para outras localidades e a sua integração em rede com outras cooperativas.

Um aspecto observado durante a participação na realização das entregas com os cooperados é a condição de invisibilidade social vivenciada pelos entregadores ciclistas. A coragem pela busca de melhores condições de renda da organização coletiva do trabalho não os isenta do julgamento e o preconceito da população pelo motivo de estarem em condição precária ou não reconhecerem como trabalhadores.

Contudo, o modelo de cooperativa de plataforma se revela como estratégia de mudança

da condição precária para trabalhadores por aplicativo (Grohmann, 2022; Scholz, 2016). Economicamente, a propriedade coletiva da plataforma pelos trabalhadores gera novo processo produtivo baseado na soma dos esforços dos trabalhadores com a possibilidade de distribuição de igual parcela dos lucros. Também, uma economia social e sustentável para gerar oportunidades de trabalho com menos precarização, e não associada à lógica da produtividade *just in time*, mas em que há o vínculo com a lógica da estabilidade da produção com a segurança na geração da renda.

Socialmente, a solidariedade dos trabalhadores pode criar ambientes de trabalho digital mais democráticos com foco na participação do trabalhador para decisão de assuntos sobre o trabalho, e no resgate de direitos trabalhistas para esses trabalhadores que ainda enfrentam os efeitos da flexibilização do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila C. Empreendedorismo, autogerenciamento ou viração? Uberização, o trabalhador just-in-time e o despotismo algorítmico na periferia. **Contemporanea**, v. 11, n. 3, 2021, Contemporânea. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1081>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- ABÍLIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 57, p. 28-57, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZw9Bcy5GkYGzngPxwB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- ABRAMOVAY, R. O fim do trabalho. Entre a distopia e a emancipação. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Wy96hSDb7r5PdcpDgykmXvv/>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- AGÊNCIA IBGE. **Com pandemia, registros de óbitos crescem 14,9% e atingem maior patamar da série**. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32271-com-pandemia-registros-de-obitos-crescem-14-9-e-atingem-maior-patamar-da-serie>. Acesso em: 29 set. 2023.
- AGÊNCIA IBGE. **Com taxa de 8,8%, desemprego cresce no primeiro trimestre de 2023**. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36780-com-taxa-de-8-8-desemprego-cresce-no-primeiro-trimestre-de-2023>. Acesso em: 29 set. 2023.
- ALIANÇA BIKE. **Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo**. 2019. Disponível em: <https://aliancabike.org.br/pesquisa-de-perfil-dos-entregadores-ciclistas-de-aplicativo/>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- ALIANÇA BIKE. **Mercado de bicicletas elétricas 2021**. Boletim de Atualização Abril de 2021. Disponível em: <https://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/docs/2021/04/Boletim-Bike-Eletrica.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- ALMENARA, Igor. Veja como a Siri funcionaria se contasse com a inteligência do ChatGPT. **Canaltech**, 23 jan. 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/veja-como-a-siri-funcionaria-se-contasse-com-a-inteligencia-do-chatgpt-236950/>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- AMORIM, Felipe; MORALES, Ricardo; PITOL, Pedro; MACHADO, Vicente. Breque dos APPS: entenda as reivindicações dos entregadores. **Revista Digital Laboratório**, Faculdade Casper Líbero, São Paulo, 9 set. 2020. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/cotidiano/o-que-e-invisivel/breque-dos-apps-entenda-as-reivindicacoes-dos-entregadores/>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

BARBOSA DA SILVA, A.; GODOI, Christiane Kleintibing; BANDEIRA DE MELLO, R. **Pesquisa Qualitativa em Estudos-Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BATTILANA, J. et al. *Democratizing Work: Redistributing power in organizations for a democratic and sustainable future*. **Organization Theory**, v. 3, n. 1, 2022.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petropolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

BAUWENS, M.; RAMOS, J. *Re-imagining the left through an ecology of the commons: towards a post-capitalist commons transition*. **Global Discourse**, v. 8, n. 2, p. 325-342, 2018.

BEZERRA, F. W. C.; LIMA, D. F.; OLIVEIRA, F. P. de; LEMOS, P. B. S.; MUNIZ, C. A.; PAIVA, R. F. de. Gestão da diversidade nas organizações: uma breve revisão bibliográfica. **Reserach, Society and Development**, v. 11, n. 11, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33610/28404>. Acesso em: 1 maio 2024.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/anara/Downloads/BOURDIEU_A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/anara/Downloads/BOURDIEU_A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina%20(1).pdf). Acesso em: 1 dez 23.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Lei nº. 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nºs 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 14 jul. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 30 jan. 2024.

CAÑADA, E.; IZCARA, C.; ZAPATA CAMPOS, M. J. *Putting Fairness into the Gig Economy: Delivery Cooperatives as Alternatives to Corporate Platforms*. **Societies**, v. 13, n. 3, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2075-4698/13/3/68>. Acesso em: 13 mar. 23.

CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **O Poder nas Organizações**. 1. ed. São Paulo: Thomson, 2007. v. 1, 138 p.

CHARLES, J.; FERRERAS, I.; LAMINE, A. *A freelancers' cooperative as a case of democratic institutional experimentation for better work: a case study of SMart-Belgium*. **Transfer**, v. 26, n. 2, p. 157-174, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1024258920919686>. Acesso em: 13 mar. 2023.

CHATTERTON, P.; PUSEY, A. *Beyond capitalist enclosure, commodification and alienation: Postcapitalist praxis as commons, social production and useful doing*. **Progress in Human Geography**, v. 44, n. 1, p. 27-48, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309132518821173>. Acesso em: 13 mar. 24.

CHERON, Cibele; SALVAGNI, Julice; COLOMBY, Renato Koch. *The Qualitative Approach Interview in Administration: A Guide for Researchers*. **Revista de Administração Contemporânea-RAC**, v. 26, n. 4, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/FNdhmJLJjTGLRGZ8qpxKtvf/>. Acesso em: 25 set. 2023.

COMPANHIA DO METRÔ DE SÃO PAULO. **Pesquisa Origem e Destino 2017**. Disponível em: https://www.metro.sp.gov.br/pt_BR/pesquisa-od. Acesso em: 11 dez. 2023.

COSTA, Deiny F. O entorno das estações de transporte por trilhos em São Paulo. In: CALLIL, Victor; COSTANZO, Daniela (orgs.). **Desafio: estudos de mobilidade por bicicleta 5**. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP, 2022. Disponível em: <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2022/06/CEBRAP-ITAU-Estudos-de-mobilidade-5.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

COSTA, F. B. (2008). **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis**. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. São Paulo: USP. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/publico/costafernando_do.pdf. Acesso em: 11 nov. 2023.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, A. C. **Cooperativismo de plataforma e casos no Brasil**. 2022. TCC (Bacharel em Cooperativismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2022. Disponível em: <https://gco.ufv.br/wp-content/uploads/2022/04/TCC-versao-corrigida-e-assinada-ANDERSON-COELHO-CUNHA.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

DELLAGNELO, E. H. L.; SILVA, R. C. Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOVAIN, D. M. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. São Paulo: FGV, 2005. p. 97-118.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Introduction: The discipline and practice of qualitative research*. In: **The Sage handbook of qualitative research**. 4. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. p. 1-19.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **As dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho**. Boletim Especial 8 de março Dia da mulher. São Paulo: DIEESE, mar. 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DESIGN POSSÍVEL. **O que é a rede Design Possível?** Disponível em: <https://www.designpossivel.org/index.php/sobre/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

DOORN, N. van. *Platform labor: on the gendered and racialized exploitation of low-income service work in the 'on-demand' economy*. **Information Communication and Society**, v. 20, n. 6, p. 898-914, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2017.1294194>. Acesso em: 20 abr. 2023.

DOURADO, Debora C. P.; CARVALHO, Cristina A. Controle do homem no trabalho ou qualidade de vida no trabalho? **Cadernos EBAPE.BR.**, FGV EBAPE, v. 4, n. 4, dez. 2006.

GIRO SUSTENTÁVEL. Estatuto cooperativa. **Giro Sustentável**, [S.l.], 2017.

FÁBRICAS DE CULTURA. **Señoritas Courier**: A força da coletividade nas entregas de bicicleta. 10 mar. 2022. Disponível em:

https://www.facebook.com/fabricasdecultura/videos/se%C3%B1oritas-courier-a-for%C3%A7a-da-coletividade-nas-entregas-de-bicicleta-empodera-ela/488310256144529/?locale=pt_BR. Acesso em: 26 set. 2023.

FAIRWORK BRASIL. **Relatório Fairwork Brasil 2023**. Disponível em:

<https://fair.work/en/fw/publications/fairwork-brazil-ratings-2023-still-pursuing-decent-work-in-the-platform-economy/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FERNANDES, C. **Absolutismo Francês**. HISTÓRIA do MUNDO. Disponível em:

[https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/absolutismo-frances.htm#:~:text=O%20rei%20Lu%C3%ADs%20XIV%20\(1643, Da%3%AD%20vem%20o%20termo%20absolutismo](https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/absolutismo-frances.htm#:~:text=O%20rei%20Lu%C3%ADs%20XIV%20(1643, Da%3%AD%20vem%20o%20termo%20absolutismo). Acesso em: 1 fev. 2024.

FIORAVANTI, L. M. Concentração de entregadores nas regiões mais ricas da capital paulista.

Le Monde Diplomatique Brasil, 5 out. 2022. Disponível em:

<https://diplomatique.org.br/concentracao-de-entregadores-nas-regioes-mais-ricas-da-capital-paulista/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FLICK, U. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: um Guia Para Iniciantes. [S.l.: s.n.], 2012.

FOCHESATO, F. G. A experiência da ciclomobilidade feminina em São José dos Campos, SP. *In*: CALLIL, Victor; COSTANZO, Daniela (orgs.). **Desafio**: estudos de mobilidade por bicicleta 5. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP, 2022.

Disponível em: <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2022/06/CEBRAP-ITAU-Estudos-de-mobilidade-5.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

FORAMITTI, J.; VARVAROUSIS, A.; KALLIS, G. *Transition within a transition: how cooperative platforms want to change the sharing economy*. **Sustainability Science**, v. 15, n. 4, p. 1185-1197, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11625-020-00804-y>. Acesso em: 13 mar. 23.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOTI, A. General theory of the Precariat: great recession, revolution, reaction. Theory on Demand. 2017. Disponível em: <https://networkcultures.org/wp-content/uploads/2017/09/ToD25-Precariat-AlexFoti.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

FUCHS, C. *The Digital Commons and the Digital Public Sphere: How to Advance Digital Democracy Today*. **Westminster Papers in Communication & Culture**, v. 16, n. 1, p. 9-26, 2021. Disponível em: <https://www.westminsterpapers.org/article/id/917/>. Acesso em: 20 maio 2023.

GARCIA, M. **Pesquisa inédita do IBGE radiografa precarização de plataformizados**. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/10/25/pesquisa-inedita-do-ibge-radiografa-precarizacao-de-plataformizados>. Acesso em: 1 fev. 2024.

GIROCAST. Cooperativismo e Economia Solidária. EPISÓDIO #01. 2023. Disponível em: <https://www.girosustentavel.com.br/podcast001.html>. Acesso em: 1 mar. 24.

GIRO SUSTENTAVEL ENTREGAS. **O que move a giro sustentável?** Disponível em: <http://www.girosustentavel.com.br/pg02.html>. Acesso em: 1 fev. 2024.

GODOI, Christiane Kleinubing; BANDEIRA DE MELO, Rodrigo; SILVA, Anielson Brabosa da. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

GOULART, Sueli; CARVALHO, Cristina Amélia. O pesquisador e o design da pesquisa qualitativa em administração. *In*: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 240 p.

GROHMANN, R. Plataformas de propriedade de trabalhadores: cooperativas e coletivos de entregadores. **Matrizes**, v. 16, n. 1, p. 209-233, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i1p209-233>

HAMRAOUI, Éric. Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho** [online], v. 17, n. spe, p. 43-54, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-37172014000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 jun. 2023.

I FOOD. **Você tem fome de que?** Disponível em: <https://www.ifood.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral móvel: jan-fev-mar/2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Quadro_Sintetico/2023/pnadc_202301_trimestre_quadroSintetico.pdf. Acesso em: 5 jul. 2023.

INSTITUTO MOBILIZE BRASIL. **Estudo Mobilize 2022**. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/campanhas/estudo-mobilize-2022/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

JACK, M. *The socio-spatial installed base: Ride-hailing applications, parking associations, and precarity in tuk tuk driving in Phnom Penh, Cambodia*. **Information Society**, v. 36, n. 5, p. 252-265, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LHUILIER, D. A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações saúde-trabalho.

The invisibility of the real work and the opacity of the work-health relationships. **Trabalho & Educação**, v. 21, n. 1, p. 13-38, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8832>. Acesso em: 6 dez. 2023.

MAES, Jochen; VANELSLANDER, Thierry. *The use of bicycle messengers in the logistics chain, concepts further revised*. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, Amsterdão, v. 39, p. 409-423, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/82722690>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MAGALHÃES, F. N. C. *Popular Economies In, Against, and Through the Platform*. **Antipode**, v. 55, n. 2, p. 527-547, 2023.

MANO, F. G. Cooperativismo de Plataformas: um estudo sobre suas potências e limites a partir da experiência de Araraquara (SP). **Revista de Estudos do Sul Global**, v. 2, n. 2, 2023. Disponível em: <https://resg.thetricontinental.org/index.php/resg/article/view/102>. Acesso em: 1 fev. 2024.

MAYA, P.V.R. Trabalho e Tempo Livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, M.G.C.; NUNES, M. L. T.; BERNARDES, N. M. G.; GUARESCHI, P. A. (orgs.). **Relações Sociais e Ética**, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 31-47, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/6j3gx/pdf/jacques-9788599662892-07.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MERRIAM, S.B. *Case Study Research in Education: A Qualitative Approach*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MINTZBERG, H. *Power in and Around Organizations*. USA: Prentice-Hall, Inc, 1983.

MORSE, Sylvia. Up&Go: serviços de limpeza por meio de uma cooperativa de plataforma. **Inova Coop**, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://inova.coop.br/arquivos/cases/8907e9f1-004a-40b6-8989-3e36b42e975e-27-upandgo-canvas.pdf>. Acesso em: 1 out. 2024.

MOTTA, Fernando Prestes. **O que é burocracia?** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Thomson, 2002.

MOURA, Lívia Romero de. **Pedalando para sobreviver: o processo de uberização do trabalho e os entregadores ciclistas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60101>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MULDOON, J. *The Co-operativist Challenge to the Platform Economy*. 2020. Disponível em: <https://autonomy.work/wp-content/uploads/2020/09/Muldoon.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2023.

MUNDO EDUCAÇÃO. Jürgen Habermas. Mundo Educação, [S.l.], s.d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/jurgen-habermas.htm>. Acesso em: 1 fev. 2024.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Nações Unidas Brasil**, c2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NETO, Victor José da Silva; CHIARINI, Tulio; RIBEIRO, Leonardo da Costa. Viagens de descobrimento: mapeando a geografia da economia de plataformas. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA INDUSTRIAL, 6., 30 maio 2022 a 3 jun. 2022. **Anais [...]**. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/viagens-de-descobrimento-mapeando-a-geografia-da-economia-de-plataformas-37219>. Acesso em: 3 abr. 2023.

NON DUCOR, DUCO. **Webwriter**, [S.l.], c2023. Disponível em: https://web.archive.org/web/20111027155201/http://www.webwriter.jor.br/id_bra/paginasbra/spducobra.htm. Acesso em: 11 dez. 2023.

NUNES, A.M. L. **Utilização de bicicleta cargueira no comércio varejista**: estudo de caso em cidade de médio porte. 2017. 112 f. Tese (Doutorado em Engenharia mecânica) – Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, Universidade Estadual Paulista, Guaratinguetá, SP, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_6645a9a35d036503ae616769f030fd1a. Acesso em: 30 jan. 2024.

OLIVEIRA, R. V. De; FESTI, R. C. Entregadores de aplicativos no Brasil: entre a subordinação e a “autonomia”. **Contemporânea**, v. 13, n. 1, p. 55-80, jan.-abr. 2023. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea>. Acesso em: 20 jan. 2024.

ONU NEWS. Relatório mostra como crises ambientais colocam gerações futuras sob risco. **ONU**, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/04/1748862>. Acesso em: 5 jan. 2024.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho. **O debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Expressão popular. 2006.

OS, A. Caminhos do cooperativismo em um mundo digital. **Fundação Rosa Luxemburgo Brasil e Paraguai**, 27 jun. 2023. Disponível em: <https://rosalux.org.br/caminhos-do-cooperativismo-em-um-mundo-digital/>. Acesso em: 2 mar. 24.

OUTRAS PALAVRAS. Um manifesto para democratizar o Trabalho. **Outras Palavras**, 5 out. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/um-manifesto-para-democratizar-o-trabalho/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

PAGÉS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE D. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 2006.

PAIVA, Eduardo. **Heurísticas aplicadas a um estudo de caso de distribuição de pequenas encomendas utilizando a bicicleta**. 2014. 212 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Campinas, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/937470>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PAPADIMITROPOULOS, E. *Platform Capitalism, Platform Cooperativism, and the Commons. Rethinking Marxism*, v. 33, n. 2, p. 246-262, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08935696.2021.1893108>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PEDAL. Pesquisa revela dados de mulheres no ciclismo: e elas pedalam menos que homens. **Pedal**, 25 jul. 2023. Disponível em: https://www.pedal.com.br/pesquisa-strava-mulheres-pedalam-menos-que-homens_texto16116.html. Acesso em: 20 dez. 2023.

PRISBERAM DICIONÁRIO. **Invisível**. [Verbetes]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/invis%C3%ADvel#:~:text=Origem%20etimol%C3%B3gica%3AAlatim%20invisibilis%2C%20%2De..> Acesso em: 11 dez. 2023.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

RAMOS, Noézia Maria. “**Mulheres no volante – Você trabalha ou só dirige?**”: uma análise das relações de trabalho por aplicativo no contexto da precarização. 2020. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://pesquisa-eaesp.fgv.br/teses-dissertacoes/mulheres-no-volante-voce-trabalha-ou-so-dirige-uma-analise-das-relacoes-de>. Acesso em: 14 set. 2023.

RECK, Yasmin. Mulheres e cicloentregas: um estudo de caso sobre coletivo Señoritas Courier. In: CALLIL, Victor; COSTANZOL, Daniela. **Desafio**: estudos de mobilidade por bicicleta 5. (orgs.). 1. ed. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2022. Disponível em: <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2022/06/CEBRAP-ITAU-Estudios-de-mobilidade-5.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

SALVAGNI, J.; SILVA, V. M.; VERONESE, M. V. Desafios e perspectivas do cooperativismo de plataforma na economia digital. **Otra Economía**, Revista Latinoamericana de Economía Social y Solidaria, v. 16, n. 29, p. 94-106, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/263658/001173206.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1 mar. 24.

SANDOVAL, M. *Entrepreneurial Activism? Platform Cooperativism Between Subversion and Co-optation*. **Critical Sociology**, v. 46, n. 6, p. 801-817, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0896920519870577>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 43, p.14-23, set.-dez 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/68312>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SANTOS, Hélio Tadeu Martins dos. O método qualitativo na investigação de sentidos: uma proposta multipolar para estudos organizacionais. In: VIEIRA, Marcelo M. F.; ZOUAIN, Deborah Moraes (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 240 p.

SCHOLZ, T. *Platform cooperativism: Challenging the corporate sharing economy*. **Fundação Rosa Luxemburg Brasil e Paraguai**, 21 jun. 2016. Disponível em:

<https://rosalux.org.br/en/platform-cooperativism/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SCHOLZ, T., MANNAN, M., PENTZIEN, J., PLOTKIN, H. *Policies for Cooperative Ownership in the Digital Economy*. **Institute for the Cooperative Digital Economy**, 2021. Disponível em: <https://www.berggruen.org/ideas/articles/policies-for-cooperative-ownership-in-the-digital-economy/>.. Acesso em: 2 abr. 2023.

SCHOR, J. B.; VALLAS, S. P. *The Sharing Economy: Rhetoric and Reality*. **Annual Review of Sociology**, v. 47, p. 369-389, 2021.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. 1. ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002.

SMITH, R. Como as bicicletas transformaram o mundo. **National Geographic**, 2 jun. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/06/como-as-bicicletas-transformaram-o-mundo>. Acesso em: 30 jan. 2024.

SOBRAL, F.; PECCI, A. **Administração: teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

SOUZA, E. R. **Rebocadores urbanos e capitalismo de plataforma: ensaio sobre a entrega por bicicleta em São Paulo**. 214 f. 2021. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-15032022-173618/pt-br.php>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SOUZA MINAYO, M. C. de; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, 2018.

STAKE, R. E. *Qualitative case studies*. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). **The Sage handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. p. 443-466.

TEÓFILO, Sarah; SOUZA, Renato; MEDEIROS, Israel. O espaço é delas: mulheres que atuam em profissões com maioria masculina relatam desafios. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 8 mar. 2021. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/03/4910779-o-espaco-e-delas-mulheres-que-atuam-em-profissoes-com-maioria-masculina-relatam-desafios.html#google_vignette. Acesso em: 29 nov. 2023.

THIRY-CHERQUES, H. R. O trabalho individualizado: da venda à dádiva. **Revista Administração Pública (RAM)**, v. 41, n. 4, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/h4ydcCPBhGx3qdGxDh4mnTH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 fev. 2024.

THOMAZ, D. Uberização: quem são Paulo Galo e o Movimento Entregadores Antifascistas. **Guia do Estudante**, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/uberizacao-quem-sao-paulo-galo-e-o-movimento-entregadores-antifascistas/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

TÖRNBERG, P. *How platforms govern: Social regulation in digital capitalism*. **Big Data &**

Society, v. 10, n. 1, p. 205395172311538, 2023.

VIEIRA, Marcelo M. F.; PEREIRA, Bill N. Estudos etnográficos em administração. *In*: VIEIRA, Marcelo M. F.; ZOUAIN, Deborah M. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 240 p.

ZANATA, Rafael A. F. *Building Platform Cooperatives in Brazil*. **Institute for Digital Cooperative Economy (ICDE)**, 2022. Disponível em: <https://ia902208.us.archive.org/28/items/rafael-zanatta/Rafael%20Zanatta%20%28Mar%2014%29.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr.(a) para participar como voluntário (a) da pesquisa O TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA APRESENTA CONDIÇÕES DE NÃO PRECARIZAÇÃO? As relações de poder na organização do trabalho em uma cooperativa de entrega por bicicleta em São Paulo-Sp, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Ana Caroline Ramos Rocha, residente no endereço Avenida Professor Artur de Sá, n. 1176, Cidade Universitária, Várzea, Recife-Pe, cep: 55.740-525, telefone: (98) 982688491, e-mail: ana.crocha@ufpe.br. Também a pesquisa está sob a orientação da Profª Drª Débora Coutinho Paschoal Dourado, e-mail debora.cpdourado@ufpe.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** A pesquisa possui dimensão qualitativa e é o tipo de abordagem que poderá permitir uma compreensão objetiva e qualificada dos significados atribuídos ao trabalho cooperado como alternativa à precarização do trabalho nas plataformas digitais. A emergência de organizações sociais que utilizam aplicativos ou sites como alternativas ao modelo extrativista das plataformas digitais pode ser uma estratégia para oportunizar o acesso ao trabalho com condições de renda mais justa e relações de trabalho pautadas no empoderamento e organização política da classe trabalhadora pelos direitos, essa constatação justifica a realização desta pesquisa que possui o objetivo geral de compreender como o trabalho desenvolvido por trabalhadores/as de cooperativas de plataforma possui características de não precarização a partir das relações de poder constituídas.
- O participante através do consentimento livre e esclarecido poderá contribuir na realização de entrevistas ou concessão de dados produzidos pelos mesmos ou pelo(a) pesquisador(a). A coleta de dados será realizada na sede da cooperativa escolhida, com os métodos de coleta de dados aplicados presencialmente, como entrevistas individuais, solicitação e seleção de documentos, elaboração de notas de campo. O tempo de previsão para a coleta será de 1 (um) mês com a realização dos procedimentos de coleta diretamente no local.
- Antes da realização da coleta de dados será informado e esclarecido aos participantes os objetivos da pesquisa e etapas através da entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE.
- **RISCOS:** Os riscos da pesquisa serão todos aqueles que possam influenciar na realização da pesquisa e na eficácia do alcance dos objetivos da pesquisa. Os riscos podem ser dimensionados, como: 1) desistência de participantes durante a pesquisa; 2) menção de nomes e informações de dimensão pessoal dos cooperados durante as entrevistas ou outro momento de coleta; 3) situação de constrangimento causado pelo relato de experiências ou assuntos polêmicos por cooperados; 4) críticas ou questionamentos ofensivos aos tópicos de discussão da pesquisa pelos cooperados. As estratégias para minimizar os riscos serão: 1) atitude flexível e esclarecedora com a geração de diálogos sobre os objetivos da pesquisa sempre respeitando a espontaneidade dos cooperados em participar ou não da pesquisa; 2) adoção de retirada de nomes ou substituição de nomes por outros rótulos que tragam o sigilo, a privacidade e o anonimato dos participantes; 3) explicação clara dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos de coleta e análise dos dados para diminuição de ruídos de comunicação ou desentendimentos.
- **BENEFÍCIOS diretos/indiretos para os voluntários:** Os benefícios a serem gerados com a realização desta pesquisa se referem as contribuições diretas na geração de espaços de discussão sobre as ações do cooperativismo de plataforma para conseguir espaços na economia e na cultura diante da hegemonia das plataformas na economia de serviços digitais, como também fomentar o debate sobre o problema da precarização do trabalho que atinge os trabalhadores informais e as formas de reduzir essa fragilidade no ambiente de trabalho, e as contribuições indiretas serão evidenciadas na produção de conhecimentos na área de organizações cooperativas acerca do quadro atual organizacional nos aspectos de gestão de pessoal, materiais, processos, comunicação empresarial, vendas e atendimento ao cliente, como também o repasse do quadro à cooperativa.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (áudios de entrevistas, documentos, documentários, fotos) ficarão armazenados em pasta no computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador(a), no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo _____ (colocar o nome completo da pesquisa) _____, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Impressão
digital
(opcional)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE B – Protocolo de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PROPAD

PROTOCOLO DE ENTREVISTA

Este protocolo de entrevista apresenta instruções e um roteiro de perguntas a serem realizadas durante procedimento de coleta de dados qualitativos, especificamente a entrevista com participantes que decidirem participar da pesquisa. O objetivo da pesquisa é compreender como o trabalho é realizado por trabalhadores/as de cooperativas de plataforma de modo alternativo à precarização comuns na economia de plataforma. Segue abaixo as perguntas organizadas em blocos

Bloco I – informações socioeconômicas dos/as trabalhadores de cicloentregas

- 1 - Qual a sua idade?
- 2 – Qual a sua raça?
- 3 - Qual o seu *status* civil?
- 4 – Com que gênero se identifica?
- 5 - Possui filhos? Idades?
- 6 – Qual sua escolaridade?
- 7 - Qual é a sua profissão ou ocupação ?
- 8 – Qual é o vínculo de sua ocupação?
- 9 – Qual profissão ou ocupação do/da acompanhante?
- 10 – Onde mora? (região/endereço)
- 11 – Qual é a condição do domicílio? (residência ou apartamento próprios ou aluguel)
- 12 - Quantas pessoas moram no domicílio?
- 13 – Qual é o valor em média de sua renda mensal?

Bloco II- tópicos de pesquisa (trabalho de cicloentrega; cooperativismo de plataforma (tecnologia, política, social, economia); precarização (renda, jornada de trabalho, saúde,

direitos); poder (decisão, democracia); cultura (bike, cidade, sustentabilidade)

- 1- Você poderia falar resumidamente sobre você, e da sua história de vida com o trabalho de cicloentrega?
- 2- Qual a principal razão para ser membro da cooperativa?
- 3-Para você, qual é o significado do trabalho de cicloentrega?
- 4-Qual a sua percepção sobre os efeitos da pandemia do Covid-19 no trabalho de cicloentrega na cooperativa em São Paulo?
- 5-Como ocorre a organização do trabalho na cooperativa de plataforma de entregas e em que aspectos ou princípios está baseado o trabalho cooperativo?
- 6-Como o processo de tomada de decisão ocorre na cooperativa?
- 7-Existe atualmente algum objetivo político com o trabalho de cicloentregas na cidade de São Paulo? Como é desenvolvido?
- 8-Em sua opinião, como a cooperativa de plataforma de entrega enfrenta a realidade de competição por clientes e mercado diante da hegemonia das empresas de aplicativos de entrega, em São Paulo?
- 9- Os entregadores de app ou entregadores de empresas enfrentam a precarização do trabalho, como você percebe a precarização no trabalho de cicloentregas?
- 10- Na sua opinião, existem condições precárias de trabalho na cooperativa ? Quais?
- 11- Caso não, como as condições de trabalho desenvolvido na cooperativa reduzem a precarização?
- 12- Caso sim, quais são as ações existentes na cooperativa para enfrentar as condições de precarização ?
- 13-Em termos de renda e benefícios, como funciona o processo de cálculo e repasse da remuneração pelo trabalho de cicloentregas ?
- 14- Você concorda com esse método de remuneração ? Por que?
- 15-Fale um pouco sobre sua jornada de trabalho. Você percebe condições de autonomia no trabalho semelhantes a um empreendedor/a?
- 16- O governo federal tem discutido a regulamentação do trabalho por aplicativo, na sua opinião qual é o caminho para resolver a situação de desproteção social dos entregadores ?
- 17 - Como você percebe as relações de influência e poder (ex: dominantes X dominados) geradas a partir do trabalho de cicloentregas na cooperativa?
- 18- Na sua opinião, que fatores influenciam para a cooperação dos trabalhadores ? (ex: ideológicos, psicológicos,etc.)
- 19 – Como você descreve a atual gestão na cooperativa e a influência nas relações de trabalho

? (ex: gestão hierárquica; autogestão)

21- Como você percebe a participação feminina no trabalho de cicloentrega na cooperativa ?

Na sua opinião há desigualdade de gênero na cooperativa? Por que?

22 – Qual é o significado da bicicleta para você ?

APÊNDICE C – Protocolo de observação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PROPAD

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO

Este protocolo apresenta orientações para realização dos procedimentos de observação participante no ambiente de trabalho onde acontecessem as atividades formais (elaboração de planilhas, contato com clientes, reuniões etc.) e informais de trabalho (conversas, preparo de alimentação, descanso entre os turnos) dos cooperados de entrega por bicicleta em São Paulo. Protocolo elaborado com base em Flick (2012).

1. Nome do observador:

2. Objetivo da Observação:

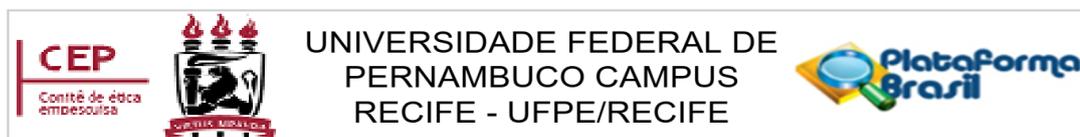
Data da observação: ___ / ___ / ___ Horário de início: _____ Horário final: _____

Descrição do participante

Relato do ambiente físico de trabalho

Relato do ambiente social de trabalho

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP UFPE nº 6.643.195



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA APRESENTA CONDIÇÕES DE NÃO PRECARIZAÇÃO? As relações de poder na organização do trabalho em uma cooperativa de entrega por bicicleta em São Paulo-Sp

Pesquisador: Ana Caroline ramos Rocha

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 76658823.5.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.643.195

Apresentação do Projeto:

O presente projeto visa compreender as implicações sociais e econômicas do trabalho em cooperativas de plataforma, que são uma alternativa às plataformas multinacionais e (a averiguar pela pesquisa) à superexploração e precarização do trabalho. A pesquisa será desenvolvida por meio de coleta de documentos e entrevistas com os cooperados.

Objetivo da Pesquisa:

Citando a autora do projeto, o objetivo geral é:

"Compreender como o trabalho desenvolvido por trabalhadores/as de cooperativas de plataforma possui características de não precarização a partir das relações de poder constituídas".

E os objetivos específicos são:

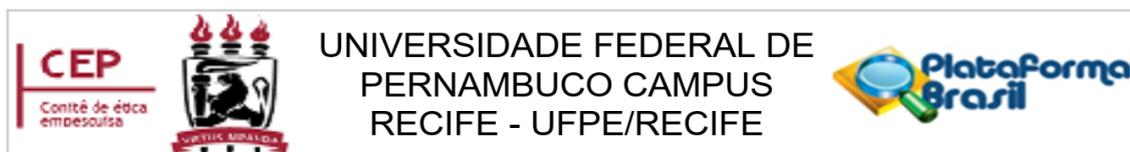
"a) Mapear cooperativas de plataforma que atuem no Brasil e selecionar pelo menos um caso emblemático;b)Descrever as características da precarização do trabalho enfrentado pelos(as) trabalhadores (as) de cooperativas de plataforma;

c)Identificar as implicações econômicas do trabalho nas cooperativas de plataforma;

d)Identificar as implicações sociais do trabalho nas cooperativas de plataforma;

e)Relacionar as implicações sociais e econômicas recebidas pelos(as) trabalhadores(as) das cooperativas de plataforma e as características de precarização do trabalho descritas na literatura".

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.643.195

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A autora considera tanto fatores que podem afetar o desenvolvimento da pesquisa como possíveis consequências para os entrevistados entre os riscos. Do ponto de vista dos entrevistados, destaca-se o cuidado em relação à debates sensíveis e o respeito ao sigilo dos depoimentos.

Entre os benefícios, o mais importante é destacar a relevância do estudo tendo em vista os processos sociais mais gerais de escassez de empregos formais, precarização e superexploração do trabalho, tendo como impacto indireto, por meio da disponibilização dos resultados da pesquisa, o fortalecimento das plataformas de cooperativa como alternativa laboral.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trata de tema relevante e está bem embasada na discussão sobre as transformações recentes no universo do trabalho. Do ponto de vista das questões éticas, verifica-se um necessário caráter reflexivo quanto às consequências da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram incluídos adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pelo exposto, recomenda-se a aprovação.

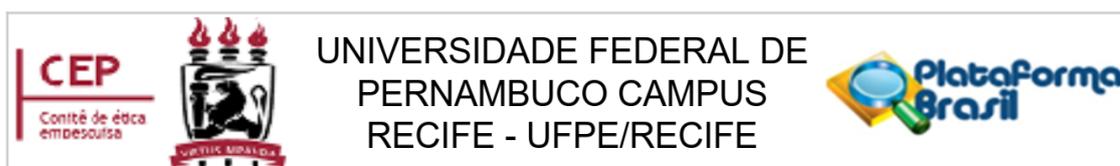
Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO, com autorização para iniciar a coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em www.ufpe.br/cep para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada com a devida justificativa.

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

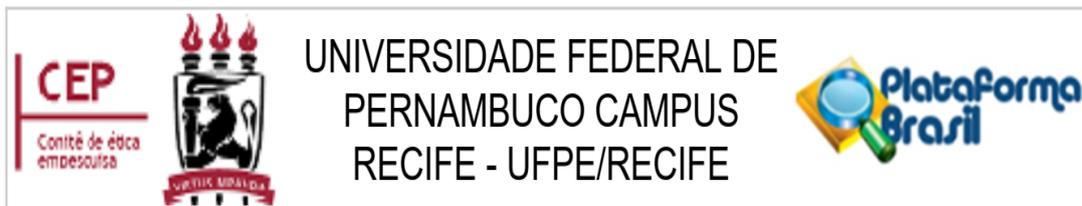


Continuação do Parecer: 6.643.195

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2254833.pdf	19/12/2023 12:31:30		Aceito
Outros	Curriculoorientadora.pdf	19/12/2023 10:18:35	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Outros	contracheque_11_2023.PDF	19/12/2023 10:16:18	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMaiores18.doc	19/12/2023 10:14:56	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2254833.pdf	28/11/2023 18:05:56		Recusado
Outros	Protocolo.docx	28/11/2023 18:01:49	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Outros	Curriculo.pdf	28/11/2023 18:01:16	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.pdf	28/11/2023 17:59:24	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Outros	Protocoloobserva.docx	28/11/2023 17:48:45	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Outros	Protocoloentrevistas.docx	28/11/2023 17:39:14	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Outros	Termodeconfidencialidade.docx	28/11/2023 17:36:02	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	28/11/2023 17:34:24	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	28/11/2023 17:34:24	Ana Caroline ramos Rocha	Recusado
Outros	Carta.docx	28/11/2023 17:33:32	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado.docx	28/11/2023 17:29:47	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado.docx	28/11/2023 17:29:47	Ana Caroline ramos Rocha	Recusado
Folha de Rosto	documento.pdf	28/11/2023 17:16:12	Ana Caroline ramos Rocha	Aceito

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.643.195

Situação do Parecer:

Aprovado

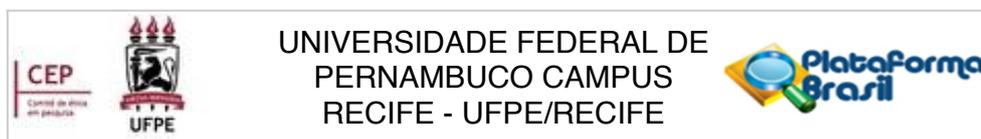
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 08 de Fevereiro de 2024

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

ANEXO B – Parecer consubstanciado do CEP UFPE nº 7.164.980



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA APRESENTA CONDIÇÕES DE NÃO PRECARIZAÇÃO? As relações de poder na organização do trabalho em uma cooperativa de entrega por bicicleta em São Paulo-Sp

Pesquisador: Ana Caroline ramos Rocha

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 76658823.5.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Envio de Relatório Final

Detalhe:

Justificativa:

Data do Envio: 18/09/2024

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.164.980

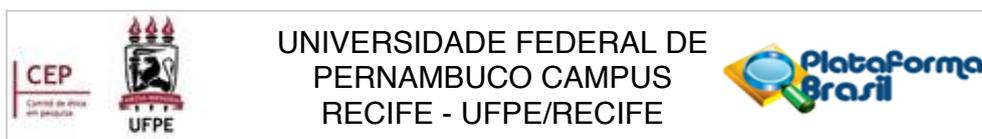
Apresentação da Notificação:

Trata-se de relatório final de pesquisa de Ana Caroline Ramos Rocha, vinculada ao Mestrado do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da Profª Débora Coutinho Paschoal Dourado. O estudo teve como objetivo geral compreender como o trabalho desenvolvido por trabalhadores/as de cooperativas de plataforma possui características de não precarização a partir das relações de poder constituídas.

Objetivo da Notificação:

Esta notificação tem como objetivo apresentar relatório final do estudo intitulado "O TRABALHO EM COOPERATIVAS DE PLATAFORMA APRESENTA CONDIÇÕES DE NÃO PRECARIZAÇÃO? As relações de poder na organização do trabalho em uma cooperativa de entrega por bicicleta em

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 7.164.980

São Paulo-Sp".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram apresentados no projeto inicial e estão em consonância com o que foi desenvolvido no estudo.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

O relatório segue o que foi determinado no projeto e discute os pontos principais e resultados do estudo em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O relatório apresentado segue o modelo do CEP/UFPE, apresentando dados gerais dos voluntários, metodologia desenvolvida e conclusões do estudo.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Notificação aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Relatório Final foi analisado e APROVADO pelo colegiado do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Final	Relatoriofinal.pdf	18/09/2024 14:42:19	Ana Caroline ramos Rocha	Postado

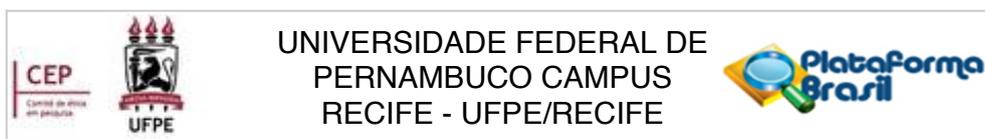
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 7.164.980

RECIFE, 17 de Outubro de 2024

Assinado por:
GISELE CRISTINA SENA DA SILVA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br